

KARINA KOSICKI BELLOTTI

UMA LUZ PARA O SEU CAMINHO :
A MÍDIA PRESBITERIANA NO BRASIL NO CASO DE “*LUZ PARA O*
***CAMINHO*” (1976-2001)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. ELIANE MOURA SILVA.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 13/03/2003

BANCA

Prof.^a Dr.^a. ELIANE MOURA SILVA (DH-UNICAMP) - orientadora

Prof. Dr. LEONILDO SILVEIRA CAMPOS (Ciências da Religião - UMESP)

Prof. Dr. LEANDRO KARNAL (DH - UNICAMP)

Prof. Dr. OMAR RIBEIRO THOMAZ (DA - UNICAMP) - suplente

MARÇO/2003

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Bellotti, Karina Kosicki

B417L Uma luz para o seu caminho: a mídia presbiteriana no
Brasil (1976-2001) no caso de "Luz para o Caminho" /
Karina Kosicki Bellotti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Eliane Moura Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Religião. 2. Igreja presbiteriana - Brasil. 3. Comuni-
cação - Aspectos religiosos. I. Silva, Eliane Moura.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.

RESUMO

Nessa dissertação, é analisada sob a óptica da História Cultural a mídia presbiteriana produzida por duas empresas, no período de 1976 a 2001: *Luz Para O Caminho* e *Editora Cultura Cristã*, de propriedade da Igreja Presbiteriana do Brasil. Demonstra-se como essa mídia serve de instrumento de diferenciação evangélica, por meio de representações e construções discursivas, considerando um contexto nacional de competitividade religiosa.

ABSTRACT

In this dissertation, it is analyzed by the perspective of the Cultural History, the Presbyterian media produced by two companies during the period from 1976 to 2001: *Luz Para O Caminho* and *Editora Cultura Cristã*, owned by Presbyterian Church of Brazil. It is demonstrated how these media serve as an instrument of evangelical differentiation, by the means of representations and discursive constructions, considering a national [Brazilian] context of religious competitiveness.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação é como um filho, que passa um tempo na gestação para depois ter vida própria nas mãos dos leitores. Mas nessa gestação de elefante – dois anos! – a criação foi coletiva e, felizmente, devo a muitas pessoas o nascimento dessa criança:

A Deus, por ter me dado todas as condições de realizar esse trabalho em meio às adversidades – *“there’s a light that never goes out” (Smiths)*;

À minha família, por todo suporte emocional e financeiro; por toda paciência; por todos os incentivos e críticas – *“you don’t realize how much a need you...” (Beatles)*;

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Eliane Moura Silva. Assim como os Beatles tiveram George Martin como produtor e mestre, eu tive a profa. Eliane Moura, sempre rigorosa e aberta para novas idéias;

A FAPESP, que me concedeu não somente uma bolsa, mas sobretudo a possibilidade de realizar um sonho: viver para a pesquisa e de pesquisa!

À equipe de *Luz Para O Caminho*, em especial D. Jean Pemberton e reverendo Celsino Gama, que sempre se mostraram dispostos a colaborar com essa pesquisa;

Ao editor-chefe da *Casa Editora Presbiteriana*, Cláudio Marra, pela disponibilidade em colaborar com esse trabalho;

Aos reverendos Ricardo Irwin e Celso Wolf, pela generosa cooperação com a pesquisa;

Aos membros da banca, por se disporem a avaliar esse trabalho de fôlego!

* * *

With a little help from my friends:

À amiga Genilda Vicente Baldin pela cuidadosa revisão;

À Carol, pela digitalização das imagens;

A todos os amigos e colegas, tanto do IFCH quanto fora dele – agradeço-lhes pelo apoio e pela paciência!

* * *

Dedico esse trabalho a todos vocês!

“We’re only at home when we’re on the run” (Rush)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
- Consideração sobre vocabulário	13
- Discussão Bibliográfica e Metodológica	14
Capítulo 1 – Ver Para Crer– Produção Televisiva e de Vídeo	21
- Saúde	23
- Problemas atuais	25
- Outras religiões	28
- Igreja – local do sagrado	32
- “Ameaça” neopentecostal	36
- Vida cristã: trabalho	40
Conclusão	43
Capítulo 2 – A Fé é pelo Ouvir – Produção Radiofônica	49
1. Nosso Almanaque do Ar	50
2. Coração Caboclo	64
- Questões morais: práticas e valores	65
- Outras religiões	72
- Questões religiosas: problemas e soluções	76
- Problemas contemporâneos	84
Conclusão	87
Capítulo 3 – Vinde a Mim As Criancinhas – Literatura Infantil	91
1. Educação Cristã	93
- Como educar seus filhos segundo a Bíblia	93
- Introdução à Educação Cristã	99
2. Literatura Infantil	107
2.a. Bíblias Infantis e Histórias Bíblicas	107
- Minha pequena Bíblia de Promessas	107
- Minha primeira Bíblia Ilustrada	113
- 101 histórias favoritas da Bíblia	118
- Representações: o Filho Pródigo	123
- Identidade e Representação	125
- Super-Cristo	128
2.b. Devocionais	130
- Cada Dia Criança – Hora Tranqüila com Deus	130
- Olá, Deus!	137
3. Temáticas Variadas	141
- O Rei Sem Sombra	141
- Cristo é a Bomba de Gasolina	143
Conclusão	150

Capítulo 4 – Literatura Para As Famílias Piedosas	153
1. Família e Casamento	157
- A Mulher	159
- O Homem	169
2. Casamento e Sexualidade	174
- Antes do Casamento – Somente o Celibato!	174
- O Perigo da AIDS	177
- Namoro e (nada de) Sexo	181
- Sexo – para além da lua-de-mel	188
3. Quando problemas acontecem	193
- Divórcio – seu casamento pode ser melhor	194
- Homossexualismo	199
Conclusão	207
Capítulo 5 – Nada Novo Sob o Sol de “Cada Dia”	212
1. Críticas	217
2. Cristão: a Luz do Mundo, o Sal da Terra	230
3. Deus é Fiel	240
- Deus é soberano e fiel	242
- Deus tem um plano para você	244
- Deus é amigo	246
- Deus renova	249
- Presente, Passado e Futuro em um só Tempo	250
- Apocalipse – a Salvação é o Conforto do Cristão	254
Conclusão	258
CONCLUSÃO	265
BIBLIOGRAFIA	268

QUADRO DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – *Minha Pequena Bíblia de Promessas* (Sattgast 1996 : 64-65). Ilustração de Nan Brooks. 1994 Questar Publishers, Inc. - p.111.

Figura 2 – *Buddy Christ*. Foto promocional disponível em www.dogma-themovie.com. - p.111.

Figura 3 - *Minha Primeira Bíblia Ilustrada* (Taylor 1992). Ilustração de Richard e 1989 Frances Hook. Tyndale House Publishers, Inc. - p.116.

Figura 4 – *101 Histórias favoritas da Bíblia* (Miller 1998 : 181). Ilustração de Deborah Hoerner. 1994 Christian Aid Ministries, Berlin, Ohio. - p.122.

Figura 5 – *Jesus conta uma história* (não possui registro de autor e ilustrador). 1995 LPC, Co-edição organizada por Angus Hudson Ltd. Londres. - p.123.

Figura 6 - *101 Histórias favoritas da Bíblia* (Miller 1998 : 173). Ilustração de Deborah Hoerner. 1994 Christian Aid Ministries, Berlin, Ohio. - p.123.

Figura 7 – *Um Passeio Nas Ondas* (Simon 1998). Ilustração de Dennis Jones. 1994, Concordia Publishing House (EUA). - p.127.

Figura 8 - *Um Passeio Nas Ondas* (Simon 1998). Ilustração de Dennis Jones. 1994, Concordia Publishing House (EUA). - p. 128.

Figura 9 – *O Carro e a Bomba de Gasolina* (Hellyer 1996b). Ilustração de Suzanne Moffat Bredwig. 1995, Scandinavia Publishing House. - p.145.

Figura 10 – *A Jarra e o Tubo de Cola* (Hellyer 1996d). Ilustração de Suzanne Moffat Bredwig. 1995, Scandinavia Publishing House. - p. 145.

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa é a mídia evangélica brasileira, produzida pelas empresas *Luz Para O Caminho* e *Editora Cultura Cristã* de propriedade da Igreja Presbiteriana do Brasil. Trata-se de um estudo de caso sobre a produção midiática protestante histórica¹, com ênfase nos anos 90 e 2000.

Quando se fala de mídia evangélica, várias idéias e imagens surgem na memória das pessoas – pastores pregando na televisão e no rádio, folhetos sobre Jesus Cristo, livrarias evangélicas, camisetas *100% Gospel*, artistas convertidos reabilitando suas carreiras em programas de auditório. Ser evangélico tornou-se um evento midiático para muitos cidadãos presos ao anonimato.

Mas num país predominantemente católico, há muito desconhecimento sobre a história do protestantismo e sobre a identidade que essa religião constrói. Por isso mesmo é que a mídia evangélica cresce no espaço público – em primeiro lugar, para evangelizar e para atrair leigos para suas crenças e seu modo de vida. E, em segundo lugar, para mostrar à sociedade quem são os “crentes” – ou, ao menos, quem eles deveriam ser.

Partimos do pressuposto de que o campo religioso brasileiro é composto de diversas crenças que competem entre si para manter e conquistar fiéis e adeptos. Assim, a mídia é um dos principais recursos pelos quais as religiões – institucionais ou não – estabelecem contato com os seus próprios membros e com a sociedade em geral – uma membresia em potencial.

Consideramos como mídia um conjunto amplo de recursos audiovisuais (televisão, rádio, vídeo), impressos (livros, livretos, folhetos, jornais) e virtuais (internet). Trabalhar com objetos de mídia é uma tarefa complexa, pois se trata de algo

¹ O protestantismo histórico (Mendonça 1995) compreende igrejas advindas da Reforma Protestante (século XVI), e suas ramificações: presbiterianos, metodistas, anglicanos, episcopais, luteranos e batistas são os principais grupos do protestantismo histórico. O protestantismo histórico veio para o Brasil no século XIX, trazido por imigrantes alemães e suíços (luteranos), e por missionários presbiterianos, metodistas, e batistas.

efêmero – um dia, o seu programa favorito, por conta de índices baixos de audiência, é retirado do ar. Sua estação de rádio preferida é comprada por uma Igreja, e do dia para noite, o espectador ou ouvinte é obrigado a mudar de hábitos. Se nem gigantes como a Rede Globo de Televisão possuem mais estabilidade para manter sua programação, o que dizer dos milhares de ramos que constituem a mídia evangélica do Brasil?

É verdade que a compra da Rede Record de Rádio e Televisão pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) abriu um espaço aos evangélicos – em especial os pentecostais² – para ocuparem a mídia e se fazerem ouvir na sociedade. Porém, a maioria esmagadora das igrejas protestantes não possui o caixa da IURD e, para se manterem no espaço midiático, contam com recursos escassos.

Os poucos recursos são aplicados em produtoras, incumbidas de elaborarem material audiovisual e impresso a fim de fazer sua voz ser ouvida, ao menos, pelos seus fiéis. É o caso da empresa *Luz Para O Caminho*, fundada em 1976, em Campinas-SP, numa parceria entre a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Cristã Reformada dos Estados Unidos e Canadá, proprietária da empresa *The Back To God Hour*, fundada em 1939. Em uma época em que igrejas pentecostais compravam cada vez mais horários nas rádios, a IPB – uma igreja protestante histórica, permitiu que o seu reverendo Wilson Castro pusesse em prática o antigo sonho de fazer evangelização pela mídia.

Começando com um programa de rádio, *Luz Para O Caminho*, a LPC-Comunicações passou a publicar livros, manter um serviço de aconselhamento pelo telefone (*Disque-Paz*), produzir programas de televisão e de vídeo, lançar CDs e manter sua página na internet (www.lpc.org.br).

Escolhemos a mídia produzida por uma Igreja protestante histórica por dois motivos: primeiro, porque o protestantismo histórico brasileiro foi pouco explorado

² O pentecostalismo é um ramo do protestantismo que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX. Na década de 10, missionários pentecostais vieram para o Brasil, trazendo suas crenças sobre Batismo do Espírito Santo, cura divina, dons de profecias e de falar a língua dos anjos. Os principais representantes do pentecostalismo são: Igreja da

pela academia – em especial pelos historiadores da religião. Segundo, porque já desenvolvemos uma pesquisa referente a um centro audiovisual em funcionamento entre 1951 e 1970, em São Paulo e em Campinas (Bellotti 2000). Trata-se do Centro Áudio-Visual Evangélico, o CAVE, fundado por dois pastores presbiterianos, e financiado por um organismo interdenominacional norte-americano, a RAVEMCCO³. O CAVE pertenceu aos primórdios da história da mídia evangélica no país, numa época em que iniciativas pontuais por parte de várias igrejas protestantes perfizeram “pequenos córregos de água, [que] desembocaram na prática atual dos neopentecostais, agora sob a égide do mercado” (Campos 1997 : 245).

Considerações sobre vocabulários

É preciso esclarecer o uso e o sentido de alguns termos presentes nesse trabalho. Em diversos momentos, para nos referirmos especificamente aos presbiterianos e às mensagens contidas nos produtos de *Luz Para O Caminho* e da *Editora Cultura Cristã*, usamos o termo *protestante histórico*. Muitas vezes, porém, usamos os termos *evangélicos*, *crentes* e *cristãos*, pois são termos empregados pelos próprios presbiterianos para referirem-se a eles mesmos e às coisas referentes ao seu universo religioso.

O termo *protestante histórico*, ainda que historicamente tenha sido atribuído por católicos durante a Reforma Protestante - inicialmente atribuído por um grupo para agredir seus “adversários” - é um vocabulário aceito por boa parte das igrejas protestantes históricas. É também uma expressão corrente nos estudos acadêmicos sobre protestantismo brasileiro (Mendonça 1995; Mendonça e Velásques 1990).

Nos últimos anos, desde a década de 90, os protestantes históricos freqüentemente denominam-se evangélicos, porém, a fim de se diferenciarem de

Congregação Cristã, Igreja da Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus É Amor, Igreja Internacional da Graça de Deus, e a mais notória, Igreja Universal do Reino de Deus.

outras igrejas, como as pentecostais mais populares, preferem autodefinir-se como *protestantes históricos* - herdeiros diretos da Reforma.

Discussão Bibliográfica e Metodológica

A mídia evangélica, seja protestante ou pentecostal, ainda permanece um assunto pouco estudado em relação ao que se vem assistindo nos últimos vinte anos. Em geral, poucos autores conferiram à mídia religiosa uma especificidade enquanto objeto de estudo. Na maior parte das vezes em que esse assunto é abordado, está vinculado a um estudo sobre uma determinada denominação ou sobre um tema amplo. Não que esses estudos não sejam relevantes – pelo contrário, por serem alguns dos poucos existentes, eles tornam-se leituras obrigatórias.

Hugo Assmann (1986) foi um dos primeiros estudiosos a abordar a questão do uso da mídia eletrônica por grupos religiosos – católicos e protestantes. Sob a óptica da Teologia da Libertação⁴, seu estudo embasou uma grande crítica ao que ele considerou uso alienante que grupos evangélicos – dentre eles a então emergente IURD. Seguindo a crítica dos teólogos católicos contra o uso dos meios de comunicação de massa, o estudo de Assmann nos mostra um panorama dos programas de televisão e de rádio em 1986, mas pouco acrescenta à análise dessa mídia.

Já o sociólogo Paul Freston (1993) abordou o uso político da mídia por grupos evangélicos aspirantes à representação no Legislativo. O estudo sobre a participação política dos evangélicos no Brasil abrange temas e pressupostos que compreendem o

³ RAVEMCCO é a sigla de *Radio Audio-Visual Education and Mass Communication Committee*.

⁴ A Teologia da Libertação foi a interpretação católica para a revolução socialista projetada originalmente por Karl Marx. Os teólogos da Libertação consideravam que Jesus Cristo havia feito a preferência pelos pobres e oprimidos, e que a verdadeira igualdade social e econômica seria atingida por meio da conscientização dos pobres de seu destino histórico, que passariam a realizar uma revolução social cristã. A Teologia da Libertação ganhou contornos definidos na década de 50 e 60, conquistando visibilidade na década de 70 no Brasil e na América Latina. Contudo, a ascensão de João Paulo II ao papado enfraqueceu a força política dos teólogos da Libertação a partir da década de 80 (Betto 1984 ; Boff 1982).

funcionamento do campo religioso brasileiro – plural, e ao mesmo tempo, individualista. À medida que as instituições religiosas perderam a sintonia com os anseios individuais, elas recorreram à mídia para recuperar o contato com a sociedade, ao mesmo tempo em que as pessoas reelaboram suas identidades religiosas ao sabor de suas necessidades e desejos - *“já que as pessoas possuem religiões e não vice-versa, a identidade religiosa é uma trajetória que pode incluir idas e voltas”* (Freston 1993 : 28).

Alexandre Brasil Fonseca (1997) foi o primeiro a fazer um trabalho sociológico especificamente sobre mídia evangélica, analisando programas de rádio e de televisão de igrejas do Rio de Janeiro e seu impacto na membresia. Além disso, analisou os hábitos de leitura de uma parcela dos evangélicos cariocas. Sua grande questão era descobrir até que ponto a mídia influenciaria a evangelização e a conversão de leigos a igrejas evangélicas. Sua surpreendente conclusão foi de que as relações pessoais ainda são o forte chamariz para que não-cristãos sejam conduzidos à igreja.

Não é essa a conclusão, porém, de Leonildo Silveira Campos (1997). Professor da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (UMESP), é um dos estudiosos mais conceituados em protestantismo histórico e pentecostalismo, ao lado de Antônio Gouvêa Mendonça (1995). Seu trabalho sobre a IURD conferiu centralidade à mídia, não somente como divulgadora da igreja, mas também como parte fundamental de interação entre ela e seus fiéis em potencial.

Apesar de somente a IURD possuir cacife para utilizar a mídia como “órgão vivo”, (oni)presente em diversos lugares, sua suposta “ameaça” à diversidade religiosa provocou mobilização de outras igrejas para investirem em produção midiática, a fim de competirem por espaço e reconhecimento no espaço público. Afinal, no século XX, a existência e até a legitimidade de grupos, idéias, pessoas e eventos, deveu-se à aparição na mídia – seja ela rádio, televisão, cinema ou grande imprensa.

Campos trabalha não somente com o funcionamento da mídia iurdiana e seus variados usos, mas também explora o universo simbólico religioso com que compõe o

seu discurso. Como a IURD, ao se apropriar de elementos do universo espírita, católico e afro-brasileiro, legitima seu próprio discurso a fim de atacar os concorrentes.

Atentar para as representações religiosas contidas na mídia evangélica de *Luz Para O Caminho* e da *Editora Cultura Cristã* foi nosso principal eixo metodológico, seguindo a proposta de Campos. Nossa orientação, porém, seguiu a História Cultural. Optamos por um estudo de caso que compreendeu a especificidade de produtos de mídia protestante histórica, imersos em um universo religioso de extrema competitividade.

Assim partimos de alguns pressupostos: parafraseando Marshall McLuhan (1967), o meio, *por vezes*, corresponde à mensagem. Isto é, a escolha do meio de representação de uma mensagem influi no conteúdo dessa mensagem. Por isso, ao invés de fazermos uma abordagem temática, englobando diversos meios de comunicação em torno de um assunto, preferimos abordar cada meio de comunicação utilizado, respeitando as suas especificidades, limitações e potencialidades.

Outro princípio que norteia o trabalho é que tudo o que é produzido no âmbito dos meios de comunicação possui um sentido histórico. Por vezes, conseguimos captar esse sentido em alguns detalhes, em algumas frases, mas sempre relacionados ao modo como a obra é composta e estruturada. Procurou-se articular esse sentido a um contexto mais amplo, seja da história do protestantismo, seja do momento presente da sociedade em geral.

É importante ressaltar também que tudo o que se insere no universo da comunicação, seja agora, nos anos 2000, seja há 50 anos ou mais, é uma forma de diálogo entre os produtores da mensagem e sua possível recepção. E esse diálogo pressupõe escolhas teológicas e estéticas, que perfazem a mensagem, de forma que ela se transforme em uma intervenção na sociedade. A questão mais pertinente para nós não são dados do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) ou quaisquer outros medidores de opinião, mas sim as representações que um grupo evangélico utiliza para se comunicar com a sociedade e com seus fiéis e, a partir daí,

determinar os sentidos que a religiosidade e a prática protestantes adquirem em uma sociedade que promove a ressacralização dentro e fora dos espaços religiosos institucionais.

O conceito de representação, por sua vez, vem da definição empregada pela História Cultural. A partir dos anos 70 do século XX, ocorreu na Europa e nos Estados Unidos um crescente interesse pela história da cultura, com um recuo da história econômica e social. Roger Chartier (1990) destaca-se como historiador em uma perspectiva cultural, trabalhando com o conceito de representação cultural:

“As próprias representações do mundo social são os componentes da realidade social. As relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural e produção cultural” (Chartier in Hunt 1992 : 9).

Todo conceito tem sua historicidade e com a representação não é diferente. Chartier, inspirado por Michel de Certeau e por Michel Foucault, questionou os pressupostos teóricos sobre os quais tanto a história marxista quanto a história dos Annales repousavam, determinando lugares definidos para sujeitos históricos, objetos, e teorias sociais. Chartier retomou os questionamentos epistemológicos, e os articulou a uma pesquisa consistente sobre as práticas de leitura na França: *“Uma história cultural poderá funcionar se estiver despojada de todo e qualquer pressuposto teórico sobre a relação da cultura com o universo social”* (Hunt 1992 : 13).

Alinhados com este tipo de conceituação, mas sem necessariamente seguir a mesma abordagem francesa, estão os estudos culturais americanos, cuja preocupação com a mídia é crescente. Diversos autores dedicam-se nos Estados Unidos a estudar não somente a mídia propriamente religiosa, como também manifestações de sensibilidades e representações religiosas em produtos de mídia secular, como Elvis Presley e o seriado *Os Simpsons* (Mazur & McCarthy 2001). Estudiosos como Stewart Hoover e Lynn Clark (2002) pertencentes à linha de pesquisa *Symbolism, Media and the*

*Lifecourse*⁵, da Universidade do Colorado, em Boulder, são muito prolíficos, trazendo contribuições para o estudo das representações religiosas na mídia.

Contudo, o autor mais citado neste trabalho é David Morgan, cujos estudos sobre mídia protestante nos Estados Unidos no século XIX (1999) e século XX (1998, 2000, 2001) analisam as representações sob a perspectiva tanto cultural (inspirado por Michel de Certeau) como da história da arte, na análise de iconografias recorrentes ao discurso cristão. A sua forma de trabalhar com as imagens nos inspirou a estabelecer uma relação de questionamento perante a iconografia encontrada ao longo de nossa pesquisa:

“Filósofos, teóricos culturais, e estudiosos da estética tendem a perguntar o que as imagens são. Para o historiador, folclorista e etnógrafo, contudo, é muito mais frutífero inquirir o que as imagens fazem. (...) Da televisão às fachadas de igreja, imagens são formas poderosas de comunicação, comunhão, comemoração e imaginação que contribuem tanto para compor a cultura, assim como são compostas por ela” (adaptado de Morgan & Promey 2001 : 17).

A pergunta fundamental e básica desta dissertação é: até que ponto a mídia religiosa, em especial a evangélica, não é um meio de referência cultural que se junta ao coro difuso - mas persistente - de busca pelo sagrado nos limites imbricados de um mundo “profano” e “secular”?

Em outras palavras, qual a importância, os sentidos e os alcances da mídia evangélica na comunidade evangélica e na sociedade em geral. Se a mídia é um instrumento que promove a diferenciação dentro do campo religioso brasileiro, como ela o faz e em relação a quem ela o faz?

Como preferimos abordar as fontes pelo seu formato, dedicamos cinco capítulos aos principais produtos de *Luz Para O Caminho* e da *Editores Cultura Cristã*.

⁵ Cf. página na internet da linha: <http://www.colorado.edu/Journalism/MEDIAALYF/>

⁶ “*Philosophers, cultural theorists, and aestheticians tend to ask what images are. For the historian, folklorist, and ethnographer, however, it is generally more fruitful to inquire what images do (...)From television to church façades, images are powerful forms of communication, communion, commemoration, and imagination that both contribute to the making of culture and are made by it*” (Morgan & Promey 2001 : 17).

Deixamos de fora muitas coisas – internet, produção musical, aconselhamento por telefone e revistas. Nossa opção metodológica contemplou um grande número de documentos da mesma natureza, restringindo a variedade dos produtos. Não é a única forma de se trabalhar o tema, mas é a maneira que julgamos apropriada para lidar com um objeto que prima pela fugacidade – razão pela qual procuramos uma editora e uma produtora específicas.

Nesse sentido, no primeiro capítulo (“*Ver Para Crer*”) há uma análise sobre a produção de programas de televisão e de vídeo VHS. Dentre os programas de televisão feitos por LPC, escolhemos dois: *Cada Dia* e *La Vida Ahora*. À parte de índices de audiência, procuramos observar como a linguagem televisiva, incluindo a produção em VHS, é usada para abordar temas como depressão, política, diferenças religiosas e histórias bíblicas.

No segundo capítulo (“*A Fé é pelo Ouvir*”), fazemos uma ponte entre o passado e o presente – reabilitamos o CAVE a fim de mostrar as diferenças e as semelhanças entre dois programas radiofônicos: o *Nosso Almanaque do Ar*, produzido pelo CAVE em 1969, e o *Coração Caboclo*, lançado por LPC em 1999. Ambos associam o universo sertanejo brasileiro à mensagem protestante evangelizadora, porém, foram feitos em contextos históricos diferentes, seguindo concepções distintas de conteúdo e formato.

No terceiro capítulo (“*Vinde a mim as criancinhas*”), texto e iconografia unem-se em sentidos diversos nos livros dirigidos ao público infantil. Enquanto rádio e televisão atingem tanto um público cristão quanto um público leigo, a literatura publicada por *Luz Para O Caminho* e pela *Editora Cultura Cristã* refere-se ao público cristão, e ocupa uma função bastante específica de instrução e doutrinação. Nesse capítulo contemplaremos as várias faces de Jesus Cristo, conforme os sentidos dados pelos textos e pelas ilustrações. A partir desse momento, a influência do protestantismo norte-americano será uma referência constante no nosso trabalho, pois boa parte da literatura de LPC e ECC é de traduções de obras americanas. Assim,

mostraremos as relações entre o fundamentalismo protestante americano e o protestantismo brasileiro.

Já no quarto capítulo (“*Literatura para as Famílias Piedosas*”), abordamos a literatura sobre vida cristã, voltada para o público cristão adulto. Dentre as diversas temáticas presentes nos catálogos da *Editora Cultura Cristã* tais como apocalipse, evolucionismo, apologética e estudos bíblicos, optamos por temas que vêm sendo alvo de preocupação de diversas igrejas evangélicas: família, casamento e sexualidade. Mostraremos como o discurso cristão, repleto de interdições, é construído não somente a partir da Bíblia, mas também pela percepção que os cristãos mantêm sobre a sociedade, sobre o que é certo e errado, e sobre como o “verdadeiro cristão” deve se comportar.

Por fim, no quinto capítulo (“*Nada Novo Sob o Sol de ‘Cada Dia’*”), analisamos o maior sucesso editorial de *Luz Para O Caminho*, o livreto devocional *Cada Dia*. Concebido para ser uma publicação de meditações diárias, o livreto confronta o cristão com o seu cotidiano, espaço-tempo em que ele é testado em seus princípios. Mostramos como o devocional torna-se um escudo para se enfrentar as agruras do dia-a-dia, e também como a construção do discurso cristão faz uso do tempo e da narrativa bíblica a fim de tranquilizar o cristão diante do incontrolável e do imponderável.

CAPÍTULO 1

VER PARA CRER – PRODUÇÃO TELEVISIVA E DE VÍDEO

A presença dos protestantes históricos na televisão brasileira não é recente – mas também não é constante. Mais de dez anos após a primeira transmissão televisiva, ocorrida em outubro de 1950, algumas igrejas contavam com um ou outro programa,

mediante a compra de horários (Campos 1997 : 282). Uma prática que vem garantindo alguma presença de representantes da Reforma no Brasil. Nesse primeiro capítulo, analisaremos uma amostra do que os presbiterianos vêm fazendo em termos de televisão e vídeo.

É o caso do programa *Cada Dia*, produzido por *Luz Para O Caminho* há mais de quinze anos – dez deles com horário cativo na Rede Bandeirantes de Televisão. Atualmente, esse programa é veiculado somente na TV Fênix, canal comunitário da Net Campinas (TV paga). O programa leva o mesmo nome do livreto devocional publicado por LPC, e é apresentado pelo jornalista e pastor, reverendo Celsino Gama. Sua filosofia é de “*evangelizar, educar, prestar serviços, além de enviar resposta às cartas enviadas pelos telespectadores*”, segundo folheto promocional.

Além do *Cada Dia*, *Luz Para O Caminho* vem produzindo desde abril de 1999 a versão em espanhol desse programa, *La Vida Ahora*, apresentado pelo reverendo Guillermo Serrano e retransmitido por mais de 50 emissoras na América Latina e Estados Unidos. Ainda que o conteúdo seja adequado para o público de fala espanhola, com diz o folheto promocional, temas interessantes puderam ser listados durante a análise. Como se trata de um produto de LPC, vinculado à Igreja Cristã Reformada latina, adotamos o programa como fonte.

O formato de ambos os programas assemelha-se a um telejornal, em que um assunto é explorado com profundidade, dependendo da sua duração (que é de cinco, quinze e trinta minutos). Constitui-se de um cenário apenas, colorido de tons pastéis com o logotipo do programa (o mesmo do devocional) no canto esquerdo superior. O reverendo Celsino Gama apresenta o programa atrás de uma bancada, ao lado de um monitor, por onde ele entrevista pessoas – sejam personalidades, sejam pessoas comuns. Segundo o mesmo folheto promocional, diversas personalidades já foram entrevistadas por Gama – Fernando Henrique Cardoso, Renato Aragão, Gilberto Dimenstein, Marta Suplicy, Luis Inácio Lula da Silva, Henri Sobel, dentre outros⁷.

⁷ Devido a uma reforma da sede de *Luz Para O Caminho*, não pudemos ter acesso aos arquivos que guardam esses programas.

Os programas seguem um formato padrão : introdução ao assunto, dois ou três segmentos, e uma conclusão, sempre com uma mensagem salvífica, isto é, que apresenta Cristo como Salvador e convida o telespectador a se arrepender e aceitar Cristo como seu Salvador. Todos os programas vistos possuem uma base bíblica – todos os assuntos são discutidos à luz de uma passagem da Bíblia, interpretada e contextualizada pelos apresentadores. Não há, contudo, nenhuma menção direta à Igreja Presbiteriana do Brasil ou a Iglesia Cristiana Reformada – o que existem são vinhetas entre um segmento e outro, que promovem tanto os devocionais *Cada Dia* e *La Vida Ahora*, quanto essas duas igrejas.

Devido à grande quantidade de fontes, selecionamos apenas cinco programas, mais dois vídeos VHS, que mantêm a linguagem televisiva. Mesmo parecendo um número pequeno de fontes, uma grande quantidade de informações pôde ser analisada, pois se trata de um meio bastante codificado, tendo em vista o pouco tempo disponível para se passar uma mensagem.

Assim, o material analisado compreende três programas *Cada Dia* sobre o tema depressão; mais três programas *La Vida Ahora* produzidos entre 2000 e 2001, sobre política (*Salvador Nacional*), sobre humildade (*Ejemplo de Humildad*) e sobre budismo (*Cristianismo vs. Budismo*). Além disso, analisamos dois vídeos: *Seu Casamento Pode Ser Melhor – volume 2* (1995, LPC, 60 minutos), e *Assim é o Amor do Pai* (sem data, LPC, 30 minutos), ambos apresentados por Celsino Gama.

A diferença de linguagem entre a televisão e o vídeo não é muito grande. Em ambos os tipos de produção o tom é sóbrio, amigável, mas formal. O apresentador está sempre de terno e se dirige ao espectador de forma respeitosa, utilizando português acessível.

Os temas que mais se destacam nesse material foram divididos em seis seções, abrangendo os temas: saúde, problemas atuais, outras religiões, Igreja – o local do sagrado, ameaça neopentecostal, e trabalho. Procuramos atentar para a forma como os presbiterianos utilizam a linguagem televisiva para transmitir sua mensagem, e que tipo de mensagem é essa.

Saúde

A introdução do programa *Cada Dia - Minha Doença É Depressão* apresenta a depressão como um problema cotidiano e, sobretudo, uma doença a ser tratada com a ajuda de médicos e com a compreensão e o apoio da família do paciente. O objetivo do programa é esclarecer sobre a doença, apresentando o depoimento de um empresário acometido pela depressão, além do depoimento de médicos, seguida da palavra final do apresentador.

O formato que lança mão de depoimentos sobre um caso pessoal assemelha-se com um recurso muito utilizado pelo programa da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), *Fala Que Eu Te Escuto*, transmitido pela Rede Record, Rede Mulher e Rede Família. Porém, enquanto o programa da IURD enfatiza em seus relatos os aspectos mais dramáticos do problema da pessoa (Fonseca 1997 : 133), o programa da LPC conserva um tom mais respeitoso e não conta com a participação do público. É, portanto, um programa de temática mais fechada e dirigida, com um aprofundamento sobre o tema, seus desdobramentos e uma mensagem cristã e salvífica no final.

A pessoa é levada a refletir a partir de sua realidade e conduzida a se arrepender e aceitar a Cristo como Salvador, procedimento típico da tradição do avivalismo⁸ protestante, parte essencial da unidade teológica protestante, segundo Antônio Gouvêa Mendonça (1995 : 190-201). Essa unidade consiste em características comuns a todas as denominações missionárias que vieram para o Brasil: associação voluntária, sem nenhuma ênfase denominacional (para não afastar fiéis em potencial por causa de pendências internas), e padrão de pregação avivalista, isto é, “*convencer o indivíduo do seu pecado, desencadear suas emoções e levá-lo a uma decisão existencial*” (Mendonça 1995 : 198), de influência metodista.

⁸ O avivalismo ou avivamento protestante foi a maior característica dos Grandes Despertamentos (ocorridos entre o final do século XVIII, até a metade do século XIX) nos Estados Unidos. Sua teologia enfatizava o arrependimento individual, a conversão e o abandono dos prazeres mundanos para se adotar um estilo de vida novo, santificado.

O que ocorre nesse programa do *Cada Dia* é que não apela tanto para a emoção e, sim, para o esclarecimento. O seu objetivo não é fazer do depoimento do empresário acometido pela doença uma base narrativa dramática, mas utilizar o seu exemplo como ilustração para o que os médicos e as estatísticas revelam sobre a depressão. Celsino Gama até refuta o argumento de que a pessoa deprimida estaria com uma possessão demoníaca, pois a depressão trata-se de uma doença com tratamento eficaz.

Em seguida, Celsino Gama explica que a felicidade é um estado de paz e alegria interior, e a solução para um problema emocional como a depressão vem da coragem da pessoa, despertada por Cristo – a solução vem em conjunto com Cristo. Gama afirma que devemos aceitar que somos imperfeitos, e que somente Cristo traz a iluminação, o caminho certo, ajudando a sair das dificuldades, trazendo esperança e Salvação para o nosso coração “*desesperadamente corrupto*”.

Assim, esse programa de um assunto de saúde pública de duas formas interligadas - enfatiza tanto o seu lado clínico e científico, no sentido de esclarecer objetivamente as doenças (evitando o que os produtores consideram credice e ignorância), como expõe uma lição bíblica para o telespectador. Faz parte da visão global que o missionarismo protestante detém.

Retomando um pouco do que o já mencionado Centro Áudio Visual Evangélico (CAVE) fez, alguns de seus produtos traziam a temática da saúde abordado de forma semelhante. Desde que missionários protestantes aportaram no Brasil, na segunda metade do século XIX, sua área de atuação abrangeu não somente a construção de igrejas e escolas, mas também de hospitais. Produtos do CAVE perpassaram essa história, no filme *O Punhal*⁹, que mostra missionários americanos atuando no sertão da Bahia por meio de cultos, escolas, hospitais e cursos de

Além disso, a teologia do avivamento baseia-se no princípio do voluntarismo, isto é, o homem é senhor de sua vontade e, por isso, cabe a ele aceitar o amor divino e procurar o Salvador (Mendonça 1995 : 53-59).

⁹ O filme produzido pelo CAVE, em 1958, “*O Punhal*”, conta a história de missionários americanos que se instalaram no interior da Bahia. A película tinha o objetivo de mostrar como os protestantes atuavam nesse tipo de região carente, e o que se retratou foi justamente a implantação de uma escola, de um hospital e de um curso de

enfermagem. Os diafilmes *Você é o que você come*¹⁰ e *Nosso Doutor*¹¹ também abordam a questão da boa alimentação para se cultivar a boa saúde, isto é, o corpo é o templo de Deus e por isso deve receber o mesmo cuidado que o espírito.

Problemas atuais

No programa *La Vida Ahora – Salvador Nacional*, é abordado o tema dos “governos de salvação nacional”, implantados por ditadores na América Latina ao longo do século XX, deixando seqüelas políticas e econômicas em vários países até os dias de hoje.

O programa lança mão de depoimentos de cidadãos comuns para mostrar que os governos ditatoriais não deixaram saudades. Entretanto, mostra que a democracia estaria longe de resolver os principais problemas sócio-econômicos da América Latina, como a distribuição desigual de renda, a violência urbana e a corrupção política. O país de onde os depoimentos foram tomados é a Argentina, em uma época (junho de 2001) de avançada crise social, que culminou em uma situação de caos em dezembro do mesmo ano. Apesar de o programa não se aprofundar nesse aspecto, os depoimentos mostram um sentimento de aguda descrença na política e, ao mesmo tempo, de uma grande esperança por algo novo que venha reverter os problemas.

Serrano compara essa esperança à calorosa recepção que Jesus Cristo teve ao chegar em Jerusalém (João 12), tido como o “rei de Israel”, que livraria a nação da

enfermagem. Essas são iniciativas típicas do missionarismo protestante desde a sua chegada ao Brasil, na segunda metade do século XIX.

¹⁰ O diafilme é um filme de 8mm, passado em projetores especiais. O filme também podia ser cortado em quadros e exibido como slide. O diafilme “*Alimentos essenciais à boa saúde e como escolhê-los*” inicia com a história de Chico, sobrinho e único herdeiro de um idoso muito rico, que recebe a incumbência do tio de construir uma casa nova. Ao pensar que a herança seria gasta na construção, economizou ao máximo. Porém, o tio deixou a casa (mal) construída como herança. Compara a construção dessa casa com o processo de alimentação, pois é partir dele que se constrói “*a casa de nossa alma*”. É um diafilme que atua como medicina preventiva, a fim de melhorar a qualidade de vida para evitar doenças. A pessoa mal nutrida tende a passar o resto da vida debilitada, enquanto que quem supre as necessidades “*terá a vida abundante que Jesus promete: ‘Vosso corpo é santuário do Espírito Santo, agora, pois glorificai a Deus no vosso corpo’*”.

¹¹ Destinado a crianças de 4 a 8 anos, mostra como o “*médico é amigo da criança e por isso não devemos temê-lo*”. O menino Timóteo machuca-se ao brincar, mas o médico prontamente soluciona o problema. “*Você também gosta*

opressão romana. Cristo, porém, recusou ser “*entronado*” pelo povo, pois seu reino não seria desse mundo. O seu reino – o Reino de Deus - visava governar o interior do homem, mediante a mudança radical do indivíduo, para depois efetuar a modificação da sociedade.

Dessa maneira, segundo Serrano, a verdadeira salvação nacional poderia vir se as famílias acreditarem na mudança individual operada por Cristo e pedirem a Deus por isso. Serrano finaliza dizendo que Cristo pode ser o seu salvador e que aparecerá se você se arrepender de seus pecados. Uma seqüência de imagens, por sua vez, diz muito mais do que essas palavras.

Primeiro, a imagem do perfil de uma menina rezando sob um fundo com a imagem do sol no centro; depois uma segunda imagem, desta vez uma ilustração de Cristo ao centro, apontando para o céu em meio a um grupo de pessoas preocupadas (Cristo está em destaque, ao centro). Enquanto aponta para o céu com uma mão, a outra mão está no ombro de um homem, que olha pesaroso para cima. É uma representação do que David Morgan (2000) denominou de *crisologia da amizade*.

Ao discorrer sobre o crescente interesse na aparência pessoal de Cristo durante o século XIX entre os protestantes americanos, o historiador americano David Morgan analisou algumas representações, como litografias e pinturas a óleo do pintor americano Warner Sallman, que se tornaram populares entre protestantes e católicos nos Estados Unidos. A sua gravura mais popular foi a *Cabeça de Cristo (Head of Christ)*, de onde ele retira o conceito de *crisologia da amizade*:

“Para muitos cristãos [americanos] essa imagem permanece como o mais ‘autêntico’ retrato de Cristo, devido em parte ao seu caráter de retrato, que incorporou a retórica visual da fotografia popular comercial na primeira metade do século XX. (...) Ao documento visual da identidade pessoal muitos cristãos reportam à crisologia da amizade: um entendimento do significado de

do seu Doutor? Ele é seu amigo e ajuda você a ficar bom logo quando você fica doente. Vamos agradecer a Deus ‘O Nosso Doutor’”.

Cristo como aquele que provê acesso a Deus por meio de sua oferta benevolente de uma relação pessoal¹²” (adaptado de Morgan 2000: 65).

Cristologia que se confirma na narração em *off* que se segue simultaneamente às imagens: “Jesus não se esconderá de ti, mas aparecerá com todo seu esplendor para dar o que prometeu com sua palavra. Não se deve equivocar com ele, pois ele é a resposta, o companheiro e o amigo dos indivíduos e, não, regente de partidos que os buscaram com sinceridade”. Por fim, a terceira imagem é a de mãe e filho rezando sob o mesmo fundo ensolarado.

É a decodificação das mensagens anteriores: o problema de uma nação não se resolve com governantes, mas prescinde de uma transformação profunda que envolve cada indivíduo. Não basta reclamar, como fizeram as pessoas que prestaram seu depoimento, mas cada um deve se entregar – e nesse momento entra a família como célula fundamental da sociedade – para que todo o conjunto se transforme. É um programa que não tocou diretamente na questão política de nenhum país, chegando a identificar o poder humano como algo muito perigoso, passível de corrupção e de abuso; como algo do “mundo”, cujas soluções são imperfeitas, contrapondo-se à solução espiritual cristã, o único caminho perfeito.

Até o momento não temos informação do comportamento das igrejas protestantes argentinas quanto ao regime militar, mas é interessante ver que *Luz Para O Caminho* produziu esse programa, sendo parte integrante da estrutura da Igreja Presbiteriana do Brasil, igreja que se alinhou ao regime militar de 1964. Pode-se fazer um paralelo, como fez Tavares Neto (1997), quanto à situação política do país. Enquanto a IPB assumiu uma postura conservadora politicamente e teologicamente nas décadas de 60 e 70 e, a partir da década de 80, sofreu um processo lento de “abertura” – mais lento inclusive do que ocorreu no país, já que enquanto a ditadura

¹² “For many Christians this image remains the most ‘authentic’ portrayal of Christ, due in part to its portrait character, which incorporated the visual rhetoric of commercial photography popular in the first half of the twentieth century. The vignette format, back lighting, and three-quarters view of the head recall the high school and college annual portrait. To the visual document of personal identity many Christian bring a christology of friendship: an understanding of Christ’s significance as the one who provides access to God by virtue of his benevolent offer of a personal relationship” (Morgan 2000 : 65).

foi extinta em 95, com as eleições indiretas para presidente, na IPB Boanerges Ribeiro¹³ fez o seu sucessor até o final da década de 80.

E assim como o Brasil elegeu por duas vezes seguidas, em 1994 e em 1998, um político alinhado à oposição do regime, nas mesmas datas, a IPB elegeu para presidente do Supremo Concílio um pastor que não se alinhou à política de Ribeiro. Outro aspecto interessante é como a Rede Globo, reconhecidamente um braço eletrônico alinhado com os interesses do governo ditatorial, passou a fazer uma espécie de *mea culpa*, denunciando não somente desmandos do regime militar como também tomando uma posição mais crítica quanto ao governo (não tão crítica quanto muitos esperam, porém mais crítica do que jamais foi).

A LPC não é a Rede Globo nem em termos de estrutura nem em termos de serviços, mas é um meio de comunicação representativo de uma igreja que, no passado, pelo menos alguns de seus setores, aproximou-se do regime militar, e um programa como *Salvação Nacional*, mesmo não sendo produzido para o Brasil, é um indicativo de que algo mudou na história recente dos presbiterianos.

Outras religiões

No programa *La Vida Ahora - Ejemplo de humildad*, é abordado o tema da humildade, que Cristo demonstrou ao lavar os pés de seus discípulos na santa ceia. Serrano explica que o gesto de se lavar os pés das visitas era, na época de Cristo, uma cortesia que os criados realizavam, mas que, partindo de Cristo adquiriu um significado diferente, pois se tornou um gesto de humildade que só seria compreendido após a sua morte.

O apresentador afirma que, ao contrário da intenção demonstrada por Cristo, há grupos religiosos que realizam uma cerimônia imponente (exibindo imagens da cerimônia do lava-pés da Igreja Católica), demonstrando tudo menos humildade,

¹³ João Dias de Araújo (1974) acusa o reverendo Boanerges Ribeiro de instituir uma “ditadura fundamentalista” na Igreja Presbiteriana do Brasil, entre 1956 e 1976, elegendo sucessores até a década de 80.

tornando-se sem significado. É a primeira vez que o programa ataca a prática de outra religião.

Serrano defende que a humildade nasce com o ser humano, e que a conversão a Cristo só aumenta essa qualidade – mas como cumprir essa ordenança? - pergunta Serrano. Por meio do serviço ao próximo, enxergando suas necessidades a fim de satisfazê-las.

Assim é a salvação, diz Serrano, pois aos homens não custa nada, mas a Deus custou o sacrifício de seu filho, algo que nenhum humano teria a capacidade de fazer. Dirigindo-se ao telespectador, afirma que talvez seus pecados pareçam demasiado grandes para serem perdoados sem fazer nada em troca, mas essa é a essência do cristianismo, é o toque de Deus mostrando a incapacidade de o homem agradar-lhe, por conta de suas faltas. O ser humano caiu e ofendeu a Deus, e não é capaz de fazer algo justo aos olhos de Deus, nem ganha a salvação pela humildade. Ela a conquista pela fé em Cristo, sendo a humildade um modo de vida.

Deste modo, nota-se que essa “essência do cristianismo” é reformada, pois como se viu acima, a justificação pela fé é um dos pressupostos fundamentais da fé reformada, base do presbiterianismo. O cerimonial opulento da Igreja Católica, ainda que tenha mudado desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), é um ponto de divergência antigo, datado dos escritos de Martinho Lutero e João Calvino¹⁴. Aliás, uma das características que o protestantismo missionário assumiu no Brasil logo após a sua chegada, na segunda metade do século XIX, foi a polemização com a Igreja Católica sobre pontos divergentes da Reforma. Foram três as estratégias missionárias nesse período: a educacional (com a implantação de escolas paroquiais rurais e de colégios para a elite urbana de grandes cidades), proselitista e polêmica (Mendonça 1995 : 81-93). Esta última se encerra nos anos 20 do século XX, mas críticas como essa fazem parte dessa tradição.

¹⁴ C.f. Calvino (1985 : 114-132)– especialmente o capítulo XI - “É uma abominação atribuir forma visível a Deus e, geralmente, apartam-se do Deus verdadeiro quando estabelecem ídolos para si”.

O substrato católico-espírita-mágico no qual repousa a cultura religiosa brasileira influenciou inclusive igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus. Leonildo Silveira Campos demonstra como essa igreja difundiu simbologias próprias desse substrato, incorporando-as ao seu culto: “água abençoada”, “óleo ungido”, “manto sagrado”, “mesa branca energizada”, “rosa ungida”, “areia do Deserto do Sinai” (Campos 1997 : 44). Considerando que o pentecostalismo é uma vertente protestante, essas práticas da IURD estão limite da herança reformada e da cultura católica-espírita, pois ao mesmo tempo em que um pastor “chuta a santa” (símbolo claro da condenação da idolatria das imagens feita por Calvino e Lutero), um outro pastor apresenta-se na televisão, ao pé da cruz, e pede para que Deus abençoe um copo com água, como Marcelo Crivela. Contudo, os protestantes históricos mantêm-se distantes dessas práticas e é uma das razões pelas quais vêm com reservas o neopentecostalismo (ver adiante o item sobre “‘Ameaça’ Neopentecostal” – pp.36-40).

A tradição budista também foi analisada com reservas no programa *La Vida Ahora - Cristianismo vs. Budismo*. Ao citar a destruição das gigantescas imagens de Buda no Afeganistão pelo Taleban, Serrano pergunta se o cristianismo e o budismo podem ter pontos em comum. Ambos pregam o amor e a paz, mas o budismo prega a reencarnação, que não é aceita pelos cristãos.

Serrano começa por explicar as origens e os princípios do budismo, com a ajuda do monge budista Taien, do Templo Budista de São Paulo e sua visão sobre o sofrimento. O budismo não fala de Deus, mas de iluminação, e “do bem sai o bem, e do mal, sai o mal”. O budismo inicia-se com um príncipe, Sidharta Gautama, e veio de seu rechaço ao Hinduísmo, por volta do século V a.C. Essa religião defende como meio de crescimento pessoal as reencarnações sucessivas, crença herdada do hinduísmo e que é exemplificada pelo monge da seguinte forma: “*se você tem uma xícara de chá e você a quebra, o chá continua chá, e se você passa para outra xícara, o chá permanece*”. As reencarnações sucessivas levariam à união com o Grande Criador. “Buda” significa “*aquele que alcançou o Nirvana (a supressão do sofrimento)*” e, segundo o monge, todos

possuem a semente búdica, havendo a possibilidade de as pessoas se transformar em Buda antes de morrer.

Contrapondo-se a essa crença, o programa exhibe uma entrevista com o pastor Carlos Fernandez, da Iglesia Del Nazareno da Argentina, afirmando que só se morre uma vez e depois disso há o juízo final. Para os cristãos só há a ressurreição, que pressupõe um espírito imortal que ocupa somente uma vez o corpo – o corpo veio do pó e retorna ao pó, enquanto o espírito retorna a Deus. Assim, para os cristãos existe um só Deus, que é pessoal, que se revela, e que não pode ser alcançado por méritos pessoais ou atos de bondade, mas que salva por meio de Cristo. O perdão de Deus significa um novo nascimento na Terra e é a garantia de ressurreição.

Serrano finaliza: *“busque a Deus com todo coração – ‘Pero si desde allí busca a Jeová, tu Dios, lo hallarás, si lo buscas de todo tu corazón y de toda tu alma’ (Deuteronomio 4:29)”*. Para ele, é lamentável que muitos não conheçam a Cristo; há uns que acham que o conhecem, caracterizando-o como revolucionário, profeta, filósofo, homem maravilhoso, líder. No entanto, ele é o senhor absoluto de todas as coisas e espera que todos se arrependam, aceitem o seu perdão e voltem a viver com Deus, pois Cristo voltará, e enquanto isso, o Espírito Santo aviva os espíritos.

Nos dois últimos programas analisados, viu-se uma contraposição com duas religiões: o catolicismo e o budismo, e em ambos os casos houve uma discreta desclassificação de práticas das duas religiões. A cerimônia do lava-pés sofreu uma crítica antiga sobre o ritualismo sem significado, enquanto o budismo sofreu uma comparação não muito conclusiva.

Pelo final do programa, praticamente uma prédica de Serrano, conclui-se que o budismo não carrega a verdade cristã, apesar de pregar o amor e a paz. A contraposição entre os princípios das duas religiões versou sobre temas caros ao cristianismo – o sofrimento e o destino do espírito após a morte, que levam ao tema da ressurreição (*versus* reencarnação). Não se falou de meditação, não se mencionou que o budismo, assim como o protestantismo, não é uma doutrina única, mas possui várias interpretações a partir dos ensinamentos de Buda. Enfatizou-se somente o

ponto que distanciaria definitivamente o cristianismo do budismo – a vida após a morte.

Não se atacou o budismo em nenhum momento, mas as contraposições e a conclusão de Serrano deixam claro que não há como praticar as duas religiões. Podemos supor que essa mensagem seja destinada para pessoas que, em um período de “Nova Era”, não possuem uma formação religiosa sólida, isto é, não pertençam a uma tradição religiosa mas mantêm um interesse por assuntos religiosos e costumam misturar crenças diferentes.

Obviamente que não se poderia esperar um diálogo maior entre as duas tradições, ainda mais em um programa evangélico. Um programa como esse, contudo, é indicativo de que o protestantismo pode estar sendo alvo da “Nova Era”, como demonstra Alexandre Brasil Fonseca (1998).

É evidente que não há registros de consumo dos recentes e populares livros de Dalai Lama na sua pesquisa sobre consumo de livros de Confissão Positiva¹⁵, mas o autor expõe como o comportamento dos evangélicos em geral (e dos pentecostais em particular) vem sendo influenciado por esse tipo de literatura. Também pode ser a essas pessoas que o programa enviou sua mensagem.

Igreja – Local do sagrado

Luz Para o Caminho não traz uma mensagem explicitamente proselitista, mas não deixa de indicar onde estaria um dos lugares legítimos do sagrado: a igreja. Mais adiante, veremos que não é qualquer igreja, mas por ora, analisaremos a representação

¹⁵ “Sua origem é apontada no ‘Word of Faith’, movimento liderado por Kenneth Hagin e seu seminário Rhema. As origens, contudo, vem de meados do século XIX, nos Estados Unidos. Sua gênese pode ser encontrada na cidade de Boston, onde Phineas Parkdust Quimby, um autodidata em tratamento de neuroses, realizou ‘leituras esotéricas e longas meditações acerca das inclinações subjetivas, privadas’ (Meyer, 1988:34) para tratar de seus pacientes por meio de cura mental” (Fonseca 1998 : 4) . É uma corrente que no século XX influencia tanto o surgimento da neurolingüística, muito popularizada no Brasil nos anos 90 pelo escrito Lair Ribeiro, quanto a elaboração da Teologia da Prosperidade, praticada em algumas igrejas consideradas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça.

da Igreja enquanto espaço legítimo do sagrado. Isto é, quando uma mensagem de perdão, arrependimento e conversão ocorrem em parte dentro de uma igreja.

No VHS *Assim é o amor do Pai* (s.d.), destacamos uma seqüência de cenas que são indicativas desse aspecto. O vídeo conta a parábola de Cristo sobre o Filho Pródigo, que foi dividida em quatro atos – Rebelião (quando o filho se revolta contra o pai e sai de casa), Arrependimento (quando o filho gasta tudo o que levou consigo e encontra-se abandonado), Perdão (o retorno do filho à casa do pai e o seu perdão) e Surpresa (quando o filho mais velho se ressentido do tratamento dispensado para o irmão mais novo). A história se passa em dois ambientes – a casa, no campo, e o lugar de fuga, a cidade. No terceiro ato, surge o tema do arrependimento e do perdão divino – como diz a letra cantada pelo ator que representa o filho pródigo:

*“Pai, imperfeito sei que sou, pois pequei, culpado estou, mas desejo te adorar
pai, mesmo um grande pecador, quando sente teu amor, quer pra sempre te adorar
quero te contemplar, quero sentir tua presença
em minha vida tu és tudo que preciso ter
quero te conhecer melhor, te compreender
quero sentir teu amor em mim crescer”*

Essa música é cantada enquanto se desenvolve a seguinte cena: primeiro, o jovem anda por uma estrada de terra, mal vestido, e depois, como num flash-back, ele está na cidade grande, caracterizada pela grandiosidade de suas construções, pelo ritmo frenético do trânsito e das pessoas (destaca-se uma cena em que um homem pede uma informação a uma mulher e ela o despreza). Em seguida, como num sonho, o rapaz, vestido com roupas brancas, atravessa uma porta (*“deixo uma porta atrás de mim”*, diz um verso da canção) e se dirige para um campo verdejante. Vislumbra uma igreja, entra nela e senta-se num banco, com a Bíblia na mão. Olha para o alto e folheia a Bíblia, em sinal de reverência e depois se levanta. E retorna a imagem do rapaz na trilha de terra.

Deste modo, seguindo um lugar-comum de representações, a cidade é o lugar da impessoalidade e da frieza, contrapondo-se a casa. Já a entrada na igreja é lenta mas confiante, e a porta por onde o filho pródigo entra é iluminada. A igreja é retratada como o local da conversão, do encontro com o sagrado, da paz interior.

No vídeo, o apresentador, reverendo Celsino Gama, conclui que a natureza do evangelho é o perdão e o amor. Durante vinte séculos ele vem oferecendo a graça e o perdão do senhor, mas mesmo entre os cristãos mais fervorosos, segundo Gama, é difícil aceitá-los. A razão é porque ela parece fácil e descomplicada demais para ser verdade, pois *“na nossa sociedade tudo tem um preço”*. É possível aceitar essa graça sem oferecer nada em troca, mesmo nos erros mais grosseiros. Por fim, a parábola é interrompida abruptamente, significando que a porta continuaria aberta para o perdão.

O tema do perdão como graça concedida por Deus é característica do protestantismo histórico. Um produto do CAVE também abordou esse tema: trata-se do diafilme *“A Ponte de Deus”*, em que as boas obras humanas de nada adiantariam para se alcançar a Deus, mas somente Deus poderia alcançar os homens e conceder-lhes o perdão :

“Não que essas tábuas [para se construir a ponte. Isto é, as boas obras, os 10 mandamentos, ser membro de uma igreja] não sejam boas. Elas são boas, mas não para serem usadas pelo homem como ponte para Deus (...) há outra coisa que ele pode poderá também fazer: pôr-se de joelhos e pedir perdão ao seu Pai reconhecendo o seu grande pecado de ter usado aquelas tábuas sem valor com ponte para voltar ao seu lar” (Wolf c.1960-1970 – A Ponte de Deus)

O termo “graça” adquire no calvinismo o sentido de algo proveniente da Providência Divina, e é com esse sentido que ele surge repetidas vezes no discurso da LPC, e mais discretamente no discurso do CAVE. É um detalhe que aparentemente não faria diferença aos olhos leigos, pois “graça” é um vocábulo do cristianismo e significa algo dispensado por Deus aos homens, porém, no protestantismo histórico de raiz calvinista, ele está ligado à característica fundamental que o distancia do catolicismo: a justificação pela fé.

Para se obter a graça não são necessárias obras, mas ela começa a partir do momento em que se ouve a Palavra de Deus, segundo o calvinismo. Mais que isso, é necessário estar preparado para ouvir e deixar que a palavra “entre no coração” do ser humano, como diz a letra de uma canção pertencente à outra vinheta, em que uma menina canta em meio a um campo florido: “*cai a chuva sobre o mau e o bom/assim é a graça do eterno Deus/ e só alguns se lembram de agradecer/ só alguns conseguem compreender*”.

Somente duas vinhetas fazem menção a igrejas: uma à Igreja Presbiteriana do Brasil e outra à Igreja Cristiana Reformada. A vinheta da IPB retrata uma mulher idosa doente na cama, sofrendo, sendo confortada por seu marido à noite. Enquanto isso, há uma música que diz: “*quero abrir meu coração, ó Deus da minha vida/escuta minha oração, um tanto repetida/derrama o óleo do perdão/a graça para esse dia/ e faz valer o teu amor/lá onde a dor valia*”. Após confortar sua esposa no quarto, o marido dirige à sala e senta-se à mesa, de frente para uma Bíblia aberta, em posição de oração. Enquanto isso o dia amanhece, e o homem retorna ao quarto – e vê sua esposa sorrir, dando sinal de melhora. Por fim, aparece no canto da tela o logotipo da IPB, com os dizeres da igreja. Símbolos como a sobriedade (no cenário, na expressão dos atores), a Bíblia aberta, a postura de meditação estão contidos nessa vinheta, formado uma imagem discreta da igreja.

Já a vinheta da Igreja Cristiana Reformada faz uma comparação (feita por uma narração em *off*) entre dois tipos de luz: a que brilha mas se desfaz sem deixar rastro (simbolizada por um sinaleiro) e uma luz que ajuda a iluminar o mundo (representada por uma vela, que acende outras). “*Cristo é a luz do mundo. Você pode viver a vida pelas aparências, impetuosamente, veementemente; ou pode ser uma luz fulgurante, ser um guia para os demais*” – e finalmente, aparecem os dizeres da igreja. Igualmente discreto, atende à tradição denominacional de que nenhuma igreja é melhor do que a outra, e ambas são apenas um dos vários caminhos a se chegar a Deus. Pelo menos é o que se deduz das vinhetas, mas outro produto da LPC coloca em dúvida essa afirmação.

Se o perdão e a paz interior são concedidos por Deus, de preferência em um espaço sagrado como a igreja, não é em qualquer denominação em que se pode confiar, segundo a LPC e a IPB, pois há uma ameaça que vem assombrando a “verdadeira fé cristã”.

“Ameaça” neopentecostal

Um estudo amplo sobre o protestantismo nacional encontra-se na tese de doutoramento de Paul Freston (1993), que trata especialmente da participação política dos pentecostais, no período entre a Assembléia Constituinte e o *Impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello (1985-1992). Fornece, contudo, uma reflexão significativa sobre as denominações, articulando sua inserção e seu desenvolvimento históricos ao seu envolvimento na política ao longo desse século.

Seus pressupostos são que, longe de um estancamento histórico, o protestantismo – ou os protestantismos – mostrou um grande dinamismo na sociedade brasileira, alcançando não somente uma significativa expansão numérica, por conta do pentecostalismo de terceira onda (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça), mas também pela sua presença cada vez mais influente em diversos setores da sociedade – como a política e a mídia. No que se refere à Igreja Presbiteriana do Brasil, Freston aponta que o regime conservador do passado favoreceu o isolamento em relação à sociedade brasileira, pouco lembrando o surpreendente crescimento e florescimento do fim do século XIX (Freston 1993 : 56-58).

Há mudanças, contudo, no campo presbiteriano. Tavares Neto e Freston identificam um processo de pentecostalização (ou carismatização) dentro do protestantismo histórico (Freston 1993 : 113-121; Tavares 1997 : 126-129), que são

responsáveis por uma renovação desse grupo, a despeito das rígidas estruturas internas, especialmente no caso da IPB¹⁶.

O pentecostalismo, movimento que enfatiza o batismo do Espírito Santo nos seus cultos, teria crescido por conta de protestantes históricos dissidentes¹⁷. O presente projeto não visa estudar o pentecostalismo, mas reconhece que ele (na sua versão mais atual, denominada neopentecostalismo, ou pentecostalismo autônomo), mais as entidades para-elesiásticas (Freston 1993 : 122-134, Tavares 1997 : 121), exerceram uma grande influência nos protestantes históricos, ao propor o cultivo de sensibilidades e de práticas não muito correntes dentro das igrejas tradicionais¹⁸, mas principalmente por reafirmar a tradição denominacionalista, isto é, de autonomia de ação dentro do espectro protestante. Tavares Neto, por sua vez, aponta a presença religiosa neopentecostal na televisão como uma das maiores influências sobre as mudanças de postura entre os presbiterianos (Tavares 1997: 121, 125-128), ainda que procurando manter uma diferenciação em relação aos pentecostais.

Há uma grande discussão sobre a classificação das diferentes igrejas denominadas pentecostais, e qualquer comparação entre protestantismo histórico e pentecostalismo ou neopentecostalismo implica o confronto de duas identidades. Há o grande risco de esse tipo de comparação incorrer em erros metodológicos, como a adesão a um apenas um discurso (*protestantismo histórico vs. pentecostalismo*, e vice-versa, por exemplo). Assim, como consideramos que as identidades religiosas fazem parte de representações elaboradas dentro e fora dos grupos religiosos, adotamos o seguinte parâmetro: a comparação entre o presbiterianismo – representando parte do protestantismo histórico – e a Igreja Universal do Reino de Deus, baseado no estudo feito por Leonildo Silveira Campos.

¹⁶ C.f. Giesbrecht (2002), que faz uma análise antropológica e etnográfica sobre a transformação da Igreja Presbiteriana do Brasil em Campinas/SP a partir da década de 80.

¹⁷ C.f. Mariano (1995), Antoniazzi et al (1994), Rolim (1985).

¹⁴ Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonep), Mocidade para Cristo, Sepal, Visão Mundial, Aliança Bíblica Universitária (ABU), Associação Evangélica Brasileira (AEVB), entre muitas outras, são exemplos de para-elesiásticas, de orientações variadas, não se constituindo apenas uma forma de influência da Nova Direita Cristã americana (Freston 1993 : 119-134).

“Em todos os modelos construídos, a Igreja Universal do Reino de Deus, como parece ser óbvio a todos, é classificada como uma igreja ‘neopentecostal’. Preferimos considerá-la também como um pentecostalismo tardio, cuja especificidade está justamente em adequar a sua mensagem às necessidades e desejos de um determinado público. Trata-se de uma igreja que atua dentro de um quadro de pluralismo religioso, cuja estratégia é localizar nichos de pessoas insatisfeitas, provocando nelas estímulos diferentes a fim de atraí-las para novas experiências religiosas” (Campos 1997 : 52).

Não se trata de criar um dualismo, em que o protestantismo histórico é uma força conservadora e o neopentecostalismo iurdiano, uma força dinâmica de renovação. Esse dualismo faz parte do discurso da LPC, mas a sua existência indica que estaria ocorrendo uma interpenetração dos dois campos culturais.

O impacto da influência pentecostal – inclusive de igrejas antigas – no protestantismo histórico não é recente, embora a discussão acadêmica seja. Ele estaria ocorrendo desde os anos 60 do século XX, e vem se acentuando a partir dos anos 80 e 90, tanto que *“o especialista em comunicação Quentin J. Schultze (in Daniel R. Miller, 1994 : 66), ao perguntar se a melhor titulação do famoso livro de David Stoll (1990), Is Latin América Turning Protestant?, não seria “Is Latin América Turning Pentecostal?”. Na mesma linha de argumentação, Donald Dayton (1998:401) escreveu que, atualmente ‘os evangélicos (históricos) devem considerar-se como subgrupo dos pentecostais e não o contrário”* (Campos 1997: 32).

Muito da caracterização dos pentecostais emergiu desse impacto, pois alguns teóricos do protestantismo eram protestantes históricos, como Antônio Gouvêa Mendonça, que caracterizou de forma negativa os grupos pentecostais, em especial os mais novos, como a IURD. O dinamismo e a renovação do protestantismo histórico são considerados por muitos protestantes históricos como ameaça, ou como algo muito suspeito, no mínimo.

Essa atitude de suspeita em relação aos neopentecostais pode ser observada no vídeo *Seu Casamento Pode Ser Melhor – vol.2* (1995), em cujo primeiro bloco – *Deus por Testemunha* – é discutida a relação que a família pode ter com Deus e a igreja. Um primeiro aspecto a ser notado é sobre a concepção de igreja: no início do programa,

Gama se refere à verdadeira igreja de Cristo aos que seguem Jesus (que vem a ser a concepção calvinista de igreja invisível¹⁹). Porém, ao fazer essas perguntas, não se sabe a qual tipo de igreja ele se refere: a invisível ou a visível, representação imperfeita da igreja invisível na terra, que significaria tanto a comunhão dos fiéis na terra como as igrejas institucionais. A impressão que se passa é a da igreja institucional, como se verá na próxima pergunta.

Gama indaga também se, com tanta igreja por aí, como saber se uma igreja é cristã, *realmente séria* (grifo nosso)? Três pessoas responderam - aparentemente frequentadoras de alguma igreja evangélica, mas sem que isso pudesse ser identificado: a primeira diz que “a igreja séria é que segue somente a Cristo”. A segunda diz que “isso é um problema, pois hoje em dia muitas igrejas estão usando o nome de Jesus Cristo de forma muito ruim e, para se evitar esse engano, é necessário ver o dirigente dessa igreja”. Por fim, a terceira resposta afirma que “a verdadeira igreja é a igreja do Senhor Jesus Cristo, que ele virá buscar, e que não existe nenhuma igreja – na verdade somos nós que aceitamos Cristo e nós que formaremos o corpo de Jesus um dia”.

É bastante emblemática essa passagem, pois faz uma distinção entre igrejas que são válidas e que não são válidas, mas não há o ataque direto a nenhuma igreja. Contudo, há a afirmação de muitas igrejas não são sérias e seria necessário avaliar o dirigente dessa igreja.

Nos tempos do CAVE o importante era combater o preconceito contra os crentes:

“São inúmeros os que possuem verdadeiro pavor de ‘protestantes’ e que não ousariam, nem por curiosidade, assistir a um culto ao ar livre ou ler um livro de fundo evangélico, essas pessoas podem entrar em contato indireto com a igreja se usarmos os jornais e as revistas seculares. É uma forma eficiente para dissiparmos o medo e as dúvidas a respeito da igreja protestante”

¹⁹ “A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um corpo só sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas” – **Confissão de Fé de Westminster**, Capítulo XXV – “Da Igreja”, p.23 (retirado do site Textos da Reforma– www.textosdareforma.net).

(Publicidade, meio de evangelização, c. anos 50, p.4 – documento sobre uso de diversos meios de comunicação para evangelização).

Atualmente, trinta anos após o fechamento do CAVE, uma das preocupações dos protestantes históricos é esclarecer que os reformados, como evangélicos, não são iguais aos neopentecostais, que também se denominam evangélicos, estabelecendo uma diferenciação teológica que incidiriam sobre as práticas cotidianas e morais.

Vida cristã : Trabalho

Um aspecto bastante associado à ética protestante calvinista é a valorização do trabalho aliado a um modo de vida comedido. Ainda que essa tenha sido uma idéia difundida pelos puritanos ingleses no século XVII, que migraram para os Estados Unidos, ela permaneceu na construção da identidade desse país e na argumentação de sociólogos como Max Weber (1988). A possível validade ou não desse conceito não se discute aqui, pois se lançou mão desde o início o conceito de representação para analisar os produtos da LPC. Entretanto, não é de se estranhar a abordagem do tema do trabalho nesse conjunto documental, ainda mais em uma época em que a falta de trabalho no Brasil é uma realidade crescente.

No vídeo *Seu Casamento Pode Ser Melhor – vol.2* (1995), o trabalho é retratado como vital para a sobrevivência, dignidade e integridade, não importando onde é feito. Envolve criatividade, que é um legado que se passa para os filhos. Quem passa pela experiência do desemprego aprende a valorizar a estabilidade do trabalho, e quem não trabalha, atrapalha os outros: *“Quem não quer trabalhar não coma. Alguns vivem preguiçosos, não fazem nada e se metem na vida dos outros”* (2 Ts. 3:10-11).

Transformações exteriores afetam o casamento, como mudança de emprego ou cidade, cursos de aperfeiçoamento, criação dos filhos. A fadiga do trabalho pode roubar o tempo da vida matrimonial, por isso, o trabalho não deve competir com o casamento, mas deve ser um complemento, pois há tempo para as duas coisas.

Entende-se por trabalho, portanto, qualquer tipo de atividade transformadora que, não necessariamente dê um retorno financeiro (como o trabalho da dona-de-casa). E o verso bíblico citado acima deixa claro que o trabalho só pode ser positivo, enquanto a falta dele é negativa para a pessoa e para os que o cercam. Mas não em um contexto sócio-econômico em que o trabalho está cada vez mais escasso, a declaração “quem não quer trabalhar não coma” não soaria um tanto forte, já que na maioria das vezes o desempregado não trabalha porque não *podê*?

O fruto do trabalho, por sua vez, deve ser degustado com parcimônia. Para Gama, no terceiro bloco de *Seu Casamento Pode Ser Melhor – vol.2* (1995) - *Sabendo usar não vai faltar*, o verdadeiro cristão é desafiado a viver uma vida simples e financeiramente tranqüila, sem esnobismos, luxo e desperdício. O que importa não é a quantidade de bens que se possui mas o significado que eles adquirem e a maneira que se administra diante de Deus.

O cristão verdadeiro não faz trapaças nem oprime ninguém, nem perde o sono para acumular riquezas. Também não deseja ficar rico nem corre atrás de loteria e nem de dinheiro não ganho em trabalho honesto. Deve-se evitar a avareza e a ganância e ter consciência de que as pessoas, a paz e a vida eterna não se compram com dinheiro.

Deste modo, a administração correta dos bens e do dinheiro exige habilidades especiais, como demonstra a parábola de Cristo sobre o senhor que deu sua fortuna para três pessoas administrarem: a primeira guardou todo o dinheiro e, por isso, levou uma repreenda do dono: “Por isso você deveria ter depositado o meu dinheiro no banco e, quando eu voltasse, o receberia com juros” (*Mateus 25:27*).

Um conselho dado por Gama para se administrar bem o que se possui é anotar os gastos e saber para onde o dinheiro vai. Assim, uma maior estabilidade pode ser alcançada. Em um tempo de salários curtos e despesas enormes é preciso vencer o sentimento de competição e cobiça, e resistir à tentação da propaganda, pois a sua finalidade é criar necessidades, o que pode gerar dívidas. É preciso fazer distinção entre vontade e necessidade. Se o dinheiro é curto temos a obrigação de descartar o

supérfluo: “Não devam nada a ninguém. A única dívida que vocês devem ter é a de amar uns aos outros” (Rom. 13:8).

Gama prossegue, afirmando que a nossa vida é cheia de preocupação quanto ao futuro e poupar parece tarefa difícil. Jesus Cristo, porém, tirou a preocupação de nossos corações na parábola dos lírios do campo, em que nenhum pardal morre sem que Deus saiba e permita. Portanto, deve-se confiar na *providência divina* – uma ênfase calvinista, como foi visto acima.

Para Gama, viver de acordo com o que se ganha é um teste para a fé. O dinheiro não é um mal em si, mas é um meio para se chegar a um fim. Todos têm necessidades que precisam ser supridas e o dinheiro é um instrumento para que se leve uma vida cristã criativa. Entretanto, “*viemos para Terra nus e voltaremos nus, e o legado que deixamos é a boa provisão para nossos familiares e o bom uso de nossos bens está a serviço de Deus e da humanidade*”. Quando nos conscientizarmos que o dinheiro que se recebe é um tesouro dado por Deus, podemos ser objetivos no seu uso, para desfrutar do trabalho sem medo do futuro.

É interessante notar como uma mesma concepção sobre o dinheiro pode implicar resultados tão diferentes: trata-se da Teologia da Prosperidade, comumente associada aos neopentecostais. Para eles, o dinheiro também é um “tesouro” dado por Deus, e homem tem a obrigação de usá-lo de forma conveniente, o que significa dentre outras coisas saber multiplicar essa dádiva, “viver a vida em abundância”, como parte do desígnio de Deus para a humanidade – ser “sócio de Deus”, como afirma o bispo Edir Macedo (Campos 1997 : 367). No presente e na Terra, aqui e agora, sem se preocupar demais com um futuro além-túmulo.

No seu estudo sobre a influência que a Nova Era estaria exercendo sobre os evangélicos, Alexandre Brasil Fonseca (1998 : 4) admite que livros inspirados na Confissão Positiva, base da Teologia da Prosperidade, vêm sendo cada vez mais lidos por evangélicos, em especial os pentecostais:

“Essa vertente da Nova Era dedica-se à pregação e ao incentivo da prosperidade financeira. Como aponta a fala de um de seus teóricos citado por [Paul] Heelas: ‘Ter uma consciência de prosperidade permite que você atue com facilidade e sem esforço no mundo material. O mundo material é o mundo de Deus, e você é Deus sendo você. Se você está experimentando prazer, liberdade e abundância na sua vida, então você está exprimindo sua verdadeira natureza espiritual. E quanto mais espiritual você se torna, mais prosperidade você merece’” (Phil Laut apud Heelas 1996 : 21).

Não se pode esquecer que em uma igreja como a IURD, a prática dessa teologia implica a oferta do dízimo para a igreja, dentro de uma lógica de que *“as ofertas materiais ou em dinheiro movem obstáculos entre o ser humano e a divindade”* (Campos 1997 : 369). É uma “submissão” que o homem aplicaria a Deus, algo inimaginável na teologia calvinista, em que Deus é soberano sobre todas as suas criações. Por isso, a prática da oferta só pode ser mal vista pelos presbiterianos, que justamente declaram no seu plano estratégico que uma das “ameaças” à Igreja Presbiteriana do Brasil e à sociedade é o *“preconceito contra os evangélicos por causa de formas heterodoxas de captação de recursos financeiros em algumas comunidades evangélicas”* (Planejamento Estratégico da IPB 1998).

CONCLUSÃO

A mensagem da LPC é teologicamente vinculada a uma tradição que procura ao mesmo tempo atingir a um público maior do que sua própria membresia, mas sem se descaracterizar. Por outro lado, essa tradição busca desvincular-se de uma imagem por demais sisuda, dos tempos “fundamentalistas” e também de uma ameaça “neopentecostal”, que ultimamente vêm aproximando protestantes e pentecostais sob o rótulo de “evangélicos”.

Algumas questões podem ser levantadas a partir do material analisado: qual a especificidade desses programas presbiterianos em relação à programação religiosa da

televisão brasileira? Qual a relação entre a vida cotidiana brasileira e os programas de LPC? Quem assiste a esses programas? Qual o seu IBOPE²⁰?

A questão da especificidade de um programa de televisão é sempre relativa. O formato dos programas *Cada Dia* e *La Vida Ahora* pode ser encontrado em todos os canais abertos e pagos, servindo a diversos propósitos. É um misto de jornalístico com entrevistas, em que um apresentador comanda a discussão de um assunto atrás de uma bancada e de um telão.

A repetição de formatos confere a tônica da programação da televisão desde que ela foi implantada no Brasil em 1951. Assim, é de se perguntar o que diferenciaria um programa de outro? O conteúdo, e mesmo as pessoas envolvidas na sua apresentação, pois a televisão é um espaço privilegiado para a personalização de produtos. O exemplo clássico é o formato de programas de entrevista que imitam uma sala de estar, como o programa da apresentadora Hebe Camargo, em exibição desde a década de 60.

Assim, os programas *Cada Dia* e *La Vida Ahora* teriam como especificidade uma mensagem não denominacional, isto é, não estariam divulgando nenhuma igreja, mas não estariam abandonando seu trabalho proselitista, ao trazer um convite aos telespectadores para “*aceitar Jesus como Salvador*”. Celsino Gama, Guilherme Serrano e sua equipe procuram expor através de diversos temas, como as pessoas podem e devem agir conforme a vontade de Deus, segundo a Bíblia.

Dessa forma, não ocorre uma propaganda de uma igreja, mas ocorre a propaganda da mensagem cristã, formulada por agentes pertencentes a igrejas reformadas. Ainda que eles apelem para conceitos como a graça divina e a justificação pela fé, a forma de divulgação da mensagem segue a um padrão teológico fundamentado pelo protestantismo de missão, que procura convencer o ouvinte de seus pecados, despertando a vontade de arrependimento e a aceitação de Cristo como salvador.

²⁰ Adaptação de perguntas feitas no parecer da FAPESP no início da pesquisa.

Essa seria a especificidade dos programas *Cada Dia* e *La Vida Ahora* – o apelo a uma graça gratuita. Com o surgimento de programas de grupos neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Renascer em Cristo, a graça divina – não somente o perdão, mas promessas de prosperidade e de cura divina – é conquistada por ofertas e dízimos, o que Leonildo Silveira Campos denominou de “*novas graças e novos sacramentos*” (Campos 1997 : 79-90). Portanto, programas como os da LPC, que não pedem ofertas em dinheiro, podem ser considerados um diferencial.

Quanto à relação entre a vida cotidiana brasileira e a programação presbiteriana, de certa forma, todos os programas analisados partem de problemas e de situações existentes no cotidiano latino-americano: a questão da “salvação nacional”, o problema da depressão, o trabalho e o cotidiano do casamento, por exemplo.

Como se viu na análise de cada um deles, tanto Celsino Gama quanto Guilherme Serrano partem da discussão do tema para dar um encaminhamento salvífico e bíblico. A referência freqüente a passagens da Bíblia é uma forma de referendo, como se essa fosse a forma correta para que cristãos e não-cristãos pensem e ajam. Assim, o que procuramos mostrar não são tanto as situações de cotidiano presente nos programas mas a maneira como essas situações são apropriadas no discurso da LPC. No campo da construção de sentido por meio das representações, o “real” é sempre um dado construído historicamente conforme o prisma de quem se apropria dele.

No caso do VHS *Seu Casamento Pode Ser Melhor - vol.2*, a que situação ele se remete²¹? À realidade da família nuclear “burguesa”, composta pelo pai (chefe de família), pela mãe (obediente ao marido e zelosa de sua função de esposa e mãe) e pelos filhos. É o único tipo de família que se encontra na realidade brasileira? O último censo mostrou que muitas famílias são chefiadas por mulheres solteiras, divorciadas e viúvas. Por sua vez, casais homossexuais vêm reivindicando o direito de adotar crianças. Embora o VHS tente retratar homem e mulher com igualdade de atribuições,

a “realidade” a qual ele se dirige é uma representação de um ideal sobre a família, que não se aplica a todos.

Quanto à questão da audiência e do IBOPE, não há dados disponíveis nem de um nem de outro. O fato é que os programas de LPC, sejam de TV ou de rádio – possuem uma inserção instável e intermitente. Durante 10 anos, a Rede Bandeirantes de Televisão transmitiu o *Cada Dia*, mas há alguns anos, desde a década de 90, que essa exposição nacional não ocorre, muito por causa do preço cobrado na compra de horários na TV brasileira. Ultimamente, o *Cada Dia* vem sendo transmitido diariamente, das 17:55h às 18:00h, no canal comunitário Fênix, da Net Campinas.

Muito já se divulgou que o público dos programas religiosos é composto por pessoas mais idosas, na sua maioria mulheres, de baixa renda e escolaridade, dado também ao horário a que esses programas são relegados – o “horário morto”, de madrugada, em que o preço do espaço televisivo é mais barato. Por sua vez, esse é o horário em que insones e solitários costumam encontrar na televisão um dos poucos passatempos, o que os torna um alvo em potencial da pregação evangélica²².

Há muito que se questionar neste âmbito da audiência, mas no nosso trabalho escolhemos enfatizar o lado da produção de mensagem, não só por se tratar de um estudo de caso, o que facilitaria a análise das mensagens produzidas por diversos meios, mas também porque um estudo da recepção exige um aparato e um tempo que somente uma pesquisa de maior fôlego poderia oferecer.

Quanto ao IBOPE, a LPC não realiza pesquisas sobre o perfil e a quantidade da audiência, nem os programas da LPC são citados em pesquisas de IBOPE, por conta de sua difícil inserção. Assim, o seu IBOPE seria “traço” perto de “hits”, como os *reality shows* ou novelas globais. Há, porém, diversos programas que persistem na TV e

²¹ Preferimos não explorar a temática do casamento nesse capítulo, pois dedicamos o quarto capítulo da dissertação (“Literatura Para As Famílias Piedosas” – pp. 155-214) para análise da literatura sobre vida cristã relacionada a família, sexualidade e casamento.

²² Nos últimos cinco anos, esse conceito de “horário morto” vem se modificando, pois algumas igrejas aproveitam emissoras com dificuldades financeiras para comprar espaços em horário nobre, como fez a Igreja Internacional da Graça em relação à Rede Bandeirantes, que transmite seu programa (“Show da Fé”) das 20h30 às 21h30. Sem contar os canais em UHF (Rede Gospel, da Igreja Renascer em Cristo) e canais a cabo (Rede Família e Rede Mulher – IURD).

dão pouca audiência, como quase toda a grade da Rede Cultura de São Paulo, justamente uma empresa sem fins lucrativos.

Em que implica a questão da audiência no nosso trabalho? Como não trabalhamos com recepção, ela não influi muito na nossa análise. Por outro lado, lidamos com um formato de programa que, apesar de ser muito comum, não exerce tanta atração quanto outros programas religiosos, como os da Igreja Universal do Reino de Deus.

Nos programas da IURD, a audiência faz parte da elaboração do programa, no caso dos formatos gravados ao vivo no estúdio da Rede Record, em que um pastor atende telefonemas. Leonildo S. Campos (1997 : 297-326) mostrou como a IURD constrói sua retórica por meio dos depoimentos dos ouvintes e telespectadores, identificando as necessidades das pessoas e oferecendo soluções nos seus templos.

Já o *Cada Dia* e o *La Vida Ahora* não prescindem da audiência para formular sua retórica. Seus produtores oferecem uma única solução para todos os tipos de problemas – Cristo – e um só caminho para chegar até ele – o arrependimento. Essa concepção mais “fechada” que faz parte da lógica dos programas atrairia um menor número de pessoas do que programas que suscitam emoções e apelam para o envolvimento do telespectador. Teoricamente, portanto, a audiência dos programas da LPC tenderia a ser baixa, se comparada com altos índices de programas seculares de sucesso e mesmo a índices modestos de programas religiosos. Ainda assim, há controvérsias quanto à medição de audiência, já que são números utilizados para fins mercadológicos.

Como já foi dito acima, a LPC não se preocupa com a medição de audiência, o que implica uma concepção que, longe de ser desinteressada, visa a uma lógica: a de atrair somente quem estiver preparado para ouvir e entender a mensagem cristã. Precisar da mensagem cristã, na visão teológica cristã, todo mundo precisa, mas no caso da tradição protestante reformada, a conversão não ocorre de uma hora para outra; é mais um processo.

O apelo às massas é atraente para qualquer igreja, mas na visão protestante reformada, isso esconde o perigo da corrupção da mensagem. Agradar a todos significaria subjugar Deus às vontades de todos. A diferenciação que se pretende fazer em relação a igrejas mais populares, como a IURD, é latente na prática e no discurso dessa produtora presbiteriana.

Outro fato que corrobora a suposta baixa audiência é a própria dificuldade de inserção no mercado televisivo, decorrente dos modestos recursos financeiros disponíveis. Em se tratando de uma empresa sem fins lucrativos sustentada por duas igrejas, ela possui bons equipamentos e uma sede bastante espaçosa, que acaba de ser reformada e ampliada. Mas o custo de se manter programas na TV é alto demais para os padrões de uma empresa como esta.

CAPÍTULO 2

A FÉ É PELO OUVIR – PRODUÇÃO RADIOFÔNICA

Rádio e evangelismo protestante formam uma combinação antiga – poucos anos após a primeira transmissão de rádio, em 1909, feita por Guilherme Marconi, igrejas protestantes norte-americanas começaram a comprar horários para fazer sua evangelização. Em 1924, uma pastora, Aimee MacPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, já possuía sua própria emissora (Campos 1997 : 266).

Assim como a tecnologia da rádio-transmissão se irradiou por todo o continente americano na primeira metade do século XX, já na década de 30 eram feitas as primeiras transmissões evangélicas na América Latina. No Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia encarregou-se de trazer o primeiro programa radiofônico evangélico – a *Voz da Profecia*, em 1943. Desse momento em diante, o evangelismo nunca mais sairia do *dial* brasileiro.

Por ser um veículo relativamente barato (tanto o aparelho quanto a tecnologia), com um grande alcance e um grande potencial de retorno, o rádio sempre foi aliado poderoso da mídia evangélica.

Seguindo esse princípio, o CAVE esmerou-se em produzir programas radiofônicos para serem vendidos para todos o país. Em meio a sua prolífica produção, o CAVE lançava em 1969 um programa radiofônico bastante inusitado, misturando tradição sertaneja, informações agrícolas, efemérides e evangelização. Tratava-se de *Nosso Almanaque do Ar*, inspirado no *Nosso Almanaque*, lançado no final dos anos 60. A publicação, voltada para o público sertanejo e para migrantes de origem sertaneja, foi idealizada por um pastor missionário presbiteriano, baseado em sua experiência no sertão de Goiás. Dois anos depois, o CAVE decreta falência, mas o programa continua a ser vendido até 1973 para diversas emissoras do Sudeste do país.

Trinta anos depois, em 1999, a empresa *Luz Para O Caminho Comunicações* lança um programa denominado *Coração Caboclo*, que mistura música sertaneja antiga e

recente, dicas sobre saúde, quadros de humor com dois sertanejos, e breves reflexões de um pastor presbiteriano.

Ao que tudo indica, foi uma grande coincidência dois programas de formato semelhante serem produzidos por denominações protestantes históricas com um intervalo de trinta anos (1969-1999). Algumas circunstâncias históricas aproximam o *Nosso Almanaque do Ar do Coração Caboclo*, assim como explicam algumas diferenças cruciais entre eles. Por isso, partiremos para uma análise separada dos dois programas, para depois compará-los num panorama geral.

1. NOSSO ALMANAQUE DO AR

O programa *Nosso Almanaque Do Ar* foi inspirado no *Nosso Almanaque*, uma publicação da Livraria Cristã Unida, contando com a colaboração de diversas pessoas ligadas a Igrejas protestantes tradicionais²³. Foi criado com o objetivo de dar um sentido cristão à vida cotidiana dos habitantes de zonas rurais, cidades pequenas e bairros periféricos de grandes cidades, assim como o programa de rádio depois definiu seu público-alvo. Dentro os colaboradores, há pessoas ligadas a igrejas protestantes tradicionais, como Jaime Wright, Joás Dias de Araújo e Ricardo Irwin; e entre os desenhistas está Alcídio Martins da Quinta, um dos principais desenhistas do CAVE²⁴.

Um dos seus idealizadores foi o reverendo Ricardo Irwin, sensibilizado com a grande procura que os almanaques tinham entre a população do campo no sertão de Goiás, onde exerceu ministério nos anos 40 e 50. Inspirado no livro de Alceu Maynard

²³ Em Bellotti (2000) foi analisada a publicação do *Nosso Almanaque*, pois não havia disponíveis cópias do programa de rádio. Graças à Reserva Técnica da FAPESP da Bolsa de Mestrado, pudemos restaurar 60 cópias do programa, produzidas em 1969 e veiculadas até 1973, o que acrescentou informações ao que foi analisado anteriormente. Manteremos as conclusões sobre o Almanaque a título de comparação com próximo programa, *Coração Caboclo*, pois a análise da publicação foi muito útil, já que o programa de rádio preservou muito da publicação.

²⁴ A lista completa dos colaboradores é: Autores – Benjamim Alves Ferreira, David Hostetler, Eileen Stark, Giolda Shimizu, Jaime Wright, Joás Dias de Araújo, Mylenn Negrão Fazzio, Osvaldo Hack, Ricardo Irwin, Rita Preddice, Roberto Lodwick, Sebastião Rodrigues dos Santos, Severino Francisco da Silva, Suzana Azevedo Meyer. Desenhistas: Alcídio Martins da Quinta, Miti Hoshino, Rogério Perkins, Fotógrafo: Guilherme Garrison. (p.2)

Araújo²⁵, *Festas, Bailados, Mitos e Lendas* (s/d) sobre folclore e tradição popular, levou adiante a idéia de criar um almanaque que aproveitasse esses elementos populares para transmitir uma visão cristã da vida, aproveitando inclusive a formação católica dessa população²⁶.

No programa de rádio, havia uma dupla sertaneja, Quebramor e Collina, que trouxe ao rádio uma sonoridade que antes era mais restrita ao público rural. Seu Justino, o filósofo do sertão, homem letrado que costuma ler o Almanaque para a parcela analfabeta, dialoga com o locutor Vidal Ramos, o homem da cidade. São personagens que transpõem em ondas sonoras um pouco do que o livreto trazia por escrito e por figuras.

A estrutura do programa era a seguinte: apresentação do programa por Vidal Ramos, abertura com uma música (curta, de no máximo quatro ou cinco versos) cantada pela dupla, o conteúdo do programa, uma conversa entre Vidal Ramos e seu Justino, e o encerramento com outra música curta da dupla sertaneja.

Com o “Nosso Almanaque” de 1969 pode-se trabalhar diversas questões. O principal, já mencionado, é que seus autores se preocuparam em respeitar as tradições sertanejas, ao mesmo tempo em que se vislumbra um processo histórico de êxodo rural, acentuado justamente nas décadas de 40 à 70.

O trecho referente ao dia 09.05.1969 é um exemplo disso:

“O poeta Ascenso Ferreira, nascido neste dia em 1895, em Pernambuco dos Palmares, escrevia como o homem do povo, que era (...) Sentimos a cor , a música, o sabor de uma vida brasileira, que está sendo destruída pela grande e desumana cidade, pela influência do rádio e da televisão. Ascenso Ferreira nos dá saudade daquele modo de vida mais simples, mais puro, sem complicações” (Nosso Almanaque 1969 : 64).

Há, portanto, a percepção do fenômeno de urbanização, o que não implica a superação da cultura popular rural. Os meios de comunicação concentram-se nas

²⁵ Esse autor também era presbiteriano.

²⁶ C.f. Meyer (2001) sobre a história dos almanaques, do século XIX ao XX.

idades, mas as referências rurais ainda prevaleciam em muitos lugares, por isso, não deveriam ser ignoradas e, sim, levadas em conta.

Nesse trecho há uma certa exaltação saudosista, que contraporia os autores do Almanaque ao uso dos meios de comunicação de massa, mas se sabe que alguns colaboradores tinham participação ativa nesses meios – como o próprio reverendo Ricardo Irwin.

O importante é notar que em nenhum momento a cultura popular rural é tratada como atrasada, como algo a ser superado, e sim como algo a ser melhorado pelos progressos da ciência, da educação, da informação. Além disso, ela é considerada uma fonte de ensinamentos muito rica não somente para a população sertaneja mas também para o povo da cidade. Uma ponte entre esse conhecimento popular e um conhecimento mais “esclarecido” é feito pelo personagem recorrente ao almanaque, o “seu Justino”, que foi transposto para o rádio. Intitulado “*filósofo sertanejo*” no cartaz de divulgação de programa, e na apresentação feito pelo locutor Vidal Ramos, representa a pessoa alfabetizada e culta que lê o almanaque para um grupo, conforme um costume corrente descrito pelo reverendo Irwin.

Os protestantes possuiriam, segundo “seu Justino”, conhecimentos para desenvolver humanamente a área rural, como mostra a história de João Frederico Oberlin, o criador do Almanaque cristão (Nosso Almanaque 1969 : 41-42). Pastor missionário em um vilarejo pobre da França, publicou um Almanaque disposto a desfazer a ignorância do povo iletrado, trazendo-lhe esclarecimento sobre nomes e personalidades históricas, além de orientação sobre agricultura. Organizador também do sistema educacional do lugar, valorizou o Jardim de Infância. Era um missionário profundamente envolvido com a vida local daquele vilarejo, procurando soluções para as dificuldades da época.

“Oberlin, o pregador do ecumenismo e fraternidade cristã numa época em que só existia ódio entre católicos romanos e protestantes (...) o que o Brasil rural precisa é de líderes cristãos como João Frederico Oberlin. Ele dedicou sua vida todinha aos humildes moradores de Ban-de-la-Roche, sem ter as vistas voltadas para o melhor ordenado e o conforto da cidade (...) Mas afinal de contas

é só Deus que é capaz de preparar e nos enviar homens como Oberlin!” (Nosso Almanaque 1969:42).

Ao assumir esse papel aconselhador, o Almanaque aproxima-se do público sertanejo para alertar para o problema do “Mal de Sete Dias”, ou seja, o problema do tétano nos recém-nascidos. Conta a história passada na Clínica do Alto da Serra, em que se comemoraria a “Festa do Bebê Sadio”. Dentre as gestantes e mães, uma traz seu recém-nascido com problema não diagnosticado até então – a enfermeira vê que é tétano contraído pelo mau costume de não se desinfetar adequadamente o umbigo do bebê. Assim, a história justifica porque se deve abandonar esse costume, pois é a causa da morte de muitos recém-nascidos. A menção ao trabalho de enfermagem também é feita no filme “*O Punhal*” (CAVE- 1958), que mostra, dentre várias coisas, o trabalho de assistência pré-natal e de visita periódica em casa por parte das enfermeiras do município de Wagner (BA).

Mesmo uma receita de pudim de mandioca oferece uma oportunidade de se ensinar sobre a importância de se cultivar bons hábitos alimentares²⁷. Maus “hábitos” culturais, por sua vez, também eram criticados, como crenças supersticiosas e “macumba”. No pequeno conto do “Barnabé Enfeitiçado”, o personagem título, um pequeno agricultor que acreditava estar enfeitiçado por uma “urucubaca” que lhe arruinava os negócios (*“Estou enfeitiçado. O senhor nem queira saber como o povo do sertão gosta de mandinga. Puseram urucubaca nos meus negócios que tudo foi por água abaixo”* – Nosso Almanaque 1969 : 129). Barnabé confidenciou seus problemas a um fazendeiro (a quem o sitiante chama de padrinho), que não acreditava na força dessas superstições, e creditava a causa dos problemas a outras coisas:

“O padrinho de Barnabé era cristão protestante e não cria em asneiras. Ele sabia que seu afilhado de casamento estava encafifado com macumba, e a superstição estava produzindo o azar,

²⁷ O cuidado com a alimentação, tema de um diafilme do CAVE, não recebe a mesma abordagem que os Adventistas do Sétimo Dia possuem – no caso, a pregação da restrição à carne. A ênfase é sempre no sentido de balancear os nutrientes, aproveitando os vegetais da época.

enquanto que o mal era outro. O que estava produzindo a má sorte era a falta de ânimo, a fome e o medo” (Nosso Almanaque 1969 : 130).

Assim, o fazendeiro empregou o sitiante em uma de suas propriedades e ajudou a restaurar as economias e a auto-estima da família. *“Hoje Barnabé não se sente mais enfeitado. Está livre da superstição. Vive do seu trabalho e confia inteiramente em Deus sem temer as forças do mal”* (Nosso Almanaque 1969 : 130).

Não se trata, portanto, do discurso muito comum entre os neopentecostais atualmente – a da crença e do combate nas forças do mal, do Diabo²⁸. É uma visão extremamente secularizada da vida, de suas sortes e infortúnios, sem ser desencantada de todo, pois a crença em Deus foi reforçada em Barnabé à medida que ele encontrou condições de lutar contra as adversidades por meio do esforço pessoal.

A superstição também é criticada no programa de 01.08²⁹, na saudação do mês que a dupla sertaneja Quebramor e Collina faz: *“é história dos que dizem que este mês é perigoso, creia em Deus e tenha fé, não seja supersticioso”*. No programa do dia 04.08, seu Justino explica que a crença de que agosto é o mês do desgosto veio com a morte do rei português D. Sebastião e a perda do território português para a Espanha, criando o sebastianismo, também presente em Canudos. *“A superstição se espalhou de um continente a outro – como o povo arranja jeito de se impressionar com o mal da superstição!”*.

Essa visão prática da vida, que privilegia a iniciativa individual e o trabalho, é característica intrínseca ao protestantismo desde sua origem, e o conto de Barnabé não chega a confrontar com o intuito de respeitar o substrato católico brasileiro expresso pelo Almanaque, pois há limites entre uma e outra religião. Ainda mais quando há uma referência sobre cultos afro-brasileiros, que são tolerados pelo catolicismo brasileiro, mas não encontram nenhuma compatibilidade com o protestantismo tradicional.

O combate a essas crenças afro-brasileiras, por outro lado, não foi levada para um plano espiritual – em nenhum momento essas crenças foram associadas ao Diabo

²⁸ Ricardo Mariano (1995) defende que a “guerra contra o Diabo” é uma das características fundamentais do neopentecostalismo brasileiro.

(algo que foi popularizado pelos neopentecostais), mas sim associadas a superstições, procurando mostrar como a influência da “macumba” depende mais de quem acredita nela do que de uma força superior

Interessante como é respeitado o substrato católico do imaginário e das práticas populares, o que faz parte do respeito à tradição local e também da visão ecumênica dos autores do Almanaque. Aproveitam-se alguns pontos de contato entre o catolicismo e o protestantismo para mostrar que o protestantismo não é algo estranho, mas pode estar muito próximo da vida e do pensamento do povo sertanejo. “*No ano atrasado (sic), aqui no Brasil Igreja Católica participou da celebração dos 450 anos da Reforma. Lutero não é mais o bicho papão, pois a própria Igreja Católica reconhece agora que Martinho Lutero tinha razão quando começou a criticar a corrupção que existia na Igreja (...)*” (Nosso Almanaque 1969 : 143 – referente ao dia 31.10).

Os autores do Almanaque não desqualificam a cultura popular e as festas em torno do catolicismo, porém, não deixam de intervir sutilmente, enfatizando o significado cristão das festas e das comemorações religiosas. No Carnaval, diz o poema de Joás Dias de Araújo:

*“Na festa do ‘adeus à carne’,
Brinca e pula o folião,
Mas essa alegria dá
Tristeza ao coração.
Muita gente arrependida
Busca de Deus o perdão
Pela falta cometida.
Se a festa não tem pecado
Se é tão boa e benfazeja
E não tem malícia alguma,
Que faz o povo na Igreja?
Para haver felicidade
É preciso alegria
Na vida do nosso povo,
Porém de maneira sadia”* (Nosso Almanaque 1969 : 22 – referente ao dia 18.02)

Na página que abre o mês de junho, sobre as festas juninas: “*antes estivesse acesa na memória e coração a mensagem com clareza que deixam [são] Pedro e [são] João*” (Nosso

²⁹ A referência aos programas será feita conforme os dias do mês a que se referem. Apesar de a produção ser original

Almanaque 1969 : 73). Já sobre Corpus Christi, uma data própria do calendário católico:

*“Para os evangélicos, tanto a festa como a doutrina festejada são inovações, e não fazem parte do ensino de Cristo e dos Apóstolos. Entendem que a Eucaristia ou ‘a Ceia do Senhor é o sacramento no qual dando-se ou recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Cristo, se anuncia a sua morte...aqueles que participam dignamente tornam-se, **não de maneira corporal e carnal, mas pela fé**³⁰, participantes do Seu corpo e do Seu sangue, com todas as Suas bênçãos para o seu alimento espiritual e crescimento em graça’ (O Breve Catecismo)”* (Nosso Almanaque 1969 : 76 – referente ao dia 05.06).

De forma clara a abordagem das festas católicas e/ou cristãs recebem uma ênfase no cultivo da fé e não somente no ato em si – que o ato surja de uma disposição interior. *“Novembro traz à lembrança – todos os Santos, Finados. Mas santos são os que foram pela Fé iluminados, conservando a esperança de serem glorificados”* (Nosso Almanaque 1969 : 145).

É o caso também da Festa da Candelária, relatada no programa de 02.02, o dia da purificação de Maria. Ao falar do costume judaico da purificação da mulher após dar à luz a um menino, seu Justino comenta que *“para Deus o que vale é o coração grato”*. E explica por que essa festa se chama Festa da Candelária na Igreja Católica, em que as velas são abençoadas (candela significa vela), resignificando a festa católica à luz dos valores protestantes:

“As velas são de cera, se derretem no ourinho, mas Jesus Cristo é a luz do mundo, só ele é capaz de dar a luz da fé; a luz de Cristo afugenta as trevas do mal e a cegueira dos vícios. As velas dentro da igreja lembram de Cristo a luz e que a nossa vida escura só tem sentido em Jesus” (programa de 02.02).

Outra “marca” que o protestantismo reserva para si é a referência à Bíblia, algo que não falta ao programa Nosso Almanaque.

de 1969, os programas foram transmitidos até 1973, o que nos impossibilita de fazer referência a dia, mês e ano.
³⁰ grifo original.

“Neste dia, em 1948 foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil. Hoje ela ocupa o segundo lugar mundial na distribuição da Palavra de Deus. Nenhuma pessoa pode se considerar letrada ou instruída, se ainda não leu a Bíblia. Qualquer versão pode – e deve – ser lida. Tanto a ‘Católica’ quanto a ‘Protestante’” (Nosso Almanaque 1969 : 78 – referente ao dia 12.06).

Incute-se a idéia de que os crentes não são um grupo separado, alienado da realidade, mas que são um grupo detentor de uma cultura própria flexível, que pode ser compartilhada com os não-crentes, não obstante suas especificidades:

*“O povo das igrejas evangélicas é conhecido como povo que gosta de cantar. E gosta mesmo de cantar os hinos de sua fé. Isso vem desde o princípio do protestantismo no Brasil. A primeira missionária evangélica em nossa terra, D. Sara Kalley, fez um hinário – **Salmos e Hinos**, que foi o primeiro em nossa Língua (...) O hinário mais querido no sertão e na cidade é este ‘Salmos e Hinos’, que tem popularidade”* (Nosso Almanaque 1969 : 152 – referente ao dia 17.11).

No programa de rádio há três referências à história do protestantismo: primeiro é a efeméride de um padre católico que escreveu hinos que foram cantados por protestantes. Vidal Ramos pergunta a seu Justino porque os hinos foram apreciados por protestantes, ao que ele responde: *“porque eles sabiam apreciar quando uma coisa era boa”*. Segundo é outra efeméride envolvendo o primeiro coral evangélico do Brasil, o Coro da Igreja Evangélica Fluminense, regido por D. Sara Kelley, *“ilustre missionária pioneira do protestantismo no Brasil!”*. Seu Justino comenta: *“no culto da igreja, a boa música bem cantada é importante tal qual é o sermão”*. É uma forma de apresentar a realidade protestante de forma agradável aos não protestantes. Terceiro, outra informação sobre os protestantes – a comemoração da fundação da primeira Igreja Luterana no Brasil, em 1824 – o grupo protestante mais numeroso do país nos anos 60 do século XX, segundo o programa.

O importante é viver segundo uma ética cristã que compreenda a tolerância de diversos tipos de crença e, principalmente, uma ação de colaboração entre as pessoas, uma forma de prática no mundo dos preceitos básicos do cristianismo: bondade,

caridade, doação. Ou seja, é uma espécie de Evangelho Social em que o teor político é suprimido - ao contrário do que ocorre com o denominado Movimento Ecumênico, estudado por Edin Sued Abumanssur (1991) - sem, contudo, desprezar por completo menções fortuitas sobre democracia e liberdade de pensamento.

Não foi somente a igreja protestante a ser retratada como capaz de lançar a iniciativas de ajuda direta a quem precisa, mas a Igreja Católica também é lembrada por isso, como uma referência implícita ao que ela estava fazendo na América Latina, com a Teologia da Libertação :

*“Nasce o Papa Paulo VI, em 1897, continuador da obra renovadora iniciada por João XXIII. A sua encíclica ou carta **Popolorum Progressio** - Desenvolvimento para os Povos – coloca a Igreja Católica ao lado daqueles que promovem reformas sociais e econômicas em benefício da coletividade” (Nosso Almanaque 1969 : 128 – referente ao dia 26.08).*

Vale lembrar que o reverendo Jaime Wright trabalhou durante nove anos em conjunto com D. Paulo Evaristo Arns na catedral da Sé na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo, e no projeto Brasil Nunca Mais, segundo o reverendo Ricardo Irwin, em depoimento dado em 15.01.2000 para nossa pesquisa.

O catolicismo é lembrado positivamente no programa de rádio com efemérides sobre o papa João XXIII, padres, e santos. Sobre o papa João XXIII, seu Justino comenta que em 03.06.1963 faleceu o querido papa João XXIII, o que foi

“sentido não só por católicos mas por protestantes, ortodoxos e todos os povos da terra. É porque o mundo viu em João XXIII um pastor cristão de verdade, ele influenciou na idéia do povo porque praticava o amor não fingido que Jesus Cristo ensinou (...) Este papa deu ao mundo lição de democracia, desejava ver os homens viver em paz e harmonia” (programa de 03.06).

Sobre santos, falou-se de são Brás, de santa Mônica, mãe de santo Agostinho, de são Bonifácio (para quem dedicou dois programas) e de são Francisco. Para seu Justino, *“vale a pena conhecer a vida dos grandes homens de Deus, porque em suas obras se vê praticado o amor e a fé cristã”*. Assim, ele resolve qualquer impasse que poderia haver

entre o protestantismo e o catolicismo encontrando um ponto de confluência entre os dois.

Em meio a afirmações estreitamente ligadas à história considerada “oficial” do Brasil, e mesmo do mundo, os colaboradores encontram estratégias de se manifestar contra situações de opressão ocorridas ao longo da história, visto que alguns autores do Almanaque estavam envolvidos com o episódio de intolerância na IPB e também na ditadura (como Jaime Wright). Aliás, todos os colaboradores no mínimo estavam sensibilizados com a situação do país na época, apesar da declaração logo no início do Almanaque : *“sou brochado liberal, não gosto de fanatismo. Ando fora da política e condeno o feiticismo, mas eu conto a nossa História com o amor e patriotismo”* (Nosso Almanaque 1969 : 3).

“Sempre o espírito do presbiterianismo tem sido de contestar o Estado quando ele pratica injustiças e fere os direitos humanos. O Supremo Concílio da IPI [Igreja Presbiteriana do Brasil à qual o pastor pertence] foi um dos primeiros a votar publicamente a favor de eleições diretas. (...) Em geral os protestantes de linha clássica são assim [combativos] (...). Tem um texto, no Novo Testamento, em que Paulo aconselha aos cristãos a obedecer às autoridades superiores mas [o texto] é tirado completamente do contexto, para simplesmente dizer que é para obedecer as autoridades com os olhos fechados, [enquanto que] a gente deve exercer a consciência cristã. Não estou dizendo que todos os presbiterianos são assim, tem muitos presbiterianos que são reacionários e a IPB é um exemplo disso, embora ultimamente tem mostrado sinais de abertura” (depoimento de reverendo Ricardo Irwin).

*“Qualquer intolerância
política ou religiosa
é fruto da ignorância,
é terrível e odiosa”*

(Mylnen N. Fazzio – Nosso Almanaque 1969 : 17). – poema que se segue ao dia 03.02, sobre a Inquisição.

No dia 23.01, temos a seguinte consideração sobre Fernando Luís Pereira de Souza Barradas (ministro de D. João VI) : *“O homem tem a idéia justamente é para pensar,*

portanto, essa liberdade ninguém pode tirar” (Mylnen N. Fazzio in Nosso Almanaque 1969 : 11). E no dia 21.01, sobre a morte de João Pessoa, estopim para a Revolução de 30 : “O fanatismo é um mal dos maiores. Seja na religião ou na política, ele só faz estragos e acaba em prejuízo e tristeza (...)” (Nosso Almanaque 1969 : 10).

Sobre o dia Primeiro de Maio, a Festa do Trabalho, ao contrário das manifestações ufanistas, aqui há quase uma advertência: a de que é necessário honrar o trabalhador, pagando-lhe o salário justo e pontualmente, citando trechos do Manifesto da IPB e da IPI de agosto de 1959 :

“De acordo com o pensamento de Cristo, o homem que trabalha faz jus a salário que lhe garanta o mínimo indispensável à sua dignidade de homem: pão, abrigo, vestuário, instrução para os filhos, proteção da saúde, autonomia moral, independência política. O juízo de Deus sobre os povos que ignoram esse dever da paga suficiente ao trabalhador é terrível” (Nosso Almanaque 1969 : 61).

Deste modo, a defesa da liberdade de pensamento junta-se à defesa da livre iniciativa individual e da garantia dos direitos humanos universais. Valores que podem parecer muito abstratos considerando o público a quem se dirigia, mas que eram prontamente identificados a práticas e ideais cristãos.

Sobre John Milton, o autor de “O Peregrino”, no dia 20.08 : “Milton era protestante convicto, e isso se vê em tudo o que ele fez e escreveu. Defendia sempre a liberdade do pensamento, a tolerância e a justiça” (Nosso Almanaque 1969 : 110). “Homem de fé, mas rebelde, não se deixou dominar. Seu pensamento consiste em não deixar-se [sic] enquadrar” (Joás Dias de Araújo, Nosso Almanaque 1969 : 128 – 29.09), sobre D. Miguel de Unamuno, escritor espanhol do fim do século XIX. O fato, porém, é que “O Peregrino” foi escrito por John Bunyan, e Unamuno morreu no início do século XX. É de se perguntar se tais falhas se deveriam a uma formação teológica elementar dos autores do Almanaque, o que implica que o protestantismo de missão teria concentrado esforços em um trabalho evangelístico, em detrimento de uma formação teológica consistente.

Erros históricos à parte, esses exemplos são usados como um “recado implícito” contra a ditadura militar vigente no Brasil. Também pode-se constatar esse recurso no programa de 01.03, que traz a efeméride sobre o fim da Guerra do Paraguai, com a morte do ditador Solano López. Seu Justino sentencia : *“Relembra do esta guerra, pouca saudade nos traz, pois aqui na nossa terra queremos viver em paz”*. No mesmo programa, há a efeméride sobre Rui Barbosa, que seu Justino comenta: *“o que devemos admirar em Rui Barbosa é como ele usou a sua inteligência e sabedoria, pois com ela Rui Barbosa sempre serviu ao Brasil e à Humanidade. O direito do mais forte, a isso disse ele [sic], não. O direito e a justiça iguais a todos são”*.

Não que o objetivo fosse alertar o interlocutor nas entrelinhas, como as canções de Chico Buarque na década de 70, pois se tratava de protestantismo e não de protesto. Por outro lado, esse dado é importante para saber que havia uma parcela protestante que não se coadunou com o regime militar – e não era propriamente uma parcela que se engajou na política.

Além disso, aparece o repertório comum à prática missionária protestante, como a educação, a saúde, a higiene e o progresso científico. A educação e a cultura são os temas com o maior número de referências, mesmo porque o formato do programa não permitiria uma pregação religiosa maior. Poderiam até ter optado por essa alternativa, mas isso descaracterizaria o aspecto de almanaque proposto. As referências das efemérides vão desde a criação do dicionário Larousse (03.01), passando por Villa-Lobos (05.03), Cândido Portinari (06.03), Padre Vieira (06.02), Monteiro Lobato (04.07) a Miguel Ângelo (06.02).

A saúde e a higiene também são temas bastante presentes nos programas, dando ênfase à saúde geral do corpo por meio de bons hábitos de higiene e de alimentação. Condena-se o fumo em dois programas, não por razões morais, mas por razões médicas, utilizando estatísticas e estudos recém-lançados (programas de 04.03 e de 04.06). O sentido bíblico de se abordar o tema da saúde está no programa de 05.02 – *“a Bíblia Sagrada nos diz que o nosso corpo foi feito para ser o templo de Deus. Sendo assim, é até o nosso dever zelar da saúde, obedecendo todos os preceitos da higiene”*, diz seu Justino.

O progresso científico é lembrado pelas efemérides sobre invenções, como o telégrafo (02.04), o telefone, o tear mecânico (02.08), a máquina de escrever (03.03). É a idéia de que a tecnologia veio para melhorar esse mundo, como um dom de Deus. “Então Samuel Morse foi um sábio, dos que reconhecem que Deus dá a inteligência para o homem descobrir coisas novas ou inventar outras”, diz Vidal Ramos no programa de 02.04, ao que seu Justino complementa: “Samuel Morse tinha o temor de Deus no coração e diz a escritura que ‘o temor de Deus é o princípio da sabedoria’”. É uma forma também de incorporar a cultura rural à urbana e vice-versa, num fenômeno duplo de aculturação.

Expressa a relação do protestantismo com a educação, com soluções práticas e simples para áreas problemáticas, com grande coragem para enfrentar muitas adversidades, com a iniciativa individual que é voltada para realizações coletivas, como o pacifismo, a tolerância religiosa e política, a humildade, e até a iniciativa feminina³¹. Exemplo disso é a efeméride sobre o Dr. Franz Lobach. Em 02.09.1884 nascia “o homem que descobriu a verdadeira riqueza – o bem que a gente é capaz de fazer ao próximo”. Ele é o inventor de um método de alfabetização em duas semanas – e cada pessoa que aprendeu teria de ensinar outros. “Alfabetizar é iluminar mentes – diz seu Justino – libertar mentes da ignorância; é obra patriótica e cristã que todo brasileiro deve apoiar”.

Vide também o propósito do programa, que está nessa canção cantada pela dupla sertaneja na abertura do programa de 01.01³²:

*“Nosso Almanaque do Ar a todos vai ensinando
Almanaque dos cristãos, aberto, perfeito e puro
Conselheiro da pobreza, caminho certo e seguro
Luz para quem anda errado, clareza para o futuro”*

Ou então nessa outra canção, presente no programa de 02.01:

“Aí na roça ou na cidade, dá licença de entrar

³¹ “Nessa data em 1881, uma missionária metodista dos Estados Unidos, Marta Watts, abriu uma escola para moças, em Piracicaba, no Estado de São Paulo. Ela devia ter ficado um tanto desanimada, pois só apareceu uma aluna para fazer a matrícula. Naquele tempo, o povo não dava valor para a instrução feminina. Moça era para ficar em casa, fazendo um bordado e, se estudasse, era só um pouco de francês e para tocar um pouco de piano. Apesar da oposição e até de perseguição, a escola se desenvolveu e cresceu. É hoje o famoso Colégio Piracicabano, que tanto tem contribuído para o progresso e a cultura no Brasil” (Nosso Almanaque 1969 : 123 – dia 13.09).

³² Essas canções se repetiam em todos os programas.

a visita é de amizade, Nosso Almanaque do Ar

Neste Almanaque se vê a virtude progredir

A verdade triunfar, a maldade submergir

A honra salientar-se, a falsidade cair”.

Ao demonstrar essa identificação, cria-se uma imagem do protestantismo brasileiro para um grupo que não é protestante, e também se transmite de forma sutil uma visão de mundo sobre assuntos pertinentes à realidade brasileira, como a opressão política e religiosa (no caso da IPB), e a consciência de existência de direitos individuais, como acesso à educação, à assistência médica e a tecnologias que melhorem as condições de vida das pessoas.

Fora isso, não há referências a temas como família, casamento, mulher, filhos. O programa parece voltado a todos, sem considerar essas categorias. O principal alvo é mesmo o público sertanejo, ou de origem sertaneja, com formação católica.

2. CORAÇÃO CABOCLO

Foram analisados trinta programas de uma hora cada, referentes à série *Coração Caboclo*, produzida desde 1999, por *Luz Para O Caminho*, e transmitidos em várias localidades do Brasil. Apesar de ter uma temática sertaneja, ele aparentemente não é voltado para o público exclusivamente rural. Utiliza esse referencial cultural para abordar temas cristãos com o intuito evangelístico.

O programa consiste em quatro blocos de cerca de 9 a 12 minutos cada. Contém um locutor-apresentador, Edgar Martins, mais a intervenção do reverendo Celsino Gama, que apresenta três meditações de 2 minutos, retiradas do livreto de meditações *Cada Dia*, produzido pela LPC também. Ao fim de cada meditação, o locutor faz a divulgação do livreto *Cada Dia*, dando o contato para se conseguir um exemplar gratuito.

O programa contém seções fixas:

1. “*Carta do Ouvinte*”, em que o reverendo Celsino Gama comenta trechos de cartas lidos pela locutora Ellis Marina, em geral trazendo problemas e dúvidas de ordem moral e teológica (presente em todos os programas);
2. “*Você sabia?*”, apresentado por Edgar Martins, trazendo curiosidades, comentadas pelo reverendo Celsino Gama (presente em todos os programas);
3. “*Vida em Família*”, apresentada por Rosires Maurer, comentando questões de ordem moral e cotidiana na família (presente em alguns programas);
4. “*Histórias de Vida*”, apresentada por Eleny Vassão, com casos ocorridos na vida cotidiana com pessoas comuns, contendo um fundo moral (presente em alguns programas);
5. “*Momento Saúde*”, com o dr. Lísias Castilho, oferecendo aconselhamento médico para problemas de saúde (presente em todos os programas);
6. Reportagem com Raquel Gabriel, trazendo questões de ordem prática da vida cotidiana (presente em todos os programas);
7. “*Conversa de Compadre*” – quadro bem-humorado sobre dois personagens “caipiras” – Vando, morador da cidade, de origem rural, e Cleito, morador de um sítio, que sempre se encontram na Venda do Leocádio para conversar. Em geral, as conversas giram em torno de questões morais e cotidianas, em que a ética cristã é abordada - em geral é Vando quem aconselha Cleito nos seus problemas (presente em todos os programas).

Além disso, o programa apresenta músicas sertanejas de diversos artistas, conhecidos e desconhecidos. Esses dois últimos são os elementos “caboclos” do programa. Por fim, há vinhetas sobre ecologia, drogas, educação infantil, que aparecem esporadicamente.

Como uma grande quantidade de fontes oferece uma grande variedade de assuntos a serem abordados, dividimos esses assuntos em quatro temas: valores e

práticas morais; problemas e soluções de questões religiosas; outras religiões; e problemas contemporâneos³³.

Questões morais : práticas e valores

Decidiu-se agrupar nesse item todos os temas referentes a valores morais e práticas decorrentes desses valores. Como são vários os programas, e cada qual com uma hora, diversos foram os assuntos encontrados, desde postura quanto ao sexo, passando pelo comportamento diante da televisão, até o sentido da amizade, da verdade, da honestidade, do amor e da bondade.

O objetivo da evangelização é despertar a vocação do cristão como instrumento de propagação da fé por meio do exemplo de vida, dos atos de bondade, de preservação do corpo e da natureza, de relacionamento com o próximo. Ele deve encarnar um exemplo a ser seguido, conforme o próprio exemplo de Cristo, lutando contra suas faltas e pecados. Por isso a ênfase nos aspectos morais das meditações. Como já visto no capítulo anterior, na análise de uma vinheta do programa “*La Vida Ahora*”, o cristão deve ser a luz que ilumina o mundo.

Por outro lado, como os programas de rádio de LPC não se dirigem exclusivamente um público cristão, a ênfase nos aspectos morais tem um caráter prático, que atinge o ouvinte leigo com maior facilidade do que uma pregação puramente teológica, pois utiliza exemplos da vida cotidiana para encaminhar o seu discurso. São temas clássicos do cristianismo, que formam a base da pregação evangelística, seja católica ou protestante.

Começamos pelo tema de maior menção das meditações: o amor, alvo de quatro meditações. Celsino Gama fala de vários tipos de amor que o ser humano pode sentir, mas enfatiza que o verdadeiro amor é o de Deus, por meio de Cristo. E para ser

³³ Houve referências à temática de casamento e sexualidade, mas preferimos abordar esse conjunto de temas no capítulo sobre literatura para a vida cristã (“Literatura Para As Famílias Piedosas” – pp.155-214).

um verdadeiro cristão, é necessário praticar o amor, tal como Cristo ama aos homens. Não é, porém, qualquer tipo de amor, mas o amor desinteressado :

“Mas qual a maneira ideal para amar? O que faz de alguém um bom artista, um bom escultor, ou uma pessoa boa? Prática. Como alguém se torna uma pessoa boa? Prática (...) o amor é não simples emoção que nos enche de entusiasmo. O amor é expressão rica, legítima e forte do caráter cristão” (programa 06³⁴).

“Sabemos que só o amor é capaz de nos fazer interessar pelos outros. Não o amor de palavras, mas o amor-ação, que move o nosso coração em direção ao outro. Este amor vem de Deus e permanece todo o tempo. Quando houver pessoas que precisam de nós, devemos colocar em prática o amor desinteressado e verdadeiro” (programa 22).

Praticar o amor significa exercitar a bondade. Em um mundo cheio de “intenções duvidosas”, as pessoas pensam duas vezes antes de fazer algo bom para os outros, segundo Gama, “mas é preciso saber o verdadeiro sentido da bondade”, pois “fazer o bem é um dever de cada indivíduo e uma ordem para o cristão. Se você conhece a importância da bondade em sua vida estará de forma objetiva auxiliando outras pessoas(...)” (programa 29).

Essa “forma objetiva” expressa uma visão imediata das ações cristãs, assim como nessa meditação: “Antes de esperar ser aceito, compreendido, respeitado, procure aceitar, compreender e respeitar os outros. Como num passe de mágica, os fatos mudam e os relacionamentos melhoram” (programa 16). Nada como uma solução rápida para um mundo tão degradado. “Estamos cercados por um ambiente de miséria moral e espiritual. Por todos os lados e em todos os lugares, uma força muito grande luta contra os objetivos de Deus e sua vontade para a vida humana” (programa 27). Essa visão de que o mundo não é o lugar dos cristãos é antiga e constitui-se uma das bases da ação evangelizadora.

“Para um cristão que olha em direção à cidade, cujo construtor é Deus, este mundo nunca pode ser um verdadeiro lar. Somente quando os reinos deste mundo se transformarem no reino de nosso

³⁴ As referências aos programas são dadas pelo número de amostragem, já que os programas não possuem datação específica.

Senhor, e na cidade de Deus que vem dos céus, é que estaremos em casa. Aqui serviremos. Lá, colonizaremos.” (programa 09).

Por isso, a postura do fiel deve ser a de um lutador, que não se deixa vencer pelo pessimismo que o pecado traz: *“a realidade do pecado nos deixa pessimistas, muita gente se sente miserável diante de Deus como se fosse a última das criaturas deste mundo. Muitos cristãos têm uma péssima auto-imagem e isto rouba deles a alegria dada a eles pelo Espírito Santo”* (programa 23).

Deve-se lutar também contra o individualismo exagerado:

“Repetimos e insistimos com Deus, pois nossos problemas são urgentes, não podem esperar. Mas nesse processo esquecemos que se queremos ser ouvidos, precisamos ouvir também (...) Deus nos diz muitas coisas, mas falamos tanto que nem sempre conseguimos ouvir” (programa 21).

“Precisamos e dependemos uns dos outros” (programa 12).

Mas que se saiba manter a iniciativa pessoal, o qual o protestantismo toma para si como legado histórico: *“Aqueles que não sabem esperar, vivem se queixando, permitem que as circunstâncias externas acabem com sua alegria. São sempre vítimas dos acontecimentos e não buscam vencer as dificuldades. Essa atitude é contrária às Escrituras, que nos estimulam a lutar sem entregar os pontos”* (programa 21).

Força para o trabalho não deve faltar também. Ele é dádiva de Deus para que os homens sejam úteis, e deve ser louvado em um tempo em que o emprego anda escasso e onde várias pessoas *“estarão vadiando, vivendo uma vida inútil, apenas sugando a sociedade onde vivem”* (programa 11). O alvo é o trabalho formal, com empregados e patrões, conforme um programa que trata da relação cristã entre esses dois extremos:

“O ensino bíblico sobre o trabalho é de certo modo simples: primeiro, apresenta uma nova dimensão para o empregado cristão, [pois] ele não vê o seu empregador como suprema autoridade, mas recebe de Deus orientação para sua conduta. Seu trabalho é um meio de servir a Jesus, por isso faz sempre o melhor. Segundo, ele apresenta uma nova dimensão para o empregador, o patrão que conhece a Cristo sabe, antes

de tudo, que é um servo de Deus. Age com seus empregados assim como o Senhor age com ele: o amor dirige a sua administração” (programa 08).

Por isso, nada de exploração e desonestidade, em um mundo capitalista “selvagem”, onde a globalização e as transformações na economia tornaram as relações de trabalho cada vez mais degradadas e competitivas. Não se pode esquecer da honestidade, atributo que não aparece associado ao trabalho na meditação, mas que está implícito na prescrição acima.

“Aquele que faz negócios desonestos deve ter um coração de pedra para continuar vivendo. O homem honesto só necessita ser natural, como o seu interior: um livro aberto (...) quem quer tranquilidade, segurança e satisfação diária, terá de viver uma vida de integridade” (programa 07).

Ser honesto significa conhecer o sentido da verdade e da sinceridade:

“Guardar segredo não é mentir, mentir é falsificar e enganar através de expressões, emoções e palavras. Só a verdade destrona a mentira e nos torna pessoas felizes. A verdade não é um mero hábito mas uma nova vida, que você encontra em Jesus, que sempre disse a verdade – e Jesus é a verdade” (programa 06).

“Ser sincero exige disciplina, honestidade e apreciação justa e desapaixorada de todas as coisas (...) para viver o cristianismo jamais devemos faltar com a sinceridade, por isso, é preciso reavivar a nossa fé diariamente e eliminar nossos falsos sentimentos” (programa 30).

Além de cultivar todas essas posturas morais, o cristão deve saber agradecer desinteressadamente por tudo o que tem e o que vive. *“O sentimento de gratidão deve se infiltrar, fazer parte natural da sua vida” (programa 18) (...) “nossa fidelidade a Deus deve ser vista em tempos de fartura e em tempos de miséria” (programa 11).*

A maior preocupação do programa, nessa amostra analisada, é questão do mal – como combatê-lo nesse mundo degradado sem sucumbir à tentação de jogar a partida do inimigo? Na relação com os vizinhos, por exemplo, Celsino Gama aconselha uma ouvinte, que lhe escreveu reclamando dos vizinhos difíceis que tem, a *“pagar o mal com o bem”*, recomendação presente em várias meditações. Por mais difícil que seja, *“o*

caminho da não-violência, da busca séria da paz pela convivência amigável é sempre melhor (...) pagar o mal com o bem, como manda o preceito cristão, exige humildade e boa vontade” (programa 28). O poder do bem é transformador: “faça o bem, pratique o amor, fique do lado de Deus. Este mundo não será transformado pelo ódio, pela violência, mas pelo poder da justiça e do amor de Deus” (programa 20).

O cultivo de um bom relacionamento é um dos fatores fundamentais para a comunhão entre os seres humanos. Assim, apreender o sentido da verdadeira amizade foi tema de uma das meditações:

“quem tem um amigo verdadeiro pode dizer que tem duas almas (...) o bom amigo se revela nas angústias quando nos consola sem censurar, nas incertezas quando nos apóia sem criticar, em nossos erros quando corrige sem condenar (...) cultive uma boa amizade devotando lealdade no amor de Cristo” (programa 15).

Nota-se que essas prescrições morais são voltadas para se construir uma postura ideal no cristão – e mesmo para os não-cristãos, há uma mensagem: se eles quiserem se juntar ao “rebanho”, terão de se comportar e pensar de uma determinada forma.

Alguns assuntos de ordem mais prática são alvo de uma regulamentação, que não é rígida nem detalhista, mas que segue a um preceito bíblico. O programa de Celsino Gama não chega a impor uma conduta, contudo sempre se restringe ao campo da sugestão, como é comum nos meios de comunicação. Caso contrário, estaria perdendo possíveis fiéis, que muitas vezes se sentem ameaçados com discursos explicitamente doutrinários. Esta é a opção estética do programa: oferecer aconselhamento a quem precisa, não importando a sua condição religiosa – mas é um aconselhamento cristão que, mesmo não sendo denominacional, possui um embasamento claro, dado pela Bíblia, o que caracteriza seu aspecto protestante. Enfim, o sermão dá lugar à discussão, ao debate e à conversa.

Vide o tema do autocontrole, posição de vigilância constante para não se render ao mal – mal aliás, que não possui uma personificação, como em outras igrejas (Diabo, Satanás), mas está dentro do ser humano:

“O difícil é perder o controle, perder o domínio da própria vontade e desejos. Somos pressionados pelos desejos, por exemplo, a mentir, odiar, roubar, sermos orgulhosos (...) há muitas receitas para se ter o autocontrole, algumas ajudam, mas o melhor mesmo é não confiar em si mesmo, mas entregar o coração e a vida a Cristo” (programa 02).

O autocontrole serve para escapar de muitas armadilhas, como os males da televisão, da bebida, da diversão desenfreada, do narcisismo. Ao responder para um ouvinte que lhe perguntou se um cristão sincero não deve deixar de ter televisão, Celsino Gama desfiou um rol de argumentos a favor e contra a TV, sendo que os males superavam as virtudes:

“A desordem moral que a TV provoca nas pessoas é gradativa, subjetiva e insidiosa. [E] gradualmente, ou seja, pouco a pouco, nossos valores vão sendo alterados de maneira imperceptível (...) assumimos como normas da sociedade a violência física, promiscuidade sexual, consumo extravagante de bens (...) o que resta a cada um não é jogar a TV fora; é um controle maior sobre os programas e ter disciplina para desligar a TV, ler um bom livro, fazer uma caminhada” (programa 30), principalmente no que se refere às crianças, que são mais vulneráveis.

A diversão moderada também é de preocupação do *Coração Caboclo*, no seu quadro “Conversa de Compadre”. Cleito, o homem da roça, chega à Venda do Leocádio (ponto de encontro do quadro) exausto por conta de suas noitadas, coisa que desagrada seu amigo Vando, o homem da cidade. Vando, o personagem que detém as lições de ética cristã, pergunta a Cleito como fica em casa a situação com sua mulher e seus filhos, insatisfeitos e tristes com esse comportamento. E o repreende, dizendo que o dinheiro gasto com bebida e jogo falta em casa. O caboclo se arrepende e promete que mudará.

A bebida é abordada por Celsino Gama como algo a ser usado com moderação, segundo a Bíblia, e explica que a decisão de alguns cristãos se absterem do álcool é uma decisão pessoal, pois a Bíblia não prescreve a proibição - tanto que o primeiro milagre de Cristo foi transformar a água em vinho (programa 02). Em outro “*Conversa de Compadre*”, Cleito declara que bebe para se esquecer dos problemas, o que Vando

condena, pois não quer vê-lo pelas calçadas, brigando com a mulher e batendo nos filhos. Cleito declara: “a vida é minha a faço dela o que quiser”. Vando, por sua vez, o recrimina: “a vida não é sua, não pode fazer com ela o que quiser, pois ela pertence a Deus. Se continuar assim, vai destruir toda a sua vida. Quer beber uma cervejinha, um vinho, vá lá, com moderação. Não destrua a vida que não lhe pertence” (programa 10).

O sexo é pouco mencionado. Aparece praticamente duas vezes, e não nas meditações. Uma é no quadro “*Momento Saúde*”, do Dr. Lísias Castilho, sobre a sífilis. Ele alerta para o fato de a sífilis estar voltando a crescer, depois do período de quase extinção, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a invenção da penicilina. Com a mudança do comportamento sexual nos anos 60 e com a facilidade de cura, a doença está retornando, principalmente na forma congênita. O interessante é que o médico não fala sobre formas de prevenção a essa Doença Sexualmente Transmissível (DST), que se faz principalmente por meio do uso de preservativo.

O homossexualismo aparece no quadro “*Histórias de Vida*”, de Eleny Vassão. Na verdade, é a história de um homossexual travesti, que contraiu AIDS e se converteu por ação de uma moça cristã. O retrato da vida que ele levava é de promiscuidade e devassidão, cujo castigo foi ter contraído HIV, mas cuja salvação foi ter se arrependido dos erros de sua vida (programa 22). Não há a menção de que o travesti “Tuti” ao se converter tornou-se heterossexual, como ocorre em programas de algumas igrejas, como a Universal do Reino de Deus, pois a principal preocupação do quadro era passar a mensagem da restauração e da salvação e, não a mudança prática feita na vida da pessoa.

Por sua vez, o narcisismo é alvo de críticas no quadro “*Conversa de Compadre*”. Cleito acorda um dia e percebe como é bonito. Por isso, passa a se vestir bem e leva uma bronca de Vando, pois aquele era o dia em que os dois haviam combinado de cavar uma valeta para fazer um chiqueiro. A lição que Vando lhe dá é que para cada ocasião existe uma roupa certa, e que se vestir bem demais a toda hora era sinal de ostentação e narcisismo (programa 27).

Por fim, destaca-se a importância de se obedecer às leis:

“Você sentiria inveja de uma pessoa que acumula bens e vive uma vida egoísta, pisa nos outros e faz tudo para ter prestígio e poder? (...) não precisamos admirar quem faz o mal (...) Em Cristo descobrimos que a verdadeira alegria e satisfação pessoal está [sic] numa vida humilde, de amor a Deus e ao próximo. Quem ama, cumpre toda a lei” (programa 04).

Outras religiões

Assim como na análise sobre a televisão, no rádio também aparecem referências a outras religiões. Por que é importante destacar isso? Porque a partir do posicionamento de *Luz Para O Caminho* diante de outras religiões, pode-se ver como ela se mostra diante da sociedade; ou melhor, como ela representa a religião cristã perante um mundo supostamente não-cristão.

Em resposta a uma carta de um ouvinte, que indagava se o fato de o marido freqüentar centros de umbanda e espíritas influenciava na ausência de cura de sua doença, Celsino Gama discorre sobre a convivência entre Cristianismo e Espiritismo. Ele diz que, em primeiro lugar, o problema da ouvinte não é religioso, mas de convivência entre marido e mulher, mas que a comunhão espiritual entre um casal assim é quase impossível. Contudo, segundo ele, a Bíblia diz que em um casamento a pessoa cristã santifica a outra. Dessa forma, a ouvinte deve mostrar no dia-a-dia ao seu marido o amor de Cristo, orando sempre por ele para que o Espírito Santo toque o seu coração trazendo a verdadeira revelação de Deus. Para Gama, o Espiritismo, apesar de se dizer cristão, baseia-se em uma interpretação das doutrinas cristãs que ignora os princípios básicos da Salvação: *“Enquanto a Bíblia fala em vida eterna, o espiritismo fala em reencarnação. Enquanto o espiritismo fala em carma, a Bíblia fala em perdão completo dos pecados e vida nova”* (programa 22).

Outro conceito espírita é criticado por Gama em outro programa. Ao falar sobre sofrimento, ele diz: *“Os sofrimentos desta vida não são parte de purificação de vidas anteriores, mas a preparação para uma única vida plena e eterna com Deus”* (programa 14). Assim como no programa de TV sobre o Budismo, esses exemplos não desqualificam abertamente os espíritas, mas os tratam como pessoas que poderão ter uma chance de

retornar à verdadeira doutrina, que é a Salvação por meio de Cristo. Enquanto isso, perdem-se em teorias equivocadas sobre a vida e a morte.

O Catolicismo é lembrado em um programa que abordou a diferença entre a Bíblia católica e a protestante, dúvida de um ouvinte. O reverendo Celsino Gama responde que atualmente quase não se fala mais em Bíblia dos católicos e Bíblia dos protestantes, pois tanto os católicos usam a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil, como os protestantes, em especial os pastores e seminaristas, usam a *Bíblia de Jerusalém*, das Edições Paulinas. Mas explica a diferença entre as duas Bíblias, falando dos livros considerados apócrifos que estão na edição católica. Conforme Gama, os protestantes acreditam que os livros apócrifos não só contêm ensinamentos repetidos em outros livros, como não fazem parte da Bíblia dos judeus, sustentando conceitos contrários ao protestantismo, como a justificação pelas obras, a mediação dos santos e orações pelos mortos, como no Segundo Livro dos Macabeus. Por isso, os apócrifos são rejeitados pelos protestantes.

A locutora Ellis Marina, que apresenta o quadro *Carta do Ouvinte* junto com o pastor, pergunta a Gama se *“os protestantes estariam com a razão”*. Ao que ele responde que em parte sim, pois esses livros não faziam parte das escrituras sagradas, e até mesmo Jerônimo, o primeiro tradutor da Bíblia para o latim (da versão chamada Vulgata), deixou esses livros em separado. Entretanto, *“a rejeição, negligência e um certo preconceito dos protestantes quanto aos apócrifos, eu creio, é minha opinião, fecha as portas de uma ótima fonte de compreensão do pano de fundo da época e ambiente do Novo Testamento”* (programa 20). É uma posição de tolerância e de compreensão dos protestantes em relação ao catolicismo, bem mais branda do que o posicionamento em relação ao Espiritismo.

Essa posição mais branda contrasta-se a uma crítica severa ao comportamento de determinadas igrejas (implicitamente evangélicas) que realizam seções de cura. Em resposta a uma carta de ouvinte, que reclamava do fato de Deus não curar sua asma e sua epilepsia, a locutora Ellis Marina pergunta ao pastor por que tantas igrejas dão ênfase na cura. Celsino Gama responde: *“alguns pensam que podem manipular o poder de Deus, e em nome de Deus fazem todo o tipo de promessa tornando o Evangelho de Cristo uma espécie*

de solução mágica para todos os males da vida. Eu creio que vão ter que prestar contas a Deus por isso” (programa 17). Como já se viu no vídeo *Seu Casamento Pode Ser Melhor - vol.2* (1995), a LPC mantém uma postura de reserva em relação às igrejas neopentecostais – e no caso, essa crítica atinge às pentecostais também, que dão ênfase na cura. Mas a crítica se restringe a isso, e não se estende a outras práticas.

Outro grupo evangélico que recebeu crítica foi o das Testemunhas de Jeová, quanto à prática de não permitir a transfusão de sangue entre seus membros – uma crítica que boa parte da sociedade, seja leiga ou religiosa, também faz quando aparecem casos em que Testemunhas de Jeová são obrigados a se submeter a uma cirurgia:

“Os [sic] Testemunhas de Jeová não permitem aos seus membros a transfusão de sangue, e isto às vezes gera polêmica e controvérsias. Os Testemunhas [sic] de Jeová baseiam a proibição num texto do Velho Testamento na Bíblia, onde se diz: a vida da carne está no sangue. Este literalismo pode custar a vida, fugindo do espírito da lei de Deus” (programa 10).

Nota-se que não é uma crítica ao grupo como um todo – que é considerado pseudo-protestante pelos protestantes tradicionais³⁵ – mas a crítica a uma prática desse grupo, que no mundo contemporâneo e secularizado, só tem sentido para seus praticantes.

E por fim, o judaísmo não deixaria de figurar. Novamente é uma carta de ouvinte que nos leva ao assunto. No caso é um judeu que freqüentava, quando pequeno, a igreja evangélica e a Escola Dominical, e que agora se encontra dividido entre acreditar no Deus eterno e no Messias.

Celsino Gama lembra a história do apóstolo Paulo, que era judeu fervoroso, seguidor das leis mosaicas, e que se converteu a Cristo repentinamente. Segundo Gama, Paulo disse que obedecia a todas as leis, mas que *“por amor a Cristo todas estas coisas que eu [Paulo] considerava como lucro, agora considero como perda, por causa daquilo que tem*

³⁵ Grupos como Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (popularmente conhecidos como Mórmons) são considerados pseudo-protestantes pelos protestantes históricos, porque utilizam

muito mais valor – o conhecimento de Cristo Jesus, meu senhor” (programa 03). O cumprimento das leis cegou Paulo durante um longo tempo, impedindo-o de reconhecer em Jesus o Messias prometido. *“E quem é o Senhor senão Deus, o todo poderoso. Saulo sabia de cor as palavras da Lei. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda tua alma e toda a tua força. Quando Saulo, agora Paulo, dedica seu amor a Jesus, o Messias, ele sabe muito bem. Seu amor está sendo dedicado ao senhor Deus, o único”* (programa 03). É uma forma elegante de resolver o impasse do ouvinte, trazendo obviamente para o campo cristão a sua crença.

Esses posicionamentos mostram algo que não é novidade quando se fala de religião – a posição expressa no *Coração Caboclo* é a posição de quem está com “a” verdade, sendo que os outros estão errados, em parte ou no todo. Adotam práticas suspeitas, como as igrejas pentecostais; prejudiciais, como a das Testemunhas de Jeová, equivocadas, como os católicos ou mesmo cegas, como os judeus. Definitivamente, o meio evangelístico não é o melhor para o diálogo inter-religioso.

Questões religiosas: problemas e soluções

Como se poderia esperar, esse é o item com maior número de menções no discurso do *Coração Caboclo*. Consideramos como questões religiosas assuntos de cunho teológico, como o perdão, arrependimento, justificação pela fé, plano de Deus, a importância da igreja, e assim por diante.

Um dos temas mais recorrentes é o do perdão, seja de Deus, seja do homem, ele é o ponto de partida para que a jornada do homem em busca de Deus se inicie. *“A solução começa quando reconhecemos o nosso pecado e buscamos em Cristo o perdão e a força que vence o egoísmo, seu grande amor”* (programa 28). Ao contar sobre a história de uma enfermeira doente que se recusava a perdoar o pai, Eleny Vassão, em seu quadro “Histórias de Vida”, alerta:

outras fontes além da Bíblia para embasar seus conhecimentos. Para os protestantes históricos e para os pentecostais, a Bíblia é o único documento revelado por Deus, e por isso, é a única mediação entre o homem e Deus.

“Perdoar é um mandamento de Deus e, não, uma alternativa do homem. Deus em Cristo perdoa todos os pecados daqueles que se arrependem e o recebem como Salvador, e o perdão é saúde para a alma e o corpo” (programa 26).

A função terapêutica do perdão também está nessa meditação: *“A solução para o remorso é o perdão – feito em nome de Cristo cura as suas feridas interiores e elimina o peso do passado”* (programa 15).

Para se obter o perdão de Deus pelos pecados não é preciso obras, mas somente o sincero arrependimento, como o ladrão que morreu ao lado de Cristo na cruz. *“Ele foi ladrão até a hora de morrer, mas se encontrou com Jesus, mostrou sincero arrependimento e foi salvo. Isto foi possível porque a salvação não depende das obras e méritos humanos, mas de Jesus Cristo, da sua morte na cruz”* (programa 12). O que não significa que alguém pode abusar da vida que tem e fazer o que quiser, para no final se arrepender e ser salvo: *“cometem o maior erro da vida aqueles que pensam que viver é aproveitar todos os prazeres egoisticamente. A vida plena começa aqui mesmo na Terra, quando entregamos nosso coração a Jesus e nos propomos a seguir os seus ensinamentos”* (programa 12).

Mesmo os criminosos merecem perdão: *“é preciso reformar e lutar para um sistema mais humano para os presidiários. Cometeram crimes, é verdade. Alguns não podem andar soltos por aí, ainda assim, são seres humanos e precisam no mínimo da nossa misericórdia e compaixão”* (programa 10). Posição típica dos grupos que lutam pelos direitos humanos, sendo que, nesse caso, a justificação não está só na Declaração Universal, mas na Bíblia. O argumento é antigo, mas na atual situação, em que a violência vem demonstrando um crescimento vertiginoso desde a última década no Brasil, ganha um realce maior.

Como já foi dito acima, o perdão não é uma alternativa para o ser humano, pelo menos para o cristão: *“o cristão não tem escolha, não importa a ofensa sofrida, não podemos abrigar a mágoa em nosso coração(..)”*, mesmo em situações difíceis, como a traição de um amigo, o perdão se faz necessário se quiser continuar a viver em paz: *“perdoar é ser capaz de apagar qualquer sentimento de desforra. Perdoar é desejar o bem àquele que nos ofendeu”* (programa 09).

O perdão traz a restauração, uma nova vida para quem o pede. Celsino Gama conta a história bíblica do perdão de Cristo a uma prostituta: *“ela precisava restaurar sua vida e sentir o refrigério do perdão, do amor e da bondade. Jesus fez jorrar dentro dela uma fonte de água viva que matou a sua sede espiritual”* (programa 30). Eleny Vassão, ao falar de um paciente de AIDS em estado terminal, comentando o estado de decomposição de suas pernas, faz uma comparação entre as tentativas das enfermeiras de afastar o cheiro pútrido com a tentativa de o homem conseguir a salvação por meio de esmolas, pelo ritual religioso, e diz: *“Em Jesus nossa velha vida carcomida pelo pecado morre para nascer uma vida nova. Ele transforma o cheiro da morte em cheiro gostoso de vida”* (programa 13).

Como pode se notar, é a justificação pela fé que leva à salvação. É uma das características teológicas mais caras ao protestantismo e não poderia faltar no programa, ainda que tenha tido somente uma menção. Ainda assim, está implícita no próximo item, a devoção pessoal:

“Ao contrário, o que ele [apóstolo Paulo] disse foi o seguinte: ‘o homem não é justificado por obras da lei e, sim, mediante a fé em Cristo’. Quem crê é justificado então pelos méritos de Cristo. A guarda de qualquer ritual da lei de Moisés não acrescentará nada à obra de Cristo, que foi perfeita e completa. A nossa ligação com Deus é algo mais profundo, exige lealdade e amor e pouco ou nada tem a ver com rituais externos que não trazem nenhuma virtude em si mesmos.” (programa 25).

“O ritual da religião, do culto do dia, lugares e pessoas consagradas tornam-se um peso escravizante, afinal, Cristo não nos libertou de tudo isso? (...) Poderia o nosso advogado de defesa nos condenar? Tenha confiança no perdão de Deus e viva livremente” (programa 28).

Isto é, viva sua fé livremente, o que nos tempos atuais significa, vive-la de forma privada e pessoal, ou até mesmo em conjunto, mas por escolha individual. *“A vida é preciosa em qualquer lugar do mundo quando vivemos em harmonia com as leis estabelecidas por Deus. Sendo assim, o único caminho para a felicidade é uma relação pessoal e de obediência a Deus (...) Vamos lá, tudo o que você precisa está bem perto de você. Leia a Bíblia”* (programa 23).

Ao responder a uma pergunta de um ouvinte sobre como escolher a igreja certa, com cristãos sérios, em meio a tantas denominações, Celsino Gama afirma que não existe nenhuma igreja vivendo plenamente os ensinamentos de Cristo na Terra, pois todas elas contêm imperfeições. Para pertencer à igreja de Cristo é necessário somente aceitá-lo como Salvador, não precisando de um templo para adorá-lo:

“A igreja pressupõe a ligação dos indivíduos de forma espiritual (...) O apóstolo Paulo escreveu: ‘você também como pedras vivas deixem que Deus os use na construção de um templo espiritual, onde vocês servirão como sacerdotes consagrados’”. Dessa forma, qualquer grupo reunido em nome de Cristo pode ser considerado uma igreja e, mais que isso, “você é a igreja, você é o templo do Espírito Santo” (programa 15).

E finalmente, discorrendo sobre o peso da solidão no fim da vida, Celsino Gama receita uma relação pessoal e constante para com Deus para que esse momento se amenize:

“(...) É preciso aprender a falar com Deus. Contar a ele o que se passa no seu coração. É preciso sentir no silêncio da solidão a presença desse Deus imutável que é o mesmo hoje, ontem e sempre. Essa intimidade para com Deus durante a vida nos ajuda a enfrentar as situações mais difíceis e turbulentas” (programa 02).

Mas a igreja não deixa de ter a sua importância. Como mostramos no capítulo anterior, a igreja é retratada como o espaço do encontro com o sagrado, mesmo porque na televisão a figura da igreja é a mais representativa para essa idéia. No rádio, nada se vê, as projeções se dão pelas palavras e é por essa razão que se escolheu fazer uma análise de cada meio em separado, pois o meio determina em parte a mensagem que está sendo transmitida. Assim, no rádio, o apelo para uma devoção mais pessoal condiz com o fato de a escuta ser pessoal.

Mas a igreja retratada por Celsino Gama no rádio não difere da igreja retratada no vídeo *Seu Casamento Pode Ser Melhor*, isto é, a comunhão de fiéis e, não, o templo ou a denominação. No entanto, em todo caso, é uma reunião de pessoas diferente de um clube, pois há um objetivo em comum, que é a comunhão espiritual com Deus. De

acordo com Celsino Gama, a igreja ainda é o melhor lugar para uma pessoa viver bem com Deus e com o seu próximo. Mesmo quem tem problemas com a igreja deve procurar se retratar, e mostrar sincero arrependimento e vontade de mudança, e se há problemas com outros membros da igreja, deve buscar o diálogo, pois ninguém é perfeito (programa 24).

“Deus também nos chama para uma outra família, a igreja. Como qualquer outra família, a igreja tem os seus altos e baixos. Nesta família de Cristo somos chamados para nos preocupar uns com os outros, a carregar através do amor as cargas uns dos outros. Na família da igreja os momentos de comunhão e alegria são sempre mais intensos do que os momentos de tristeza e discórdias. Nesta família ninguém precisa se sentir solitário” (programa 01).

Essa é uma forma de construir uma imagem favorável, mas realista da igreja. Ao não buscar o proselitismo direto, isto é, atrair fiéis para uma determinada instituição, o programa quer trazer a igreja para uma realidade mais palpável, mostrando-a composta por pessoas que erram e, mais importante, que buscam melhorar como pessoas, encontrando na igreja o ambiente e a oportunidade de mudar de vida. Como mencionado acima, o ser humano precisa das outras pessoas, e o espaço da igreja é o ideal para o encontro com o sagrado. É uma opção individual, repetimos aqui, que cabe a cada pessoa decidir, mas é uma decisão melhor aproveitada se compartilhada com outras pessoas.

O conceito de devoção pessoal não é novo de forma alguma. Ele vem desde o século XII, quando uma forma mais interiorizada de devoção passou a se confrontar com uma forma mais exteriorizada e controlada de devoção. A Reforma acentuou essa característica da piedade cristã, reivindicando para si o primado da relação direta com Deus, mas Fernández-Armesto & Wilson (1997 : 225-272) mostram que enquanto a Reforma instituiu essa relação direta com Deus, a Igreja Católica, por meio da Contra-Reforma também aboliu alguns “abusos” com uso das imagens e venda de indulgências justamente para tornar o culto mais interiorizado e livre de intermediários simbólicos.

O que dizer, portanto, da devoção pessoal pregada no *Coração Caboclo*, condizente também com a religiosidade privada e autônoma que vem se desenvolvendo desde o século XX, e por que não dizer, desde o século XIX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa aliados à divulgação religiosa?

A importância do indivíduo está presente em duas meditações. Ao falar da Ilha de James Bond, Celsino Gama comenta:

“Se uma pequenina ilha se torna tão importante, quando algum valor lhe é atribuído, imagine um ser humano; você não é apenas mais um perdido no meio de bilhões de pessoas no planeta Terra. Você é alguém especial aos olhos de Deus e alvo de seu amor” (programa 27).

“Deus se importa com a eternidade do homem e também com os minutos de sua vida. Deus se importa com os grandes acontecimentos e com as dificuldades que você enfrenta no dia-a-dia. Você não incomoda Deus com seus pequenos problemas porque ele é o Deus grandioso que se importa com os mínimos detalhes de sua vida. Fale com ele” (programa 13).

Não se pode esquecer de que se Deus se importa com cada indivíduo, cada um deve se importar com o próximo: *“Vamos fazer o que o apóstolo Paulo nos ensina, dando assistência a alguém que esteja precisando de nós hoje. Vamos fazer isto em nome de Jesus, que nos auxilia em todas as horas”* (programa 26). É o Deus amigo, portanto, que aparece nessas meditações. Já abordamos a cristologia da amizade no capítulo anterior, e ela aparece explicitamente em um dos programas: *“De todos os meus amigos, sem dúvida o que mais demonstra amor foi Jesus. Ele deu sua vida por mim”* (programa 28).

Deus amigo que possui um plano para todos os seres humanos:

“(…) Os olhos de Deus estão sobre nossos caminhos, isto quer dizer que não estamos sós. Deus sabe o que é sofrer, isto correu com o seu filho Jesus. Vamos erguer a cabeça e confiar; o caminho pode ser árduo, mas com Deus não será impossível” (programa 24).

“Todos os nossos sonhos estão no futuro, mas o nosso futuro já estaria determinado; é Deus que determina o nosso futuro. Sabemos que Deus tem propósitos definidos para a nossa vida, mas isso não significa que o nosso futuro esteja determinado” (programa 18).

Isso porque o homem possui livre-arbítrio, para escolher inclusive entre o bom e o mau caminho. Comentando sobre as origens do chocolate, no quadro *Você sabia?*, Celsino Gama sentencia: “ *você pode fazer da sua vida um chocolate delicioso ou um cadáver repugnante*” (programa 25). Ao comentar uma carta de ouvinte, que reclamava da dor de ter perdido o irmão assassinado, ele diz que cada um é responsável pelos seus atos: “*temos plantado o ódio, a inimizade, a mentira, a corrupção – e vamos pelo caminho chorando pela nossa colheita. Pais de família desempregados, crianças famintas, assaltos e crimes, violência e morte. Mas podemos transformar plantando amor, paz, perdão compreensão entre os homens*” (programa 26).

Mas a partir do momento em que se escolhe o caminho do bem, o cristão deve conhecer o sentido da missão:

“Olhe à sua volta. O que você vê? Um mundo desgastado, uma realidade triste, onde o egoísmo, a violência e a imoralidade estão em níveis vergonhosos. Por isso, como cristão, eu e você, somos convocados a levar luz onde há trevas, alegria onde há tristeza, paz onde há brigas, vida onde há morte. Jesus deixou uma ordem bem objetiva nesse sentido – vão pelo mundo inteiro e anunciem a boa notícia do Evangelho a todas as pessoas” (programa 16).

Há um assunto que foi abordado por um ouvinte e que merece a menção: o fim do mundo. Uma ouvinte enviou uma carta perguntando sobre a passagem do milênio (o programa foi produzido em 1999), se haveria o fim do mundo. Celsino Gama respondeu que não, pois os planos de Deus não se enquadram em um calendário humano. Ainda que muitos acreditem no fim do mundo, ele não ocorrerá agora, e pode durar alguns milhões de anos para acontecer.

“Não se deixe enganar. Jesus já disse: ‘quanto ao dia e a hora, ninguém sabe, somente o Pai’ . Devemos estar vigiando, estar em atividade, isto é, não seguir a maioria, não aceitar as imposições de comportamento social quando este quebra os princípios de Deus (...) essa é a melhor forma de esperarmos a volta de Jesus e o Fim do Mundo” (programa 29).

Mas o assunto campeão de menções é o do sofrimento. São vários os tipos de sofrimentos abordados: a morte de um ente querido, a solidão, o abandono. “*É bom*

conhecer Jesus quando a morte se transforma num inimigo pessoal” (programa 13). Celsino Gama responde a um ouvinte que pergunta diretamente: por que sofremos? Porque cristãos sinceros são submetidos ao sofrimento? Segundo ele, o ser humano decai ao se rebelar contra a vontade de Deus, escolhendo o caminho do mal, do ódio e da violência. Mas nem tudo está perdido, pois Deus ofereceu seu filho para salvar os homens do pecado. Assim, *“o ser humano além de ser descendente de Adão, deve ser descendente espiritual de Jesus, o segundo Adão”*. Mas ser salvo não significa ficar longe do sofrimento, porém, a vida do cristão não é mais vazia e sem propósito, o que o livra de muitos sofrimentos desnecessários. A felicidade não depende dos acontecimentos ao redor da pessoa, que não podem separá-la de Deus (programa 14).

“A saudade dói fundo e nos faz sofrer. Entre os sofrimentos mais agudos da vida está a solidão” (programa 08). Para Eleny Vassão, os piores “tombos” são o moral, financeiro, e relacionamento com os outros. Mas quando se confia em Deus, aprende-se que não importa o tombo, nunca se ficará no chão, pois ele ajuda a levantar a aprender através das crises da vida. (programa 15).

“No meio dos sofrimentos e dificuldades da vida, talvez você pense que Deus se esqueceu de você, talvez você se pergunta se acaso ele não ouve mais a sua oração (...) se da morte Deus faz surgir vida, certamente vai transformar a dor que você está vivendo hoje em oportunidades de serviço ao próximo, de alegria interior e de comunhão com Deus” (programa 17).

“O sofrimento tira a nossa vontade de viver, nos deixa abatidos e desanimados” (programa 24).

“Que tragédia você tem enfrentado na vida? Que grande mal pode cair sobre você? Nada e ninguém neste mundo pode separar você do amor de Cristo Jesus, nem mesmo a morte” (programa 25).

*“Não encontramos Jesus sorrindo, mas chorando e por **três vezes** [na Bíblia] (grifo nosso)”* (programa 21).

O grande tema da maioria dos programas analisados é o sofrimento. Deus, por meio de Cristo, sabe o que é o sofrimento, pois a sua vida foi permeada de dor. Essa

abordagem dá um tom dramático, ainda que contido, ao programa. O Cristo de LPC é o Cristo que chora e padece do sofrimento, assim como os ouvintes podem estar solitários e necessitados de ajuda. A alegria vem da libertação, contudo é uma alegria conquistada a duras penas, por um crescimento espiritual cheio de espinhos. Em comparação com uma igreja como a Renascer Em Cristo, que prega um grande otimismo e descontração na televisão³⁶, o *Coração Caboco* é muito sóbrio e solene, ainda que amigável.

É a sobriedade diante das ameaças da vida. O programa procura estabelecer o bem estar do ouvinte, oferecendo Jesus como primeira e última resposta, como qualquer programa evangélico habitual. O que nos interessa é a forma e as ocasiões em que isso é abordado e nisso entra a questão da estética do programa: ela é ao mesmo tempo meio e mensagem, ao mostrar Jesus de forma vitoriosa e ao mesmo tempo sóbria ao ouvinte. É antes esclarecimento do que doutrinação, pois todo programa trata-se de uma forma pré-evangelística de mensagem. Mas o conteúdo e a forma educacionais do programa, abrangendo inclusive temas de saúde e comportamento, são próprios da tradição missionária protestante e estão presentes no *Nosso Almanaque do Ar* e nos produtos do CAVE em geral, o que marca uma continuidade no tempo dessa forma de prática evangelística.

Problemas contemporâneos

Por problemas contemporâneos tomamos como a violência urbana, a ecologia, a ansiedade e assuntos como a auto-ajuda, atitude otimista ou pessimista perante a vida, temas práticos da vida cotidiana.

Uma ouvinte, que teve o marido assassinado, escreveu ao programa perguntando por que isto tinha de acontecer com ela, pois ela é de uma família cristã e

³⁶ “A identificação de Sônia [Hernandes, bispa da Igreja Renascer em Cristo] com uma possível Nova Era evangélica nos parece mais significativa do que com outros pregadores da Teologia da Prosperidade. A semelhança de sua linguagem com manuais de auto-ajuda é significativa, como também a utilização de termos peculiares à Nova Era, como ‘equilíbrio’, ‘positivo’, ‘amor’, ‘poder’, ‘sabedoria’ e ‘energia’” (Fonseca 1997 : 125).

vive uma vida pacífica. Celsino Gama dá a mesma resposta que vimos no item “sofrimento”:

“O amor de Deus não nos isenta do sofrimento. Deus não é responsável pelo caminho de egoísmo e rebeldia que o ser humano decide seguir (...) Estamos cercados por uma ambiente de miséria moral e espiritual (...) quem planta, colhe. Colhemos os frutos da maldade, da rebelião da humanidade contra Deus. Nem os filhos de Deus escapam (...) [porém] em todo o universo, não há nada que possa nos separar do amor de Deus, que é nosso por meio de Jesus Cristo” (programa 27).

Outro dilema envolvendo a violência é a carta de outra ouvinte falando da dor do irmão assassinado, perguntando se Deus não poderia ter evitado a tragédia. Ao que Gama responde: *“Deus pode todas as coisas, mas vivemos num mundo cheio de violência, ódio e maldade, e essa é a nossa responsabilidade e nosso pecado (...) Eu entendo, este é um grande dilema, uma grande dúvida para muita gente, para mim também. Se Deus existe, por que permite o sofrimento?”* (programa 26). E novamente fala da corrupção humana, do sofrimento e da única salvação do homem, que é se entregar a Deus.

Essa visão de um mundo degradado pode levar a uma visão de mundo pessimista, mas Gama alerta:

“Esse espírito pessimista leva o ser humano a viver a filosofia do ‘salve-se quem puder’, cada um defende o que é seu. O egoísmo desenfreado não busca o bem estar dos outros, mas pensa unicamente na satisfação própria e no prazer momentâneo. Não siga a filosofia dos pessimistas, nem tudo está perdido. O futuro de fato existe e nós somos responsáveis pelo nosso destino. Se há futuro, há esperança” (programa 26).

Assim, é hora de olhar para o lado bom da vida:

“Existem muitas coisas boas neste mundo. Basta abriremos os nossos olhos. O sol brilha, a chuva rega a terra e dá o seu fruto, desfrutamos das belezas e dos recursos naturais. Há inúmeros momentos de alegria, de descontração e entendimento na família e entre amigos (...). Há muita coisa boa no mundo, mas enfatizamos as dores, as tristezas, as tragédias. Precisamos olhar acima dos nossos problemas e exercitar nossa fé em Cristo e colocarmos de forma absoluta nossa confiança nele” (programa 05).

A confiança em Deus é o remédio para um mal que atinge a muitas pessoas nesse mundo moderno frenético: a ansiedade. Em nenhum momento, como no programa de TV sobre depressão, Celsino Gama despreza a ajuda médica, mas oferece uma solução muito parecida, que é, ao lado do tratamento médico, a paz de espírito conseguida através de Deus:

“As dificuldades e os problemas nunca andam sozinhos. A ansiedade os acompanha sempre. A ansiedade é a dor da incerteza, é a aflição da espera por uma solução que, quem sabe, pode ser impossível (...). Entregar a Deus toda sua ansiedade é crer que ele está no controle, o destino do universo está nas suas mãos. Esta segurança removerá completamente a causa da ansiedade, ou seja, a angústia da incerteza. E a certeza restaura a calma, a sobriedade, a esperança e cria um poder redobrado de resistência” (programa 19).

Essa é a solução também para traumas de infância. Um ouvinte de 16 anos escreve, usando jargões da psicologia, perguntando se é possível uma pessoa carregar traumas para a infância (sic), mesmo antes de nascer. Celsino Gama responde que o ambiente é decisivo para se formar o caráter da uma pessoa, e que

“(...) a psicologia tem ajudado muita gente a encontrar a saída para certos desajustes de personalidade. Mas acreditamos também na ajuda espiritual. Nossos traumas, maiores ou menores, são em última instância causados pelo nosso egoísmo desenfreado, por nossa rebeldia e impossibilidade de amar e obedecer a Deus (...) Pra muita gente o passado precisa ser resolvido, os traumas precisam ser encontrados, pesquisados e dissecados. Mas há uma alternativa para quem pode crer e colocar a sua fé em exercício. O perdão de Deus em Cristo Jesus tira dos ombros o peso do pecado, fazendo nascer um novo dia, cheio de luz e esperança” (programa 06).

Sem sair do campo religioso, o reverendo Gama oferece dicas de auto-ajuda para uma moça que não consegue se aceitar como ela é fisicamente.

“Você, Lúcia, é uma pessoa especial para Deus. Infelizmente olhamos para os outros e a nós mesmos segundo um modelo de beleza exterior. (...) Não se deixe enganar, você é tão preciosa aos olhos de Deus como qualquer outra pessoa no mundo. Acredite e desenvolva seus valores pessoais sem se preocupar tanto com a aparência não deixe os outros nem você mesma diminuir as suas qualidades e valores. (...)

Tenha confiança em Deus e acredite no seu próprio potencial e parta para a luta com coragem” (programa 23).

Em seguida Celsino Gama cita quatro dicas para se alcançar a realização pessoal: primeiro é ter determinação para fazer alguma coisa e não desistir. Segundo, é ter dedicação na realização do objetivo. Terceiro é manter a ordem em sua vida, não perdendo tempo com coisas que não levam a nada. E quarto, ter sempre uma atitude positiva, visualizando o sucesso e, não, a derrota. *“Faça o seguinte: dê uma olhada no espelho, veja – quem fez você? Deus fez você. E você acha que Deus faz alguma coisa mal feita? (...) Comece agora a gostar de você mesma, porque se você não gostar de si mesma, como você poderá amar a Deus, que criou você e amar as pessoas ao seu redor?” (programa 23).* A valorização pessoal, um dos temas principais dos livros de auto-ajuda, é resignificada conforme o preceito cristão do amor – amar a si próprio precede o amor a Deus e ao próximo.

O caráter prático da crença em Deus é revelado nesse trecho: *“ao caminhar diariamente junto a Jesus você perceberá o quanto é mais fácil viver esta vida e como os dissabores do dia-a-dia parecerão a você mais suaves, menos rudes. Aprenda com Jesus; ele é o Mestre dos mestres” (programa 05).*

E, por fim, não basta cuidar de si próprio, é necessário cuidar da natureza também, pois foi criada por Deus para servir ao homem:

“Como administradores da Terra de Deus devemos evitar dois erros muito sérios: não poluir o que ele mandou preservar, ser administrador, ser mordomo é dever sagrado. Se nossa geração devasta os recursos naturais da Terra, pecamos contra o criador e criamos um dano irreparável às gerações futuras. (...). O segundo erro a ser evitado é que a criação não nos fez para o mundo, mas o mundo para nós (...) tome muito cuidado para que os bens que Deus lhe deu não sejam mais importantes que o próprio Deus, o seu doador” (programa 18).

A natureza também é uma forma de comunicação com Deus: *“neste fim de semana, convide a sua família, faça algo diferente. Procure um lugar onde a natureza não foi destruída – aproveite esses momentos valiosos. Com certeza isso vai renovar a sua vida e quem sabe levar você mais perto do coração de Deus” (programa 17).*

CONCLUSÃO

O programa *Coração Caboclo* poderia ser de música *gospel* ou de qualquer outro gênero? Provavelmente sim, pois as mensagens de evangelização de certa forma não têm conexão direta com as mensagens das canções. O programa como um todo compõe uma referência cultural na qual a evangelização já teve um lugar histórico garantido no século XIX e início do século XX. Tanto o *Nosso Almanaque do Ar* quanto o *Coração Caboclo* remetem-se a um aspecto da história do protestantismo brasileiro, que se espalhou pela trilha do café (Mendonça 1995 : 117-156).

Mas são recriações, por outro lado, de um universo caipira. Um leva em conta elementos da cultura popular católica-afro-espírita e outro empresta do mundo caipira algum sotaque musical, alguns costumes (como a Conversa de Compadre na Venda do Leocádio). O enfoque, porém, do *Coração Caboclo* não é a cultura caipira, mas a evangelização mais abstrata, que não necessita da cultura popular caipira para falar com o seu público, pois ele mesmo não vive mais no campo e, se vive, não vive mais como antes, rusticamente.

O público-alvo é urbano, pois com o êxodo rural dos anos 40 a 70, a cultura caipira urbanizou-se. Enquanto o *Nosso Almanaque* foi produzido no contexto do êxodo rural, em que a cultura caipira estava ainda se inserindo na cultura urbana, o *Coração Caboclo* vive do sentimento de um certo saudosismo de uma cultura que já se transformou, mas ainda mantém um aspecto de resistência ao mundo urbano – àquilo que ele tem de nocivo, destruidor e frio. Alia presente e passado ao apresentar músicas de Tônico e Tinoco – a velha moda de viola, tão característica de Quebramor e Collina – ao sertanejo repaginado de Chitãozinho e Xororó, cujo sucesso veio entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, coincidindo com a ascensão de Fernando Collor de Mello à presidência. É o sertanejo urbano, que conserva um certo acento, mas está aliado ao conforto do meio urbano. São duas recriações do sertanejo que permeiam os dois programas e dão base para a sua mensagem evangelizadora.

Jesús Martín-Barbero, em um ensaio sobre a mídia de massa como lugar de ressacralização das culturas contemporâneas identificou o processo de ruralização das sociedades latino-americanas como relacionado à política econômica dos tempos atuais. A urbanização rápida dos últimos 40 anos levou ao empobrecimento das classes médias e baixas e trabalhadoras por conta de políticas neoliberais que privilegiam a tecnologia em detrimento de políticas sociais.

“(...) A maioria das pessoas nas cidades está aprendendo a sobreviver na base de um tipo de subsistência urbana que mistura solidariedade rural e práticas tradicionais com novas habilidades da cidade. Isso afeta todos os aspectos da vida urbana entre as classes média-baixas e populares (...) Esse contexto cultural e sócio-econômico está também afetando as práticas religiosas na qual uma curiosa mistura de secularização urbana , importação e cultos orientais , estilos de vida New Age, e magia e espiritualismo rurais estão tomando forma”⁸⁷ (Adaptado de Martín-Barbero in Hoover & Lundby 1997 : 114).

O principal alvo das meditações é o fiel, ou melhor, a pessoa comum, alvo dessa propaganda religiosa. Por quê? Porque são as pessoas que escolhem as religiões e, não vice-versa (Freston 1993 : 28). A propaganda religiosa, por sua vez, tem uma oferta limitada – ela não se dirige ao “consumidor” somente nos termos que ele entende ou deseja. Ele oferece aquilo que a sua tradição diz que as pessoas precisam, e procura, de certa forma, reconhecer os valores correntes para encaixar suas promessas.

Por isso, ao lado de valores “novos” ou resignificados, como a proximidade com a auto-ajuda, a religiosidade prática para a vida pessoal, há temas tradicionais, que são a base da crença transmitida: a salvação na cruz, o arrependimento, o perdão divino, a restauração, o amor verdadeiro. O que é novo, na verdade, está dado à luz dessa tradição, o que perfaz um sentimento de pertencimento que é recriado num contexto diferente da instituição eclesial. Ela transforma-se na experiência estética dos meios de comunicação, em que a verdade é trazida para um público não

³⁷ *“This means that the majority of the people in the cities are learning to survive on the basis of a kind of urban subsistence economy that mixes rural solidarity and traditional practices with the new skills of the city (...) This cultural and socioeconomic context is also affecting the religious practices in that a curious mixture of urban secularization, importation of oriental cults, New Age lifestyles, and rural magic and spiritualism is taking shape” (Martín-Barbero in Hoover & Lundby 1997 : 114).*

necessariamente fiel e doutrinado. É um pré-evangelismo, que abarca alguns signos caros a outras tradições cristãs, como a católica e a pentecostal, num projeto missionário.

Dessa forma, muitas vezes os discursos se parecem, pois tratam de temas semelhantes, como o sofrimento, a auto-aceitação, a dor, a morte, o amor, o casamento, a família – áreas de atuação do projeto missionário para mudar a vida de quem ainda não se regenerou e para continuar encaminhando bem a vida de quem já “nasceu de novo”. Mas cada qual com o seu “sotaque”, dado pela sua tradição histórica.

Por fim, os dois programas apresentam duas formas de evangelizar. Ainda que tenham propósitos parecidos, o *Nosso Almanaque do Ar* evangeliza de forma indireta, com uma aproximação mais ecumênica e social, enquanto o *Coração Caboclo*, embora tenha escolhido uma temática popular para se aproximar do público, é mais denominacional, no sentido de não ter o mesmo tom ecumênico ou tolerante do primeiro programa. Além disso, o *Coração Caboclo* é mais direto e moral. Ambos têm a preocupação com a utilidade pública, oferecendo dicas de saúde e, por outro lado, não estão a serviço de nenhuma igreja em particular. Seja porque o *Nosso Almanaque* fosse feito pelo CAVE, uma organização interdenominacional, seja porque a LPC, como vimos no capítulo sobre televisão e VHS, não tenha propósito explicitamente denominacionista.

CAPÍTULO 3

VINDE A MIM AS CRIANCINHAS – LITERATURA INFANTIL

Nesse capítulo será abordada a literatura infantil produzida por *Luz Para O Caminho* Publicações (encerrada em 2000) e pela *Editora Cultura Cristã*, nome fantasia da tradicional Casa Editora Presbiteriana, fundada em 1948, e em atividade até hoje. São traduções de obras americanas, inglesas e dinamarquesas, publicadas durante os anos 90 e início do ano 2000. Não consta nenhum autor brasileiro no setor de literatura infantil. Decidimos estudar o catálogo da Cultura Cristã, pois ela mantém grande parte do material literário comercializado por *Luz Para O Caminho* até 2000.

O objetivo dessa parte do estudo não é fazer uma análise da educação cristã evangélica oferecida em Escolas Dominicais, mas tratar da noção de educação cristã como um todo, envolvendo família, parentes, professores e membros da comunidade cristã.

Nesse espaço, poderíamos conceber a literatura infantil evangélica da mesma forma que abordamos a produção de rádio e TV, isto é, como uma produção dirigida tanto a um público cristão quanto a um não-cristão. Porém, a literatura infantil foi concebida para um público específico, com um objetivo determinado: evangelizar e edificar as crianças de famílias cristãs, sob a supervisão dos pais, responsáveis pela introdução da fé na vida dos pequenos.

Nesse ponto se estabelece uma diferença entre os produtos do CAVE e a produção literária infantil. Apesar de o CAVE não produzir literatura infantil, a sua preocupação quanto à educação infantil era central em muitos de seus produtos, em especial os diafilmes e os slides. Como, por exemplo, *As Sementinhas Que Cresceram* (que mostra como a providência divina fornece o alimento diário), *Nosso Doutor* (que mostra como o médico é amigo da criança), *Mico e os Urubus* (fábula que defende que, para se livrar dos maus pensamentos, é necessário ter o coração renovado por Cristo). Eram filmes com uma mensagem moral baseada nos princípios da Bíblia. E não se pode

esquecer do desenho animado *Tonico e o Demônio*, trazendo a história típica de conversão por meio de uma das linguagens preferidas das crianças do século XX.

Seguindo o princípio bíblico de que é preciso estar sempre vigilante e preparado para a volta de Cristo à Terra, os produtos do CAVE estendiam o conceito de educação para crianças, jovens e adultos, cristãos ou não. O objetivo era sempre trazer instrução sob a forma de entretenimento, como se pode ver no capítulo anterior sobre o programa de rádio *Nosso Almanaque do Ar*.

No caso da literatura infantil de *Luz Para O Caminho* e da *Editora Cultura Cristã* o objetivo é familiarizar a criança com o universo de valores e práticas cristãs. O principal tema desses livros são as histórias e personagens bíblicos. Procurou-se analisar como esses livros se dirigem ao seu público e porque se dirigem a elas. Quais os valores ressaltados e quais os valores condenados? Por meio de quais representações esses valores são transmitidos e qual o sentido dessas representações?

Para se entender essa literatura infantil protestante foi necessário consultar o que se compreende por Educação Cristã. Uma análise somente dos livros infantis não é suficiente para entender como esse tipo de mídia se insere no contexto cristão. Os pressupostos de uma Educação Cristã conferem sentido à literatura, e por isso, duas obras foram analisadas: *Como Educar Os Seus Filhos Segundo A Bíblia* de John MacArthur Jr. (2001); e *Introdução à Educação Cristã*, de Perry G. Downs (2001)

Como diferentes autores poderiam estabelecer um diálogo entre si no que se refere ao cristianismo dirigido às crianças? Seria presunção tentar encontrar um argumento que unisse essas obras, porém, partiu-se do pressuposto de que a publicação feita pela mesma editora cristã, pertencente à Igreja Presbiteriana do Brasil, expressaria um referendo por parte de um grupo de evangélicos sobre determinadas idéias. Mesmo que as duas obras sobre Educação Cristã tenham sido escritas por autores americanos, dialogando explicitamente com a realidade americana, a publicação pela *Editora Cultura Cristã* significa que a IPB, ou a parte responsável pela editora, concorda com a argumentação dos autores e a recomenda para seu público.

Em última instância, ao lançar esses títulos no mercado editorial LPC e ECC assumem a postura de que eles não só são pertinentes para a sociedade como são devidamente autorizados pelos presbiterianos. Mesmo quando são publicados livros cujo conteúdo não é uma unanimidade entre presbiterianos o oposto também se aplica, isto é, a *Editora Cultura Cristã* não lançaria aquilo que não fosse teologicamente adequado aos seus princípios. Essas considerações se aplicam aos dois primeiros livros citados acima: John MacArthur assume um discurso fundamentalista cristão, enquanto que Perry Downs assume uma postura não muito afastada desse fundamentalismo.

1. EDUCAÇÃO CRISTÃ

Como educar os seus filhos segundo a Bíblia

John MacArthur Jr. é um pastor norte-americano, que tem seu ministério voltado para a família, apresentando programas de rádio e escrevendo livros³⁸. Ele parte do pressuposto de que as famílias cristãs estão se destruindo, enquanto o secularismo, o mundanismo e o humanismo (conjunto de idéias que defender a centralidade do ser humano na vida) invadem a igreja, querendo redefinir a família. Além disso, até mesmo o governo federal dos Estados Unidos quer reformular a idéia de família:

“Esta é uma crise séria. A família é a célula fundamental da civilização, e talvez estejamos testemunhando seus últimos extertores [sic] da morte. A mídia evidencia isto o tempo todo: divórcio, revolução sexual, aborto, esterilização, delinquência, infidelidade, homossexualismo, liberação feminina, direitos das crianças, exaltação da rebeldia” (MacArthur 2001 : 8).

³⁸ John MacArthur Jr. é presidente de *Grace To You*, uma organização sem fins lucrativos que produz e distribui os livros, os cassetes e os programas de rádio “*Grace To You*”. Ele atua na *Grace Community Church*, em Sun Valley, na Califórnia (USA) desde 1969, e tem grande atuação no campo educacional protestante, ocupando a presidência do *The Master’s College*, em 1985, e posteriormente fundando *The Master’s Seminary*, em 1986 (fonte: www.gty.org - consulta feita em 28.01.2003)

Além da família, a sociedade como um todo está em degradação moral e espiritual. Ele aponta, por exemplo, o fortalecimento das sociedades protetoras dos animais, enquanto o aborto é legalizado – ou seja, matar um animal teria ultrapassado em importância o assassinato de uma criança. Acusa o governo dos Estados Unidos (gestão Bill Clinton –1993-2000) de querer interferir na educação infantil, com o projeto de Hillary Clinton para transferir a responsabilidade sobre as crianças para instituições do Estado. Além disso, ele ataca as idéias do discurso feminista sobre o fim do casamento e critica o movimento pelos direitos individuais das crianças, que estariam tiranizando a figura dos pais, com endosso dos psicólogos e educadores “liberais”.

Boa parte dos problemas sociais, segundo MacArthur, é causada por problemas familiares, e por isso “*a menos que ocorra uma restauração da sociedade semelhante àquela vivida pela América durante o Primeiro Grande Despertamento*³⁹, o futuro da família como uma instituição nesta cultura corre sério risco” (MacArthur 2001 : 17). Não se trata de uma reforma moral de uma cultura secular, mas de uma redenção individual: “*A igreja precisa voltar à verdadeira tarefa para a qual foi chamada: evangelizar os perdidos*” (2001 : 17).

O autor critica os programas e livros cristãos destinados à educação infantil, que procuram dar soluções práticas para o cotidiano, mas que estariam ignorando de questões vitais expressas na Bíblia. MacArthur considera que a perspectiva cristã de criação dos filhos deve seguir alguns princípios bíblicos: como os filhos são uma bênção para os pais, a sua educação deve ser considerada uma alegria e, não, um fardo. O sucesso ou o fracasso da sua educação deve-se ao grau de envolvimento dos pais e, não, dos filhos, pois a influência mais importante sobre os filhos vem dos pais e, não, dos colegas.

MacArthur acusa a maioria dos pais de ter abdicado da educação dos filhos, compartimentando a vida do filho para dedicar-lhe apenas algumas horas. Para o

³⁹ Movimento ocorrido nos Estados Unidos, caracterizado pela grande popularização do metodismo, que resultou em aumento na influência das igrejas protestantes naquele país. Consideram-se dois Grandes Despertamentos: um

autor, a missão de educar exige dedicação integral, caso contrário, a omissão permite que as influências externas moldem o caráter da criança, além de o abandono por parte dos pais quando a sua vida espiritual ameaçar qualquer formação espiritual que os filhos pudessem ter.

Para o autor, há um assunto bastante negligenciado pela educação cristã – a inclinação inata da criança para o mal é devido ao pecado original que contaminou toda a raça humana, e por isso, todo coração humano é programado para o pecado e o egoísmo; é a tese da *“depravação total”*. A solução para isso está na regeneração: *“sua tarefa prioritária como pai e como mãe, então, é ser um evangelista em sua casa”* (MacArthur 2001: 41). Não é forjar uma falsa profissão de fé, mas exaltar Cristo e mostrar que ele é o Salvador – *“Criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”* (MacArthur 2001 : 43). Para isso, é necessário apresentar as crianças à Bíblia, a Palavra de Deus. O autor defende que o *“o evangelho é simples e deve ser apresentado de forma simples (...) a chave é ser fiel e consistente tanto ao ensinar quanto ao exemplificar o evangelho”* (MacArthur 2001 : 45).

A evangelização é uma tarefa de longo prazo e tempo integral, por isso o evangelho não deve ser usado apenas em ocasiões evangelísticas, na Escola Dominical ou no grupo de estudo bíblico. Além disso, não se deve confiar em *“apresentações evangelísticas do tipo enlatadas”*, pois não tocam em questões centrais como o pecado, a santidade divina ou o arrependimento, mas só estimulam respostas positivas das crianças. A fé verdadeira consiste em um conhecimento de conceitos importantes, como *“bem e mal, pecado e castigo, arrependimento e fé, santidade de Deus e sua vida contra o pecado, Cristo como Deus encarnado, expiação do pecado, o significado da ressurreição e do senhorio de Cristo”* (MacArthur 2001 : 47).

MacArthur defende que não há idade ideal para se compreender esses conceitos, e por esta razão, os pais devem incentivar as expressões infantis de fé até que as crianças atinjam um certo nível de compreensão. Não se deve forçá-las a nada, mas ser fiel, paciente e profundo. Deve-se fazê-las entender o sentido do pecado - *“eles*

ocorrido entre 1730 e 1776, e outro, a partir de 1850, o que levou Mendonça (1995 : 53-59) a denominar os séculos

precisam entender porque são atraídos pelo pecado, e então devem sentir sua própria necessidade de redenção” (MacArthur 2001 : 51) – para que sintam o arrependimento de coração. Além disso, deve-se conscientizar a criança de que o custo de seguir Cristo é o sacrifício de enfrentar desafios durante toda a vida, e que por isso deve-se estimulá-los a confiar em Cristo.

Porém, não basta ensinar os princípios do evangelho, mas também se deve ensinar a “sabedoria prática da vida”, e o melhor lugar onde ela está inscrita é no Livro dos Provérbios, que fornece lições vitais sobre caráter, integridade, justiça, prudência, discernimento e questões práticas da vida. Mais que isso, o foco de toda instrução deve ser Cristo, a personificação da sabedoria.

Por um lado, não basta passar o ensinamento às crianças; ele deve ser acompanhado pelo exemplo de vida dos pais, que deve ser coerente com o que eles dizem. Por outro lado, as crianças também têm deveres.

“Se os pais cumprem o dever deles de educar seus filhos ‘na disciplina e na admoestação do Senhor’, a criança que se concentra em obedecer à mamãe e ao papai aprenderá, por meio dessa obediência a obedecer a todos os outros princípios de Deus. É assim que as famílias cristãs devem funcionar” (MacArthur 2001 : 93).

Entretanto isso não é tarefa fácil por três razões: pela corrupção que cerca os filhos, pela maldição que existe dentro deles e pela sua própria infantilidade.

Honrar pai e mãe não significa obedecer por obedecer, mas implica uma atitude por detrás da ação por toda a vida. Para isso, é necessário que os pais “*derramem a Palavra de Deus dentro de seus filhos*”, para que ela direcione as suas consciências, preenchendo o coração dos filhos com as Escrituras por meio da “*memorização, estudo bíblico em família e conversa diária*” (MacArthur 2001 : 105).

Educar na disciplina e admoestação implica uma série de atitudes. Por disciplina, o autor entende como ensino e correção, nutrindo o coração dos filhos, fazendo-os reconhecer que têm um coração pecaminoso, tendo-se em vista a

regeneração espiritual como necessidade espiritual da criança e preocupação maior dos pais. Por isso, o principal foco dos pais deve ser o coração e, não o comportamento dos filhos. As prioridades dos pais são ensinar aos filhos sobre Deus, ensinar-lhes a amar a Deus e obedecê-lo de coração, seguir seu exemplo e ser cautelosos com o mundo que os cerca.

Por admoestação MacArthur entende que ela deve funcionar como uma correção e um aconselhamento perante o erro dos filhos, que se estende para a disciplina corporal quando necessária. O importante é não aplicar o castigo com raiva, mas consciente de que isso será para o bem dos filhos.

Por fim, os pais foram colocados acima da criança por Deus, e por isso, ela deve obedecê-los, porque é justo, já que é a forma como Deus quis organizar a família⁴⁰. “Alguém dirá: ‘Mas onde estão as evidências psicológicas? Quem fez os estudos de caso? Quais são as opiniões dos especialistas em desenvolvimento infantil a respeito?’ Faz alguma diferença o que os outros pensam?”(MacArthur 2001: 103).

O autor demonstra profundo desprezo pelos estudos de psicologia sobre o comportamento infantil, deixando claro que as chamadas doenças comportamentais são na verdade “consequência (como Salomão diria) da tolice pecaminosa no coração da criança” (MacArthur 2001: 75), que os pais deixaram aflorar.

Essa atitude de rejeição aos estudos científicos de outras áreas como a Educação e a Psicologia, a aversão à intervenção do governo em assuntos de constituição familiar, a condenação de movimentos de emancipação feminina e de legalização do aborto, a acusação de invasão do secularismo e do mundanismo na igreja, além da defesa da tese de declínio moral da família e da sociedade são argumentos típicos do fundamentalismo cristão.

Karen Armstrong (2001) fez uma análise histórica dos fundamentalismos, cristão, islâmico e judaico, apontando que, apesar das diferenças, possuem um ponto

⁴⁰ Esse autor relaciona a educação cristã à própria organização da família segundo os preceitos bíblicos – isto é, o pai é o cabeça da família, assim como Cristo é o cabeça da Igreja. A mulher deve ser submissa ao marido, cuidar da

em comum: são reações à modernidade secularizante, perfazendo uma contracultura não utópica, mas pragmática, no século XX. O fundamentalismo cristão tem suas raízes no século XIX, com o desenvolvimento do pensamento científico secularizante e da crítica superior da Bíblia.

O otimismo do progresso material teria causado um sentimento de medo, isolamento e melancolia, causando descrédito de muitos perante as religiões tradicionais. O fundamentalismo cristão americano seria uma resposta à descrença da sociedade, propondo um plano de salvação que prescindia do retorno aos fundamentos - a fé bíblica. Assim como o pensamento científico, o fundamentalismo é objetivo e moderno no seu literalismo bíblico e democrático no seu acesso - qualquer poderia obter a salvação, bastando aderir ao que a Bíblia dizia (Armstrong 2001 : 161-173). A ânsia pela regeneração da sociedade, considerada degradada moral e espiritualmente, traduziu-se em inúmeros esforços, com o uso extensivo dos meios de comunicação de massa, a partir da segunda metade do século XIX, como estudado por David Morgan (1998), prosseguindo rumo à construção de impérios no setor de publicações e comunicações, no século XX.

Armstrong (2001 : 245-249; 299-311) aponta recuos e avanços no fundamentalismo cristão ao longo do século XX. No entanto, entre 1960 e 1974 há uma grande mobilização fundamentalista, iniciada no sul dos Estados Unidos, por conta da forte onda migratória de pessoas vindas do norte do país, trazendo costumes considerados liberais. As pessoas se voltaram cada vez mais para igrejas fundamentalistas, em especial às “igrejas eletrônicas”. Havia uma grande revolta contra o poder excessivamente centralizado, que ameaçava o muro de separação entre religião e política, com o banimento do culto obrigatório das escolas do Estado. Havia também oposição às iniciativas secularizantes em resposta ao crescente pluralismo religioso, que esvaziava o poder do protestantismo institucionalizado.

A contra-ofensiva veio na educação, pois havia crescido o número de matrículas em escolas fundamentalistas. Cresceu também a influência dos tele-evangelistas, que deram apoio político a Ronald Reagan na campanha para a presidência do país, em 1980. “*O fundamentalismo co-existe com o liberalismo ou secularismo agressivo numa relação simbiótica, e quando atacado, invariavelmente se torna mais radical e exacerbado*” (Armstrong 2001 : 207).

O fundamentalismo, a fim de atingir uma mobilização eficaz, elege seus inimigos ao longo do tempo – no século XIX, era o progresso científico, que retirava de Deus a autoridade sobre a Criação, ou a crítica superior bíblica, que questionava a autoria divina da Bíblia por meio de estudos arqueológicos. No século XX, principalmente após os anos 60, é o humanismo secular, que defende a centralidade do ser humano na vida, em oposição à centralidade de Deus na vida humana. Por outro lado, o “mundanismo”, recorrente no discurso de MacArthur advém da antiqüíssima oposição entre *mundo* e *espírito*, sendo a esfera do mundo o domínio das paixões humanas, enquanto o reino do espírito representaria o Reino das coisas de Deus, sem a mácula do pecado humano. É um conceito presente na mentalidade cristã, seja ela evangélica ou católica, instrumentalizado de diversas maneiras, conforme a necessidade de um grupo para combater o que lhe parece ameaçar.

Articulado a essa oposição entre mundo e espírito está o conceito pré-milenarista de salvação do mundo, isto é, porque o mundo não é o Reino de Deus, os cristãos devem esperar pela volta do seu Salvador para que ele inicie seu reino de mil anos. Os cristãos, enquanto isso, devem procurar evangelizar os não-fieis, caso contrário eles não serão salvos – recuperar a alma dos “perdidos” e, não, restaurar o mundo, é a grande missão dos cristãos.

Por isso, MacArthur critica desde o feminismo até os direitos das crianças, passando pela intervenção do Estado em assuntos religiosos – esse, um argumento que vem desde o século XIX, e que sempre causa comoção entre esses cristãos. Ainda que o fundamentalismo esteja um tanto desarticulado politicamente, de pois da gestão

de Reagan e da fracassada tentativa do tele-evangelista Pat Robertson à presidência, ele ainda persiste como força cultural mobilizadora nos Estados Unidos.

Introdução à Educação Cristã

Além do livro de MacArthur, foi analisado o livro de Perry Downs, sobre Educação Cristã - *Introdução à Educação Cristã* (2001). Trata-se de uma argumentação diferente, que foge um tanto do fundamentalismo do livro anterior. O autor, de família fundamentalista, confessa que chegou a ser acusado de liberal (“*meu próprio movimento para fora do fundamentalismo mais rígido de minha juventude foi especialmente doloroso*” – Downs 2001 : 145). Ele é professor de Educação Cristã na *Trinity Evangelical School* em *Deerfield, Illinois (EEUU)*, e seu livro se dirige preferencialmente aos educadores cristãos, mas contém também conselhos aos pais e familiares sobre a educação infantil.

O objetivo do seu livro é orientar os educadores – não somente os pais, mas principalmente os professores – a ajudar as pessoas a atingir a maturidade espiritual. Além disso ele pretende recuperar o interesse central da Educação Cristã, que é dada pela interpretação histórica da Igreja, o que ele chama de “*um passo para trás com o propósito de correção*” (Downs 2001 : 8), já que nenhuma técnica contemporânea de ensino produziu mais santidade, piedade e amor. Ele afirma que a disciplina aumentou o seu campo de atuação (nos Estados Unidos), mas às expensas de uma teologia sadia. Assim, ele procura voltar-se para a Bíblia, sem descartar os conhecimentos de Psicologia e Ciências Sociais, naquilo que elas possuem de “verdadeiro” em relação às Escrituras.

“Responder às necessidades das pessoas é às vezes percebido como mais importante do que responder à real necessidade de se reconciliar com Deus. Ajudar as pessoas a sentirem-se bem tomou o lugar de ajudar as pessoas a serem boas e a fazerem o bem. Esse é um preço que eu não estou disposto a pagar” (Downs 2001 : 7).

Ele alia os conhecimentos bíblicos aos humanos por acreditar que toda verdade emana de Deus, revelada por meio da Palavra e da Criação, mas o homem só tem acesso a essa verdade por meio dos seus próprios mecanismos – a Teologia (que estuda a Palavra) e as Ciências Sociais (Psicologia, Sociologia, Antropologia e Educação – que estudam a humanidade). Os cristãos devem valorizar os dois para entenderem tanto a revelação quanto toda a criação.

A melhor maneira de levar os cristãos à maturidade espiritual é por meio da Educação Cristã, pois é um serviço de edificação, que começa onde a evangelização termina. Dessa forma, Downs afirma que a Educação Cristã é central para capacitar as pessoas a crescerem na fé como cristãos, a despeito da desvalorização que ela vem sofrendo nas igrejas. Para Downs, “a igreja deixou de proclamar o conteúdo da fé” (Downs 2001 : 32), tornando sua fé fraca, pois a preocupação em atender às necessidades imediatas suplantou o conhecimento verdadeiro dos mistérios de Deus. “Os mistérios de Deus não são irrelevantes para a vida, mas eles são de fato o único meio de a vida fazer sentido” (Downs 2001: 32). E para que essa tarefa seja realizada, os educadores devem entender tanto a Teologia como as pessoas, psicológica e culturalmente, estabelecendo uma parceria com Deus.

Conhecer a natureza humana é tão importante quanto conhecer a natureza de Deus como ele é e, não como o ser humano deseja que ele seja (Downs 2001 : 51). O conceito central para entender Deus é a santidade, atributo mais importante do que o tão enfatizado amor, sendo Deus separado e absolutamente distinto de sua criação. Além disso, Deus é completamente sem pecado, separado de qualquer mal ou injustiça, o que exige dos seres humanos um tratamento especial em relação a ele. Downs critica as formas de devoção atualmente vigentes:

“É impressionante contrastar as orientações rígidas do Antigo Testamento para se aproximar de Deus com o modo tão despreocupado e quase arrogante com que as pessoas se aproximam dele hoje. Em algumas adorações contemporâneas não há quase o senso de que Deus é santo, que ele deve ser reverenciado e temido por causa de sua terrível santidade. Antes, o domesticado Deus de

alguns cristãos pode ser abordado de qualquer forma e com qualquer atitude que se deseje. Como resultado, as pessoas não têm a impressão de Deus e o vêem quase como secundário na vida diária. O enfoque se move para o eu. A felicidade e a realização se tornam exaustivas, e as chamadas bíblicas para negar-nos a nós mesmos e seguir a Deus quase não são ouvidas” (Downs 2001 : 53).

Por fim, é fundamental ter em mente o conceito de pecaminosidade – ou pecado original, razão pela qual Jesus Cristo teria morrido. Downs defende que ultimamente a ênfase no sentido do pecado vem diminuindo, porém a sua compreensão *“ajudará a moldar tanto como nós vemos o processo educacional quanto o nosso entendimento da obra de Deus na vida de seu povo”* (Downs 2001 : 38) (...) *“ao desenvolver uma teologia de Educação Cristã, ela deve incluir uma visão apropriada da pecaminosidade humana e uma visão apropriada do envolvimento redentor de Deus com as pessoas”* (Downs 2001 : 63).

Por isso, a Educação Cristã é um serviço de edificação, pois ela age após a conversão, que implica a ação do Espírito Santo no coração das pessoas. Pessoas não redimidas não podem entender uma verdade espiritual e isso significa que deve haver uma intervenção sobrenatural no ministério de educação, para que vidas sejam tocadas. O educador não transforma ninguém, somente Deus tem esse poder. Contudo, Deus teria dado ao educador a missão de encaminhar as pessoas para a verdade.

Para que esses conceitos sejam ensinados e assimilados é necessária uma *renovação da mente* – conceito semelhante à idéia de regeneração mencionada por MacArthur. Após a conversão do cristão ocorre a santificação operada por Cristo. Porém, para se alcançar a santificação é necessária uma transformação que englobe todos os aspectos da vida submetidos aos princípios da Bíblia – a começar pela mente.

Assim, a renovação da mente só ocorre a partir da instrução na Palavra de Deus, pois *agir* como cristão significa *pensar* como cristão – *“Somente por meio do aprendizado de temas como santidade e justiça, pecado e redenção, graça e perdão, o povo de Deus pode ter a mente renovada para pensar de modo bíblico”* (Downs 2001: 76).

Se os adultos devem ser ensinados a entender a vida de uma nova maneira, as crianças podem ser ensinadas desde o início a pensar de modo cristão, tarefa preferencial dos pais cristãos, com a vantagem de que as crianças não precisam de um “*retreinamento*” [sic] mental, mas sim, de uma instrução para a salvação pela fé (Downs 2001 : 78).

A educação cristã infantil que for de responsabilidade tanto da igreja quanto da família será eficaz para “*contra-atacar as influências negativas de um sistema escolar secular*” (Downs 2001 : 79), e para isso, é importante que a educação infantil não seja nem trivializada e nem transformada em entretenimento, pois é a verdade revelada por Deus.

Downs faz um estudo sobre o desenvolvimento cognitivo, moral e espiritual, baseado em diversas teorias como o Behaviorismo, a teoria de Jean Piaget, e o aprendizado social, procurando a veracidade de algumas dessas teses em relação à revelação divina contida na Bíblia. É a aceitação da ciência naquilo que ela concorda com a fé – algo que afasta Downs do mais rígido fundamentalismo americano⁴¹.

Conforme seu estudo dos estágios de desenvolvimento, ele diferencia seu argumento do discurso de MacArthur, ao propor um conhecimento do ser humano para se empreender um ensino condizente com os diferentes níveis de entendimento humano. Ele elege a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget como a mais próxima do que está previsto nas Escrituras em relação ao ensino da Palavra. É uma teoria que defende que o ser humano passa por fases de desenvolvimento e de aprendizagem que evoluem de um pensamento concreto formado por estímulos externos na infância (fase sensório-motora), para um pensamento abstrato a partir da adolescência (fase de operações formais). À medida que essa evolução ocorre, o ser humano parte de uma percepção do mundo egocêntrica para uma percepção mais descentralizada, compreendendo a existência de outras pessoas e de outros povos.

⁴¹ Fundamentalismo que ainda rejeita o darwinismo, restringindo seu ensino em escolas denominacionais nos Estados Unidos.

Como o universo da criança se resume à sua relação com os pais e como a própria Bíblia prescreve, “os pais são responsáveis por criarem seus filhos na fé, e a igreja é responsável por ensiná-los de forma que eles possam crer” (Downs 2001 : 171).

O Behaviorismo – teoria que enfatiza o ensino por meio do controle externo de comportamentos – é bastante criticado por Downs, por não considerar a pessoa como um todo. Porém, o autor reconhece que essa teoria possui uma contribuição à educação cristã quanto ao condicionamento operante, isto é o reforço positivo ou negativo de determinados comportamentos, por meio de recompensas e punições. Os padrões de comportamento formam atitudes, e as formas mais elementares de desenvolvimento moral são influenciadas por contingências externas. É uma idéia referendada pelas Escrituras, em que Deus prometeu bênçãos para a obediência e maldições para a desobediência – mais adiante, na análise das Bíblias voltadas para o público infantil, essa idéia aparecerá de forma bastante corrente.

“Num sentido bastante real, ninguém pode aprender a ser cristão. Ser cristão requer uma operação sobrenatural de Deus na regeneração e seu gracioso dom de fé para a salvação. Mas num outro sentido nós devemos ensinar nossos filhos a seguirem o Senhor e, nesse sentido, serem cristãos.” (Downs 2001 : 178).

Dessa forma os pais devem dar o exemplo, já que as crianças imitam o seu comportamento e suas atitudes em práticas formais (festas do Advento, Natal e Páscoa) e informais (atitudes e ações diárias), para ensinar a viver a realidade de Deus em suas vidas cotidianas. Tal realidade compreende algumas atitudes que os pais devem cultivar em família: o amor, a obediência e o serviço a Deus, isto é, deixar claro, por meio de suas palavras e ações que as pessoas devem servir a Deus e, não, o contrário. Além do mais, é importante manter envolvimento com os membros da Igreja, engajando-se nas atividades comunitárias e matriculando os filhos na Escola Dominical.

O ideal para Downs seria que as crianças possuíssem tanto uma educação informal, baseada no aprendizado social com a comunidade de fé, como uma

educação formal, que aproveitasse as experiências das crianças para ensinar-lhes os preceitos da fé. A intervenção de um especialista é importante para que a experiência seja confrontada com a Bíblia – e não a Bíblia ser confrontada com a experiência, respeitando o modo de pensar da pessoa, considerando-a como um todo, levando em conta o processo de desenvolvimento para ensinar-lhe corretamente⁴².

Em um apêndice, Downs discorre sobre a evangelização das crianças, destacando a centralidade da salvação no ensino cristão. Porém, ele aponta um problema na representação da verdadeira natureza da fé salvadora. Ao invés de se dizer “*Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa*” (At 16.31), costuma-se dizer às crianças “*Convide Jesus para entrar em seu coração e serás salva*” (Downs 2001: 245).

A questão principal não é só aceitar a salvação, mas deixar claro que Jesus é o Senhor e ter fé nele significa seguir a obediência a ele. Ou seja, “*nossa fé deve influenciar nossa atitude, nosso comportamento e nossos valores*” (Downs 2001 : 246). A criança tem capacidade de entender isso, pois a própria Bíblia autoriza esse ensino, mas isso não quer dizer que ele ocorra facilmente. A tarefa do ensino é dar forma e conteúdo à credulidade da criança para que sua fé se dirija somente a Cristo, levando em conta que os filhos de crentes são, de certa forma, diferentes dos filhos de não-crentes.

* * *

Como se pode constatar, em ambos os livros é defendida a idéia de que a fé deve ser acompanhada por uma postura de vida e de comportamento embasadas nos princípios cristãos. O ideal é que as crianças tenham uma educação cristã desde cedo, algo que não somente o lar pode prover mas a comunidade, por meio dos cultos, das reuniões familiares e comunitárias e da Escola Dominical.

A questão central para a educação cristã é a promover a salvação das crianças. Como será visto a seguir, a literatura infantil dá ênfase à salvação, à fé e à crença de que Cristo morreu para salvar os homens, limpando os seus pecados, inclusive o

⁴² Esse também é o argumento do livro de Donald Griggs (2001), que se concentra no aspecto prático do ensino nas Escolas Dominicais.

pecado original. Porém, pelo método adotado nessa pesquisa as diferentes formas como esse conteúdo é transmitido implicam diferenças nas mensagens. O princípio bíblico se mantém, mas as abordagens adotadas, as linguagens escolhidas acrescentam informações ao que se deseja ser passado e também conferem sentido à mensagem cristã.

Quanto ao fato dos dois livros serem de autores norte-americanos existem implicações importantes. Da mesma forma que o protestantismo de missão no Brasil foi influenciado pelas transformações ocorridas nas “matrizes” americanas (como o movimento de Avivamento, com uma piedade mais emocional, pietista, por exemplo), ele continua sendo influenciado pelo que ocorre nos Estados Unidos, já que a literatura publicada pela *Editora Cultura Cristã* é maciçamente americana.

No caso da literatura e da educação infantil, muitos debates americanos são transportados para o Brasil e a amostra das publicações analisadas é parte de um esforço para retomar um procedimento que supostamente estaria sendo abandonado pelas igrejas – ensinar os conceitos básicos do cristianismo, em especial a salvação pela fé – marca teológica do protestantismo. Seria uma reação contra a invasão do “individualismo” e do “mundanismo” na igreja e na vida dos cristãos, que estariam buscando orientação para a vida prática, sem atentar para os princípios – os *fundamentos* – morais do cristianismo.

Isso implica que o fundamentalismo cristão americano estaria incidindo sobre o Brasil por conta da *Editora Cultura Cristã*, pois mesmo um autor como Perry Downs, por mais afastado do fundamentalismo ultra-conservador, propõe um retorno aos fundamentos da Bíblia, articulado ao que as ciências sociais descobriram sobre a “criação do sexto dia”. É um fundamentalismo “*light*”, pois não renega a ciência, mas a aceita com uma condição: que se encaixe à “Verdade” divina, não importando se foi desenvolvida por um protestante liberal ou um católico. Mas é fundamentalista, pois rejeita o mundo como se encontra, receitando o *retorno* aos fundamentos bíblicos como o *único* caminho viável para se reencontrar com Deus.

“Os conservadores desenvolveram uma reputação pela intolerância. Nós temos às vezes tentado forçar nossas visões e práticas de maneira que não devemos. Mas ser sugado para dentro do clima da tolerância teológica, que argumenta que o conteúdo de nossa fé não importa, mutilará a igreja coletivamente e seu povo individualmente. Jesus ensinou que a verdadeira liberdade seria conseguida por meio do compromisso com a verdade [grifo nosso]” (Downs 2001:157-158).

2. LITERATURA INFANTIL

Foram analisados 17 livros de literatura infantil, a maioria lançada por *Luz Para O Caminho* Publicações, setor da produtora *Luz Para O Caminho* que foi encerrado em 2000 por ordem da Igreja Presbiteriana do Brasil. A partir de então, a Casa Editora Presbiteriana (nome fantasia *Editora Cultura Cristã*) passou a concentrar as publicações, enquanto a LPC encarregou-se do material audiovisual (com exceção do devocional *Cada Dia*).

Preferiu-se expor os livros infantis separadamente, fazendo as devidas comparações quando necessário, senão, o argumento de cada livro se descaracterizaria. Foram identificadas três categorias de livros: as Bíblias infantis e livros de histórias bíblicas; os devocionais; e os livros de temática variada.

2.a. BÍBLIAS INFANTIS E HISTÓRIAS BÍBLICAS

Minha Pequena Bíblia de Promessas

O primeiro livro é a *Minha Pequena Bíblia de Promessas*, de L.J. Sattgast (1996). É um livro que contém promessas de Deus, baseadas na exposição curta de histórias da Bíblia. Para cada história, contada de forma simples em uma página, há uma ilustração que representa o seu principal aspecto. No final, há uma página dedicada aos pais, com instruções para tornar a leitura do livro mais eficaz, já que seu objetivo é ensinar a confiança irrestrita em Deus, porque “o Senhor é fiel em todas as suas promessas” (Salmo

143.13 – citado na primeira página do livro). Como é um livro indicado a crianças de um a cinco anos, seria indispensável o acompanhamento dos pais na leitura.

São 45 histórias do Antigo e do Novo Testamento, compreendendo desde o episódio de Adão e Eva até o nascimento de Jesus Cristo, sua pregação, sua morte e ressurreição, passando pela Arca de Noé, Daniel na cova dos leões, Jonas, além de algumas parábolas de Cristo, como o Bom Samaritano. Na análise desses livros, foi considerado não somente o texto, mas também a representação iconográfica, que fornece pistas intrigantes sobre as formas de comunicação e as mensagens transmitidas.

No caso desse primeiro livrinho, optou-se por uma caracterização “bíblica” dos personagens, isto é, trajados de roupas de pastores hebreus, com turbantes, túnicas e cores vibrantes. Na capa, por exemplo, estão desenhados dois homens e uma mulher, vestidos como pastores hebreus em meio a uma paisagem de flores, um carneiro e um cachorro – todos sorridentes, inclusive os animais. Aliás, os animais são presença constante nesses livros, criando uma identificação com as crianças, já que é corrente a idéia de que criança se afeiçoa muito a bichos de estimação. É uma forma de se criar um elo emocional pré-textual.

Como são 45 mensagens diferentes, preferiu-se destacar os aspectos centrais que formam o sentido do livro. Alguns temas que foram prescritos pelos especialistas em educação infantil no item anterior estão presentes nesse livro: a obediência a Deus, o sentimento de certeza e de confiança em Deus e a salvação em Jesus.

A obediência a Deus é representada como uma obediência à figura paternal, ou seja, porque Deus é bom e santo, e porque ele ama as pessoas, elas devem obedecê-lo. Como no caso de Adão e Eva: Deus criou Adão e Eva, mas ordenou que não comessem o fruto de uma árvore: *“Eles obedeceram? Não, e agora eles estão tristes. Mas Deus ainda os ama”* (Sattgast 1996 : 8). As promessas que acompanham as histórias são um diálogo de Deus com a criança. Os atributos de Deus reforçados são o amor e o senhorio: *“Eu sempre vou tomar conta de você”* (Sattgast 1996 : 16), *“Toda criança é preciosa*

para mim” (Sattgast 1996 : 20); “Eu tenho um plano para a sua vida” (Sattgast 1996 : 22); “Você é feliz quando você obedece aos meus mandamentos” (Sattgast 1996 : 28).

Quando se lança mão do discurso direto, implica uma devoção pessoal que seria estimulada na criança. Aliado a uma representação de uma figura familiar à criança, ou seja, a figura paternal, essa intenção é potencializada. A obediência a Deus é a obediência a um provedor, a um pai amoroso e justo.

“Deus levou seu povo para o deserto onde era quente e seco. ‘Estamos com sede!’”, eles gritaram. Então Deus deu água para eles. ‘Estamos com fome!’, eles disseram. Então Deus mandou uma comida chamada maná, todos os dias de manhã (...) Agora todos tinham bastante comida e bebida. Promessa : Eu darei a você tudo o que você precisa” (Sattgast 1996 : 26).

Na história em que Samuel ouve Deus falar – “Samuel estava confuso. Três vezes numa noite ele ouviu uma voz chamando. ‘Eu não chamei você’, disse Eli quando Samuel o acordou. ‘Deus deve estar chamando você. Volte para a cama e ouça o que Ele diz’. Samuel ouviu. E Deus disse: ‘Samuel! Samuel!’. ‘Estou ouvindo, Deus’, disse Samuel. Então Deus disse muitas coisas a Samuel. Promessa: eu direi tudo o que você precisa saber” (Sattgast 1996 : 32). Isso passa a impressão de que Deus também pode falar com a criança que estiver lendo ou ouvindo a história, o que é uma forma de estimular a devoção pessoal.

Por outro lado, uma promessa como “Eu ajudarei você falar (sic) para as pessoas sobre Jesus” (Sattgast 1996 : 88) tem uma implicação no contexto dos anos 90/2000, não tanto para as crianças, mas para o mundo em geral, pois à medida que as opções políticas se esboroam, as opções religiosas, as identidades étnicas, raciais e sexuais são afirmadas e assumidas em público. Mesmo no Brasil, onde essa tendência ainda sofre resistências por parte de muitos setores, o pluralismo e a diversidade dão uma nova dimensão à profissão de fé dos evangélicos. Se antes ela era feita em um contexto onde havia o confronto direto com o catolicismo, nos últimos vinte anos, a profissão de fé é mais uma afirmação do que uma resistência minoritária.

Retornando ao universo infantil, a obediência também implica uma *recompensa*, tal como um “reforço positivo”, analisado no item anterior. Vê-se isso na história de

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, mandados à fogueira por se recusarem a adorar uma estátua de ouro. Mas eles não se queimaram, pois Deus lhes enviou um anjo para protegê-los – e no fim até o rei que os condenou louvou a Deus. A promessa é *“Eu ajudarei aqueles que obedeceram a mim”* (Sattgast 1996 : 38). Aqui, o sentido da obediência novamente à figura do pai que recompensa o ato bom, e castiga quem não o obedece.

Já o sentimento de certeza em Deus está, por exemplo, na história em que o profeta Elias ora aos céus para que Deus lhe envie fogo ao altar pagão dos homens do rei. A promessa é *“Eu ouvirei as suas orações”* (Sattgast 1996 : 36). Na história em que Cristo interrompe a tempestade a promessa é *“não tenha medo, eu estou com você”* (Sattgast 1996 : 56). No episódio em que Jesus ressuscita a filha de Jairo, a promessa é *“você sempre pode vir a mim para ser ajudado”* (Sattgast 1996 : 58).

Por sua vez, o sentido da salvação em Cristo é bastante citado. Na história da ressurreição de Lázaro, a promessa é *“Eu darei uma vida nova a você”* (Sattgast 1996 : 70). Jesus também tem a caracterização amorosa e provedora do Deus do Antigo Testamento. Sobre a família de Deus, o autor escreve *“Qualquer um que quiser entrar na família de Deus deve vir como uma criança. Promessa: Eu deixarei você entrar na minha família”* (Sattgast 1996 : 72). Na figura correspondente, Jesus está cercado por crianças sorridentes, que o saúdam. Jesus também é o amigo. *“Você pode ser sempre corajoso se lembrar que Jesus está com você”* (Sattgast 1996 : 72).

Porém, o mais emblemático é a representação de Jesus. Como todos os personagens retratados, ele está sempre sorridente, com sua túnica branca, com uma faixa azul trespassada. A expressão alegre traz uma leveza à mensagem, ainda mais quando apresentada a crianças que não sabem ler – a imagem é preferencialmente fixada. Mas Jesus Cristo alegre tem uma implicação adicional: o sofrimento associado a ele, como visto no capítulo sobre o rádio, é substituído pelo amor. Na morte de Jesus – *“Ele morreu para tirar nossos pecados”* (Sattgast 1996 : 80), a figura correspondente possui ao fundo três cruces, mas Jesus não está retratado nela, talvez para não chocar as

crianças. Enquanto em primeiro plano, três mulheres e um homem choram, sob o olhar malicioso do soldado romano. Ao fundo, tudo está escuro como a noite.

Em uma outra figura (*fig. 1*), Jesus está em destaque, iluminado em volta, como se tivesse um grande sol atrás dele. Ele está sorrindo e apontando para o céu. Embaixo dele, três discípulos o admiram. É a representação do episódio em que Deus diz: “*Este é o meu filho e eu o amo. Ouçam o que ele diz!*” (Sattgast 1996 :64-65). Nessa figura, há uma grande semelhança com um personagem presente no filme norte-americano “*Dogma*” (1999), dirigido por Kevin Smith. Trata-se do *Buddy Christ* (*fig. 2*), algo como Jesus Camarada em português.

O filme conta a história de dois anjos que foram condenados a passar a eternidade na Terra por desrespeito às leis divinas e que encontraram uma oportunidade de voltar ao Paraíso por conta de uma cerimônia da Igreja Católica que perdoaria todos os pecados das pessoas – bastando passar pelo portal da Igreja Católica de New Jersey. A cerimônia fazia parte da campanha de renovação da imagem da Igreja Católica – e do Cristianismo – empreendida por um bispo. Parte dessa renovação seria a mudança na imagem de Jesus, e para isso foi criada a estátua do *Buddy Christ* – um Cristo sorridente, de gesto amável e amigável, que em nada carregaria o sofrimento da cruz. Isso implica uma devoção voltada para um certo bem-estar: acreditar em Cristo significa receber um conforto por conta do seu amor, por ele ser amigo e companheiro, por trazer uma mensagem positiva. Talvez seja uma versão “repaginada” da cristologia da amizade americana dos séculos XIX e XX, acrescentada a um certo cinismo do diretor do filme.

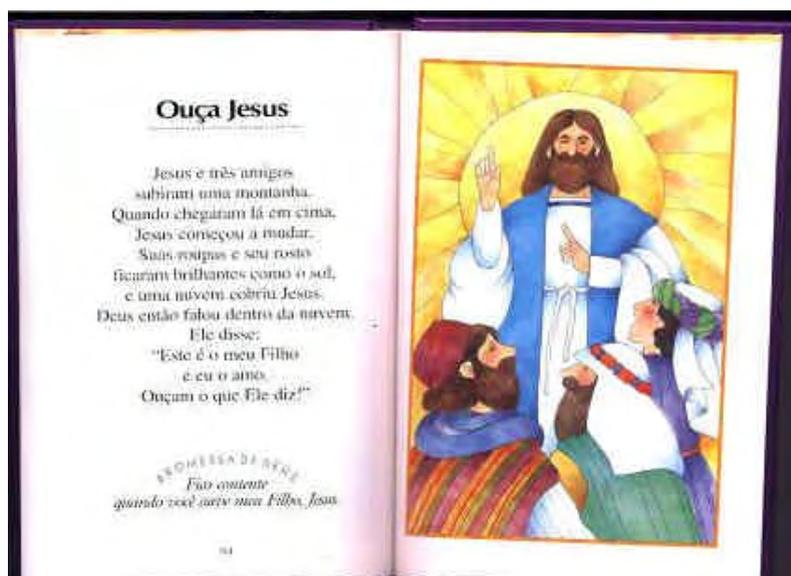


Figura 1 - Jesus sorri na *Minha Pequena Bíblia de Promessas* (Sattgast 1996 : 65-64) . Ilustração: Nan Brooks.



Figura 2 - Buddy Christ (www.dogma-themovie.com)

Finalmente, o livro traz sugestões para os pais aproveitarem melhor a leitura, para ensinar que as promessas de Deus são sempre cumpridas, mesmo que não sejam da forma como os homens esperam. Dentre as sugestões estão: fazer uma lista de promessas ao ler a Bíblia, lendo uma promessa por dia aos filhos; procurar orar com os filhos sobre as necessidades deles ou de outras pessoas, agradecendo sempre a resposta às orações; explicar que Deus não pode cumprir todas as promessas do jeito que se espera, mas ele sempre fará o que é melhor para todos; e registrar num caderno como Deus abençoa a família e mantém suas promessas, lendo em voz alta para os filhos de vez em quando – o que aumentaria a fé que eles possuem e produziriam corações agradecidos (Sattgast 1996 : 96).

É uma espécie de religião prática, que se desenvolve aos olhos dos fiéis. É uma forma também de tirar do campo abstrato as idéias presentes no livro, transformando-se em uma prática de leitura e de devoção familiar. Enfim, o livro não deve ser lido sozinho, mas sempre em companhia dos pais – tanto que todas as histórias possuem a indicação das passagens da Bíblia das quais foram retiradas.

Minha Primeira Bíblia Ilustrada

O segundo livro é *Minha Primeira Bíblia Ilustrada*, de Kenneth Taylor (1992). Ele enfatiza figuras históricas e eventos contidos na Bíblia: “*As histórias e as ilustrações introduzem as crianças aos grandes personagens da Bíblia. Temas importantes da Bíblia serão plantados em seus corações e permanecerão lá por toda a vida*”⁴³. A responsabilidade dos pais já é evocada logo no início – “*Este livro foi dado com carinho ao seu filho ou à sua filha. Mas não deixe que ele seja esquecido numa gaveta ou estante. Durante a semana, leia suas histórias aos seus filhos pequenos*”.

Da mesma forma que o livro anterior, esse confere uma importância igual tanto para o texto quanto para as imagens: “*As letras são grandes e facilitam a leitura para as*

⁴³ Não há indicação de página.

crianças que estão aprendendo a ler; mas até as crianças que ainda não sabem ler poderão acompanhar as histórias através das ilustrações” (contra-capas). Essa é uma iniciativa bastante comum no meio protestante americano, apesar de associar o uso de imagens ao catolicismo. No meio protestante brasileiro, o uso de imagens é muito escasso, o que torna esses livros infantis uma grande inovação no universo simbólico evangélico nacional.

David Morgan (1998), ao estudar o uso das imagens no proselitismo protestante nos Estados Unidos durante o século XIX, identificou uma grande tendência de se usar imagens nas cartilhas e nos métodos educacionais das Escolas Dominicais. Em especial as cartilhas voltadas para crianças, nativos, imigrantes, analfabetos e não frequentadores de igreja, traziam imagens que visavam levar uma mensagem cristã ao coração, levando a uma transformação emocional.

“A proposta da imagem didática era de atrair as crianças para o aprendizado evangélico; de instalá-las nas Escolas Dominicais e em outras atividades benevolentes para atrair seus pais; e de facilitar a memorização de informação. Tanto naquela época como agora, imagens complementam práticas rituais e ajudam a formação da memória porque, segundo neurologistas, uma grande porção (40 por cento) das fibras que ligam o sistema nervoso central ao mundo físico são dedicados a transmitir estímulos visuais (...) [Mas] Qualquer que seja a explicação neurológica, [o fato é que] as crianças gostam de figuras⁴⁴” (adaptado de Morgan 1998 : 217).

Se naquele contexto as imagens serviam para incutir diversas idéias, como por exemplo a soberania do colonizador na Índia, os objetivos dessa *Bíblia Ilustrada* são menos ideológicos, mas mesmo uma preocupação em ser fiel à Bíblia produz suas imagens sobre a devoção infantil. “Agora as crianças poderão levar as suas próprias Bíblias para a Igreja – e lê-las também em casa, com a orientação dos pais” (Taylor 1992 : contra-capas) – ao mesmo tempo em que a criança ganha alguma autonomia na leitura da sua Bíblia,

⁴⁴ “The purpose of the didactic image was to attract children to evangelical learning, to install them in Sunday schools and other benevolent activities to appeal to their parents, and to facilitate the memorization of information. Then and now, images complement ritual practices and assist memory formation because, neurologists tell us, an unusually large portion (40 percent) of the fibers linking the central nervous system to the physical world are

ela ainda depende dos pais para receber instrução adequada. O livro foi planejado para que isso ocorresse.

Na história em que Adão e Eva são punidos por descumprirem a ordenação divina está escrito : “Adão e Eva estão arrependidos e tristes. Eles fizeram uma coisa que Deus havia falado para eles não fazerem. Agora Deus está castigando os dois. Eles devem ir embora daquele lugar bonito chamado Jardim do Éden. Os anjos não vão deixar que eles voltem para lá”⁴⁵ (Taylor 1992 : história 3). A gravura correspondente retrata em primeiro plano Adão e Eva jovens, tendo atrás dois anjos, sem asas, iluminados, e entre eles está uma espada suspensa e iluminada com fogo. Na Bíblia, a passagem referente ao episódio diz: “E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gênesis 3, 24)⁴⁶. Trata-se da representação de algo que não está escrito no livro infantil, e que pode despertar a pergunta da criança sobre o significado dos anjos e da espada – nesse caso, entraria a instrução dos pais.

Outro aspecto desse livro é a ênfase na fixação de nomes de personagens e de eventos, como no caso da escada de Jacó. O livro procura promover uma interação entre o texto e a imagem por meio de pergunta.

“Quando Isaque cresceu, ele se casou com Rebeca e teve um filho chamado Jacó. Jacó estava viajando, ficou cansado e dormiu com a cabeça numa pedra! Ele sonhou com anjos subindo e descendo do céu. Então Deus disse a Jacó: ‘eu vou tomar conta de você’ – Com quem Jacó sonhou?” (Taylor 1992 : história 10). Mais do que a mensagem de Deus, fica gravada a escada de anjos de Jacó.

Na parábola do Bom Samaritano, ocorre o mesmo. Na Bíblia de Sattgast, a história é intitulada “A ajuda de um desconhecido”, sem mencionar a famosa denominação do Bom Samaritano, apenas reforçando a mensagem de praticar a bondade (“Então

dedicated to transmitting visual stimuli (...) Whatever, the neurological explanation, children are fond of pictures” (Morgan 1998: 217)

⁴⁵ Esse é um livro que não possui indicação de páginas, portanto, escolheu-se indicar a numeração da história.

⁴⁶ Trecho retirado da Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, disponível no site Bíblia World Net (<http://www.uol.com.br/bibliaworld/biblia/index.htm>).

Jesus disse: 'Lembre-se de ser bom com as outras pessoas' – Sattgast 1996 :66). Já na *Bíblia Ilustrada*, a história é um pouco diferente – “*O homem que ajudou é chamado o Bom Samaritano. Você pode ser um 'Bom Samaritano' ajudando as pessoas*” (Taylor 1992 : história 94).

Nesse livro também está presente o “reforço negativo” do ensino de Deus. Assim como ele recompensa quem o obedece, ele pune quem o desobedece: “*Oh, não! Veja o que o povo de Deus está fazendo! Eles fizeram uma imagem parecida com um bezerro. Eles estão adorando a imagem ao invés de adorar a Deus. Isto fez Deus ficar muito zangado e triste. Deus castigou o povo por causa disto*” (Taylor 1992: história 22). Com isso, articula-se à noção de certo e errado – o certo é adorar a Deus; e o errado é sempre punido. Nesse livro, o reforço negativo é mais presente do que o reforço positivo, principalmente nas histórias do Antigo Testamento.

Aquilo que é certo está prescrito em um lugar definido - na Bíblia:

“Nós temos as ordens de Deus na Bíblia. Quando nós lemos a Bíblia nós podemos obedecer a Deus e fazê-lo feliz” (Taylor 1992 : história 61).

“A avó de Timóteo está lendo uma história da Bíblia para ele. Quando crescer, ele vai contar para muitas pessoas sobre a Bíblia e sobre Jesus. A Bíblia é o livro que Deus nos deu. A Bíblia diz que Deus nos ama muito – você já tem uma Bíblia?” (Taylor 1992 : história 119).

O conhecimento da Bíblia e a própria fé definem o lugar do sagrado. “*O templo que Salomão construiu foi destruído. Agora as pessoas têm de construir um novo Templo, onde todo o seu povo pode ir e orar. Deus está muito feliz com seu povo. Hoje, Deus quer que, juntos, nós O adoremos em qualquer lugar.*” (Taylor 1992 : história 71). O templo é preferencialmente o lugar do sagrado, mas há como adorar a Deus em qualquer lugar com outras pessoas; implicitamente, nesse trecho, o que importa é a fé.

A representação de Jesus difere da Bíblia anterior. Cristo não é representado de perto. Em alguns casos, ele está à distância, enquadrado numa representação mais ampla de uma situação. Reconhece-se Jesus pela sua roupa, a túnica branca com uma

faixa vermelha trespassada. Ao contrário da *Bíblia de Promessas*, ele aparece com um semblante tranqüilo, mas não sorridente (fig.3).

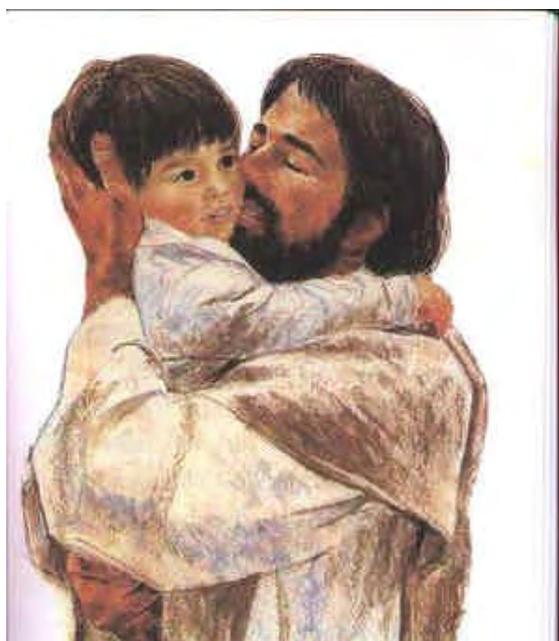


Figura 3 – Jesus de *Minha Bíblia Ilustrada* (Taylor 1992). Ilustração de Richard e Frances Hook.

Os outros personagens possuem um traço mais realista do que na Bíblia anterior, mas eles estão trajados igualmente com vestes de pastores hebreus. É uma forma não só de estabelecer uma veracidade para as histórias, por meio da distância no tempo e no espaço, como também é uma forma de criar uma identidade histórica – no Antigo Testamento, o povo de Deus eram os judeus, a partir do Novo Testamento, todos podem ser o povo de Deus.

Finalmente, vem a salvação. No episódio em que Jesus ora antes de morrer, o autor escreve:

“Jesus está orando. Ele sabe que em breve irá morrer por causa dos nossos pecados. Ele está pedindo a Deus para ajudá-lo. Ele está pronto para morrer, se é isto o que Deus quer. Voê e eu poderíamos ser como Jesus. Nós devíamos fazer sempre o que Deus quer que façamos” (Taylor 1992 : história 105).

A noção de que Cristo morreu pelos pecados que não são os dele pode ser complicado para uma criança entender, mas a segunda mensagem é mais inteligível, ou seja, Jesus é um modelo de comportamento. A postura de Cristo na figura correspondente – que o mostra rezando - denota que a oração é algo sério, que exige compenetração; uma postura a ser aprendida caso a criança queira ser como Cristo.

Adiante, a simbologia da morte de Cristo é reforçada:

“Eles estão matando Jesus. Ele está morrendo na cruz. Por que eles O estão matando? Ele fez alguma coisa errada? Não! Ele está morrendo por causa das coisas erradas que você e eu fizemos. Jesus está deixando Deus castigá-lo por causa dos nossos pecados”. E a pergunta logo abaixo do texto é: “Por que Jesus morreu?” (Taylor 1992 : história 109).

Tão importante quanto a salvação é a promessa da volta de Cristo: *“Mas Ele diz que vai voltar um dia. Então eles [os amigos de Jesus] vão estar para sempre com Ele. Nós vamos estar com Ele também” (Taylor 1992 : história 112).*

101 Histórias Favoritas da Bíblia

Mas o livro que apresenta as histórias da Bíblia de forma detalhada e explicativa é *101 Histórias Favoritas da Bíblia*, de Ura Miller (1998). Na medida do possível, a autora procura interligar as histórias e os diferentes personagens – que, por sua vez, são retratados não somente em suas virtudes, como modelos de comportamento, mas também em suas imperfeições.

É o caso da história da escada de Jacó. Enquanto na *Bíblia de Promessas* e na *Bíblia Ilustrada* Jacó estava viajando e decidiu repousar numa pedra, onde teve o sonho, em *101 Histórias Favoritas da Bíblia* a história é um pouco diferente – Jacó estava fugindo de seu irmão Esaú, que tentava matá-lo, por ter-lhe roubado o direito de primogenitura (Miller 1998 : 28-31).

Outro caso é a história de José, rapaz que foi vendido pelos irmãos como escravo para os egípcios. Após desvendar o significado dos sonhos do faraó, tornou-se

seu braço-direito e posteriormente recebeu seus irmãos no Egito, perdendo-os pelo erro do passado. Porém, enquanto nos dois primeiros livros mencionados José fazia as pazes imediatamente com seus irmãos, nesse terceiro livro a autora mostra como José foi severo com seus irmãos, a fim de testar se continuavam egoístas e cruéis, chegando até a prender um deles. Somente depois de ter certeza de que haviam mudado, é que José faz as pazes com aqueles que o venderam. A razão para essa diferença reside não somente no formato que se escolheu para contar a história – enquanto o livro de Miller lança mão de um formato mais extenso, os outros dois são mais resumidos, voltados para um público que está desenvolvendo a prática de leitura. A diferença reside principalmente em um conceito subjacente a este tipo de literatura: a formação de uma identidade cristã, em que todos são irmãos dentro da família de Deus e, por isso, não existe desarmonia entre as pessoas, assim como na Bíblia.

Por outro lado, enquanto a *Bíblia de Promessas* e a *Bíblia Ilustrada* traziam um estilo narrativo mais fragmentário, o livro de Ura Miller traz uma seqüência narrativa tradicional. Assim, enquanto uns adaptam-se à tendência atual de fragmentação do tempo e das narrativas, o outro se agarra à tradição. E, dessa forma, enquanto nos dois primeiros livros a criança dispensa alguns minutos do seu dia – ou de sua noite - para a leitura, o outro exige a dedicação e o afastamento à leitura silenciosa e compenetrada. Ainda que traga um versículo para os pais e outro para os filhos no fim de cada história, o livro permite uma leitura autônoma.

Tal como nos tempos do Centro Áudio Visual Evangélico (CAVE) houve uma contraposição de idéias quanto à produção de filmes – como a aprovação do filme “*O Punhal*” e a rejeição do desenho “*Tonico e o Demônio*” (Bellotti 2000 : 69-77), atualmente detectam-se tendências diversas de expressão e opção estética dentro do mesmo grupo.

A representação iconográfica dos personagens do livro de Miller também segue o modelo bíblico, retratando pessoas vestidas como pastores hebreus, com túnicas e turbantes, mas a expressão no rosto dos personagens é diferente: são plácidas e

sóbrias, quase não sorriem, e quando o fazem, é com a alegria contida de um povo que havia sofrido muito.

Outra diferença entre as Bíblias infantis é que no livro de Ura Miller, são explicados os intentos e as origens dos personagens, como na história de Balaão, impedido de prosseguir uma viagem em uma estrada pela sua própria jumenta, que começou a falar após ver um anjo.

Bíblia Ilustrada : “Deus não queria que Balaão passasse por esta estrada”, e quando ele viu o anjo de Deus “ficou feliz porque o burro havia parado!” (Taylor 1992 : história 26).

101 Histórias Favoritas da Bíblia: “Balaão caiu sobre seu rosto e confessou seu pecado” (Miller 1998: 64). O intento de sua viagem não era dos melhores: “Então o Senhor disse a Balaão: ‘Você não vai amaldiçoar este povo, porque ele é abençoado’. Mas Balaão gostava de riquezas e honra. Ele foi tentado a amaldiçoar Israel pela prata e ouro que receberia do rei” (Miller 1998 : 64).

Já na história de Sansão, a *Bíblia Ilustrada* suprime o sofrimento do personagem. No livro de Miller a história inteira de Sansão é contada – ele se envolve com Dalila, mas é traído por ela. Dalila manda cortar os cabelos de Sansão (fonte de sua força), furar os seus olhos e jogá-lo na prisão.

A Bíblia Ilustrada diz: “Sansão era um homem muito, muito forte. Veja com que facilidade ele arrebenta as cordas! Uma vez ele matou um leão só com as mãos. Outra vez, ele derrubou as colunas de um palácio só para castigar os inimigos de Deus. Deus fez Sansão forte para que ele pudesse ajudar o seu povo” (Taylor 1992: história 29). Na figura correspondente à história, Sansão parece gigante e arrebenta algumas cordas, sorridente.

O livro *101 Histórias Favoritas da Bíblia*, por sua vez, declara: “Algum tempo depois [que os filisteus cortaram o cabelo de Sansão e furaram seus olhos], os filisteus se reuniram no templo de seu deus para uma festa. Eles trouxeram Sansão da prisão para se divertirem à custa dele. Sansão colocou seus braços entre duas grandes colunas e orou ao Senhor para readquirir sua força. Então ele quebrou as colunas e o templo desabou. Este acidente matou mais de três mil

homens e mulheres. Sansão também morreu” (Miller 1998 : 74). Na figura da página ao lado, Sansão, com expressão de sofrimento no rosto, derruba as colunas do palácio.

No capítulo referente à história de Davi e Golias, o livro de Miller traz o elemento político que as outras Bíblias omitem – provavelmente pela própria idade do público leitor. Enquanto nos outros livros os filisteus são simplesmente os “*inimigos de Deus*”, nesse livro eles são o povo enviado por Deus para castigar Israel pelas suas faltas, especialmente pela idolatria. Outro fato é a forma como Davi mata Golias – nos livros anteriores, a pedrada foi fatal, mas nesse um elemento violento é acrescentado – Davi pega a espada de Golias e o degola (Miller 1998 : 88).

A grande ênfase na narração das histórias deixa pouco espaço para um diálogo direto entre a autora e o leitor, além de haver poucas mensagens de edificação moral e espiritual retiradas das histórias. Um dos poucos exemplos que fogem à regra é a história sobre a construção de um templo por Salomão. É a mensagem que estimula uma devoção pessoal do leitor, mas sem muito aprofundamento.

“Antes de cada pedra ou placa de madeira ser trazida ao local do templo tinha de ser cortada no tamanho certo. Cada peça se adaptava tão perfeitamente que nenhum martelo, serra ou qualquer outra ferramenta era necessária no templo durante a construção. O grande edifício foi erguido calma e pacificamente. Da mesma forma Deus faz que a relva cresça, as árvores brotem, as flores se abram, os frutos amadureçam. De modo semelhante, Jesus constrói sua igreja aqui na terra com reverência e tranquilidade. Ele fez provisão para nós a fim de que sejamos templos vivos, um lugar de morada do Espírito Santo.” (Miller 1998 : 96).

Além do mais, ao enfatizar a narrativa detalhada, especificando lugares, cidades, nomes de governantes, a autora torna o livro mais histórico do que os outros. Por outro, a mensagem que se aplicaria diretamente à vida do leitor, presente nas outras Bíblias, é minimizada. Aqui, a mensagem vem com a narrativa, mostrando como Deus age na história do seu povo, tanto com a misericórdia que eleva seus crentes como com a ira que castiga.

Em outro momento em que a autora dialoga com o leitor, ela explica o sentido da salvação que Jesus trouxe, e fornece inclusive um panorama histórico da espera pelo Messias, já que durante 400 anos os profetas anunciaram a vinda dele, mas ninguém sabia quando chegaria o momento.

“O que é mais desagradável do que uma noite escura, quando você não consegue dormir? Se você não está se sentindo bem, as horas demoram a passar. Finalmente você vê os primeiros raios do sol da manhã. Os pássaros começam a cantar, e tudo fica alegre e animado. A vida no mundo antes de Jesus chegar era como uma noite longa e escura. Os profetas de Israel escreveram que as pessoas andavam em trevas. O maravilhoso nascimento do Filho de Deus iluminaria o mundo escuro e pecador” (Miller 1998 : 130).

Jesus é representado da mesma forma que os outros personagens – com uma expressão grave no rosto, sem sorriso algum, e sem o movimento e o ritmo que as histórias narradas possuem. A doçura e o amor que Jesus dispensava a todos, segundo a autora, não foram retratados de forma clara nas figuras. A única figura em que Jesus esboça um sorriso corresponde à passagem em que ele afirma que é preciso ter o coração como de uma criança para entrar no Reino dos Céus. No desenho, Jesus está cercado de crianças, dirigindo-lhes um olhar complacente e amoroso. Jesus, nesse livro, está mais para Senhor do que para amigo (*fig. 4*).

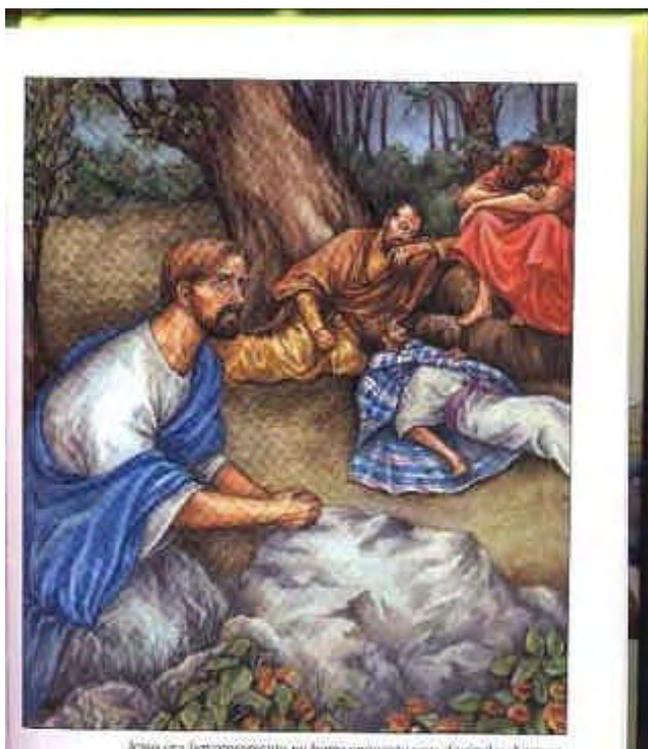


Figura 4 – Jesus, o Senhor de 101 Histórias favoritas da Bíblia (Miller 1998 : 181). Ilustração de Deborah Hoerner.

Representações - O Filho Pródigo

Como se viu anteriormente, uma mesma história pode ter várias representações. Outro exemplo disso é a história do Filho Pródigo. Tomando o livrinho *Jesus conta uma história*, da *Coleção Mude a Figura* (s/autor, 1995⁴⁷), há uma diferença de representação iconográfica. Este livrinho é voltado às crianças pequenas e utiliza o recurso de trazer duas cenas em uma mesma página, vistas uma de cada vez por meio de um dispositivo que transpõe uma figura à outra. A história é contada em poucas palavras em uma página e representada por figuras na página ao lado. Na parábola do Filho Pródigo contada por esse livrinho, a cena do reencontro entre pai e filho é retratada de forma alegre. Tanto filho quanto pai sorriem e se abraçam (*fig.5*).

⁴⁷ Não há a indicação do nome do autor.

No livro de Ura Miller (1998), a cena é dramática, cheia de gravidade e solenidade (fig.6). Pai e filho se abraçam, mas conservam uma expressão séria. O filho, vestido como mendigo, ajoelha-se diante do pai, que o segura nos braços. Enquanto na primeira representação impera a felicidade do reencontro, na segunda a emoção e o drama dão a tônica. São escolhas estéticas que denotam uma imagem que um grupo ou uma pessoa fazem da sua crença para um outro grupo ou pessoa.

Figura 5 - Filho Pródigo 1 - Reencontro alegre (sem registro de autoria de ilustração ou texto).

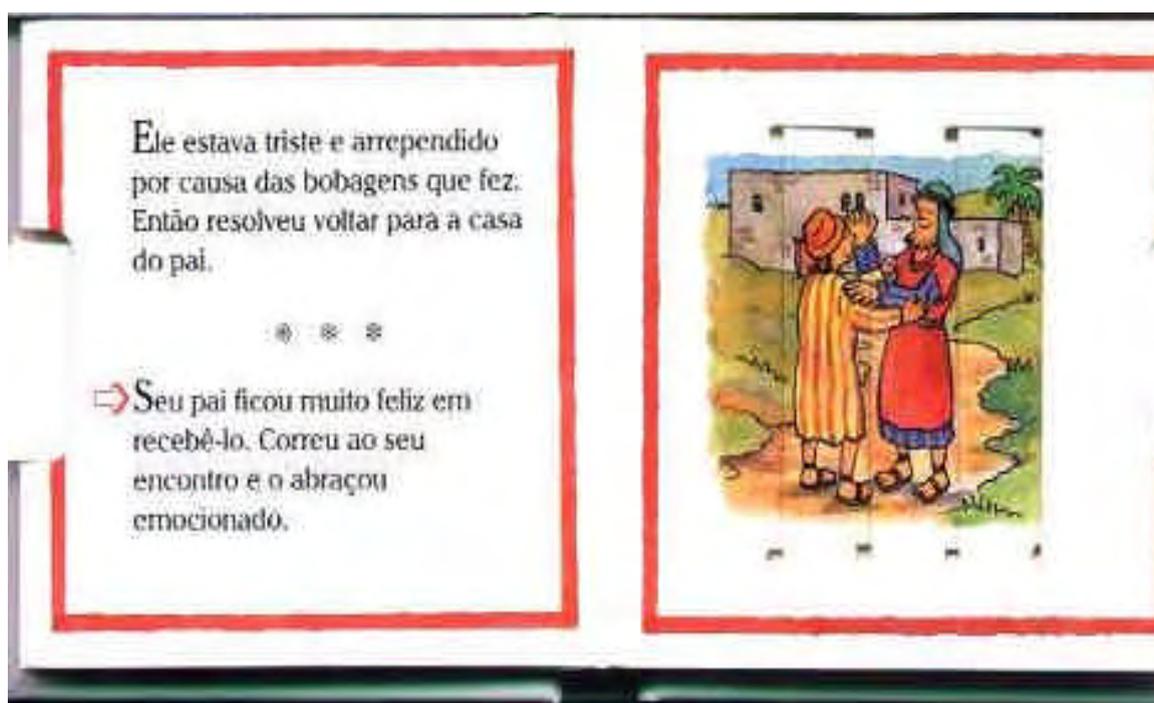


Figura 6 - Filho Pródigo 2 - Momento dramático (101 histórias – Miller 1998 : 173). Ilustração de Deborah Hoerner.



Identidade e Representação

A imagem que se faz da própria crença articula-se a um sentimento de identidade – no caso do livro de Miller, uma identidade inquebrantável, que resiste desde os tempos de Cristo, como se pode ver na história de Maria (a que não era mãe de Cristo), que ungiu os pés de Cristo com perfume:

“Esta história de ação amorosa de Maria está sendo ainda repetida pelos crentes do mundo inteiro, exatamente como Jesus disse que aconteceria” (Miller 1998 : 176).

Outro exemplo: *“Maria, a mãe de Jesus, sabia que o conhecimento da Palavra de Deus tornaria Jesus forte e sábio. Por isso, ela contou a Ele a história do povo de Deus. Jesus aprendeu sobre Adão e Eva, a arca de Noé, e a fidelidade de Abraão, Isaque e Jacó. Ele também*

aprendeu a respeito de Moisés, Gideão, Josué, Davi, Daniel e Elias. Jesus devia gostar dessas histórias, exatamente como as crianças gostam até hoje” (Miller 1998 : 136).

Foram analisados também dois livrinhos voltados às crianças pequenas, da Série *Animais da Bíblia: O Camelo e a Estrela* e *O Grande Peixe*, de Tim Dowley (1996a e 1996b). O primeiro conta a história do nascimento de Cristo e o segundo, o episódio em que Jonas é engolido por um grande peixe. O formato do livro é de capa e páginas duras, com pouquíssimo texto e uma ilustração por página – e cada página tem o formato do animal. O uso de uma temática que enfatize os animais é um recurso de identificação com as crianças, como já foi visto antes. Porém, apesar do animal ser o título e o próprio formato do livro, a ênfase é na história em que ele participa.

Na história do camelo, há a demarcação de tempo e espaço – *“Há muitos anos, um camelo vivia no Oriente”* (Dowley 1996a : 2) -, além de personagens vestidos com roupas da época, recurso que confere verossimilhança à história. No fim, há a referência de onde a história foi retirada: *“Quando chegaram a Belém encontraram Jesus. Os magos entregaram presentes especiais a Jesus. Ali estava o novo Rei! – você pode encontrar esta história em Mateus 2”* (Dowley 1996a : 10). Isto é, recomenda-se que os pais acompanhem a leitura da Bíblia, caso a criança queira saber mais. O livro serve de complemento de estudo ou conhecimento da Bíblia, ao contar de forma ilustrada a história da Bíblia.

Já na história do grande peixe não há demarcação de tempo e espaço. A história não traz muitas explicações: *“Jonas estava num barco. Ele estava fugindo de Deus. Deus mandou uma grande tempestade. Os marinheiros jogaram Jonas ao mar para que a tempestade parasse”* (Dowley 1996b : 2). A história serve como uma amostra, um primeiro contato com a história. O intuito é recorrer à Bíblia, sempre com a supervisão dos pais.

A supervisão da família – e também dos professores de Escola Dominical é um pressuposto de outra série de livros – *Vamos Brincar*. Dessa série, destacamos dois: *A Arca de Noé* e *A História do Natal*, de Leon Baxter (2000a e 2000b). São livros que contam histórias bíblicas, sugerindo a encenação da história com materiais acessíveis,

com sucata, lençóis, roupas velhas e bichos de pelúcia. Ele traz um texto curto, acompanhado de desenhos de crianças encenando o que está escrito.

No início de *A Arca de Noé*, o autor escreve: “Deus disse a Noé, ‘Vai ter um dilúvio. Eu quero que você faça um barco bem grande, uma arca’”⁴⁸(Baxter 2000a), e ao lado, há o desenho de uma menina loira, vestindo um manto quadriculado por cima da roupa, apontando para um menino, que segura uma caixa de leite, como se ouvisse a Deus e preparasse a arca. Logo na primeira página há uma figura com três crianças – que aparecerão ao longo do livro – segurando todos os materiais necessários para montar a história. No livro *A História do Natal*, os três reis magos, por exemplo, são representados por três ursinhos de pelúcia, com coroas na cabeça.

Não há menção a conceitos como salvação, pecado, arrependimento, ou qualquer outro mencionado acima nas Bíblias infantis. Não há intenção de doutrinação, mas sim de fazer a criança tomar contato com histórias bastante conhecidas do cristianismo. Há uma série de sugestões no fim do livro para aproveitar melhor a leitura.

“Além de ler o livro em voz alta, que tal sugerir às crianças que dramatizem a história? Ajude as crianças a desenvolverem o papel. Como os personagens se sentiram? Que expressões faciais eles devem ter mostrado? Qual a linguagem corporal usaram? O que conversaram? Aproveite a compreensão que as crianças têm das pessoas como ponto de partida para falar sobre o lugar de Deus na história” (Baxter 2000b).

Aqui o uso prático do livro é bem dirigido, como se ele fosse um roteiro, cabendo aos pais ou professores da Escola Dominical desenvolver e conduzir a encenação. Não deixa de ser uma experiência de fruição estética, que passa pelo envolvimento da criança, responsável pelo encaminhamento da história. É também uma forma de deslocar a interpretação do evento das mãos dos especialistas, oferecendo às crianças uma oportunidade de se identificar com a história a partir dos seus fatos principais, dando a sua interpretação da história. Portanto, dramatizar

⁴⁸ Esse livro não possui numeração de páginas.

implica resignificar a história contada a partir da realidade e da compreensão da criança. “Dramatizar essa história com os amigos reunidos para o Natal ou em uma classe da escola Dominical vai tornar essa história ainda mais memorável” (Baxter 2000b).

Na contra-capa está escrito: “Esses são mais do que apenas livros de história. Eles também encorajam as crianças da pré-escola a se envolverem com a história usando a criatividade e imaginação” (Baxter 2000a). Mas um detalhe interessante é que as vestimentas sugeridas no livro imitam os trajes tidos como históricos – o menino que interpreta o pastor avisado pelo anjo do nascimento de Jesus está com um pano amarrado na cabeça, segurando uma espécie de cajado.

Super-Cristo

Outro livro dirigido para crianças que estão se iniciando na leitura (6-8 anos) é *Um Passeio Nas Ondas (Jesus Caminha Sobre A Água)*, de Mary Manz Simon (1998), da Série *Já Sei Ler – Nível 2*. Na contra-capa, a editora afirma: “Estimule a leitura dos seus filhos e ensinelhes a Palavra de Deus com a série colorida e dinâmica *Já Sei Ler*. As crianças vão achar a leitura fácil e vão adorar. Os pais vão reconhecer a utilidade dessa maravilhosa publicação” (Simon 1998). Se o objetivo era tornar a Palavra de Deus acessível, conseguiu, por meio não só do texto simples, como das ilustrações bem acabadas – aliás, é o aspecto que mais tem expressividade, como se fosse uma história em quadrinhos, já que as ilustrações possuem bastante movimento e ação, face ao texto fragmentário, de frases curtas.

O livro conta a história da passagem bíblica em que Jesus anda sobre as águas durante uma tormenta, para salvar seu discípulo Pedro. A publicação logo abaixo do título tem a indicação da passagem bíblica a que se refere. Mas o que interessa mesmo é a caracterização de Jesus (*figs. 7 e 8*).

Cristo é esbelto e cheio de movimentos; flexível e ágil, com sua capa esvoaçante; é também másculo e elegante. Seus cabelos levemente repicados dão

leveza e jovialidade ao rosto. Todos os personagens possuem olhos grandes e rostos redondos, bochechas sobressalentes e queixo pequeno, representação usada em ilustrações infantis para criar identificação com o público infantil a partir da imitação de caracteres do rosto de um bebê.

À parte de todo o movimento, há um trecho repleto de informações. É quando Jesus está orando, antes de ouvir os gritos de Pedro na água. Cristo tem uma expressão séria, de reverência, que ocupa duas páginas inteiras. Ele não está com a cabeça abaixada, apoiada nas mãos cruzadas. Sua cabeça está levemente levantada, numa postura de nobreza e, ao mesmo tempo, de humildade. Mas o que chama atenção é o fato de a cena ser extremamente idílica, contando com um passarinho pousado no canto da figura, admirando Cristo.

Figura 7 – Jesus ora em *Um Passeio sobre as Ondas* (Simon 1998). Ilustração de Dennis Jones.



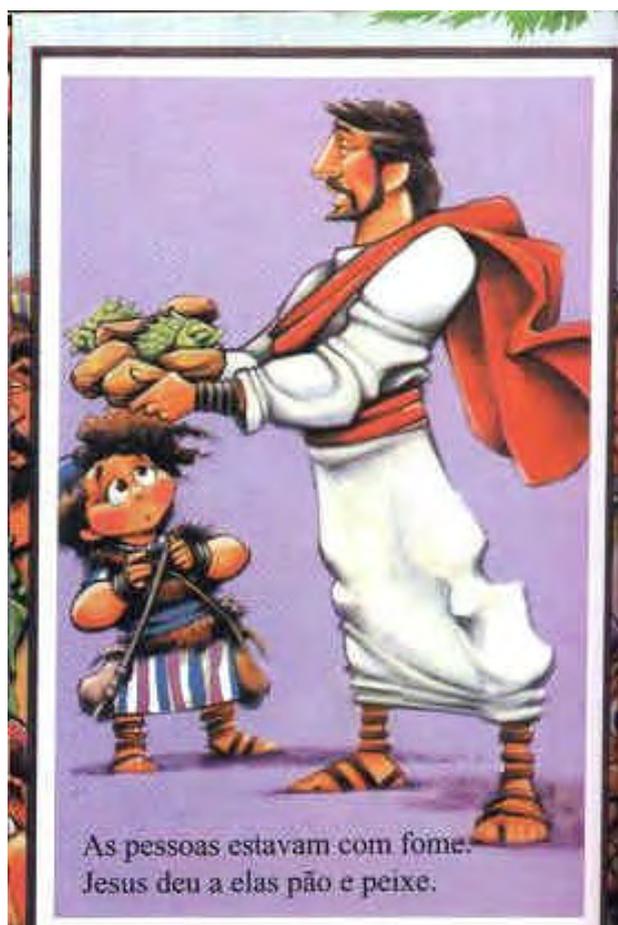


Figura 8 - Cristo - semelhança com *Superman* (*Passeio sobre as Ondas* – Simon 1998). Ilustração de Dennis Jones.

O físico dos discípulos também é bastante avantajado – braços grossos e ombros largos, assim como Jesus. Mas é em Cristo que se concentram os caracteres de força e superioridade – na última página, quando Jesus conduz Pedro ao barco, ele é ilustrado de baixo para cima, em destaque em relação aos seus discípulos e a Pedro, ostentando uma expressão altiva, mas não orgulhosa. Nesse caso, Jesus não chega a sorrir como em outros exemplos. Ele mais se parece com um super-herói – talvez o *Superman*, com sua capa vermelha esvoaçante.

Por que tantas considerações sobre as representações de Cristo? Em primeiro lugar, ele é considerado o maior modelo de comportamento não só para as crianças, mas para todos os cristãos. Assim, a representação que se faz dele implica o caráter da

crença depositada nele e transmitida para a sociedade; a postura que ele ensina quanto à oração representa a postura que se deve adotar ou que seria aconselhado adotar, como parte de uma prática que conforma a identidade cristã. Não é à toa que a ilustração de Cristo orando ocupou duas páginas.

2.b. DEVOCIONAIS

Cada Dia Criança – Hora Tranqüila com Deus

O próximo livro é o devocional *Cada Dia Criança – Hora Tranqüila com Deus*, de Mack Thomas (1999), contendo 366 meditações para cada dia do ano (incluindo o ano bissexto). São textos curtos acompanhados de pequenas ilustrações, girando em torno de um tema. O mesmo tema é tratado três vezes de forma diferente. De modo geral, esse livro faz da experiência devocional uma profusão de cores e imagens, estimulando a imaginação da criança que já sabe ler. O interessante, porém, é que as ilustrações são simples, cabendo ao texto o papel de apresentar representações das “*coisas de Deus*”. Já o papel da família na leitura é reduzido, pois somente em algumas passagens ele sugere uma leitura conjunta – “*Leia junto com alguém Oséias 6.3*”⁴⁹ (Thomas 1999 : 02.01).

O principal tema do livro, apesar de não haver nenhuma narrativa, é a salvação por Cristo.

“Eis que estou à porta e bato (Apocalipse 3.20) – Onde está essa porta? O que está do outro lado dela? Nós estamos! (...) Essa porta mostra tudo o que sentimos e tudo o que pensamos. Jesus quer viver dentro de nós o tempo todo. Mas só nós podemos abrir a porta e deixar Jesus entrar (...) Vamos orar e pedir para Ele fazer isto agora mesmo” (Thomas 1999 : 10.01).

A oração é o modo correto de se entrar em contato com Jesus, trazendo a salvação em termos mais concretos, para a vida cotidiana, para o momento presente.

⁴⁹ Esse livro também não possui numeração de páginas e, por isso, indicaremos o dia correspondente à meditação.

“A Palavra de Deus entra em nossa cabeça e diz se temos maus pensamentos. A Palavra de Deus nos ajuda a evitar esses maus pensamentos. Às vezes, esses pensamentos podem ser muito maus. Então podemos orar a Deus e falar para Ele que não temos sido tão bons. Deus vai nos perdoar, porque Jesus morreu pelos nossos pecados” (Thomas 1999 : 21.10). O arrependimento está relacionado não somente à salvação, mas à consciência da pecaminosidade – *“os maus pensamentos”* que são apagados porque Jesus morreu na cruz.

Várias meditações, principalmente aquelas relacionadas a histórias bíblicas, fazem menção ao sentido da morte de Cristo. Mas mesmo em meditações que evocam situações cotidianas da criança também fazem menção a isso:

“Quando estamos na cama, prontos para dormir, podemos pensar bastante. A Bíblia chama isto de ‘consultar o coração’. Enquanto ficamos em silêncio e parados, podemos pensar no que fizemos o dia inteiro. Lembrar das vezes que fomos egoístas ou sem educação, e dizer a Deus que estávamos errados. Vamos lembrar que Jesus morreu na cruz e que nós não precisamos pagar pelos nossos pecados” (Thomas 1999 : 31.01).

Se seguirmos o raciocínio de Perry Downs, podemos considerar que a fé salvadora deve ser acompanhada de um conhecimento de Deus. E o devocional se esforça em apresentar várias vezes os atributos de Deus e de Jesus, por meio de imagens e metáforas. São utilizadas muitas imagens do Livro do Apocalipse, devidamente explicadas.

“Algumas pessoas estavam reunidas à margem de um rio. E Jesus estava caminhando em direção a elas. Então João, o profeta de Deus, chamou atenção de todos. Ele apontou para Jesus e disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!’. Por que João chamou Jesus de ‘Cordeiro de Deus’? Você já viu um cordeiro, não? Um cordeiro não é selvagem nem grosseiro. Um cordeiro é manso e tranquilo. Jesus também não é selvagem nem grosseiro. Ele é muito gentil com as pessoas. Ele fala mansamente conosco. E Ele apaga nossos pecados – as coisas erradas e as coisas más que fazemos” (Thomas 1999 : 07.03).

Mais do que mostrar como Jesus é bom e sem pecado, o livro ressalta que o leitor depende dele: *“Jesus diz que Ele é como uma videira, e nós somos os pequenos galhos. Se não estivermos ligados em Jesus, vamos morrer. Nada de bom pode crescer de nós”* (Thomas 1999 : 17.06).

O poder e a glória de Deus são enfatizados em algumas passagens. Na meditação que cita a história de Ezequiel, que viu por uma fenda no céu toda a glória de Deus: *“Ezequiel viu que Deus brilhava como bronze no fogo. Tudo em volta de Deus era brilhante como o arco-íris.”* (Thomas 1999 : 19.05). Ao falar sobre os inimigos do povo de Deus nos tempos antigos, afirma que *“Deus é mais forte do qualquer exército. Deus é mais forte do que as carruagens dos inimigos. Vamos dar graças a Deus porque Ele livra e dá segurança a seu povo”* (Thomas 1999 : 25.05).

O temor ao Senhor também é mencionado: *“‘Temor do Senhor’ significa lembrar o quanto Deus é maravilhoso e forte. Sabemos que Deus é bom e queremos que ele fique feliz conosco. Se obedecermos e fizermos o que Deus quer, com certeza vamos encontrar um tesouro”* (Thomas 1999 : 27.01). O senhorio de Deus, mencionado por Perry Downs e John MacArthur Jr., está presente: *“Esta [ajoelhar-se] é uma boa maneira de mostrar aos outros que Deus é nosso Rei, nosso Senhor e nosso Líder. É uma boa maneira também de dizer que Ele pode fazer conosco o que quiser”* (Thomas 1999 : 14.03).

Mas a figura de Jesus é também central. Na meditação *“Capacete da Salvação”* (Thomas 1999 : 07.09), o autor afirma que *“Deus nos deu capacetes de salvação. Se nós aceitarmos Jesus como nosso Salvador, nós podemos usar esses capacetes. Quando lembramos que Jesus morreu para nos salvar de nossos pecados, estamos usando esses capacetes”*.

Usar o capacete significa também ter bons pensamentos e lembrar que Jesus ama as pessoas. *“Vamos nos lembrar como Ele é bom e grande (...) Vamos lembrar que algum dia veremos Jesus”* (Thomas 1999 : 07.09). Jesus não só é retratado de forma muito ativa como um dia se apresentará a todos. A personificação de Jesus é muito importante, praticamente essencial no discurso para as crianças. A promessa de uma vida futura ganha contornos bastante concretos com todas as imagens usadas para retratar o que

acontecerá em um futuro próximo. É importante se estabelecer uma identidade cristã, através do conhecimento das histórias e personagens bíblicos, mas a maior ênfase é no fomento de uma devoção íntima e ativa, construída por meio da prática dos princípios cristãos na vida cotidiana.

É uma devoção pessoal que modifica pensamentos e atitudes:

“Se nós usarmos o capacete da salvação, nós só pensamos coisas boas. As coisas ruins não aparecem em nossos pensamentos. Nós usamos o capacete de salvação para proteger nossos pensamentos. Paramos de assistir a programas e filmes ruins na televisão e no cinema. Nós evitamos ficar perto de pessoas que falam palavrões e contam piadas sujas. Não escutamos as pessoas que ficam sempre reclamando e discutindo” (Thomas 1999: 08.09).

Sobre o autocontrole, o autor escreve: *“Auto significa proteger a nós mesmos. Você diz NÃO para tudo o aquilo que pode ferir você. Eu tenho que dizer NÃO também. Dizendo NÃO nós não fazemos as coisas que sabemos que são erradas” (Thomas 1999 : 19.02).*

Isso porque a salvação traz a restauração: *“Ele [Deus] está sempre pronto para nos escutar. Ele nos protege e nos faz bonitos. Por isso vamos parar de nos preocupar, de reclamar e de discutir” (Thomas 1999 : 08.05).*

Por outro lado, é uma devoção que não necessita de lugar para ser praticada:

“Em Jerusalém havia uma construção chamada templo. O templo era o lugar onde as pessoas adoravam a Deus. Mas Deus não mora em casas feitas pelos homens. O templo era só uma sombra da verdadeira morada de Deus. A Bíblia diz que Deus está em todo lugar. Nos céus, na terra, em toda parte” (Thomas 1999 : 14.09).

“Hoje, nós podemos ficar em casa ou ir a qualquer lugar para louvar a Deus. Podemos louvar a qualquer hora também. Vamos louvar e agradecer a Deus por isto” (Thomas 1999 : 30.09).

Os princípios cristãos ressaltados são a gratidão a Deus e às pessoas, a verdade, o combate ao egoísmo, o amor ao inimigo, a bondade, a humildade, a preservação da Natureza, o uso correto do dinheiro, a caridade, o cultivo do louvor a Deus. Por

exemplo, na meditação “*O clima no mundo*”, Deus criou todos os climas do mundo, mas os homens às vezes atrapalham o que foi criado: “*Vamos ficar alegres porque Deus manda coisas boas para nós. Mas vamos pedir a Ele que impeça os homens maus de atrapalhar a sua criação*” (Thomas 1999 : 15.07).

O autor desse livro pressupõe uma comunhão entre a criança e a natureza, parte de sua criação. O apelo ao clima, aos pássaros, relâmpagos e árvores refere-se a uma realidade em que a criança, diferente do adulto, teria uma capacidade de observação e de preservação da natureza, estando próxima de Deus por meio do que ele criou. “*Deus fez os passarinhos. Às vezes, a gente gostaria de voar como os passarinhos, não é mesmo? Voar bem alto, lá no céu, perto das nuvens...*” (Thomas 1999 : 31.03). “*As flores não vivem muito tempo, mesmo assim Deus faz com que elas sejam lindas. Deus quer nos fazer bonitos também, por dentro e por fora*” (Thomas 1999 : 07.05).

Por sua vez, referências à Bíblia não poderiam faltar, ainda que fossem poucas. É novamente o conceito de devoção pessoal ativa e constante, que permeia praticamente todo o livro.

“A capa de nossas Bíblias é mais ou menos como uma porta . Nós podemos abrir a porta ou deixá-la fechada. A Bíblia é como uma porta aberta para Deus. Todos os dias nós podemos abrir a porta e pedir a Deus que fale conosco por meio da Bíblia. As palavras da Bíblia são sempre palavras de sabedoria. Se nós ouvirmos com atenção, elas nos mostram como devemos viver. Elas nos mostram como saber que Deus está contente conosco. As palavras da Bíblia nos mostram também como ficar felizes de verdade. É bom vigiar a porta de Deus todos os dias” (Thomas 1999 : 12.01).

Devoção essa que não só deve se dar no presente, todos os dias, mas também no futuro; é a persistência na fé que garante recompensas na Cidade de Deus. As imagens sobre o Reino de Deus após a volta de Cristo são abundantes. A ênfase nessas imagens sobre a vida após a morte é uma forma de apresentar toda a obra de Deus revelada na Bíblia – do início, a Criação, ao fim, a volta de Cristo, o Juízo Final e

o Reino dos Céus – conferindo o sentido histórico a essa obra. Por isso, a fé é algo que deve ser evocada não pontualmente, mas continuamente.

“E porque acreditamos em Jesus e conhecemos o seu amor, nós não precisamos ficar com medo de morrer. Quando nós deixamos este mundo, iremos viver com Jesus para sempre. Deus prometeu isto para nós” (Thomas 1999 : 05.04).

“Haverá um dia quando a lua não vai brilhar mais. A lua vai ficar escura. Vai ser uma noite diferente e triste para todos os que não acreditam em Jesus e no seu amor. Vai ser um tempo de escuridão quando Deus vai separar todos as pessoas que não acreditam nele (...) Um dia as coisas ruins vão acabar” (Thomas 1999 : 07.04).

“Vamos louvar a Deus porque um dia Jesus vai voltar para nos levar para o céu. O lugar onde vamos morar vai ser cheio de jóias e pedras preciosas. O muro desse lugar vai ter doze portões. Cada portão será feito de uma grande pérola. Os portões vão estar sempre abertos (...) Vamos louvar a Deus pelo lindo lugar que será nossa casa para sempre” (Thomas 1999 : 02.10).

Apesar de ressaltar a humildade – mas não a pobreza – as imagens relacionadas a Deus, Jesus e ao Reino dos Céus estão permeadas por referências à riqueza, opulência, conforto e realeza. É a riqueza que vem como recompensa por se aplicar os princípios cristãos.

Por fim, o sentido histórico da fé cristã se manifesta também pelas histórias e personagens bíblicos. As referências bíblicas nesse caso servem como uma reflexão para a vida devocional da criança, e não tanto como um fator de identidade em relação à história do cristianismo, como no livro anterior. E as simbologias e costumes antigos são devidamente contextualizados e explicados.

“Jacó estava viajando sozinho. Uma noite, quando o sol se pôs, ele se deitou no chão para dormir. Ele usou uma pedra grande para fazer de travesseiro. Aí ele adormeceu e sonhou. Em seu sonho Jacó viu uma escada que ia para o céu. Nós devemos ficar contentes por que Jesus é como essa escada. Jesus é o nosso caminho para o céu” (Thomas 1999 : 12.02).

Na meditação que se refere à passagem em que Jesus lava os pés de seus discípulos antes de um jantar, o autor explica o sentido que esse costume tinha na época, isto é, era um empregado que lavava os pés das pessoas da casa e convidados. Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus teria se tornado um empregado: “*Nós podemos ser como Jesus se fizermos alguma coisa para os outros. O que nós podemos fazer agora para ajudar alguém?*” (Thomas 1999 : 31.10). “*Há muito tempo, soldados não usavam armas de fogo. Eles carregavam espadas, lanças, arco e flecha. (...)*” – conta a história de Jônatas, um soldado que tinha um grande amigo, Davi, que seria o próximo rei de Israel: “*Jônatas sabia que Davi um dia seria o rei do povo de Deus. Então Jônatas deu a Davi sua espada, sua capa e seu cinto. Você tem bons amigos? Você já deu alguma coisa boa para eles?*” (Thomas 1999 : 27.05).

Olá, Deus!

O mesmo estilo do devocional Cada Dia está presente no livro *Olá, Deus! – um livro de orações para crianças*, compilado por Alison Winn (1993). Contém muitas citações de personalidades bastante conhecidas nos Estados Unidos pelo seu envolvimento com causas cristãs, como John Bannister Tabb (1845-1909), Stephen Grellett (1773-1855), Eleanor Farjeon (1881-1965), Dr. Albert Schweitzer (1875-1965), além de literatura de vários países, como ditados do Japão, China e Polônia. Bastante ilustrado, é um livro que pretende fazer a criança “tomar consciência” da realidade em que vive e das coisas que a cercam, sob a perspectiva da presença de Deus em todas as coisas.

*“Este é o meu livro de verso e oração/ Fala de como viver e mostrar/ O amor de Deus, que está em todo lugar/ neste livro eu encontro oração/ elas são úteis em todas as situações”*⁵⁰ (Winn 1993 : Introdução).

À parte de seu caráter descontínuo, esse livro apresenta um tema freqüente – e que não é a salvação. Ele procura estimular uma devoção pessoal na criança por meio

⁵⁰ Esse livro também não possui numeração de páginas, por isso, indicaremos o título da seção à qual a citação pertence.

da oração. É uma relação de intimidade para com Deus e para com as suas criações, já que Deus está em todas as coisas, por isso, pode-se encontrá-lo a qualquer momento. Ele é não somente amigo, mas confidente da criança.

“Olá, Senhor, amanheceu./ Meus amiguinhos quero ver / Há muitas coisas a fazer/ E muitos livros para ler / Por tudo o que me fazes ter/ Que eu sempre saiba agradecer / No dia de hoje eu quero fazer / Um mundo de coisas, brincar e correr / E sempre sorrir, aprendendo contigo / A ser mais saudável, alegre e amigo” (Winn 1993 : Bom dia!).

Há um grande sentido de gratidão nas orações – agradece-se por tudo, pela família, pela casa, pelos amigos, pelas pessoas necessitadas, pelos trabalhadores que servem à sociedade, arriscando pela própria vida. Em alguns momentos, orar para Deus não significa somente agradecer pelo que se tem, mas também é um instrumento para se agir nas coisas erradas da sociedade.

“Eu quero orar, Senhor / Pelos que passam fome/ Pelos pais que não encontram trabalho / Pelas mães que não conseguem comida / As crianças pobres adoecidas / E os velhinhos fracos e solitários / Mostra, Senhor, como eu posso ajudá-los (...) Vejo tantas criancinhas sem abrigo, sem beirado. Quero muito ajudá-las, repartindo um agasalho” (Winn 1993 : Pensando em outras pessoas).

É uma forma de despertar a compaixão por quem passa por uma situação diferente da vivida pelo leitor. De certa forma, é a noção de que quando se está com Deus, nada falta. O público a quem esse livro se dirige (originalmente, às crianças inglesas, já que a edição original é de Londres) possui tudo o que precisa e se lamenta pelo fato de outros não terem o mesmo – e por isso, procura ajudá-los.

O sentimento de colaboração está presente na seção “Minha escola”:

“Bom Senhor, se por vezes pensamos que as outras crianças são desajeitadas/ Não devemos faz er pouco caso. Mas me ensina a entender que elas podem saber certas coisas melhor do que eu” (Winn 1993 : Minha Escola).

“Ajuda-me, Senhor bondoso, a fazer novos amigos, sendo amigo. Alguém tem que ir primeiro e dizer ‘Olá!’. Quero começar por mim” (Winn 1993 : sem indicação).

Talvez em uma sociedade em que os meios de comunicação, em especial a televisão, banalizam o sofrimento e a vida das pessoas, esse livro tenha o objetivo de conferir às pequenas coisas – as coisas rotineiras e simples – uma aura sagrada:

“Graças, Senhor, pelos animaizinhos / Porquinhos-da-índia, pequenos coelhos, / Gatinhos e cães, tartarugas e ratinhos, / são todos amáveis e é muito bom vê-los./ Que eu saiba tratá-los com muito carinho/ Dar água e comida, aprendendo a lição: / Não podem falar, porém todos conhecem/ O som de uma voz e um toque de mão / Se eu ganhar um animal de estimação/ Ajuda-me, ó Pai, pra que eu não venha a esquecer / Que ele é meu e que precisa de atenção/E que não pode ser deixado sem comer” (Winn 1993 : Pensando em animais e pássaros).

O sentimento de identidade e de unidade também está presente:

“Algumas famílias são grandes/ Algumas são bem pequenas/ Alguns não têm família/ Vivem sozinhos, apenas/ mas eles podem, e nós também/ Ser da família que Deus tem/ E todos juntos partilhar/ Do amor que nos ensina a amar” (Winn 1993 : A Família de Deus).

Mas tão importante quanto essa família extensa é a própria família da criança. A valorização das relações familiares, ressaltando mais o amor do que a obediência: *“Que Deus me ensine a demonstrar amor pelos meus pais; e com vontade ajudá-los sempre mais e mais. Estão cansados pra valer no fim do dia, por isso vou guardar os meus brinquedos com alegria.”* (Winn 1993 : Orações por minha Casa, por minha Família e por meus Amigos). A família se une pela comunhão (e não pela submissão, como MacArthur tanto gostaria de ver):

“Bom Senhor / Graças dou por mais um Natal / Quando cada família se une / Com presentes e hinos de paz / A lembrar do menino Jesus / Pelos dias de verão, e o calor desta estação / pela vida em comunhão, graças te darei, Senhor” (Winn 1993 : O Rei Nascido).

“Toda noite nos reunimos / para a hora da oração / E cantamos bem juntinho / Nossa doce comunhão” (Winn 1993 : Inverno).

Já as referências a Jesus são poucas e nenhuma menciona a salvação. Há somente uma figura de Jesus, sentado, de perfil, vestindo uma túnica branca com uma faixa azul trespassada, segurando uma criança pequena no colo. Ao lado o texto: *“Jesus amou as crianças/ As crianças como eu./ E chamava todas elas/ Para estar ao lado seu./ Com paciência ele escutava / O que elas vinham lhe falar/ E contava então histórias/ E ensinava como orar”* (Winn 1993 : Oração). É um livro que não enfatiza a fé salvadora, mas sim a fé devocional, que aproxima a criança de Deus. A oração mais extensa referente a Cristo visa identificar o menino Jesus com o menino ou a menina que estiver lendo, com o universo de brincadeiras infantis.

“Quando Jesus era garoto/ Aprendeu com o seu pai/ O ofício da carpintaria/(...)/Talvez achasse bem difícil/ Talhar, pregar, lixar/ por vezes até se perdia/ E tinha que recomençar./Então tentava novamente/Até ficar contente./Era uma grande brincadeira/Serrar, montar madeira” (Winn 1993 : Inverno).

Mas Deus não é uma criança, e sim alguém que protege, abençoa, provê e consola.

“Passo a passo tudo passa, já sabemos muito bem. Aves, flores, animais e as pessoas que amamos com quem tudo partilhamos / É a perda que dói mais. Quando nos entristecemos, ó Senhor, estás por perto amando-nos e consolando.(...) Senhor, faz-me lembrar de ti no tempo bom e não apenas te buscar quando estou mal. Quando fico triste, Senhor, me ajuda a repartir contigo a minha aflição, pois tu me compreendes porque eu choro e isto me traz sempre consolação” (Winn 1993 : item sem título).

Por fim, não bastasse o livro inteiro ser uma experiência estética bastante rica, bem ilustrada, com muitos animaizinhos e criancinhas, Deus mesmo se deixa ver pela beleza da natureza:

“Nesta manhã linda de inverno / O sol esquentando esta parede / O azul do céu é mais azul / E a verde folha é bem mais verde / O passarinho faz seu ninho / E canta cheio de alegria / Respiro fundo e louvo a Deus / Pela beleza deste dia” (Winn 1993 : Inverno).

3. TEMÁTICAS VARIADAS

O Rei sem Sombra

O livro de R.C. Sprout, *O Rei sem Sombra* (1996⁵¹) não conta uma história bíblica, nem pretende ser um devocional. A sua história é a seguinte: em um reino – não identificado – um garoto procura o rei para perguntar de onde vêm as sombras e como fazer para se livrar delas. O rei busca a resposta com seus sábios, que indicam o Homem da Caverna, um profeta, que poderia saber a resposta. Este lhe ensina sobre o Rei sem Sombra, Deus, que não tem sombra por ser espírito e por não ter maldade no coração, e cujo reino está por todo o lugar. Todas as pessoas perderão suas sombras quando morrerem, pois se encontrarão com Deus. O rei traz o garoto ao palácio para lhe explicar a conversa com o profeta e admite que mesmo ele, um rei, se curva para o Rei sem Sombra:

*“‘O Grande Rei não se curva diante do homem. Todos os homens devem se curvar diante dele em sua grande majestade’, disse o rei. ‘Quando entram na minha sala do trono, vocês devem se curvar diante de mim porque eu sou rei. Eu não me curvo diante de homem algum. Mas eu devo dobrar meus joelhos diante do Grande Rei. O Rei sem sombra é tão grande que até mesmo eu devo me curvar diante Dele. Ele é o meu Governador. Ele é meu Rei’”*⁵² (Sprout 1996).

É interessante esse recurso de contar uma história cristã que não esteja diretamente ligada a uma narrativa bíblica. Oferece uma maior liberdade criativa do escritor, se bem que a escolha feita para esse livro siga uma idéia corrente a muitos livros infantis, especialmente os contos de fada – um rei, num reino distante, com seus

⁵¹ Esse livro não traz a indicação da data de publicação no Brasil, mas sim na Inglaterra, por isso escolhemos indicá-lo dessa forma. Mas segundo o *site* da Cultura Cristã (www.cep.org.br), esse é um dos seus lançamentos de 2001.

⁵² Esse livro não possui numeração.

servos e conselheiros. Nesse caso, a figura do rei serve para contrastar com a figura de Deus, a quem o próprio rei admite se curvar.

Nesse livro, o rei descobre Deus e fica maravilhado com os ensinamentos do Homem da Caverna, assim como a criança leitora também poderia ficar. É uma história que não toma por pressupostos que a criança já saiba sobre Deus. Ele parte de uma pergunta para descobrir sobre Deus. O autor usa imagens simples – a luz e a sombra – para definir Deus e sua atuação no mundo, o que perfaz uma introdução ao assunto, sem lançar mão de conceitos mais complexos, como salvação por Cristo, por exemplo.

“As sombras vêm da luz. Esse Grande Rei é a própria luz. Sua luz é mais brilhante do que o próprio sol. Ele vive em uma luz tão poderosa e brilhante que ninguém pode nem mesmo olhar para Ele sem ficar cego. Ele tem um tipo especial de corte. É a corte celestial. Seus servos e cavaleiros não são como os meus. São especiais. Eles se chamam anjos (...) O profeta me disse que Deus, o rei, não tem sombra. Quando Ele vira, nenhuma sombra se vira com Ele. Ele é todo luz e a luz está cheia de glória deslumbrante” (Sprout 1996).

E permite a autonomia da criança perante a leitura, ou ainda, estimula a busca pelo conhecimento a partir da história:

“Desde que falei com o Homem da Caverna, meus olhos foram abertos para as coisas que nunca tinha entendido antes. Agora estou com fome e com sede de saber mais sobre o rei sem sombra. Vocês estão alegres porque lhes foi permitido visitar o meu palácio e falar comigo. Mas agora, eu dou um conselho a vocês. Procurem o Grande Rei. Procurem o seu palácio. Procurem cuidadosamente pela porta que abre o caminho para a sala do seu trono. Se vocês o procurarem, vocês o encontrarão. Se vocês o encontrarem, nunca mais terão que se preocupar com sombras de novo’. Com essas palavras, o rei abaixou seu cetro e acenou para as crianças saírem. Elas voltaram para a sua casa pulando e saltando como tinham vindo. Naquele dia começaram a procurar pelo Rei sem sombra” (Sprout 1996).

A ausência de doutrinação não significa que não existam conceitos bíblicos na história; a própria idéia de Rei sem Sombra significa a santidade de Deus e o fato de o rei da fábula se curvar a Deus é uma imagem que denota o senhorio de Deus.

“Quando eu morrer e for para o céu, finalmente verei a Deus como Ele realmente é. Eu verei a sua glória. Olharei diretamente para a beleza da sua santidade. Então, nesse dia, minha sombra me deixará para sempre. Deus irá tirar todo o mal do meu coração. Minha sombra irá embora porque eu serei puro como Ele é puro. Ele vai me fazer santo como Ele é santo” (Sprout 1996).

O conselho dado pelo rei para as crianças procurarem o reino de Deus significa exercer uma fé ativa, mas não indica como fazê-lo. O que importa é que a salvação – perder as sombras depois de morrer – está ao alcance de qualquer pessoa, e a história faz parecer que o caminho para consegui-la não é complicado, pois envolve procurar e encontrar o Rei sem Sombra.

Contar uma história não-bíblica, por outro lado, oferece uma alternativa aos livros feitos por outros escritores que resolveram adaptar a Bíblia para as crianças. Mostra com isso que é possível falar de Deus de outras maneiras, escapando um pouco do caráter doutrinário de algumas obras. Isso viria a atrair um público que pode não ser membro de nenhuma igreja, mas se interessaria por uma mensagem cristã para seus filhos. Por outro lado, esse tipo de publicação é minoritário dentro do catálogo da *Editora Cultura Cristã* o que demonstra que no setor infantil seus esforços estão voltados para a evangelização e edificação da criança pertencente à família cristã.

Cristo É A Bomba De Gasolina

É o caso dessa série de livros, *Parábolas para os Pequenin@s* todos de autoria de Peter Hellyer, publicados, originalmente, na Dinamarca, em 1995. São livros que contam histórias curtas utilizando objetos, como o barco e a bússola, o lápis e a borracha, sendo que o primeiro sempre apresenta um problema, enquanto é ajudado

pelo segundo. A intenção é associar um determinado objeto a Jesus. Caberia aos pais desenvolver a história, conforme os propósitos do escritor.

Todo livro inicia com uma introdução do autor sobre os objetivos da história. No caso do livro *O Portão e a Lata de Tinta* (Hellyer 1996f), o autor afirma:

“A parábola O Portão e a Lata de Tinta foi escrita para ajudar os pequeninos a compreenderem que Jesus realmente muda as pessoas. Este pode parecer um conceito difícil de as crianças entenderem, mas elas têm menos coisas para ‘desaprender’ da ‘velha vida’ do que um adulto convertido. Os pais têm a oportunidade de lançar tijolos de uma sólida fundação da fé, a qual perdurará ao longo da vida de seus filhos e além! É muito mas fácil edificar com orientação positiva antes que os maus hábitos tenham se arraigado” (Hellyer 1996f : 2).

A história sempre começa com uma frase e, nesse caso, é : *“seja qual for o portão, uma lata de tinta pode deixá-lo novo”*. Era uma vez um portão velho, lascado, que sonhava em ficar novo, restaurado. Um dia ele encontrou uma lata de tinta, que o pintou. A lata tornou-se a sua melhor amiga : *“você gostaria de ter um amigo que fizesse você ficar novo?”* (Hellyer 1996f : 19).

As ilustrações mostram objetos animados, cujas expressões são bem definidas. Em todos os livros os objetos são acompanhados por flores e animaizinhos. As figuras são grandes e contam bem a história, mesmo para crianças que não sabem ler, já que o texto é curto, aproximadamente uma sentença por página. A figura de Cristo não aparece em nenhum momento, apesar de haver uma referência a ele no fim do livro, em um texto cuja ilustração traz um pai segurando um livro aberto nas mãos, sentado na beirada da cama de sua filha. O texto diz:

“Deus mandou Jesus Cristo para ser nosso melhor amigo. Jesus faz com que fiquem novas todas as pessoas que pedem para Ele ser amigo delas. Pessoas tristes ficam felizes, pessoas preocupadas ficam calmas (...) Este é um jeito de as outras pessoas aprenderem sobre Jesus, quando elas vêem como Ele muda as pessoas” (Hellyer 1996f : 20).

Após essa “moral da história”, há um espaço reservado aos pais, em que o autor justifica a mensagem da história e a forma como os pais podem desenvolvê-la com os

filhos. No caso dessa história, o foco principal é a salvação, tomando como pressuposto que toda a humanidade nasce com o pecado original.

Porém, Jesus morreu para resgatar esses pecados e é importante que os pais, ao contarem as histórias da Bíblia, mostrem às crianças que elas realmente aconteceram, principalmente as histórias do Gênesis, para demonstrar como o pecado original entrou no mundo. As crianças, por sua vez, compreenderão a mensagem:

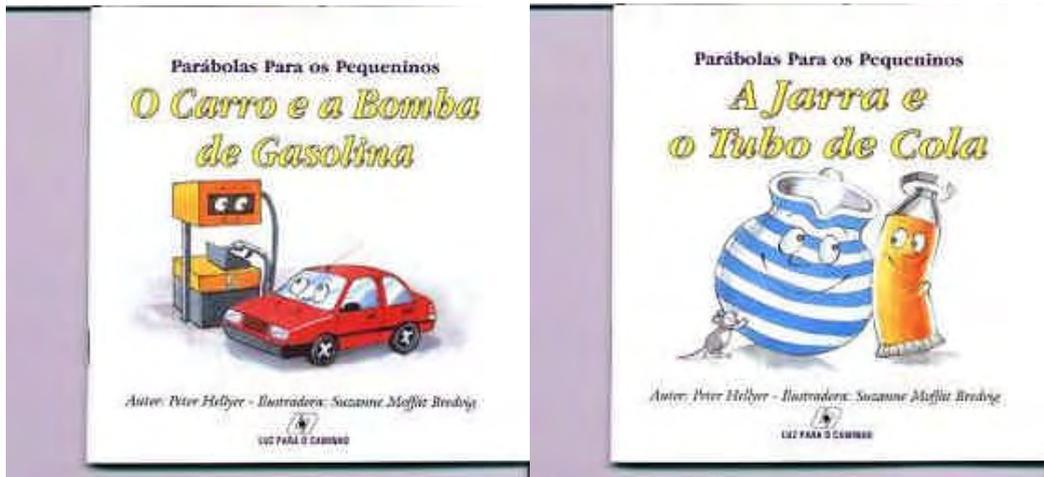
“Algumas pessoas questionam a capacidade de as crianças compreenderem tais conceitos abstratos. Porém, a compreensão espiritual não é uma questão de intelecto, e sim de revelação divina. As relações de Deus conosco são de Espírito para espírito e Ele trata com as crianças da mesma maneira. Ajude seus filhos a aprender o seguinte versículo e eles o compreenderão no seu íntimo : ‘se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas’ (2 Coríntios 5.17)” (Hellyer 1996f : 22).

Retomando o argumento de John MacArthur no início desse capítulo, pode-se ver que esse livro, assim como toda a coleção, segue o princípio da “*depravação total*”, isto é, a criança nasce com o pecado original e precisa ser salva, e a tarefa para conduzi-la ao bom caminho é de responsabilidade dos pais, por meio da apresentação da Bíblia para as crianças. E uma das estratégias para o estudo da Bíblia é a memorização de versículos.

Em *O Carro e a Bomba de Gasolina* (Hellyer 1996b) [figs. 8], o objetivo da parábola é:

“enfatizar a importância do Espírito Santo na vida das crianças. Esta não é uma experiência para crentes ‘super-espirituais’⁵³, mas o fundamento para qualquer um que procura viver uma vida cristã. As crianças precisam de poder para viver como Jesus, tanto quanto qualquer adulto precisa. Jesus não quer que impeçamos as crianças de irem a Ele ou de aspirarem aos dons do Espírito Santo” (Hellyer 1996b : 2).

⁵³ Expressão que ele não explica o que significa.



Figuras 9 e 10 – Jesus : bomba de gasolina e tubo de cola. Ilustrações de Suzanne Moffat Bredwig.

O Espírito Santo é representado pela gasolina: *“Seja qual for o carro, a gasolina dá a ele força para andar”*. Era uma vez um carro que não tinha forças para andar. Até que um dia ele encontrou uma bomba de gasolina, que o encheu. Assim, ele pôde andar e, por isso, a bomba de gasolina era a sua melhor amiga – *“Você gostaria de ter um amigo que dá força para você fazer o que deve fazer?”* (Hellyer 1996b : 18).

A representação em termos concretos do Espírito Santo é feita também na “moral da história”:

“Deus mandou Jesus para ser nosso melhor amigo. Jesus dá força para fazer boas coisas na vida de todos aqueles que pedem ajuda a Ele. A força é trazida pelo Espírito Santo. Você não pode ver o Espírito, mas você pode ver o que faz a força que Ele dá. A força nos ajuda a fazer o que Ele nos diz para fazer e a ser bons para aqueles que vivem perto de nós” (Hellyer 1996b : 20).

Aos pais, o autor justifica que o poder de Deus vem pelo batismo do Espírito Santo, e *“as crianças que nascem dentro da família cristã, dentro do povo de Deus”* também recebem a bênção do Espírito Santo.

“É importante explicar aos nossos filhos que os dons que Deus nos concede nos capacitam a ser testemunhas eficazes de Jesus; portanto, estimule-os a servir outras pessoas em nome de Cristo, a orar pelos enfermos, a falar do Evangelho, e assim por diante (...) Por fim, lembre a eles que,

assim como um carro precisa ficar cheio de combustível, também nós precisamos encher-nos do Espírito Santo” (Hellyer 1996b : 23).

A responsabilidade dos pais na educação espiritual dos filhos é retomada no livro *O Lápis e a Borracha* (Hellyer 1996e).

“Quando se trata de questões espirituais, a fé, o temor a Deus, muitos pais andam dizendo: ‘Vamos deixar que eles decidam no futuro se querem seguir alguma religião’. É triste ouvir tal afirmação. Nenhum pai ou mãe que se importa com os seus filhos permite que eles escolham o que comer. Pode haver certas preferências, mas elas serão atendidas dentro de um conjunto de opções de bons alimentos nutritivos escolhidos pelos pais. Por que deve ser diferente o tratamento da questão espiritual? O que cremos é importante porque nos tornamos [sic] aquilo que cremos” (Hellyer 1996e: 2).

A história segue o mesmo estilo das outras. Era uma vez um lápis que desenhava coisas, escrevia palavras e números. Às vezes, ele cometia erros e também ficava zangado. Um dia ele encontrou uma borracha que apagou todos seus erros e rabiscos e, por isso, a borracha tornou-se a melhor amiga do lápis – *“Você gostaria de ter um amigo que apagasse seus erros e rabiscos?”* (Hellyer 1996e : 18). A moral da história é que Jesus perdoa e ajuda quem comete erros ou fica bravo, quando se fica arrependido de verdade: *“é como se Jesus apagasse os erros e os rabiscos que fizemos”* (Hellyer 1996e:20).

Novamente o sentido da restauração é abordado, mas dessa vez, o autor explica como uma criança pode receber a salvação: *“Com que idade uma criança pode nascer de novo? A resposta a esta pergunta é: tão logo ela seja capaz de reconhecer e compreender a diferença entre o certo e o errado, e seja capaz de expressar claramente sua vontade”* (Hellyer 1996e : 22). O autor acredita que uma criança de três anos já seja capaz de seguir a Jesus espontaneamente.

Mas o principal meio de fazer a criança seguir o caminho certo é a conduta dos pais em casa. *“Tal atitude faz com que Jesus seja real para nossos filhos”* (Hellyer 1996e : 22). Após ler a história, os pais devem falar aos filhos sobre a necessidade de pedir perdão

a Deus pelos erros que eles cometeram; e quando os pais errarem também devem fazer a mesma coisa para validar o ensinamento.

Já *A Jarra e o Tubo de Cola* (Hellyer 1996d – fig. 9) foi escrito para

“enfatar que, à vista de Deus, nenhum de nós é inútil e que Jesus pode fazer-nos completos e curar nossos males. À medida em que nossos filhos crescem sabendo que são amados por Deus e preciosos para Ele, isto os ajudará a resistir aos efeitos perversos de palavras cruéis”, pois “num mundo competitivo é fácil ficar machucado ou arrebitado. As crianças, mesmo as menorzinhas [sic], não estão imunes ao prejuízo. A palavra maldosa, crítica, ou a palavra dita às pressas, seja intencional ou não, leva a criança a sentir-se inútil, desamada [sic] e rejeitada” (Hellyer 1996d : 2).

É a história de uma jarra cuja asa quebrou e, por isso, perdeu a utilidade, sendo encostada. Até que ela encontrou um tubo de cola que restaurou a sua asa. A partir de então, o tubo de cola passou a ser o melhor amigo da jarra – *“Você gostaria de ter um amigo que fizesse você se sentir útil?”* (Hellyer 1996d : 18). Conseqüentemente, Jesus é o tubo de cola:

“Jesus veio para fazer com que a gente seja útil de verdade. Nós podemos pedir que Jesus ponha as coisas certas no lugar das coisas erradas em nossa vida e Ele vai fazer isso. É como se Ele colasse as partes que estão quebradas em nós para a gente ficasse inteirinha de novo” (Hellyer 1996d : 20).

O autor trabalha com o conceito de que os homens são incompletos enquanto não encontrarem Jesus Cristo. O objetivo da história é mostrar o quanto as crianças são valorizadas por Deus – *“Os pais têm um papel preponderante no aprimoramento e incentivo de seus filhos”* (Hellyer 1996d : 22). O sentido de ser cristão é nascer de novo em Cristo, e é importante que as crianças aprendam essa visão de Deus sobre elas.

“Elas precisam saber isto como proteção contra as más coisas que podem ser ditas delas. É nosso privilégio como pais dizer a nossos filhos quão preciosos e importantes eles são à vista de Deus. Sabendo que a visão de Deus sobre nós é construtiva e conhecendo a verdade, estamos melhor [sic]

capacitados a resistir à mentira de que somos inúteis e sem valor” (Hellyer 1996d : 22). É o enfrentamento seguro do mundo, pois se está protegido por Deus.

A imperfeição também aparece no livro *O Barco e a Bússola* (Hellyer 1996a).

“Vivemos numa era de especialistas. Seja qual for o problema ou circunstância, há sempre alguém que escreveu um livro, fez um vídeo ou gravou uma fita formulando uma orientação (...) Especialistas diferentes ganham ascendência sobre outros, à medida que a ‘solução’ final entra em moda. Mas e quanto à vida? A vida é mais do que experimentos na terra, e quem quer que sigamos como nosso guia deve não somente ser capaz de ajudar-nos aqui e no presente, mas também na vida futura! A parábola *O Barco e a Bússola* foi escrita para apresentar os pequeninos ao único guia infalível para a vida, Jesus Cristo” (Hellyer 1996a : 2).

O mundo é o lugar das soluções imperfeitas e até enganosas. Esses livros trazem os princípios cristãos como antídotos dos problemas do mundo. Mais que isso, eles seguem o pressuposto de que quanto mais cedo se iniciar a educação cristã, menor será a probabilidade de ela se desviar do caminho. O grande perigo para as crianças são os adultos, devidamente tentados pela vida.

“Jesus sempre conhece o caminho certo para onde a gente tem de ir ou a coisa certa que a gente tem de fazer, e Ele leva a gente para casa em segurança. Jesus foi mandado pelo Deus Pai para mostrar o modo como a gente pode ser amigo dele e o modo como a gente deve viver e se comportar” (Hellyer 1996a:20).

Por fim, o livro *O Cortador de Grama e a Lata de Óleo* (Hellyer 1996c) traz uma temática diferente – a da cura. Deus cura as enfermidades das pessoas, seja por milagres, seja por técnicas, remédios e hospitais:

“A parábola *O Cortador de grama e a Lata de óleo* foi escrita para estimular a fé e a expectativa das crianças para que possam reconhecer o Deus que nos cura por dentro e por fora. Vozes acauteladoras (sic) podem surgir, ‘Por que levantar falsas expectativas?’ A palavra de Deus é verdadeira, todos nós precisamos fixar isto em nossos corações e mentes. É melhor estimular a fé e a expectativa na verdade do que na descrença que nada promove!” (Hellyer 1996c:2).

No fim, o autor articula o conceito de cura ao de salvação.

“Deus mandou Jesus Cristo para ser nosso melhor amigo. Às vezes nós ficamos doentes. Nós podemos pedir que Jesus nos cure e Ele nos atende, segundo a sua vontade. Deus enviou Jesus para que Ele morresse pelos nossos pecados e nos desse salvação. Salvação é vida em todos os sentidos. Ainda enfrentamos pecados e doenças, mas já temos em Cristo a vida eterna e vida eterna inclui, também, saúde do corpo. Jesus não gosta de ver seus amigos pecando ou doentes, Ele gosta de ver seus amigos curados em todos os sentidos” (Hellyer 1996c : 20).

No espaço reservado aos pais, ele afirma que Jesus cura todas as doenças, sejam do espírito, sejam do físico, mas isso não significa a isenção do sofrimento para o ser humano. Novamente ele aponta para o papel nocivo que muitos adultos exercem sobre as crianças:

“As crianças são naturalmente inclinadas a crer no que ouvem. Infelizmente, elas aprendem a descreer com os mais velhos. Colocamos tanta ênfase nos remédios e nos médicos que podemos levar os pequeninos a considerar a oração apenas um escape, não compreendendo que só Deus dá a vida e portanto a cura” (Hellyer 1996c : 22 -23).

CONCLUSÃO

Os livros da série *Parábolas Para Os Pequeninos* destacam-se por falar de Deus e de princípios cristãos por meio de histórias não-bíblicas, recorrendo a objetos do cotidiano, conhecidos das crianças, estabelecendo relações indiretas entre a história e a mensagem cristã, tornando-a acessível ao entendimento infantil. Além da ênfase na necessidade de salvação, um tema recorrente aos livros dessa coleção é a amizade de Jesus, que ajuda a tornar a vida melhor. Esse é o meio pelo qual os pais devem introduzir princípios cristãos a partir das histórias. Por isso que a última figura é invariavelmente um pai lendo livro pra filha.

Outra dado interessante é que, diferentemente de todos os livros anteriormente analisados, Jesus não tem uma representação iconográfica tradicional; ele é a borracha, a lata de óleo, o tubo de cola, a bússola, a lata de tinta e a bomba de gasolina.

Enquanto na *Minha Pequena Bíblia de Promessas* ele mais parece com o já citado *Buddy Christ*, na *Primeira Bíblia Ilustrada* ele aparece másculo, tal como no livro *Um passeio nas ondas*, em que se parece com o *Superman*; e por fim no livro *101 Histórias Favoritas da Bíblia*, em que ele é retratado sério e altivo; nesses livrinhos da coleção *Parábolas Para Os Pequeninos* Jesus não está presente fisicamente, mas representado por objetos.

A ênfase é puramente na mensagem cristã, na forma como o princípio cristão se aplica à vida da criança. Num primeiro momento, não se procura imprimir uma imagem de Cristo, nem de seus discípulos, ou de suas histórias. O que é usado para atrair e impressionar a criança é a amizade de Jesus. Seria mais eficiente mostrar uma parábola de objetos do que contar uma história bíblica para mostrar à criança o poder de Cristo? Mas não seria difícil fazer uma criança pequena acreditar em algo que ela não possa ver?

Como já foi mencionado acima, cada escolha estética implica em uma mensagem diferente, ainda que se esteja falando da mesma história, do mesmo personagem. De modo geral, a interpretação de um documento como a Bíblia envolve uma questão de poder, e é uma das formas de busca por legitimação dentro do diálogo com a sociedade. A fonte é a mesma para todos os grupos cristãos, mas a forma como se usa esse legado expressa uma intervenção que esses grupos (ou mesmo pessoas) procuram realizar naquilo que eles concebem como a sociedade ou o “mundo”. É o que ocorre, por exemplo, com os grupos fundamentalistas nos Estados Unidos. Viu-se no livro de John MacArthur (2001) que uma visão que entende a sociedade como degradada moralmente solicita uma solução que envolve a salvação individual, conforme os fundamentos da Bíblia.

Dessa forma, a representação de Jesus, a figura central do cristianismo, articula-se à mensagem de salvação. Quando se procura ressaltar o senhorio de Cristo, ele é representado másculo, forte, destacado dos outros. Quando se procura ressaltar seu caráter de companheiro dos cristãos, sua expressão é doce, sorridente, amável – ou mesmo invisível, já que Deus é espírito.

Não é questão de desqualificar a mensagem de nenhum grupo ou de nenhum escritor, nossa função não é essa. Procuramos mostrar nesse capítulo como diferentes formas de representação e de escolhas estéticas influenciam na mensagem que se quer passar, conforme diversos interesses para se dialogar com a sociedade.

* * *

É preciso fazer uma observação quanto à análise da literatura infantil relacionada à Educação Cristã protestante. Não foi abordada uma ampla discussão sobre educação cristã protestante no Brasil porque o nosso trabalho visa discutir o papel da mídia na construção de discursos religiosos. A educação cristã protestante, por si só, já forneceria material para vários estudos, mas nos restringimos ao caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, por uma questão de recorte⁵⁴.

⁵⁴ Por sugestão do prof. Dr. Leonildo Silveira Campos, registramos algumas obras que tratam da doutrinação cristã infantil: Groome (1984); Santos (1998), Streck (1995) e Reboul (1980).

CAPÍTULO 4

LITERATURA PARA AS FAMÍLIAS PIEDOSAS

Cada livro tem uma forma de se expressar. O que importa não é somente a mensagem, mas também a forma como ela é transmitida – como constatamos no capítulo sobre literatura infantil.

Nesse capítulo sobre literatura voltada ao público adulto, escolhemos um conjunto de temas que se inter-relacionam: família, casamento e sexualidade. Escolhemos esse recorte em meio ao vasto catálogo da *Editora Cultura Cristã* a fim de analisarmos com profundidade uma temática comum nos meios evangélicos.

A família é uma das maiores preocupações das igrejas evangélicas, como se pode atestar nos vários *sites* evangélicos que existem no Brasil⁵⁵. No portal *Eu Creio* (www.eucreeio.com.br), há uma seção inteira contendo subseções, como “*Pais e Filhos*”, “*Vida a dois*”, “*Finanças*”, “*Teste*”, “*Estudo Bíblico*”, “*Reflexão em Família*”. O *site* *Bíblia World* (www.uol.com.br/bibliaworld/) abriga um link para a revista *Lar Cristão* (<http://www.uol.com.br/bibliaworld/larcrisao/index.htm>). Há um *site* dedicado totalmente à família, o *Farol da Família* (<http://www.faroldafamilia.hpg.com.br/>), assim como há uma revista eletrônica voltada à família, chamada *Família*, da Igreja Nova Vida (<http://www.novavidanet.com.br/>), e assim por diante.

Érica Giesbrecht (2002 : 61 - 63) defende que desde 1988 a Igreja Presbiteriana do Brasil vem aplicando uma nova modalidade de trabalho evangelístico, o Encontro de Casais, em que casais evangélicos convidam casais não-evangélicos para reuniões e estudos bíblicos. Segundo a autora, seria uma forma de se aproximar de uma prática muito comum da Igreja Católica, a fim de renovar o quadro de fiéis da Igreja Presbiteriana. Por sua vez, o Encontro de Casais promovido pela Igreja Católica também seria uma forma de conquistar fiéis a partir da década de 80, em um período posterior ao das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Portanto, não deixa de ser

interessante observar que desde o início dos anos 90 vem crescendo o número de lançamentos editoriais evangélicos relacionados à temática da família.

Por sua vez, a família que se tem como modelo é a família nuclear, isto é, composto por pai, mãe e filhos. Porém, conforme o último censo de 2000, o modelo de família nuclear compete com famílias chefiadas somente por mulheres⁵⁶ – como lidar com uma situação “não-ideal”? Os livros pouco se pronunciam sobre o que lhes foge aos princípios – na verdade, tudo o que se desvia dos seus padrões é retratado de forma a ser conduzido ao que é certo e bíblico.

Assim, nossa delimitação está ligada a um recorte temático – a importância da família e do casamento nos planos divinos – cuja demanda vem crescendo nos últimos anos. Ainda que os livros de maior saída da Editora Cultura Cristã ainda sejam *A Bíblia de Estudo de Genebra*, *Teologia Sistemática*, *Hinário Novo Cântico*, *Bíblia com Hinário*, segundo o seu editor, Cláudio Marra⁵⁷, a grande procura por temas relacionados ao casamento e à sexualidade fizeram a editora investir nessa área.

A julgar, contudo, pelos catálogos da LPC do início dos anos 80 – que cobriam quase que exclusivamente temas de estudo teológico, esses títulos novos acerca de vida cristã mostram uma nova disposição da editora para alcançar o público evangélico a partir de temas abordados por outras editoras. Perguntado sobre quem é o público da ECC, Marra, respondeu: “*A teologia Reformada está em alta, mas estamos também entrando em áreas como família e livros de consulta ou acadêmicos. Assim, o nosso público são os presbiterianos mas cada vez mais também alcançamos outros grupos*”.

Como se trata de um conjunto de temas delicados, deixamos claro que não tomamos partido de nenhuma das idéias defendidas ou refutadas pelos autores

⁵⁵ Em uma busca pelo portal Yahoo Brasil, foram encontradas 17 referências relacionadas às palavras-chaves “evangélicos-família”, dentre *sites* de instituições e pessoais, e 70 referências relacionadas à palavra-chave “*sites* evangélicos” (busca feita em 15 de maio de 2002).

⁵⁶ Segundo o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?z=t&o=4>), em 2000, existiam 11.160.635 mulheres responsáveis pela renda familiar dos domicílios permanentes no Brasil, contra 33.634.466 homens (proporção aproximada: 1/3). Em 1991, esse número era de 6.294.268 mulheres contra 28.440.447 homens (proporção aproximada: 1/4).

analisados. Procuramos analisar como os discursos são construídos a partir de interpretações bíblicas e de diálogos com comportamentos socialmente aceitos. Ao compararmos doze livros, tentamos organizar a discussão por temas recorrentes, a fim de mostrar que, ainda que “o sexo seja divinamente abençoado no contexto do casamento” e que a “a família cristã deva ser unida no temor a Cristo”, há várias formas de se lidar com o namoro, o relacionamento marital, a sexualidade e o amor entre cristãos. Para surpresa de muitos leigos, os evangélicos não fazem sempre o mesmo discurso.

Preferimos concentrar a análise do discurso sobre esses temas porque os argumentos lançados nos programas de televisão, nos vídeos e nos programas de rádio são muito semelhantes, ainda que apresentados de forma fragmentária. Assim, com a análise dos livros podemos explorar alguns dos principais argumentos.

* * *

Uma primeira consideração deve ser feita sobre a autoria dos livros analisados. Tal como no capítulo sobre literatura infantil, encontraremos uma presença maciça de autores norte-americanos. E não foi surpresa encontrar a mesma linha conservadora predominante no item anterior.

Perguntado pela razão de haver tantos autores estrangeiros no catálogo, o editor Cláudio Marra justificou:

“Temos ainda poucos autores de qualidade no Brasil, devido à nossa menor tradição nessa área, ao menor tempo de existência do movimento evangélico no Brasil, além de a própria sociedade brasileira ter pequena tradição literária. O que temos feito é estimular autores nacionais mas não pretendemos forçar uma mudança para salvar aparências”.

⁵⁷ Cláudio Marra trabalha há oito anos como editor-chefe da Editora Cultura Cristã, em São Paulo, Ele concedeu uma entrevista via e-mail no dia 22 de outubro de 2002, de onde foram retiradas as citações disponíveis nesse capítulo.

Dessa forma, todas as considerações sobre fundamentalismo cristão norte-americano continuam valendo na análise desse capítulo, ainda mais em temas relacionados diretamente ao foro íntimo. Esses livros foram escritos em um contexto de muito embate e indignação por parte dos conservadores cristãos em relação às políticas de saúde pública adotadas pelos governos americanos desde a década de 1970 – a legalização do aborto, em 1976; a expansão de associações como a Paternidade Planejada (*Planned Parenthood*), responsáveis por manuais de educação sexual para escolas públicas; além da grande visibilidade conquistada por grupos feministas e homossexuais.

Mas mesmo os poucos autores brasileiros analisados também trazem suas críticas a um ou outro aspecto trazido pela revolução sexual e pelo movimento feminista. Em geral, a crítica está voltada mais para uma visão de mundo ocidental que estaria valorizando o sexo, o divórcio, as relações superficiais, a desagregação familiar, em detrimento de valores morais sólidos prescritos pela Bíblia.

Para muitos estudiosos do cristianismo, as considerações que faremos ao longo desse capítulo poderão parecer óbvias, pois se trata de um discurso bastante repetitivo. Entretanto, é importante notar que há ainda muito desconhecimento por parte da sociedade não-evangélica, desses “valores morais sólidos” – e, pior, há muito preconceito contra a pregação evangélica. Olha-se muito mais para o moralismo pregado pelos crentes do que para as razões que os fazem pensar dessa forma. O que faz um grupo pregar a abstinência sexual para os solteiros numa sociedade que há muito tempo deixou de valorizar a virgindade – em especial a castidade das mulheres?

O livro de Karen Armstrong citado (2001) no capítulo sobre a literatura infantil, ao estudar os “fundamentalismos” judaico-israelense, islâmico-egípcio e iraniano; e protestante americano, tem como objetivo a compreensão desse “outro” fundamentalista, a fim de evitar maiores conflitos em uma época de nervos acirrados: *“Para quem, como eu, aprecia as liberdades e as conquistas da modernidade, não é fácil entender a*

angústia que elas causam nos fundamentalistas religiosos. Contudo a modernização muitas vezes implica agressão, em vez de libertação” (Armstrong 2000:16).

A tarefa do historiador das religiões é incentivar a compreensão daquilo que é diferente da maioria (Silva & Karnal 2002 : 513;35-37) – e no caso do Brasil, ser evangélico, significa *não ser* católico, nem espírita, ou umbandista. Assim, a realidade dos evangélicos no Brasil, sejam os de orientação “fundamentalista”, sejam os de orientação “liberal”⁵⁸, não se aproxima nem um pouco da realidade protestante americana, religião da maioria.

Por isso, o fundamentalismo protestante americano no Brasil tem uma influência limitada. Fora conflitos entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (pentecostais, não fundamentalistas) e umbandistas no início da década de 1990, os protestantes brasileiros nunca incendiaram clínicas clandestinas de aborto, como seus “irmãos em Cristo” americanos.

Mesmo assim insistimos no argumento de que compreender uma minoria é o primeiro passo para um diálogo, ou pelo menos para o respeito a ela. A circulação de livros produzidos num contexto americano específico é indicativa de que o protestantismo histórico nacional ainda mantém fortes ligações com sua “matriz” americana, mas nem todas as suas idéias são apreciadas por aqui. Vejamos quais foram escolhidas pela *Editora Cultura Cristã* para o público brasileiro.

1. FAMÍLIA E CASAMENTO

No capítulo sobre literatura infantil e educação cristã, foi analisado o livro de John MacArthur Jr., *Como Educar Seus Filhos Segundo A Bíblia* (2001), contendo argumentos correntes ao fundamentalismo americano referente à educação cristã: a

⁵⁸ Colocamos entre aspas essas expressões, pois elas não são categorias objetivas, mas são formadas dentro de um embate teológico e político no meio protestante histórico. Enquanto os fundamentalistas se denominam como tais desde o início do século XX, por conta do movimento fundamentalista americano, os liberais foram denominados como tais pelos fundamentalistas de forma ofensiva. Isto é, os liberais seriam os que se desviam da leitura literal da Bíblia, e portanto, estariam se desviando dos *fundamentos* do cristianismo.

indignação com a interferência governamental (da gestão Bill Clinton) na educação infantil, a revolta contra o discurso e as conquistas do movimento feminista, as conseqüências da liberação sexual do final da década de 1960, o desprezo pela atuação da psicologia e pedagogia modernas.

A parte analisada no capítulo da literatura infantil foi a referente à educação infantil – e deixamos para esse capítulo a parte referente à família, pois para MacArthur, o sucesso da educação infantil se deve à forte estrutura familiar. E isso só se consegue por meio da estrita obediência aos papéis dos cônjuges e dos filhos prescritos na Bíblia.

Esse é o mesmo argumento presente no livro de um casal brasileiro, autor de *A Bíblia e a sua Família*, Augustus Nicodemus Lopes e Minka S. Lopes (2001):

“Porque o livro lida com princípios (doutrinas) e estes comentados e extraídos do ‘manual’ divino, as Escrituras, sua relevância não se limita apenas ao contexto brasileiro. Os princípios bíblicos são transculturais, no sentido de transcenderem, confrontarem, e transformarem culturas (...) Este não é um livro de brasileiros para brasileiros, mas de servos do Senhor para servos do Senhor, quer sejam latinos, europeus, americanos, asiáticos, australianos ou africanos” (Lopes 2001: 7).

A Epístola de Paulo aos Efésios constitui a base para esse discurso. Em termos gerais, a idéia defendida pelos livros voltados à família e ao casamento está contida nos seguintes versículos:

“E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (...)” (Ef. 5.18-21);

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.” (Ef. 5. 22-24);

“Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (Ef 5.25-27);

“Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. (...)” (Ef 5.31-32);

“Filhos, obedeei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra teu pai e a tua (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.1-4). Adaptado de Lopes (2001 : 13;29;91;121;137).

São trechos usados para justificar os papéis dos cônjuges no casamento, os papéis dos pais em relação aos filhos e o papel dos filhos em relação aos pais. O casamento é uma instituição divina em que duas pessoas abandonam o lar paterno para se unir e constituir uma nova família. Ao marido, cabe respeitar e amar a mulher assim como Cristo amou sua Igreja (o conjunto de fiéis). À mulher cabe ser submissa ao marido, amando-o e respeitando-o até que a morte os separe. Aos filhos cabe respeitar seus pais, e aos pais, respeitar os filhos, criando-os sob limites.

Para leigos sem formação religiosa cristã, ou que renegaram a formação que tiveram na infância, o que a Bíblia diz pode soar antiquado – afinal, seria um livro de cerca de 4000 anos, sendo que os evangelhos possuiriam dois mil anos. Mas para os religiosos, seus textos sagrados são a base cristalizada de sua crença. O que está escrito na Bíblia constitui uma verdade revelada; não existem interpretações eivadas de subjetividade, mas somente a busca pela verdade. Isso não impede que algumas questões não possuam uma única definição.

A Mulher

A questão da submissão da mulher foi colocada em xeque no século XX, principalmente a partir da década de 1960, com o movimento feminista norte-americano. No campo religioso surgiram teólogas feministas com interpretações que discutiam o patriarcalismo da cultura judaico-cristã, sem desmerecer a autoridade da Bíblia. Além disso, movimentos alternativos permitiram que as mulheres exercessem cargos de liderança e de sacerdócio negados nas instituições oficiais.

Não é à toa que todos os livros analisados que contêm ensinamentos sobre o papel dos cônjuges procuram justificar a submissão em termos que não ofendam a dignidade da mulher. Nesses livros, a submissão não é tomada como escravidão, sujeição cega ou servidão, mas algo que é feito pela própria vontade da mulher. É apenas uma função a ser cumprida dentro da família já que Deus criara tudo com uma hierarquia para estabelecer sua ordem.

“Essa passagem [Ef. 5.21-24] sugere que a submissão é dar-se incondicionalmente para completar o outro. Envolve sacrificar-se para fazer com que o relacionamento entre ambos seja saudável. Foi dada ao marido a responsabilidade de guiar a família a Deus, mesmo com o sacrifício de sua vida (Ef. 5-25-28). O papel da mulher é apoiar, ajudar e sustentar o marido no desempenho dessa missão. O alvo da submissão da esposa, portanto, é muito mais amplo do que simplesmente aceitar resignadamente os valores comportamentais e morais do marido” (Lopes 2001 : 32).

De acordo com esse casal de autores (na verdade o responsável pelo conteúdo é o marido, um pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, enquanto à esposa coube a revisão do texto), o homem é o cabeça da mulher no sentido de que ele é responsável pelo seu sustento financeiro, pelo seu crescimento intelectual e espiritual, e proteção física (posto que a mulher é o “vaso mais frágil”). Além disso, a última palavra sobre qualquer assunto deve ser do marido, a fim de se evitar confusões e conflitos de autoridade dentro da casa. Augustus Nicodemus Lopes discorre sobre

como a esposa deve se submeter ao seu marido: primeiro, ela deve orar por ele, tendo consciência de que Deus é quem está no controle da família. Depois, ela deve permitir que o marido exerça a autoridade e a liderança no lar, mesmo que a mulher seja mais culta, inteligente e talentosa:

“(...) Não o sobrecarregue com decisões, considere a decisão dele como a final (mesmo que você não concorde, depois de um tempo ele tomará decisões que agrade a mulher, conforme ela confia nele); faça um acordo com ele sobre as pequenas decisões, mantenha-o bem informado” (Lopes 2001:56)

A razão pela qual a mulher é submissa ao homem está no Gênesis: em primeiro lugar, a mulher foi feita da costela de Adão para ser sua auxiliar; depois, pela transgressão que Eva cometeu, ao provar da árvore da sabedoria, levando o casal à Queda do Paraíso e estabelecendo o pecado primordial. Isso não quer dizer que a mulher seja inferior ao homem, pois ambos são iguais em espírito perante Deus. Novamente, essa é uma divisão de funções, uma hierarquia de autoridade estabelecida por Deus para as famílias viverem em paz. De fato, no topo da hierarquia está Deus, que é o cabeça de Cristo, que é o cabeça do homem, que é o cabeça da mulher – e ambos são os cabeças dos filhos.

Por outro lado, o homem também tem deveres para com sua esposa e para com Cristo. Ele deve amá-la e respeitá-la, provendo-lhe sustento e conduzindo seu crescimento espiritual. Por isso, Lopes alerta para as moças que pensam em se casar, que não procurem noivos descrentes, já que o seu crescimento espiritual pode ser prejudicado. *“Aos que querem se casar: encontrem alguém que seja crente e pense como você”* (Lopes 2001 : 78). Além disso, as mulheres que possuem um temperamento forte precisam se santificar, saber se controlar.

“Não se casem com um homem ao qual conscientemente não possam prometer submissão voluntária. É preferível encerrar hoje esse relacionamento. Não vá em frente, você vai fazer da sua vida, da vida dele e também da dos seus filhos um inferno. Case-se com um homem a quem você possa voluntariamente sujeitar-se. A sujeição ao marido, dentro dos termos bíblicos, é um dos

fundamentos do casamento e da família. Sem ela a vida do casal e da família será pervertida. Se você tem por natureza um temperamento e um gênio rebelde e insubmisso, é preciso santificá-los; é preciso aprender o domínio próprio, que é fruto do Espírito, antes de aventurar-se no casamento” (Lopes 2001 : 45).

Por outro lado, esse cuidado para com a definição da submissão não exime certos autores de condenar o feminismo. O livro de Josué A. de Oliveira, *A Mulher nos Planos de Deus* (1989), opõe-se a todo discurso do movimento feminista “radical”. Em primeiro lugar, esse movimento, juntamente com o movimento homossexual, é acusado de tentar apagar as diferenças entre homens e mulheres.

“O Movimento Internacional de Libertação da Mulher é, sem qualquer dúvida, uma provocação incômoda para a mulher cristã, ciosa de seus direitos e privilégios, bem como das suas limitações, no contexto social em que vive, do qual é parte integrante” (Oliveira 1989 : 66).

“Cremos firmemente que a maior parte da infelicidade, dos conflitos e das separações que ocorrem nas famílias é decorrente da confusão que existe sobre o papel do homem e da mulher na família. Por um lado, o machismo deforma o papel do homem. Muitos homens casados não sabem o que é ser másculo, marido e pai; não basta ter cabelo no peito...Lassie também tinha. Por outro lado, o feminismo radical, por exemplo, deforma o papel da mulher. Muitas mulheres casadas não sabem ser femininas, nem esposas e nem mães (...). Rapazes são rapazes e meninas são meninas, como dizem os americanos” (Lopes 2001 : 30).

A caracterização do feminismo feita por Josué A. de Oliveira identifica o movimento de maneira homogênea – como se todas as feministas pensassem de forma igual. E apesar de ser uma “*incômoda provocação*”, é algo que não poderá suplantar a ordem criada por Deus. Mas não deixa de ser uma “heresia” o fato de que igrejas e ministérios apoiem algumas dessas idéias. Oliveira caracteriza o feminismo como uma “*explosão de ódio e combate sem tréguas*”, uma aversão a tudo o que é do sexo oposto, “*complexo do mais fraco contra o mais forte*”, um “*sonho quimérico, jamais realizável*”, uma “*revolta contra Deus e contra a Bíblia, acusada de machista*” (1989 :

64-67). Assim como Eva decidiu transgredir a ordem de Deus, essas mulheres se rebelam sem motivo, talvez tentadas por Satanás.

Outros autores, principalmente mulheres, reconhecem que o feminismo trouxe avanços ao lutar contra a opressão que muitas mulheres estavam sofrendo no trabalho e nos lares. A própria conquista de um espaço maior no mercado de trabalho é comemorado por Debra Evans (*Guia da Sexualidade da Mulher Cristã* - 2001) e pelo casal Lopes. No entanto, Oliveira e John MacArthur representam o discurso mais conservador, acusando as mulheres de procurarem no trabalho uma desculpa para fugir de suas atribuições como mães e esposas. MacArthur (2001 : 149-163) é enfático ao defender que a principal atribuição da mulher é cuidar da casa, dos filhos e do marido, e caso queira trabalhar, que procure um serviço que possa ser feito em casa – como fazer pães, chocolates, artesanatos, coisas “femininas”, que combinam com suas refinadas habilidades manuais:

“Mas, não deixem que ninguém as engane com a idéia de que é humilhante ficar em casa e cuidar da família. Não compre a mentira de que você está se reprimindo se trabalhar o dia inteiro em casa em vez de tomar parte de um ambiente de trabalho. Dedicar-se completamente à sua função de esposa e mãe não é repressão; é a verdadeira libertação. Milhares de mulheres compraram essa mentira do mundo, vestiram um casaco, pegaram uma maleta, deixaram os filhos com outra pessoa que os educasse, e partiram para o mundo do trabalho, apenas para concluir depois de quinze anos que ela e seus filhos tinham um vazio imenso no coração. Muitas dessas profissionais agora dizem que preferiam ter-se dedicado à maternidade e ao lar” (MacArthur 2001 : 158).

E na igreja, como a mulher é submissa ao homem, não pode exercer cargos de liderança, como pastora, por exemplo. Suas habilidades são muito bem aproveitadas nos ministérios da música, das artes, da oração, da missão, da assistência social e do ensino religioso.

O livro de Oliveira, por sua vez, é o único a avançar nas regras voltadas à conduta da mulher, não somente ao casamento e à maternidade, mas à vida pública e da igreja, quanto aos cuidados ao se vestir e se adornar. Partindo de uma

leitura quase literal da primeira carta de Paulo aos Coríntos sobre o uso obrigatório do véu na igreja, Oliveira afirma:

“Nosso intuito é provar que a mulher não precisa estar velada nos atos de culto em sua igreja. Deus, ao fazê-la, dotou-a de um véu natural e ornamental, a sua cabeleira. O cabelo da mulher, além de ser ornamento fascinante, é símbolo de poderio, isto é, da autoridade que o marido exerce sobre ela, de acordo com a Bíblia, no Velho e no Novo Testamento” (Oliveira 1989 : 86)

Seguem-se considerações sobre o excesso de vaidade feminina – enquanto a vaidade masculina se concentraria em satisfazer ambições interiores (o acúmulo de riqueza e poder), a vaidade feminina se concentraria no seu corpo, na busca pela beleza externa:

Conservação do cabelo: a mudança constante de corte, penteado e cor de cabelo é algo que agrada ao mundo, e não a Deus – *“As mulheres não podem imitar essas práticas mundanas, porque têm a experiência da conversão regeneradora, e conhecem as normas bíblicas de comportamento em relação aos seus enfeites”* (Oliveira 1989 : 99).

Compostura dos vestidos: a Bíblia oferece todas as normas sobre a escolha das vestes da mulher – composição, preço, modéstia, decência, pudor – tanto no Velho como no Novo Testamento. Além do comedimento e da simplicidade, a Bíblia ordena que *“a mulher não usará [sic] roupa de homem, nem o homem usará roupa de mulher (...) (Dt. 22.5). Mas como o homem e a mulher adoram contradizer as leis divinas, já se criou uma moda ‘unissex’. Assim, é vedado à mulher o uso de calça”*. (Oliveira 1989 : 104)

Prática da pintura: *“Satanás, numa investida audaciosa e enganadora, também marca as ovelhas que não são da sua manada, com a tinta do batom, do ruge, e de vários outros cosméticos, numa coloração, às vezes carnavalesca. Não tendo permissão para penetrar no recesso da alma da mulher cristã, a serpente tentadora age na periferia, na ‘carne’, e aplica a maquilagem – na face, nos lábios, nas unhas das mãos e dos pés, nos supercílios e, por incrível que pareça, nos próprios olhos!*

O Sangue de Cristo purifica e liberta!

A tinta da pintura mancha e escraviza [sic]!”

(Sem contar que os batons podem causar dispepsias e envenenamento por benzol
- Oliveira 1989 : 121)

Os livros de Josué A. de Oliveira, John MacArthur Jr e Augustus Nicodemus Lopes representam um discurso mais literal e conservador, fundamentalista por excelência. Quanto maior o número de regras e restrições à mulher no âmbito familiar e público, maior o número de ataques àqueles que insistem em “quebrar a ordem divina”. O movimento feminista aparece como um dos grandes vilões do século XX, pois conseguiu de fato agir na sociedade. Ainda que muitas feministas leiam o discurso conservador desses três autores como fantasioso ou no mínimo reducionista, para esses autores, o feminismo é um inimigo real a ser combatido, ao lado do mundanismo.

Há, porém, quem pense de outra forma e que divida o mesmo espaço no catálogo da *Editora Cultura Cristã* com os autores supracitados. Em geral, são mulheres que atuam em ministérios de aconselhamentos de casais ou de mulheres em igrejas americanas. É o caso de Debra Evans e seu detalhado livro *Guia da Sexualidade da Mulher Cristã*

“Quando o relato da criação em Gênesis nos diz que Deus criou uma companheira idônea para o homem, que compartilharia uma identidade comum mas sendo indivíduo separado e único, não existe declaração que implique sujeição, domínio, opressão ou propriedade” (Evans 2001 : 19).

E sua crítica ao feminismo é muito mais branda do que a de seus colegas:

“O feminismo tem causado impacto de longo alcance para o bem e para o mal no coração e na mente das mulheres nascidas após a Segunda Guerra Mundial. Os valores cristãos clássicos agora são vistos por muitas mulheres como sendo opressivos, fora de moda e arcaicos. Mas, a longo prazo (sic), basear nossa identidade sexual em normas meramente culturais traz confusão sobre a beleza e a maravilha do plano de Deus para nossa sexualidade” (Evans 2001 : 30).

A submissão da esposa ao marido não é descartada. Sua conceituação é bem próxima a dos autores anteriores, mas sem apelar para os eventos de Gênesis que

culpabilizam a mulher pela Queda. A submissão para Evans está ligada à negação do egoísmo, próprio da cultura atual.

“(...) Deus não é um tirano, nosso marido não é ditador, e nós não somos escravas. Constrangidas e guiadas pelo amor, temos a liberdade de escolher como viver nosso chamado como mansas e humildes seguidoras em obediência à vontade de Deus” (Evans 2001 : 34).

O livro *A Mulher na Crise da Meia-Idade*, de Jim e Sally Comway (2000), fala sobre a crise que acomete as mulheres da faixa etária dos 34 a 45 anos, idade em que os filhos são adolescentes, e o casamento beira os quinze anos. A mulher que optou por ser dona-de-casa começa a se sentir insignificante e começa a questionar o seu espaço; enquanto a mulher que preferiu continuar solteira questiona se a experiência valeu a pena, e a mulher que não teve filhos no casamento sente os ponteiros de seu “relógio biológico” apitarem. Não raro o próprio marido também entrar numa crise de meia-idade, agravando a situação da mulher. Trata-se de um estudo de três anos, feito pelo casal Comway, especialista em aconselhamento de pessoas na meia-idade.

É um livro que questiona tanto os argumentos caros ao discurso fundamentalista em relação ao papel da mulher, quanto aos mitos da “supermulher” moderna, com base em relatos reais. Segundo Jim e Sally Comway, o importante é que a mulher descubra a “originalidade do Plano de Deus para a sua vida”, seja como mulher casada, solteira, trabalhadora, missionária, com ou sem filhos.

“Alguns cristãos podem argumentar que Deus criou a mulher para cuidar do marido e dos filhos e [que] elas deveriam se dar por felizes (...) Concordamos que a mulher pode encontrar grande satisfação como mãe e esposa. Mas é preciso que a mulher investigue cuidadosamente suas motivações para descobrir a fonte de sua identidade e auto-estima (...) ela deve ter uma imagem de si mesma fundamentada em que Deus a criou para ser alguém, ter uma individualidade, para se realizar como pessoa. Nenhuma mulher, e ninguém, deve viver a identidade ou as realizações de outra pessoa – seja o marido, os filhos, empregados, colegas de trabalho, ou quem quer que seja” (Comway 2000 : 42-43).

O casal Comway enxerga pontos positivos e negativos no feminismo. As conseqüências boas foram uma maior atenção às necessidades das mulheres, a luta pela equiparação salarial, educacional e profissional, e a valorização do casamento mais igualitário, em conformidade inclusive com o modelo bíblico. O lado ruim foi que algumas mulheres passaram a agir como homens, e algumas donas-de-casa passaram a assumir trabalhos fora de casa mais porque se sentiam discriminadas do que por vocação. Sua crítica ao feminismo utiliza a autocrítica de algumas participantes ativas do movimento, como Betty Friedan.

Por outro lado, os Comway criticam a imagem da “supermulher”, que concilia três papéis: dona-de-casa, mãe e profissional, o que para ela é tão injusto quanto ter de optar por ser somente dona-de-casa e mãe, ou somente profissional. A mulher que tenta fazer tudo ao mesmo tempo pode ser uma séria candidata à crise da meia-idade, pois corre o risco de carregar um sentimento de culpa por achar que não cumpriu cada tarefa adequadamente. Para os autores, a mulher pode ter tudo, mas cada coisa a seu tempo. Ela pode ter uma carreira e ser mãe e esposa; basta investir na carreira no início do casamento, dar um intervalo nos primeiros anos de vida dos filhos, e retornar ao trabalho quando os filhos estiverem na escola.

Parece muito simples, mas considerando a realidade não tão atual do mercado de trabalho, que descarta pessoas com mais de quarenta anos, o conselho dos Comway soa utópico. Mas os próprios autores reconhecem que a mulher, ao retornar ao mercado de trabalho, pode se sentir defasada, sendo obrigada a procurar outro tipo de trabalho. O fato importante é que esses autores, assim como as demais autoras analisadas, não condenam o trabalho profissional da mulher como os autores pastores do início desse capítulo. Como se trata de um estudo sobre crise da meia-idade, possui estatísticas e dados históricos que tentam embasar as constatações do casal Comway sobre os fatores que desencadeiam e agravam a crise da meia-idade, a fim de estabelecer soluções para vencê-la.

Sua tese repousa sobre a premissa de que o autoconhecimento leva ao conhecimento do plano de Deus para a vida pessoal. Reconhecer as habilidades e os dons que Deus teria dado a alguém, à parte das exigências de uma sociedade ainda muito sexista é o melhor caminho para a realização individual. Esse tipo de idéia já foi vista nos programas de rádio da LPC, *Coração Caboclo – Se você não ama a si mesma, como poderá amar a Deus?*. É uma ética de eliminação da culpa e da insatisfação relacionadas à idéia de que a mulher (Eva) foi culpada pela Queda do Paraíso, o que justificaria sua submissão ao homem para sempre.

“Desde a Segunda Guerra Mundial, as igrejas (em especial os grupos mais conservadores) tornaram-se cada vez mais os porta-vozes da idéia de restringir as mulheres ao papel da mãe e esposa (...) Quando uma mulher aceita a orientação de um movimento religioso ou secular em sua vida, e quando essas orientações afrontam seu senso de justiça interior, ela tem tudo para entrar em depressão [grifo nosso]. Se Deus lhe deu a capacidade, o interesse e o desejo de ser unicamente mãe e esposa, e se vir forçada por influências externas a empreender uma carreira profissional, você fatalmente entrará em depressão. Se por outro lado, você seguir os rígidos ensinamentos religiosos (que na verdade são baseados em interpretações bíblicas bastante questionáveis) que insistem que a mulher deve se limitar aos papéis de esposa e mãe, apesar do desejo e capacidade para uma profissão, dons do próprio Deus, você também estará propensa à depressão” (Comway 2000 :185)

Isso significa que procurar cumprir as rígidas normas de igrejas conservadoras pode atentar contra o próprio plano de Deus para uma mulher. Ou pelo menos fazer passar por situações atípicas, como essa, retirada de um livro (*Becoming A Woman Of Strength*, de Ruth Barton), citado com ironia em *Intimidade Sexual no Casamento*, de William Cutrer e Sandra Glahn:

“Num restaurante, deixe que seu marido ou namorado faça o pedido. Você pode conhecer mais sobre vinhos de qualidade superior do que o experimentador de vinhos, mas, se você for sábia, deixará que seu homem escolha e ficará encantada com a sua seleção, mesmo que o vinho tenha gosto de xampu” (Barton 1994 : 85 apud Cutrer & Glahn 2001 : 142).

Essa situação literalmente indigesta é citada com ironia, pois os autores se opõem a essa idéia de submissão que retrata a mulher como um ser frágil, que necessita da última palavra do marido; ou que pelo menos deve se contentar com tal. Como não renegam a Bíblia, concordam que ela prescreve a submissão à mulher, como no mesmo sentido advogado por Debra Evans – a de negação do egoísmo, sem negar a sua identidade.

“Como esposa você é o par do seu marido, sua igual em valor diante de Deus. Você glorifica a Deus complementando seu marido. Você pode criar, imaginar, emocionar-se raciocinar e processar informação. Pode comprar, vender, diagnosticar, construir, projetar, filosofar e escrever poemas épicos. Juntos vocês compartilham a vida como iguais, como co-herdeiros da graça da vida” (Cutrer & Glahn 2001 :145).

Mas quem é o homem aos olhos de Deus?

O Homem

Da mesma forma que se constatou que há pensamentos diferentes sobre a questão da submissão da mulher dentro do casamento, o papel do cônjuge masculino varia conforme o grau de cobrança dispensado à mulher. Mas tanto se escreve sobre as atribuições das mulheres que o leigo tem a impressão que o homem é um coadjuvante na aventura matrimonial – ou pelo menos, ele não precisaria de tantas instruções. O que alarma alguns escritores não é mais tanto o machismo, mas a falta de “masculinidade” por parte dos homens após o movimento feminista.

A submissão prescrita para a mulher pelos autores mais conservadores não exige o homem de uma atitude contrita em relação à sua esposa. Como cabeça da família, ele é o responsável pelo cumprimento das ordenanças divinas dentro do casamento. Assim, se o homem não amar sua mulher o suficiente, ou da forma correta (morrendo para si, sendo o instrumento de Deus na sua santificação e sabendo expressar o amor por gestos e palavras), ele será o responsável por qualquer problema

que ocorrer no matrimônio e na família. O excesso ou falta de autoridade; a frieza e a indiferença para com a mulher e os filhos; são algumas das atitudes que, se o marido cometer, colocará em risco a harmonia familiar. Para Augustus N. Lopes, o amor correto se aprende no contexto do casamento – não é o amor que sustenta o casamento, mas o casamento que sustenta o amor (Lopes 2001:89). “*O ponto que desejamos enfatizar nesse capítulo [“Maridos, vivei com vossa mulher”] é que o marido tem o papel principal, primordial, chave, fundamental e básico para que o casamento funcione bem*” (Lopes 2001 : 109).

Como cabeça da família, o homem também é responsável pela educação dos filhos. O termo “pais” do versículo “*E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor*” (Ef. 6.4) é dirigido aos homens. O autor critica a pedagogia moderna, em especial o Método Maria Montessori⁵⁹, que falha ao estabelecer limites para as crianças, criando “*jovens tolos que não sabem assumir responsabilidade e nem resistir a nenhum prazer carnal*” (Lopes 2001 : 137). Aos pais cabe saber disciplinar seus filhos com autoridade, procurando conscientizá-los do que é errado e do que é certo, sem exageros, humilhações e agressões⁶⁰.

MacArthur afirma que “*As Escrituras prescrevem a disciplina corporal e aconselham os pais a não abandonar a aplicação da vara. Pouco importam as opiniões discordantes dos autoproclamados especialistas. No final, os fatos acabarão concordando com a Palavra de Deus*” (MacArthur 2001 : 127). Contudo, a punição deve ser aplicada com cuidado: “*A maneira mais equilibrada de abordar a questão deve ser provavelmente disciplinar, ou seja, o filho movido por uma santa ira temperada com amor e fidelidade à Palavra de Deus*” (Lopes 2001:144).

⁵⁹ Caracterizado pelo autor como um método em que a criança é o seu próprio mestre, e o professor é apenas um instrutor. É interessante notar que essas caracterizações atendem àquilo que o autor quer ressaltar de negativo, isto é, o Método Maria Montessori conferiria uma liberdade excessiva à criança, em oposição à prescrição bíblica, que estabelece limites. Mas há escolas montessorianas dirigidas por freiras, onde os limites são bem definidos (como por exemplo o Colégio Dom Barreto, em Campinas-SP).

⁶⁰ A Bíblia aprova a punição física no Antigo Testamento (MacArthur 2001 : 110-129), segundo o livro de Provérbios: “*O que retém a vara aborrece o filho, mas o que o ama, cedo o disciplina*” (Pv 13.24); “*A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afasta dela*” (Pv 22.15); “*Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno*” (Pv 23.14).

Bem como John MacArthur Jr, Lopes credita os problemas dos jovens (delinqüência, rebeldia, uso de drogas, pornografia, liberação sexual) a uma criação deficitária. Se o filho não está no caminho correto da Bíblia, a culpa, em última instância, é dos pais – por falta ou excesso de autoridade – ou melhor, do pai. É preciso, portanto, que ele saiba como educar os filhos “*sob o temor a Cristo*”, caso contrário, deve se arrepender de seus erros e procurar agir de forma correta. Já a mulher deve adequar seu trabalho ao seu papel de mãe – se a mulher sente que não tem o dom de ser mãe, que não tenha filhos (Lopes 2001 : 151).

O “*amor correto*” que a Bíblia destina ao homem em relação à mulher é o amor santificador. Já se viu, no item relacionado às mulheres, que Augustus Lopes recomenda às crentes que se casem com crentes, caso contrário, sua vida espiritual poderá ser guiada de forma errada ou mesmo poderá ser negligenciada.

Já William Cutrer e Sandra Glahn (2001) pensam de forma diferente. Para eles, o amor santificador não significa que o marido deva dirigir a vida espiritual da esposa: “*Os cônjuges crescem juntos na graça e na verdade quando conversam e compartilham suas percepções espirituais*” (Cutrer & Glahn 2001 : 127) – mesmo porque as mulheres estão muito mais expostas aos ensinamentos bíblicos pela televisão, rádio, cursos e livros. Além disso, o amor do marido, segundo esses autores, deve ser satisfatório, cujo alvo é a esposa, honrando-a de modo a honrar a si próprio. Isso implica em uma provisão de um cuidado atencioso que não limita à provisão financeira, mas principalmente à provisão intelectual, espiritual, emocional e física; ao compartilhar de sentimentos e sonhos.

“Em nenhum lugar da Bíblia diz: ‘o homem ganha o dinheiro, retira o lixo e cuida do jardim e dos carros, a mulher troca todas as fraldas, ministra toda educação doméstica, faz todas as compras, lava a louça e também toda a roupa’. Alguns crêem que esta é a divisão bíblica do trabalho” (Cutrer & Glahn 2001 : 139).

Por outro lado, todos os autores defendem a fidelidade no casamento – do mais conservador ao menos conservador, todos defendem que o marido deve ser um exemplo para uma sociedade que não valoriza mais os laços matrimoniais duradouros.

“É preciso que os homens crentes sejam modelos a serem seguidos, especialmente quanto a serem ‘esposos de uma esposa só’ (1 Tm 3.1)” (Lopes 2001 : 90).

Para Lopes, *“a esposa se concentra na submissão e o marido no amor. É por falta de responsabilidade e de equilíbrio nestes dois aspectos que muitos casamentos têm ruído e se desfeito”* (Lopes 2001 : 80). A ênfase no amor para os homens é por causa da sua tendência a endurecer o coração mais facilmente, ao se distanciar da vida doméstica por causa do trabalho. Alerta para o fato de que os homens devem viver a vida do lar com a esposa, além de aproveitar o tempo que passa sozinho com ela, tratando-a com dignidade, prestando atenção às suas necessidades, pois *“ela não é sua empregada!”* (Lopes 2001:106).

Isso implica ser romântico, pois as *“mulheres são românticas incorrigíveis”* (Lopes 2001 : 101). Os maridos vêm se distraindo com muitas outras coisas (televisão, pornografia, masturbação) ao invés de dar atenção às suas esposas no pouco tempo que passam com elas. Eles precisam conscientizar-se de que não é necessário sexo para satisfazê-las sempre que ficarem a sós com elas, pois algumas vezes um carinho já traz grande satisfação: *“como parte do amor pela esposa, o marido deveria aprender a ser romântico”* (Lopes 2001:101).

Seria o amor romântico uma prescrição bíblica? O conceito de amor romântico nasceu nos séculos XVIII e XIX, e portanto, não foi o único modo de se retratar o amor. Mesmo Lopes mostra que o amor na Bíblia é descrito por três palavras distintas existentes no grego: Eros (amor físico, atração sexual), Filéo (relacionamento fraterno entre amigos) e Ágape (amor que procede da vontade e da determinação ao invés das emoções, como Eros e Filéo) (Lopes 2001 : 95-97). Porém, conjuga a expressão de amor do homem para a mulher à expressão romântica.

“O mandamento para amar funciona como um estabilizador para o marido crente, durante os períodos de depressão e oscilação. Sua obediência a Cristo, sua consciência para com a ordem do Salvador e Senhor, o levam a exercer o amor ágape mesmo quando seus sentimentos – incluindo Eros e Filéo – estão abalados” (Lopes 2001 : 105).

O amor ágape está diretamente relacionado à vida espiritual do marido. Ele deve estar “cheio do Espírito Santo”, pois o amor ágape muitas vezes não depende da vontade do marido, mas suplanta as emoções humanas e realiza o sobre-humano – amar em condições difíceis, como em caso de doença, traição, pobreza, velhice. O marido deve tomar uma atitude sincera de quebrantamento e arrependimento quanto à falta de comunicação e de sensibilidade, e procurar exercer seu amor conforme a Bíblia.

Lopes indaga por que o marido deve tratar a esposa dessa forma: em primeiro lugar, porque somos todos iguais em valor diante de Deus, apesar de diferentes quanto às funções exercidas na Terra. Em segundo lugar, para que não se interrompa a vida de oração do casal, não só porque Deus cessa de responder às orações do marido, mas também porque as brigas entre o casal impedem que ele mantenha uma vida de oração.

“Os maridos devem junto com as esposas, viver perto de Deus, cultivando uma vida em oração e comunhão com o Senhor Jesus, uma vida cheia de Espírito Santo, estudando a Bíblia aos pés do Senhor, pedindo graça e misericórdia para seu casamento” (Lopes 2001 : 119).

Para Lopes, esses conceitos se aplicam à “*família tradicional*”, em que o homem trabalha fora e a mulher fica em casa. O autor lamenta que esse modelo esteja se perdendo, já que muitas mulheres preferem trabalhar e deixar a criação dos filhos para outras pessoas, o que encurta o tempo para o casal ficar junto. Essa é a causa de muitos divórcios e de uma “*geração órfã de pais vivos*” : “*Não estamos dizendo que todo o casal que trabalha terá problemas de relacionamento ou que gerará filhos desajustados, mas sim que as chances para que isto aconteça são sempre maiores*” (Lopes 2001 : 107).

Para finalizar, os pais cristãos que não “abandonaram” seus filhos devem ensinar que *boys are boys and girls are girls*, a fim de que meninos e meninas sejam homens e mulheres cumpridores de seus papéis no futuro. É o que afirma Edith Schaeffer, em *Celebração do Matrimônio*, um livro curto em que ela discorre sobre as

agruras e maravilhas de seu casamento com Fran Shaeffer⁶¹, de 1935 a 1984, ano da morte do marido. Ela defende que “*é o equilíbrio que conta na vida cristã*” (2000 : 51), e que Satanás está sempre a postos para destruí-lo.

“Como casais e pais cristãos temos a responsabilidade de manter evidente a beleza que existe no equilíbrio dessas diferenças. É maravilhoso ter um pai que é uma rocha, uma fortaleza, uma defesa contra ataques, um conselheiro, um abrigo contra os inimigos. É maravilhoso ter uma mãe que pode se concentrar no ensino, sendo sensível às necessidades da criança, compassiva, aconchegante e carinhosa, capaz de criar um ambiente especial no lar, enquanto serve as refeições, cuida das roupas e faz algumas das outras coisas relacionadas em Provérbios 31. (...)”

“É importante ensinar aos meninos que ser menino é especial ‘porque um dia você vai ser um pai que vai amar e cuidar dos seus próprios filhinhos’. Precisamos ensinar às meninas que é maravilhoso ser mãe ‘porque você vai poder ter uma criancinha crescendo bem dentro de você e depois Deus vai fazer com que você tenha leite para dar de mamar para ela’. (...) ‘Enquanto o papai fica fazendo outras coisas para preparar um lar para o bebê e para o bebê ficar feliz e depois poder aprender, a mamãe fica livre para ter o bebê crescendo dentro dela. É uma coisa muito importante que Deus deu para ela fazer” (Shaeffer 2000 : 52 -53).

2. CASAMENTO E SEXUALIDADE

Antes do Casamento – Somente Celibato!

Tanto se falou dos papéis dos cônjuges no casamento, e nada se falou sobre casamento. É que preferimos tratar desse tema articulado ao tema da sexualidade. Procuramos destacar os argumentos principais dos autores analisados, confrontando as diferenças, caso contrário esse capítulo ficaria muito extenso, pois se trata de um dos assuntos mais abordados dentro dos meios cristãos, após as matérias teológicas.

⁶¹ Francis e Edith Shaeffer, pertencentes à Igreja Presbiteriana Americana, fundaram o ministério “*L’Abri Fellowship*” (Comunidade do Refúgio) em 1955 na Suíça, como dissidência da Igreja Presbiteriana.

Como já foi mencionado no início do capítulo, é ponto pacífico para todos os autores analisados que o casamento é uma instituição divina caracterizada pela união de um homem e uma mulher, que deixam a casa paterna para formar uma nova família. O casamento implica a união dos dois cônjuges em “uma só carne”, o que significa que o casamento implica não somente a comunhão espiritual, mas também sexual.

O tema da sexualidade sempre foi bastante delicado durante toda a história do Cristianismo – movimentos de ascetismo e monaquismo giraram em torno, dentre outras coisas, do celibato e da mortificação desde os séculos III e IV, sob a influência do neoplatonismo⁶² no cristianismo. Há quem argumente que sempre houve uma grande distância entre a regra e a prática – os recorrentes noticiários sobre padres que mantêm famílias ou cometem abusos sexuais confirmam essa premissa. Porém, o celibato para quem resolve se dedicar ao trabalho com “as coisas de Deus” é um apanágio da Igreja Católica, criticado pelas igrejas protestantes desde a Reforma.

Mas ambos os lados – protestante e católico – concordam em dois pontos, baseados na mesma declaração de Paulo: primeiro, o sexo somente é permitido no contexto do casamento. Fora isso, os solteiros devem se abster de sexo, caso contrário estarão incorrendo em fornicção (sexo premarital). Segundo: como o casamento é uma instituição divina, o divórcio só é permitido em caso de adultério.

“Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um do outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência. E isto vos digo como concessão e não por mandamento. Quero que todos os homens sejam tais como também

⁶² Separação entre as coisas espirituais (tidas como superiores pelos neoplatônicos) e as coisas materiais (inferiores), visando a superação da matéria pelo espírito/mental.

eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro. E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado” (1 Co 7.1-9).

“Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher” (1 Co 7.10-11). Adaptado de Lopes 2001 : 153;169.

Os livros *A Bíblia e sua Família, Amor de Verdade num Mundo de Falsidade, O Mito do Sexo Seguro e Intimidade Sexual no Casamento* abordam a questão da sexualidade dentro do casamento, pregando a abstinência para os não-casados, e condenando o divórcio.

Não seria utopia pregar a abstinência aos solteiros – em especial aos jovens – numa época pós-revolução sexual, em que a valorização da virgindade se tornou há pelo menos duas, três décadas, uma exceção ao invés de regra? De fato, a religião cristã, independente da vertente, é utópica – os cristãos católicos, protestantes e ortodoxos, assim como os muçulmanos e judeus (que compartilham da mesma tradição), acreditam em céu e inferno, em Juízo Final, em um reino de felicidade após o julgamento da humanidade. Os nomes variam, mas a tradição judaico-cristã é baseada em códigos morais e em um Deus que se revela historicamente. O Deus é infinito – não tem início, meio ou fim – mas a história dos homens, sim.

Faz parte da utopia enquadrar todos à “odisséia” rumo ao reino divino, mas enquanto isso não ocorre, é preciso que aqueles que já conhecem a “verdade revelada” permaneçam no bom caminho, ainda que tudo esteja contra eles. Retornamos ao dualismo que opõe “mundo” e “espírito”, que perpassa toda a lógica cristã na sua evangelização e edificação. E o sexo não escapa dessa prédica.

O sexo é divinamente instituído para o casamento. Não há separação entre corpo e espírito dentro do casamento, entretanto, o sexo vem sendo profanado pelo mundo. É necessário conscientizar os jovens de que a abstinência é o caminho mais

seguro para a felicidade futura no casamento. Ou melhor, é o método mais seguro para se evitar doenças sexualmente transmissíveis, em tempos de AIDS⁶³.

O Perigo da AIDS

“Os fatos são claros. Alguma coisa deve ser feita em breve para reverter o declínio moral da sociedade e fazer cessar a propagação da AIDS, e é óbvio que os programas governamentais e de serviço público de saúde não estão cumprindo a sua tarefa. Assim sendo, temos tentado examinar de modo crítico os costumes sexuais de nossa cultura, na esperança de que nossos leitores vejam de novo a extensão do problema e a tentativa de obter mudanças onde isso se fizer necessário em suas próprias comunidades” (Ankerberg e Weldon 1997 : 5).

Esse é o argumento do combativo *O Mito do Sexo Seguro*, de John Ankerberg e John Weldon (1997). Escrito no início da década de 1990, ele reflete o medo e apreensão em torno de uma epidemia de AIDS aparentemente irrefreável, e direciona críticas duríssimas a programas de educação sexual vigentes no Estados Unidos, que enfatizam o sexo seguro⁶⁴. Os autores denunciam uma conspiração de movimentos homossexuais e feministas que visa a ocultação de dados alarmantes sobre a epidemia de AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, os autores acusam o fracasso dos programas de educação sexual, pois após a sua implantação na década de 1970, o número de adolescentes grávidas aumentou, assim como o número de infectados por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

Ankerberg e Weldon tocam em um ponto importante sobre a política de educação sexual nos Estados Unidos: se, até a primeira metade do século XX, os Estados Unidos prezavam uma moral protestante conservadora inclusive em suas escolas (até a oração ser abolida das escolas públicas), atualmente essa moral foi

⁶³ AIDS – sigla em inglês para a Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida. Preferimos usar a sigla em inglês por ser de fácil identificação.

⁶⁴ O tom alarmante dos autores desse livro soa um tanto datado, visto que a epidemia da AIDS foi refreada em muitos países, a partir da segunda metade da década de 90, após a quebra da patente de medicamentos do “coquetel anti-AIDS”, que garante uma surpreendente sobre-vida ao portador do HIV. Atualmente, a AIDS é uma epidemia somente no continente africano.

trocada por outra moral. A onda do “politicamente correto”⁶⁵, que aspira à neutralidade, à igualdade de tratamento a todos, sem preconceitos, também possui seus princípios morais, referendando comportamentos e atitudes em detrimento de outras. “*Os professores adultos não podem deixar de comunicar seus próprios valores sexuais – e em nossa nação atual, esses valores são, com freqüência, anticristãos*” (Ankerberg e Weldon 1997 : 115).

Seria apenas uma questão de perspectiva? Enquanto leigos acreditam que cada pessoa tem o direito de ter sua própria crença, os cristãos evangélicos, seja no Brasil, seja nos Estados Unidos, ou em qualquer lugar, acreditam que a sua crença leva à verdade revelada absoluta e, por isso, devem combater o que eles consideram errado. Há cristãos que não assumem uma atitude tão ativa, mas há milhares de missionários e voluntários que se dedicam em ser “a luz” num “mundo de trevas”. Assim, o mundo tem problemas, e os cristãos, no seu próprio entender, possuem a solução definitiva:

“O que é trágico é que temos abandonado nossos filhos à promiscuidade sexual sob a alegação de que estamos ajudando a ‘lidar com’ a sexualidade deles. Mas os adolescentes não querem sexo; eles querem valores e significados em suas vidas. Eles querem amor (...) Até os adolescentes são capazes de reconhecer que a intimidade sexual com freqüência é muito poderosa para eles lidarem com ela de forma responsável – mas por que tantos educadores sexuais não parecem compreender isso é um tanto misterioso” (Ankerberg e Weldon 1997 : 13).

A educação eficiente, para esses autores, se baseia em uma boa estrutura familiar e uma comunicação constante entre pais e filhos; os jovens não querem sexo, mas querem ser amados, e ainda não são conscientes das conseqüências de seus atos em momentos de paixão. Para os autores, é imperativo que os jovens saibam dizer “não” às facilidades e pressões para se obter sexo, por isso, os pais desempenham um papel

⁶⁵ O termo “politicamente correto”, criado nos Estados Unidos durante os anos 90, é empregado para expressões que visam preservar a dignidade de pessoas portadoras de alguma deficiência ou que pertencem a uma etnia diferente da “etnia branca e americana” – ou ainda referem-se a grupos sexuais diferentes da opção heterossexual. Assim, termos como negro ou crioulo (*black/nigger*), considerados extremamente racistas, foram substituídos por afro-americano (*african-american*). Pessoas que possuem deficiência física, antes chamadas de *crippled* (aleijados), passaram a ser chamadas de *-disabled* (algo como portadoras de uma deficiência). O “politicamente correto” é em grande parte uma conquista dos movimentos de direitos civis iniciado nos anos 60 naquele país.

essencial para que isso ocorra, pois a “*permissividade sexual*” é generalizada e glamourizada pela mídia e pela sociedade em geral.

A tese principal que sustenta a abstinência não é somente o que a Bíblia diz, mas o que pesquisas teriam mostrado que não existe sexo seguro com preservativo, pois o vírus da AIDS seria menor que os poros do látex que compõe a peça.

“Talvez o argumento mais compelidor contra a apologia das ‘camisinhas como sexo seguro’ é o fato de que nenhum médico de renome no mundo – sabedor do fato - teria contato sexual com uma pessoa infectada pela AIDS, usando uma camisinha – na suposição de que isso o protegeria da AIDS” (Ankerberg e Weldon 1997 : 33-34).

Primeiramente, os autores fazem uma extensa argumentação, munidos de estatísticas e de declarações de cientistas sobre o fracasso e os efeitos nefastos da educação sexual americana. O seu tom é ameaçador, porque eles julgam a situação alarmante, e desfiam exemplos de casos extremos em que se poderia medir o perigo do “mito do sexo seguro”.

É o caso de a história de Haroldo, adolescente de baixa auto-estima, que se sentiu encorajado nas aulas de educação sexual a encontrar amor e afeto pelo sexo. Após duas experiências sexuais frustradas, ele passou a se envolver com drogas e a se tornar agressivo e anti-social, até se tornar traficante.

“Depois de algumas experiências pessoais com drogas, Haroldo começou a vendê-las para outros estudantes. Novamente Haroldo explicou que ele fora ensinado por seus professores que os valores que eram ‘corretos para ele’ eram os valores que ele deveria defender. No fim, o que se tornou ‘correto para o Haroldo’ era o uso e o abuso de drogas e de bebidas alcoólicas sem qualquer freio, ressentimento contra as autoridades e crimes como invasão de residências e furto de automóveis. Finalmente, Haroldo incendiou a escola, o que lhe valeu dois anos de detenção” (Ankerberg e Weldon 1997:108).

A violação dos mandamentos de Deus traz conseqüências terríveis, por isso, após a exposição dos efeitos, vêm os conselhos – como os pais devem educar seus filhos? Em princípio, os pais não podem subestimar a capacidade de os filhos

aceitarem limites. Não se pode acreditar na premissa de que os pais querendo ou não, seus filhos praticarão sexo ainda adolescentes, pois isso implica que os jovens não possuam caráter. Mas é preciso conhecer as razões pelas quais os adolescentes se envolvem sexualmente para depois serem proposta formas eficientes de abordagem.

Os autores enumeram várias razões para o sexo entre jovens: prazer, pressão dos colegas, mídia, lares desmanchados, falta de padrões morais (é mais fácil ceder às pressões enquanto muitos professores crentes são proibidos de ensinar valores morais sob pena de demissão); álcool e drogas, acesso fácil ao controle de natalidade; busca por segurança e auto-estima; falta de compreensão saudável e bíblica sobre o sentido e o propósito do sexo (Ankerberg e Weldon 1997 : 175-188).

Dessa forma, os pais precisam manter um diálogo constante com os filhos, ensinando-lhe o sentido dos valores morais, e educando-os para resistir às pressões externas do círculo social. Algumas dicas são: ensinar aos filhos que é legal dizer “não”, ensinar respostas eficazes para os amigos sem prejudicar a amizade, ensinar a compartilhar os sentimentos com os amigos, deixando claras as suas posições. Se isso não der certo, e as pressões continuarem, é melhor aconselhar o afastamento desse círculo social.

É importante também encorajar os filhos a estabelecerem seus padrões e seus objetivos de vida antes de começarem a namorar. Não é aconselhável deixar os filhos namorarem muito cedo, mas se isso ocorrer, deve-se ensinar os jovens a estabelecerem limites (implicitamente, o namoro recomendado é entre crentes) :

“É bom que os jovens orem juntos, de modo breve, quanto ao seu namoro. Mas encoraje-os a não se darem as mãos, e nem orem sobre seus sentimentos negativos (por exemplo: ‘Ah, Senhor, me sinto tão solitária esta noite. Gostaria que alguém realmente me amasse’). Tenha cuidado para que os jovens não orem juntos e nem leiam a Bíblia juntos por longo tempo, porquanto isso pode abrir caminho para a intimidade física. Mas ajuda terem uma oração breve, entregando seus alvos e seu tempo a Deus, juntos.

Ensine seus filhos a comunicarem seus padrões àqueles com quem estiverem namorando. Isso é uma medida crucial. Desde o começo do namoro, os jovens precisam comunicar claramente coisas como: 'Não quero beijos nem carícias. Quero conhecê-lo como uma pessoa. Quero descobrir se poderemos ser bons amigos'' (Ankerberg e Weldon 1997 : 183).

Namoro e (nada de) Sexo

Namorar sem beijar? Numa sociedade como a ocidental, parece impossível, mas Ankerberg e Weldon não são os únicos a pregarem limites rigorosos para o namoro. Robbie Castleman (1999), em *Amor de Verdade num Mundo de Falsidade*, alerta para os perigos da “*fornicação emocional*”, ou seja, o envolvimento emocional precipitado entre duas pessoas, que não necessariamente envolve sexo, mas definitivamente envolve um relacionamento sério entre duas pessoas desconhecidas.

Castleman, que trabalha em um ministério ligado a alunos de pós-graduação e professores universitários nos Estados Unidos, emprega um tom muito menos ameaçador do que o de Ankerberg e Weldon, utilizando a história de sua própria vida e a de outras pessoas como comparação para os erros e acertos no campo afetivo. Enquanto *O Mito do Sexo Seguro* enfatizava a abstinência, preocupando-se mais em refutar a educação sexual, *Amor de Verdade*, é o único livro a discorrer mais detalhadamente sobre o namoro. Uma coisa é dizer que sexo antes do casamento é proibido, não só porque Deus não quer, como o castigo será fatal; outra coisa é mostrar histórias de pessoas que sofreram perdas emocionais com essa prática, em oposição a história de pessoas que encontraram a felicidade dentro dos “*desígnios de Deus*” – como a própria autora.

Robbie Castleman parte do pressuposto de que a sexualidade foi criada por Deus, e que cabe às pessoas usarem-na com sabedoria. De fato, os solteiros estão proibidos de ter sexo, porém isso não significa a negação de qualquer sentimento ou expressão sexual. Por isso, o namoro é o ambiente ideal para que se compreenda

melhor a sexualidade pessoal, dentro dos limites benevolentes de Deus – afinal, os *“crentes também têm hormônios”* (Castleman 1999 : 17).

Mas algo coisa que ajuda os cristãos a se controlar é namorar somente cristãos: *“Como seguidores fiéis de Jesus Cristo, temos por obrigação excluir qualquer possibilidade de romance com uma pessoa que não compartilha da fé que define quem somos”* (Castleman 1999 : 21). Por outro lado, ela refuta as advertências de cristãos conservadores contra o namoro, pois ele pode ser uma maneira de confiar em Deus, ao conhecer uma outra pessoa e aprender a sentir e controlar novas sensações. Pode ser também um meio de aprender, em meio às realidades do sofrimento emocional e da tentação, que Deus é a realidade maior, pois *“ninguém jamais estará completamente pronto para a vida”* (Castleman 1999: 23). O que não se pode fazer é negar a sexualidade, fingir que ela não existe.

A autora alerta para a *“superespiritualidade”* que nega a sexualidade e a humanidade, pois ambos fazem parte do plano de Deus para a formação de uma família e a necessidade de um companheirismo: *“A tendência de se santificar o celibato tem de ser reexaminada”* (Castleman 1999 : 31). Por outro lado, não se pode referendar o sexo premarital. Castleman alerta de um modo muito mais doce, apelando para o argumento emocional - e não para o argumento mais incisivo de Arkerberg e Weldon:

“‘Sexo seguro’ é o lema que promove o uso da camisinha nas universidades, mas que ignora uma parte essencial da realidade sexual. É impossível colocar-se um preservativo no coração. Nossa conduta externa afeta a condição interna. Não se deve dividir a pessoa humana em corpo e alma. Gratificação e negação, ambas são reações doentias” (Castleman 1999 : 29).

É muito interessante a analogia que a autora faz do relacionamento entre um homem e uma mulher: é como um Grand Canyon, cheio de profundezas e lugares ocultos que se conhecem aos poucos, conforme o ângulo que se aprecia: *“O amor romântico duradouro, assim como o Grand Canyon, em geral começa como um riacho discreto – uma amizade que começa a escavar um lugar especial em nosso coração”* (Castleman 1999 : 44).

A grande tese que a autora defende é que um sólido relacionamento entre um homem e uma mulher começa com uma amizade sincera, que ambos mantenham um

diálogo transparente, comunicando seus sentimentos e pensamentos sem constrangimentos. Começar um namoro sem uma amizade sólida pode trazer complicações desagradáveis. Para a autora, o relacionamento, mais do que envolver sexo, envolve uma entrega emocional – e se essa entrega ocorre no momento errado, a pessoa corre o risco de se desiludir e de levar esse padrão de relacionamento para frente: é o que ela denomina de “*fornicação emocional*”.

Para explicitar esse conceito Castleman conta a história de Carina e Edu, colegas de faculdade que começaram um relacionamento pouco tempo depois de se conhecerem no curso que freqüentavam. Segundo a autora, eles deixaram suas identidades de lado para satisfazer um ao outro. Depois que romperam o curto namoro, ambos continuaram a sofrer os efeitos do relacionamento – continuaram sozinhos e infelizes, pois não levaram seus relacionamentos seguintes a sério, já que não procuravam uma amizade e, sim, alguém para sair. Isso não é amor e não fala a verdade em amor, pois transformam em inimigas duas pessoas que nunca foram amigas.

Assim, é preciso tomar cuidado com as palavras que se usa para se dirigir à pessoa amada, ou ao amigo, a fim de não se forjar uma intimidade que não existe, que não é natural. Ter controle sobre as próprias emoções também é importante pois reações extremadas, como ciúme excessivo, prestação de contas ou indiferença, indicam que um dos parceiros alimenta expectativas que o outro pode não ter se dado conta.

“O amor de Deus realmente afasta nossos medos, e quando espelhamos nosso amor no divino, sentimos uma certa tranquilidade com relação a ele” (...) “Ter tranquilidade num relacionamento, enquanto se confia o rumo a um perfeito Pai soberano, é possível somente para os irmãos e irmãs em Cristo” (Castleman 1999:84-85).

Apesar da ênfase no lado emocional, a autora não deixa de fazer menção ao aspecto sexual, e dá alguns conselhos sobre como evitar se envolver no jogo de sedução e flerte, ambos comuns à cultura ocidental atual. Conta que, quando moça, ela

inventou uma sigla com sua amiga de quarto – crente também: “*DOEJ – De Olho Em Jesus*”. Cada vez em que uma das duas estava tentada ao flerte, a outra assoprava “*DOEJ!*” para cortar a vontade. Ela justifica que era um modo de “*descartar um modo mundano de comportamento*” (Castleman 1999 : 40), pois o amor não é uma química mágica, como retrata Hollywood, e o flerte impede que as pessoas sejam como elas são.

Porém, uma vez encontrado o amor de sua vida – de preferência uma amizade que evoluiu para um relacionamento mais sério – é hora de controlar as emoções e os desejos. E compara o sexo com uma ponte para atravessar o Grand Canyon : “*Do mesmo modo, existem prós e contras para o homem e a mulher que se amam. O amor deles é uma aventura que pode ser linda – e perigosa. Tudo vai depender da ponte que existe entre eles*” (Castleman 1999 : 93).

O sexo está sendo muito usado como ponte, mas é uma aventura arriscada e fantasiosa, pois está mais para uma “*sobrevivência física*” do que para uma “*apreciação das lindas paisagens*”. Uma boa ponte é segura o bastante para permitir liberdade de movimento e satisfação. O contato físico não pode ser evitado, mas deve evoluir com o comprometimento mútuo, sempre respeitando os limites de Deus.

“*As pessoas são diferentes, mas, geralmente, não convém beijar na boca no primeiro encontro como não é bom nunca terem se beijado antes da lua-de-mel!*” (Castleman 1999 : 100). A discrição é muito importante para se resguardar o coração, e por isso, recomendam-se expressões simples de afeto, como segurar as mãos, os abraços sem carícias, os beijos rápidos e contatos não eróticos.

Castleman discorre sobre quatro regras de autocontrole:

1. Manter os pés no chão – saber se controlar quando a “vontade aperta”;
2. Não tirar a roupa – é o limite concreto para o toque, o que inclui *não* enfiar a mão por baixo da roupa. As mulheres principalmente devem atentar para o que vestem, pois os homens são muito estimulados visualmente.

“Se realmente quisermos o bem um do outro, nossas roupas devem refletir as nossas intenções, e não as nossas tentações. Os homens e as mulheres do reino de Deus devem se vestir com atenção. O código de vestir do reino é casto e modesto” (Castleman 1999: 107);

3. Fugir das carícias eróticas – evitar regiões como seios, pescoço, coxas e lóbulos das orelhas, além de estímulos visuais e toques. Evitar também a masturbação mútua, pois *“a virgindade é uma questão de santidade pessoal e não somente de integridade física”* (Castleman 1999 : 111);
4. Beijo de língua, não, pois é um ato de penetração.

“O sexo pré-nupcial é o lanche rápido do corpo. É o lanchinho da alma. Pode ser saboroso por um momento mas tirará o apetite para a refeição equilibrada. O casamento, por outro lado, deve ser um banquete delicioso profundamente satisfatório (...) o lanchinho sexual engana a fome e compromete a santidade. Não nos prepara para a longa jornada em direção ao Éden” (Castleman 1999:113).

William Cutrer e Sandra Clahn (2001) não são tão metódicos, mas também alertam para os efeitos nocivos de práticas ilícitas. Qualquer coisa que incite o desejo de pecar é proibida. Casais que adotam diversas práticas, menos a penetração vaginal

“descobrem-se presos a um ciclo de obtenção de satisfação sexual por intermédio de práticas ilegítimas, seguidas por condenação, culpa e um endurecimento do coração contra a culpa de modo que se torna mais fácil abaixar o padrão da próxima vez” (Cutrer & Glahn 2001 : 64).

Outras práticas que não são aprovadas por Castleman são a masturbação e a pornografia. No casamento, a masturbação alimenta fantasias e dificulta uma vida sexual satisfatória com cônjuge, pois constitui um tipo de infidelidade e leva a uma crescente insatisfação, *“que vicia tanto quanto qualquer droga”* (Castleman 1999 : 138)⁶⁶.

⁶⁶ Essa conceituação negativa apareceu recentemente em um jornal de circulação nacional. Em resposta a uma reportagem de capa contendo esclarecimentos sobre a masturbação masculina e feminina, um jovem escreveu: *“Embora não seja um leitor assíduo do Folhateen, não pude deixar de ler o artigo sobre a masturbação assinado pelo colunista Jairo Bouer. Cientificamente é muito lindo falar em masturbação. Dizer que é uma prática normal, prazerosa, que serve para conhecer melhor o corpo, que é o início da vida sexual, enfim, muitos são os argumentos que estudiosos usam para defender tal prática. O que se observa, no entanto, é que a vivência desse ‘ato sexual’ não é tão ‘colorida’ como ‘pintam’ tais estudiosos do assunto. Não é de estranhar que uma pessoa se sinta mal depois de se masturbar, visto ser essa uma prática egoísta e que se distancia um tanto do ato sexual humano. Digo isso, pois sou um jovem de 18 anos e também enfrentei o problema de me sentir mal depois da masturbação. Após o instante de prazer, vem um grande vazio que dura horas. Mas, depois de conversar com alguns amigos, que se importavam*

A masturbação “é um hábito que normalmente se forma durante períodos de solidão e que acaba sendo mascarado pela introversão e o isolamento. Essa atividade auto-erótica, tanto de homens quanto de mulheres, faz com que os sentimentos de solidão acabem se intensificando. A masturbação geralmente piora os problemas que pretende resolver” (Castleman 1999 : 138).

Um conselho que a autora dá para se resolver esse problema é procurar alguém para prestar contas, que possa orar e ficar com a pessoa nas horas difíceis. Outro conselho é identificar hábitos que incitam o desejo a fim de se desligar deles, como filmes, revistas ou até músicas, além de procurar transferir a atenção do “interno” para o “externo”, como se envolver em atividades diferentes das quais está acostumado. Finalmente, a autora recomenda o estudo e a memorização das Escrituras, procurando entender a vontade de Deus, concentrando-se nos aspectos positivos das mensagens e, não tanto, nas condenações.

Já a pornografia “oferece oportunidades para a cobiça que Jesus iguala ao adultério (Mt. 5.8) (...) Somente a total recusa em participar de qualquer tipo de pornografia levará a uma vida que agrada a Deus. Se aquilo que você estiver olhando ofender a Deus ou levar você a pecar, dê o fora imediatamente (...) A pornografia não irá embora. É o cristão que tem de se arrepender radicalmente e se mandar” (Castleman 1999 :141-144).

Debra Evans (2001) também faz uma menção negativa à pornografia. Mas o interessante é que a pornografia está associada ao consumo masculino, como se, implicitamente, as mulheres *naturalmente* não gostassem de pornografia:

“Se seu marido tem gastado tempo olhando revistas eróticas ou pornográficas, filmes adultos, sites da Internet ou vídeos eróticos, ele tem desenvolvido uma visão da sexualidade feminina que não se alinha com a perspectiva bíblica (...) A visão das mulheres apresentada nesses materiais promove

comigo e entendiam o que eu estava passando [sic], librei-me desse vício, que carregava há quase três anos. Hoje posso dizer que vivo minha sexualidade da forma que considero a mais harmoniosa para viver na juventude: a castidade”. (Rafael Marques da Silva, 18 – Limeira/SP – *Folhateen*, 28.10.2002 – caderno semanal da Folha de São Paulo). Na edição seguinte do *Folhateen* (“Sexo : Vale a Pena Esperar? – Governo Dos EUA tenta impor castidade aos teens norte-americanos” – 04.11.2002), o tema de capa foi a abstinência sexual, e o leitor Rafael Marques foi consultado pela reportagem. Curiosamente, ele é católico e foi ajudado pela sua igreja a abandonar a prática da masturbação.

a lascívia e destrói a pureza que deve ser mantida dentro do casamento” (Evans 2001 : 272-273).

Caso o marido venha a forçar situações com a esposa por conta da pornografia, ela deve procurar ajuda – começando pela oração e, depois, procurando um pastor ou um conselheiro e encorajar o marido a fazer o mesmo. Se a esposa pertence a uma igreja que defenda a pornografia como meio de melhorar a vida sexual, ela deve procurar ajuda em outro lugar. *“Demonstre amor por seu marido colocando e guardando os limites na sua relação sexual e convide o Espírito Santo a fazer o resto” (Evans 2001 : 274).*

Castleman também afirma que a mídia de uma forma geral distorce o sexo e o amor, representando-os com uma perfeição que inexistente na vida real. Essas imagens causam muita frustração a quem acredita nelas. Para essa autora, o verdadeiro amor está ligado ao amor de Deus e está ao alcance de qualquer pessoa disposta a renunciar ao egoísmo:

“Como podemos reconhecer o amor verdadeiro num mundo de desilusões? O que significa amar? Significa sua disposição em oferecer seu amor a serviço de um relacionamento especial e exclusivo. Como saber que se está amando? Quando se estiver disposto a dedicar uma vida inteira a alguém, para juntos aprenderem a acertar. O amor nunca acaba [...] de servir” (Castleman 1999:186).

Sexo - para além da lua-de-mel

Encontrado seu grande amor, o crente namora sua melhor amiga – também crente -, e a pede em casamento. Já se viu como deve se portar o marido e a mulher dentro do casamento, e perante os filhos. Mas e o sexo? Como praticar sexo, se nunca o casal ultrapassou os limites estabelecidos por Deus?

“Não coloquem muita pressão na primeira noite; ela pode variar numa extensão de Filé a Wellington a um McDonald’s (...) Mantenham um senso de humor e um coração compassivo, e vocês deslancharão com um bom começo” (Cutrer & Glahn 2001 : 70).

Para os autores que se dedicaram ao tema da sexualidade, o bom sexo não se faz instantaneamente, mas é uma consequência do relacionamento prévio entre o casal. Isto é, a intimidade não é consequência do sexo, mas o sexo é consequência da intimidade. E quando o casal oficializa sua união, o sexo é uma obrigação matrimonial – a incontinência permite que o Satanás aja contra a felicidade do casal.

Dois livros se concentram em detalhar não somente os aspectos emocionais, mas também os aspectos físicos e biológicos envolvidos na relação sexual, a fim de dissipar preconceitos que impeçam muitos casais de alcançar a felicidade e a satisfação dentro do casamento. É interessante notar que no livro *A Mulher nos Planos de Deus*, de Josué A. de Oliveira (1989), pouco é mencionado sobre o sexo, porém, muitas páginas são dedicadas à reprodução. Obviamente, uma coisa está ligada à outra, entretanto, essa visão da mulher como reprodutora não é a única dentro dos círculos evangélicos.

Tanto que os livros específicos analisados, *Guia da Sexualidade da Mulher Cristã* e *Intimidade Sexual no Casamento*, abordam o sexo de uma forma ampla, partindo da premissa de que é algo divinamente instituído dentro do casamento, pois é a maneira mais profunda de se atingir uma intimidade entre duas pessoas.

Ambos os livros partem do pressuposto de que a mulher não está *sujeita* ao marido, mas que a mulher é companheira do homem, assim como ele é seu companheiro. A maior sujeição deve ser a Deus. Ambos os livros também condenam a visão hedonista da sexualidade, que privilegia o prazer próprio em detrimento do prazer alheio, e que repousa sobre a idéia de que “o meu corpo é meu, e faço dele o que bem entendo”. Para esses autores, o corpo é de Deus, e para honrar seu criador é preciso seguir as regras que ele formulou.

Como já foi mencionado, Debra Evans considera que o feminismo ajudou a estabelecer uma visão mais “bíblica”, igualitária, do casamento. Isso porque na Bíblia está escrito que o corpo do marido pertence à esposa e vice-versa, isto é, ambos possuem direito de obter satisfação no sexo, assim como têm o dever de proporcionar isso ao cônjuge.

“Devemos ser uma bênção para nosso marido, como ele deve ser uma bênção para nós. Adaptamo-nos um ao outro à medida que nos tornamos ‘uma só carne’ dentro do contexto contínuo de nossa existência cotidiana – em parceria espiritual, social, legal, financeira, vocacional, intelectual, emocional e sexual por toda a vida” (Evans 2001 : 32).

Assim como Castleman recomendava que os amigos (e possíveis futuros namorados) deveriam comunicar “a verdade em amor”, explicitar seus sentimentos e buscar um crescimento conjunto, o casal deve continuar a fazer isso, principalmente no tocante ao sexo. É dessa forma que o casal atinge a maturidade e a liberdade sexual dentro do casamento; os cônjuges precisam comunicar sempre suas necessidades, suas preocupações, preferências e crenças, pois se há problemas, eles não desaparecerão sozinhos.

A obrigatoriedade do sexo não implica que o casal deva manter relações sexuais freqüentemente mesmo que um dos cônjuges não queira. Quando essa situação acontece, seja por influência de fatores externos, como estresse ou doença, seja por conta de um problema pessoal do cônjuge, o casal não pode se afastar, mas deve manter o toque, o carinho, reservando um tempo para ficarem a sós e conversar.

Essa também é a opinião de Debra Evans, que encara a sexualidade de uma forma natural. Essa autora analisa a anatomia sexual feminina e a masculina a fim de mostrar como foram feitos um para o outro, para proporcionar prazer e para a reprodução. Não são poucos os capítulos em que Evans discorre sobre técnicas para tirar melhor proveito do relacionamento sexual, sempre articulado a conselhos sobre como melhorar a qualidade de vida da mulher – sempre a pessoa mais sobrecarregada de afazeres. Suas sugestões visam aprimorar a vida sexual da mulher com seu marido, mas deixa claro que não são determinações bíblicas:

“A pessoa que decide quais atividades agradam o Senhor e estão certas para a sua vida é você, juntamente com seu marido. Como casal, vocês são os especialistas máximos na abordagem do aspecto sexual de seu relacionamento. Mas não esqueça – seu marido não mora dentro de sua mente, e não pode entender completamente como você experimenta a sua sexualidade. Você é a

melhor autoridade sobre o que é sexualmente excitante para você” (Evans 2001:73).

Mas, por vezes, a visão de Evans sobre o corpo talvez soe naturalista demais, pois pouco menciona sobre problemas ginecológicos cada vez mais freqüentes nas mulheres modernas, concebendo o corpo humano como uma máquina projetada para ser perfeita. Projeta seu livro conforme o desenvolvimento do casal ao longo dos anos, passando por diversas fases: a juventude, a concepção dos filhos, a meia-idade, a velhice. Evans articula o desenvolvimento biológico ao desenvolvimento pessoal e espiritual, dentro do contexto do casamento. Deste modo, a premissa de se seguir às regras divinas para se conduzir a vida se reflete em um amadurecimento sadio, em contraposição à lógica mundana que despreza os relacionamentos sólidos e duradouros.

“Crer que somos amadas e aceitas por Deus nos encoraja a desenvolver hábitos de vida que se conformam ao seu plano para nossa vida. Saber que nosso corpo pertence a Deus leva-nos a cuidar de nós mesmas com gratidão ao invés de arrogância e orgulho. (...) A realidade central de nossa vida está na aceitação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador e da obra completa da cruz; sem esta fé, ter um estilo saudável de vida será irrelevante” (Evans 2001 : 181).

William Cutrer e Sandra Glahn (2001), por sua vez, fizeram do seu livro *Intimidade Sexual no Casamento* uma defesa bem-humorada do prazer sexual dentro do casamento, abordando dúvidas de casais sobre problemas sexuais, baseados na Bíblia e em ensinamentos médicos. William Cutrer foi ginecologista durante anos, tornando-se pastor após sua aposentadoria. Ele enfatiza que os noivos devem fazer uma consulta ao médico três meses antes de se casar a fim de detectar possíveis problemas orgânicos e fisiológicos, além de esclarecer dúvidas sobre o início da vida sexual e contracepção.

Sua principal base, além do seu conhecimento médico, é o livro *“Cântico dos Cânticos”*, escrito por Salomão, incluído no Antigo Testamento, *“com o objetivo de nos ajudar a apreciar a sexualidade, delicada dádiva divina” (Cutrer & Glahn 2001 : 29).* Nesse

livro, o Cântico dos Cânticos embasa uma das posições que mais dividem as igrejas protestantes: a defesa da contraceção.

Ao responder à pergunta “*O sexo oral é bíblico?*”, os autores explicam que a Igreja Católica fez uma interpretação errônea da passagem sobre o personagem Onan, que se recusava a ejacular dentro da viúva de seu irmão, pois não queria lhe dar um filho. A Igreja Católica interpretou a condenação de Deus a Onan por conta do seu desperdício de sêmen, pois todo encontro romântico é uma possibilidade de procriação. Assim, ela proíbe a contraceção e a masturbação (e, por conseqüência, o sexo oral), porém, um homem “*desperdiça sêmen*” durante as poluções noturnas. Dessa forma, segundo os autores, “*dentro das limitações bíblicas claras, qualquer coisa é aceitável*” desde que haja consentimento mútuo. E mais: na Bíblia há referências ao sexo oral em Cântico dos Cânticos 7.3 (Cutrer & Glahn 2001 : 101-103).

Mas não é somente a Igreja Católica que condena a masturbação e a contraceção – Josué A. de Oliveira, pastor congregacional, também apresentou os mesmos argumentos. Isso porque, segundo Cutrer & Glahn, há duas escolas de pensamento nos círculos cristãos sobre esse assunto: o primeiro segue ao Salmo 127.3, que afirma que os filhos são dádivas de Deus e, por isso, a contraceção é um pecado. O que o casal pode fazer, é recorrer à contraceção natural, que obedece ao ciclo menstrual da mulher (método do ritmo ou temperatura basal).

Debra Evans descreve detalhadamente como são esses métodos, que respeitariam a lógica da criação divina no corpo humano. Cutrer & Glahn, porém, alertam que essas técnicas não são seguras e que podem inclusive contrariar a ordem divina de não se abster de sexo⁶⁷. Seguir os padrões do Antigo Testamento (como não manter relações com uma mulher menstruada, por exemplo), é violar a Nova Aliança que Cristo estabeleceu, visando libertar os cristãos das antigas leis mosaicas.

⁶⁷ Pois segundo o método do ritmo, o casal que não quiser ter filhos deve respeitar o período fértil da mulher. É interessante notar que Debra Evans (2001) ao discorrer sobre o funcionamento harmônico dos ciclos femininos, não menciona que muitas mulheres possuem disfunções que desregulam esse ciclo. Evans também não considera que mesmo uma mulher que nunca teve problemas ginecológicos pode um dia vir a ter, sem que eles mandem aviso prévio.

“Alguns teólogos intransigentes (embora não todos) que adotam esse ponto de vista crêem que praticar o sexo primariamente por prazer em oposição à reprodução, não é ‘natural’. Porém, o Cântico dos Cânticos mostra que Deus planejou o sexo para o prazer do casal” (Cutrer & Glahn 2001 : 221).

Já a segunda escola de pensamento considera a contracepção e o planejamento familiar uma escolha legítima do casal, desde que se respeite a santidade da vida humana. Isso significa evitar métodos que permitem a concepção, mas depois causam aborto espontâneo, como o dispositivo intra-uterino – DIU - e a pílula do dia seguinte. O ideal é que os casais façam uma consulta três meses antes de se casarem para ajustar o método anticoncepcional mais adequado – e que o futuro marido participe da consulta.

“Os contraceptivos podem ser para a relação sexual aquilo que o controle do sal e o uso de adoçantes são para a comida. Esses substitutos podem não ser tão gostosos como um prato preparado com o produto natural, mas as vantagens que seu uso proporciona à saúde e ao estilo de vida de muitas pessoas pode ser muito superior aos benefícios de uma dieta sem restrições. Pelo menos as pessoas que cuidam de sua alimentação continuam comendo” (Cutrer & Glahn 2001: 219).

A publicação dessa diversidade de opiniões se explica pela política da própria editora. Ao perguntarmos ao editor da *Editora Cultura Cristã* porque se publicam livros com opiniões divergentes, ele afirmou que: *“O livro de Josué Oliveira é vendido pela Editora mas não foi publicado por nós. Mas não teremos dúvida em abrigar diferenças quanto a assuntos que não sejam inequivocamente definidos pela Bíblia”.*

Existem assuntos, porém, que unem novamente a todas as correntes cristãs: a condenação do divórcio e do homossexualismo.

3. QUANDO PROBLEMAS ACONTECEM

Para os evangélicos, o grande problema do casamento é a facilidade com que seus problemas se resolvem pelo divórcio. E, por outro lado, um grande problema da sexualidade é a facilidade com que os homossexuais vêm sendo acolhidos pela sociedade a partir da segunda metade do século XX. Divórcio e homossexualismo, além da permissividade sexual, geraram outros problemas - psicológicos, emocionais, e físicos, como DSTs e AIDS.

Divórcio – seu casamento pode ser melhor

Como foi mencionado anteriormente, o casamento é uma instituição divina, e por isso, somente a morte separa os cônjuges. Para os evangélicos, o divórcio é uma solução fácil para quem não se esmera em investir no casamento. Segundo essa visão, a sociedade secular criou uma ilusão de que o casamento é uma fonte instantânea de felicidade, assim como o “amor à primeira vista”. Mas quem se casa com altas expectativas corre o grande risco de se frustrar e não saber lidar com os problemas.

Um livro inteiro dedicado aos problemas no casamento foi lançado pela *Editora Cultura Cristã – Soluções do Amor*, de Gary Chapman (2000), que procura introduzir análises psicológicas a fim de que as pessoas com problemas no casamento saibam agir adequadamente. Outros livros tratam do divórcio em algum momento, como *A Mulher na Crise da Meia-Idade* e *A Bíblia e a sua Família*, por exemplo.

A idéia que perpassa todos eles é a de que é preciso detectar aquilo que está atrapalhando o relacionamento conjugal e procurar soluções, antes de se recorrer ao divórcio. Em geral, na esmagadora maioria dos casos, há solução, com exceção de casos extremos, como maridos violentos e abusadores. Mesmo assim, nada é impossível para Cristo – e ele é a chave para a restauração do casamento.

Desde o início da pesquisa mostramos como a mensagem presbiteriana, assim como toda mensagem evangélica, está fundamentada na salvação por Cristo. O ouvinte, telespectador e leitor são convidados a se arrepender dos pecados que o oprimem, pedir perdão a Deus e aceitar a Jesus Cristo como seu Salvador. Essa mensagem vale para todo tipo de pecado, porém, o pecador também deve fazer sua parte, e se empenhar na restauração do que está quebrado.

Em *A Bíblia e Sua Família*, Augustus Lopes discorre sobre algumas situações em que o divórcio é permitido, mas como último recurso. Todas as situações se resumem a uma realidade: a de que o coração de um dos cônjuges se endureceu tanto que o convívio tornou-se intolerável. O outro cônjuge o perdoou, mas ele se recusa a mudar. A única condição legítima para a separação é o adultério, pois assim como o corpo do marido pertence à esposa, e vice-versa, se um dos dois comete adultério, ele/ela oferece a outra pessoa o que não lhe pertence. Fora isso, qualquer outro casamento feito após a separação incorre em adultério (Lopes 2001 : 173).

Trata-se de um pecado muito grave separar-se por qualquer motivo e casar outra vez – há conseqüências, mas que podem ser contornadas com o arrependimento. *“Muito embora algumas denominações ordenem e mantenham no ministério pastores divorciados e casados pela segunda vez, outras permanecem firmes no propósito de não rebaixar o padrão bíblico e de não dar mau testemunho ao mundo. Pessoalmente, identificamo-nos com estas últimas, nesta questão”* (Lopes 2001 : 183).

Tanto é verdade que o divórcio se trata de uma péssima idéia, que o segundo casamento tem uma grande probabilidade de dar errado, pois muitas vezes o cônjuge que se separou tende a reproduzir os mesmos erros do casamento anterior. Além disso, o divórcio traz muito mais problemas do que o alívio momentâneo que o acompanha.

“Se você está passando por uma separação matrimonial, isso não é um caso perdido. Não acredite em tudo que ouve dos líderes ou amigos pessimistas. E não acredite que sua vida será melhor se você sair do casamento” (Comway 2000 : 144).

“Não existem finais felizes após o divórcio” (Chapman 2000 : 30).

Segundo estudo feito por Dra. Judith S. Wallerstein, fundadora do *Center For The Family in Transition*, citado por Chapman, a vida fica complicada após o divórcio, pois os cônjuges carregam as dores e as cicatrizes do divórcio. Já as crianças se sentem rejeitadas e ressentidas por perderem a estrutura familiar. O contato entre os cônjuges separados, por conta dos filhos, mantém as “feridas” abertas. O padrão de vida decai, trazendo problemas principalmente para as mulheres, que se encarregam de suprir integralmente as necessidades físicas e emocionais dos filhos (Chapman 2000 : 25-31). “Deus quer que ele [seu casamento] dê certo. E lembre-se: se você vier a se divorciar, não encontrará nada melhor. Afinal, os homens são todos iguais [grifo nosso]” (Comway 2000: 220)

Por isso, é preciso saber identificar o que está acontecendo de errado. Em *A Mulher na Crise da Meia-Idade*, o casal Comway enumera diversos fatores que contribuem para o desgaste do casamento, em especial no período da meia-idade, no qual vem crescendo o número de divórcios. Ele aponta para os três “As” mortais: afazeres, abusos e aborrecimento.

Os afazeres são uma alternativa à monotonia, causada muitas vezes pela falta de afeto e de partilha. Por sua vez, quando as pessoas mudam rapidamente, não se entendem e estão sobrecarregadas de responsabilidades, ocorrem os abusos emocionais e/ou físicos. O aborrecimento, por sua vez, é sutil, decorrente da falta de estímulo mútuo, e de uma apatia que cria um grande vazio entre o casal. Além disso, outros problemas afetam o casamento, como falta de comunicação, de dinheiro, de afeto, e a desumanidade contínua do outro.

As dicas de Comway para um casamento estável são a busca pela coesão entre o casal, o que implica atração, identificação e compromisso; adaptabilidade, que exige flexibilidade, negociação e retribuição e comunicação, que é o meio pelo qual os dois últimos itens acontecem – o que significa saber ouvir e saber falar (Comway 2000 : 85-98).

Mas uma ameaça também ronda o casamento: a infidelidade. Apesar de o divórcio por adultério ser permitido pela Bíblia, há possibilidade de reconciliação se o cônjuge traído perdoar o traidor. Mas antes que isso ocorra, é preciso desenvolver um coração leal, o que implica o cultivo de bons pensamentos, já que o pecado começa pela corrupção do coração. A solução para se evitar o adultério não é estabelecer regras externas ou evitar o sexo oposto (por exemplo, um homem casado evitar ficar sozinho numa sala com uma mulher que não é sua esposa), mas manter padrões internos rígidos e ter um caráter formado (Cutrer & Glahn 2001 : 167-176). *“Melhorar um casamento não implica mudanças drásticas ou repentinas. Cada pequena melhora fará com que seu relacionamento como um todo melhore”* (Comway 2000 : 92).

Essa é também a opinião de Gary Chapman, que ofereceu *“soluções do amor”* para diversos problemas no casamento: *“Em todas essas situações e outras, existem soluções baseadas no amor. Soluções que podem preservar o casamento e fazer com que os casais se sintam bem a respeito de si mesmos e dos seus cônjuges”* (Chapman 2000 : 22).

Essas soluções refutam quatro mitos sobre o casamento:

1. O estado de espírito é determinado pelo ambiente em que se vive;
2. As pessoas não podem mudar;
3. As duas únicas soluções para um mau casamento são o divórcio ou acomodar-se a uma vida miserável;
4. Algumas situações não têm jeito.

Assim, é possível abraçar seis realidades, o que Chapman denomina de *“viver na realidade”*:

1. Sou responsável pela minha atitude – *“Os problemas são inevitáveis, mas a miséria é opcional”* (Chapman 2000 : 36);
2. As atitudes afetam os atos;
3. Não posso mudar os outros, mas posso influenciá-los;
4. Os meus atos não precisam ser controlados pelas minhas emoções – não é preciso ter sentimentos amáveis para se tomar atitudes amáveis;

5. Admitir minhas imperfeições não significa que sou um fracasso;

“Demolir o muro emocional é essencial para a reconstrução de um casamento. Destruir esse muro requer que ambos no casal admitam que são imperfeitos e fracassaram para com o cônjuge (...) Admitir as falhas do nosso passado e pedir perdão é uma das experiências mais libertadoras de toda a experiência humana” (Chapman 2000 : 44).

6. O poder do amor é a arma mais poderosa para ajudar no casamento.

O amor, para Chapman, não é apenas uma emoção, mas uma atitude com comportamento apropriado, de renúncia do egoísmo a serviço ao outro. Por isso, há solução até no pior dos casamentos – basta que um dos cônjuges escolha dar “*os passos certos na direção certa*”, pois isso causa impacto na relação. No entanto, não é garantia de sucesso absoluto saber que isso pode ser feito traz a esperança de que os problemas podem ser resolvidos.

Como se vê, o livro se apóia em um princípio bíblico – de que o divórcio não é recomendado. Porém, suas soluções perpassam análises de perfis psicológicos e mudanças de atitude perante a vida, o que aproxima Chapman de autores de auto-ajuda. Ele identifica as motivações por detrás dos comportamentos, e discorre sobre como entender e lidar com diversos tipos de cônjuges: irresponsável, viciado em trabalho, controlador, não-comunicativo, verbalmente abusivo, fisicamente abusivo, sexualmente abusivo ou abusado, infiel, alcoólatra ou usuário de drogas, e deprimido.

Em todos esses casos, em maior ou menor grau, o cultivo de uma vida espiritual é imprescindível para a cura. Como no caso do cônjuge drogado ou alcoólatra – os dois primeiros passos dos Alcoólicos Anônimos é admitir que o viciado não consegue derrotar sozinho o álcool, e que somente uma força superior é capaz de ajudar a fazê-lo. “*O cristão sabe que Deus é o único que pode socorrer o ser humano*” (Chapman 2000 : 189).

O autor não descarta o tratamento médico e psiquiátrico, como no caso da depressão e do abuso sexual. Mas a principal iniciativa em casos extremos, em que nada parece colaborar para uma solução feliz, é o uso do “*amor severo*” – confrontar o

cônjuge problemático, lançando mão inclusive de uma separação temporária, a fim de confrontá-lo com o mal que vem causando, fazendo-o decidir por uma mudança – como no caso de cônjuges emocional, física e/ou sexualmente abusivos.

O que não se pode fazer é abandonar o cônjuge sem dar uma chance ao casamento : “*Não podemos abandonar um cônjuge com a mesma facilidade que vendemos um título da bolsa de valores que não nos interessa mais*” (Chapman 2000 : 26).

Mesmo em casos muito difíceis, como o abuso sexual dos filhos. Um pai que tenha abusado mais de um filho por um longo tempo não mudará seu comportamento porque foi pego. Se ele fizer aconselhamento haverá esperança de cura e reconciliação. Caso contrário, não.

“A dimensão espiritual da cura é de suma importância. O reconhecimento dos limites morais e a aceitação da responsabilidade da quebra desses limites formam parte importante do processo de cura. Reconhecer o erro, o pecado, dar e receber o perdão e encontrar paz com Deus são imprescindíveis para a cura de tais relacionamentos” (Chapman 2000 : 164).

Para Deus, nada é impossível – nem mesmo a “cura” de um homossexual.

Homossexualismo

Para os evangélicos, o homossexualismo não é uma doença, mas um pecado passível de perdão e restauração, caso o pecador se arrependa e se comprometa a resistir à reincidência.

Esse é o argumento principal de Joe Dallas (1998), em seu livro *A Operação do Erro*. Ex-homossexual e ex-líder da maior igreja pró-gay americana, a *Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches*, Dallas passou a trabalhar para a Exodus International, ministério cristão voltado para os homossexuais e suas famílias.

O que Dallas denomina de “*operação do erro*” é o Movimento Gay Cristão, que procura atrair homossexuais que não querem abandonar a fé cristã, mas também se recusam a abandonar o homossexualismo. Para tal, o Movimento Gay Cristão utiliza a

Bíblia como base de suas reivindicações por legitimidade dentro da comunidade cristã e da sociedade em geral.

Contudo, a Bíblia contém cinco passagens que condenam o homossexualismo, segundo os evangélicos conservadores: o propósito da Criação, no Gênesis; a destruição de Sodoma, a Lei Levítica, mais duas passagens de epístolas de Paulo.

1. *“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a”* (Gn 1.27-28).

2. *“Antes que [os anjos que visitavam Ló para julgar a maldade de Sodoma e determinar se a cidade deveria ser poupada ou não] se deitassem, os homens daquela cidade cercaram a casa, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; a chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noite, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles. Saiu-lhes, então, Ló à porta, fechou-os após si e lhes disse: Rogo-vos, meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas, virgens, eu vo-las trarei; tratai-as como vos parecer, porém nada façais a esses homens [...] Eles, porém, disseram: [...] A ti, pois, faremos pior do que a eles”* (Gn 19.4-9, inserção acrescentada).

3. *“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação”* (Lv 18.22). (...) *“Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”* (Lv 20.13).

4. *“Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro”* (Rm 1.26-27).

5. *“Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis; nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas [...] herdarão o reino de Deus (1 Co 6.9-10) (...) “Tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores[...] impuros, sodomitas...”* (1Tm 1.9-10)

(Citações adaptadas de Dallas 1998 : 198-297).

O homossexualismo aos olhos da igreja é um pecado, uma escolha do ser humano para agir de modo pecaminoso. Um dos fatores principais que leva ao homossexualismo é o ambiente criado pela sociedade secular, principalmente após o homossexualismo ter deixado de ser considerado uma doença pela Organização Mundial da Saúde na década de 1960 – é o que John Ankerberg e John Weldon denominam de “*auto-rotulamento*” [sic].

“O que é duplamente triste quanto a essa auto-rotulamento [sic] é que o indivíduo nunca nasceu homossexual e que sua sorte não está selada; ele meramente tem ‘sentimentos homossexuais’ (...) Em outras palavras, o ‘verdadeiro homossexual’ é, na verdade, um heterossexual que tenta, por quaisquer razões, viver uma vida mascarada – de fato, uma mentira (...) Eventualmente, porém, o auto-engano amadurece de tal maneira que a falsidade acaba produzindo fruto – o mito ou meia-verdade torna-se o padrão; os sentimentos tornam-se a própria pessoa; a mentira acaba virando realidade” (Ankerberg & Weldon 1997 : 170).

Joe Dallas também comunga dessa noção, e acrescenta que a igreja cristã tem parcela de culpa nisso ao rejeitar os homossexuais, ao invés de acolhê-los e ajudá-los. Por outro lado, para tentar compensar esse erro, existem igrejas que acolhem os homossexuais com teologia e ministérios favoráveis à prática homossexual. É o caso da Igreja Episcopal, que ordena pastores homossexuais, e da Igreja Metodista, em que o fiel homossexual pode se filiar a um grupo de Reconciliação da Congregação (pró-gay) e, se decidir abandonar o homossexualismo, pode frequentar o grupo de Transformação da Congregação (Dallas 1998 : 25).

Dessa forma, tanto a indiferença e o preconceito quanto a acolhida sem questionamentos são prejudiciais à abordagem da questão. Com isso, o Movimento Gay Cristão, surgido no início da década de 1970, juntamente com os movimentos de reivindicação homossexuais, capitaliza a simpatia de quem se sente rejeitado por sua comunidade, mas não quer abandonar a sua fé – já que muitos homossexuais nasceram de famílias cristãs. Por outro lado, muitos setores da sociedade enxergam com benevolência esse movimento, pois promete amor sem questionamento.

“Quando se alega que Deus sanciona o que é abominável, uma paródia religiosa está sendo encenada, e com ousadia. A paródia é dupla. Não é só que os crentes estão caindo no pecado do homossexualismo e o legitimando; multidões de cristãos heterossexuais estão aplaudindo-os nisso!” (Dallas 1998 : 22).

Dessa forma, Dallas (1998 : 33-64) alega que os cristãos devem resistir à tendência que ameaça questionar o cristianismo – e cita cinco conseqüências drásticas do avanço do movimento:

1. A difamação da autoridade da Bíblia – admitir que Deus aprova o homossexualismo a partir de interpretações “distorcidas” da Bíblia nega o que está escrito nela;
2. Mau testemunho e desobediência – caso a Palavra de Deus seja negligenciada, a influência dos cristãos no mundo ficará muito reduzida, senão anulada, por descrédito e desobediência:

“De Deus não se zomba. Não importa com que volume trazemos nossos sacrifícios de louvor em nossas igrejas modernas, se o fazemos enquanto desculpamos uma perversão do propósito de Deus para a mais básica das relações humanas, seremos lembrados que obedecer é melhor que sacrificar. Estremeço só de pensar como esse lembrete poderia vir” (Dallas 1998 : 42).

3. Exploração sexual de crianças – o autor reconhece que a maioria dos homossexuais não é pedófila, porém, essa conseqüência se relaciona à quebra de tabus. Bem como o homossexualismo, o adultério, e o sexo pré-marital eram tabus até antes da década de 1960, atualmente há defensores da pedofilia, que correm o risco de serem aceitos pela sociedade futuramente;
4. Confusão crescente quanto à identidade sexual entre os jovens – programas de educação sexual que visam a legitimação e o reconhecimento de práticas sexuais diversas tendem a influenciar na escolha sexual dos jovens. Para Dallas, essa confusão pode ter conseqüências terríveis, como a AIDS:

“Ele [um menino], que começou a vida bem vacinado contra casamento e família, pode terminar perto dos trinta em um respirador artificial, emaciado e aterrorizado, mas com uma educação sobre sexualidade no primeiro e segundo graus que ele pode levar para o túmulo” (Dallas 1998 : 58).

5. Perda da definição familiar – à medida que a união de homossexuais se torna realidade, haverá uma maior confusão sexual entre os jovens e uma maior exploração de crianças, que por sua vez, influenciarão ainda mais na reformulação do conceito original de família, instituído por Deus (pai, mãe e filhos).

A resistência, por sua vez, não deve ser preconceituosa, não deve discriminar os homossexuais, mas deve entender seus argumentos e pontos de vista para melhor responder a eles. Por isso, seguindo essa tática de *“compreensão empática”*, Dallas discorre sobre as origens, as formas de ação e ideologias do Movimento Gay Cristão, para elaborar uma espécie de cartilha de respostas aos argumentos homossexuais em confrontos públicos ou particulares. Esse tipo de realidade é muito cara aos Estados Unidos, em que a mídia promove discussões entre pontos de vista diferentes, principalmente quando pode surgir alguma polêmica. Além disso, os fundamentalistas cristãos americanos possuem uma extensa história de militância religiosa e política.

Esses confrontos são vistos de forma positiva por Dallas, pois é a oportunidade de o cristão *“dizer a verdade”*, independentemente de conseguir ou não convencer seu interlocutor. O que não pode é o cristão se calar por conveniência ou por ignorância. Essa é uma atitude que ganha um contorno especial nos Estados Unidos, visto que os evangélicos conservadores (fundamentalistas ou evangelicais) constituem em uma força política muito influente tanto na opinião pública quanto no Executivo e no Legislativo.

“Nosso chamado não é para persuadir, mas para apresentar. Como mordomos da verdade, nossa tarefa é apresentá-la de modo claro, amoroso e responsável. Quando estivermos diante do tribunal de Cristo, não nos será perguntado quantos homossexuais conseguimos convencer a deixar o Movimento Gay Cristão. Mas certamente nos será perguntado com que fidelidade administramos

a verdade que nos foi concedida, e com quanto amor e coragem a apresentamos” (Dallas 1998:232).

Dentre os vários argumentos em defesa do homossexualismo à luz do cristianismo que precisam ser rebatidos, segundo Dallas, destacamos dois: o de que o homossexualismo é inato e, portanto, não pode ser mudado.

A idéia de que o homossexualismo é inato tenta demonstrar que ele é tão natural quanto o heterossexualismo. Mas para Dallas, as pesquisas que tentaram provar o caráter inato do homossexualismo não foram aceitos por toda a comunidade científica. E mesmo que fossem, não significa que ser inato equivale a ser normal, pois comportamentos inatos não são necessariamente comportamentos morais. Além do mais, a raça humana nasce corrompida pelo pecado e fisicamente imperfeita, e por isso, Deus lhe oferece a salvação.

Já o fato de um homossexual não poder ser mudado é enganoso, segundo Dallas. Dado que é uma escolha do ser humano, ela pode ser mudada mediante um arrependimento sincero. Contudo, se os apologistas não crêem que isso é um pecado, não há porque se preocupar em mudá-lo.

No final de cada capítulo, Dallas inclui uma simulação de diálogo entre um cristão e um homossexual cristão, tal como o seguinte:

“Argumento homossexual cristão: ‘Bem , eu não acho que Deus queira que eu negue algo que tive toda a minha vida – algo que tentei mudar, e tantas outras pessoas também. Isso não parece de Deus para mim!’

Resposta: Isso é estranho. Para mim isso parece exatamente de Deus. E parece que Deus exige de você as mesmas coisas que ele requer de todos nós. Ele nos diz para negarmos algo que tivemos por toda a nossa vida - nós mesmos – para tomarmos nossa cruz diariamente e segui-lo. Ele sabe que temos tentado mudar a nós mesmos, e ele sabe que não conseguimos! Mas Jesus nunca disse que temos que mudar a nós mesmos. Ele nos mandou segui-lo e viver em obediência. A mudança interior é trabalho dele, a nós cabe obedecer (...) No final das contas, na verdade essa é a única maneira de encontrarmos a nós mesmos” (Dallas 1998: 140).

Para Dallas, o principal problema para se enfrentar esse movimento reside no fato de que ele utiliza a Bíblia para legitimar seu discurso, a fim de dialogar em igualdade com os cristãos conservadores. Entretanto, o Movimento Gay Cristão é revisionista, isto é, questiona as condições de produção do texto cristão, alegando que seus autores não sabiam nada sobre orientação homossexual, e que a tradução de alguns trechos sobre o homossexualismo só poderiam ser entendidos por especialistas. Para Dallas, dizer que “*a Bíblia é um bom livro, mas...*” é uma afronta à sua autoridade, pois tudo o que Deus quis que seu povo soubesse está revelado – não há o que contestar. Como já foi visto no capítulo sobre literatura infantil, o fundamentalismo cristão é literalista, isto é, considera o que está escrito na Bíblia como uma verdade expressa literalmente, sem linguagens simbólicas.

Mesmo assim, Dallas reconhece que a teologia favorável ao homossexualismo é bastante convincente para quem não possui muitos conhecimentos bíblicos. Essa teologia “*parece ser uma série de respostas conservadoras e fundamentalistas às objeções conservadoras e fundamentalistas*” (Dallas 1998 : 195). Por isso, é preciso ter cuidado redobrado para não se deixar seduzir por esses argumentos.

É de se perguntar qual o tipo de impacto que um livro como esse teria no Brasil, pois se trata de uma realidade tipicamente americana, já que nos Estados Unidos os movimentos de luta por direitos civis e por liberação sexual ocorreram em um período em que o Brasil passava por uma ditadura militar – as décadas de 1960 e 1970. Somente a partir dos anos 80 algumas questões sociais e culturais começaram a aparecer no debate público, modificando aos poucos e muito lentamente comportamentos e leis que beneficiavam o sexismo.

Apesar de haver algumas igrejas que aceitam homossexuais, isso não é nada comparado à *Universal Fellowship of Metropolitan Churches*, que possui diversas igrejas espalhadas pelo mundo inteiro⁶⁸. Porém, o livro de Dallas tem uma mensagem contundente, que visa não a discriminação do homossexual, mas a sua acolhida pela

⁶⁸ Para maiores informações sobre essa igreja, consulte a sua página na Internet: www.ufmcc.com

igreja caso ele queira mudar. Mesmo que não queira, o fato de a igreja se importar com o homossexual sem precisar aprovar o que ele faz (“*odiar o pecado, mas amar o pecador*”) diz respeito à realidade de igrejas cristãs em todo o mundo.

O que podemos interpretar, portanto, como uma convocação dos cristãos à ação, também está presente no livro de Eleny Vassão, *O Desafio Continua – a Missão da Igreja frente à AIDS* (s.d). Vassão colaborou no programa de rádio *Coração Caboclo*, com o quadro Histórias de Vida, retiradas do seu serviço como capelã evangélica do Serviço Evangélico de Capelania do Hospital das Clínicas de São Paulo e do Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

O livro é um guia para quem pretende atuar como voluntário na evangelização de pacientes de AIDS internados em hospitais. Conclama a “*todos os que tiveram um encontro pessoal com Jesus*” para partilhar de sua mensagem e refletir seu amor nas pessoas necessitadas.

Para isso, o cristão deve ter compaixão dos doentes de AIDS e não sucumbir às discussões teológicas que culpabilizam quem contraiu AIDS, sem oferecer-lhe ajuda:

“Creio que nossos teólogos precisam parar de discutir sobre Romanos 1, querendo descobrir os pensamentos de Deus, se AIDS é ou não castigo divino sobre os homossexuais, e começar a buscar mais a Deus para crescer no conhecimento e obediência à sua vontade. Muitos se autopromovem a juizes, apontando o dedo para certos tipos de pecadores e condenando-os sem que haja defesa [sic]” (Vassão s.d : 39).

Com isso, ela questiona a idéia de que a AIDS é um castigo de Deus, idéia defendida por John Ankerberg e John Weldon (1997):

“Acreditamos que a AIDS é mais uma consequência de um estilo de vida pecaminoso e, portanto, deve ser considerada um julgamento indireto e, não tanto um julgamento direto de Deus. Em outras palavras, Deus criou os homens e as mulheres de tal maneira que existem consequências inevitáveis do pecado” (Ankerberg & Weldon 1997 : 195).

“E aquele menino de quatorze anos, hemofílico, com AIDS? Sua pele já está acinzentada, manchada pelo sarcoma de Kaposi, emagrecido, andando apoiado em sua mãe, que ainda tenta demonstrar coragem. Castigo de Deus?” (Vassão s/d: 38).

Eleny Vassão acusa muitas igrejas cristãs de estarem abandonando os ensinamentos de Cristo para abraçar o exemplo dos fariseus e escribas, distantes do povo, “*fechados em sua pretensa santidade*” (Vassão s/d : 41). Para a autora, Deus é o único transformador da vida das pessoas, e os cristãos devem se doar para efetuar essa transformação na terra, junto a quem precisa.

CONCLUSÃO

Todos os livros analisados – ao todo doze - são uma oportunidade de se estender em assuntos que não puderam ser incluídos nos programas de rádio e de televisão. Não se insinua aqui que os protestantes “escondessem” suas posições mais conservadoras para veículos segmentados, pois no que se refere à vida cristã, há muita proximidade entre as diversas igrejas cristãs. O investimento nesse tipo de assunto mostra inclusive que os presbiterianos da *Editora Cultura Cristã* querem se aproximar de um público evangélico mais amplo.

Há dez anos, os catálogos da *Editora Cultura Cristã* e de *Luz Para O Caminho* não possuíam esse tipo de literatura analisada nesse capítulo, concentrando-se mais em publicações teológicas e bíblicas, voltadas muitas vezes para estudantes de teologia. Alexandre Brasil Fonseca (1998) demonstrou que houve um aumento na procura por livros relativos à vida cristã entre os evangélicos, conforme mostrado no capítulo referente à produção televisiva. Portanto, a publicação de títulos sobre esse assunto mostra um interesse renovador a fim de seguir o que o público pede.

A maior pergunta que fica é: por que, em uma época em que a sociedade ocidental conquistou o direito de caminhar por vários “lados”, os cristãos evangélicos continuam investindo nas mesmas idéias – em um só caminho (que em última análise

é Jesus, o único caminho)? Embora haja diversidade de interpretação, existem idéias centrais intocáveis: o casamento e a família são instituições divinas; o divórcio só é prescrito em caso de adultério, o sexo só é permitido dentro do casamento. E aquilo que não for sexo heterossexual monogâmico será pecado ou fornicação. Aos olhos dos leigos, não seria um esforço inútil pregar para convertidos – sejam os convertidos cristãos, sejam os “convertidos” a práticas não cristãs?

De maneira geral, os livros se dirigem a um público cristão – serão vendidos em livrarias cristãs ou serão adquiridos via *Internet*⁶⁹. Mas ser cristão não significa nascer “de novo” já sabendo de tudo. Assim como o historiador não se gradua em História dominando todos os assuntos históricos da Humanidade, cristãos, muçulmanos, judeus⁷⁰, enxergam-se em uma jornada cujo ponto de partida é a conversão. Mais do que evangelização, esses livros se prestam à edificação, isto é, ao reforço da fé do crente por meio da instrução.

Por outro lado, o crente pode ter nascido numa família cristã e ter sido educado na fé. Isso não implica que ele não cometa erros, que ele não sustente crenças consideradas “erradas” por membros de outras igrejas. Isso porque muito do que determina e alimenta a fé e a devoção são aspectos “extra” doutrinários, ou “pré” textuais: muito do sentimento de pertencimento se constrói pela convivência com os pares, pelas atividades comunitárias, pelos símbolos compartilhados em salas de aula e em cultos.

Nesse sentido, é plausível pensar que a religião se constrói a partir de uma vivência, ou melhor, a partir de uma convivência tanto com “irmãos em Cristo” quanto com “descrentes”, no caso dos evangélicos. Os textos religiosos doutrinários, como a Bíblia, embasam muitas práticas e representações – o culto, o batismo, a eucaristia. Mas não há lugar na Bíblia para o retrato do rosto de Jesus ou da Virgem Maria – o que não torna suas representações humanas menos legítimas, conforme o

⁶⁹ O Site da Editora Cultura Cristã é www.cep.org.br

⁷⁰ Referimo-nos aos fiéis das três grandes tradições monoteístas, mas podemos estender essa analogia para outros grupos religiosos, como os espíritas e budistas, por exemplo.

grupo social em que são produzidos. E mesmo que a Bíblia diga como as pessoas devem se casar, e como devem conduzir seu casamento, muitas vezes as pessoas se casam e depois vão descobrir maiores detalhes sobre o “mistério” de ser casado.

Não pretendemos “diminuir a autoridade” que os cristãos conferem à Bíblia, pois nossa discussão não é teológica, mas afirmamos que ela ocupa um lugar na vida dos cristãos que nem sempre é observado. E livros como os analisados nesse capítulo procuram lembrar aos fiéis de outras lições negligenciadas por suas vidas atribuladas. Não são substitutos da Bíblia, mas auxiliam na sua compreensão (afinal, a Bíblia alega cobrir cerca de 4000 anos de história em algumas *centenas* de páginas).

Dentro de uma comunidade evangélica, os livros circulam por obra não só de editores, mas muitas vezes por indicação de seus pastores. É sabido que membros da Igreja Universal do Reino de Deus consomem somente livros do bispo Edir Macedo. Mas é interessante notar que na Catedral da Fé da IURD de Campinas⁷¹, existe uma livraria evangélica dentro da igreja, com entrada visível abaixo das escadarias do templo. Nela são vendidos diversos títulos de muitos autores (a maioria composta de estrangeiros), além de CDs, VHSs, artesanatos e revistas da Editora da IURD.

O fato é que hoje há mais lojas especializadas em artigos cristãos do que havia há dez anos – e que os livros são os produtos de destaque da cada loja. Isso não retira a autoridade do pastor em sugerir leituras, mas também indica que deve estar ocorrendo uma demanda maior por parte do público evangélico. Não se pode ignorar que muitos evangélicos (protestantes, pentecostais e neopentecostais) são recém-convertidos, à procura de uma renovação constante de suas vidas diárias – o que explica o consumo de livros sobre a vida cristã – não só como fonte de informação mas também como forma de renovar os próprios hábitos de leitura.

No caso dos livros da *Editora Cultura Cristã*, primeiramente voltados para o público presbiteriano – a história não é muito diferente. Segundo Rivera (2001), os

⁷¹ A Catedral da Fé de Campinas é localizada em uma das grandes avenidas da cidade, corredor de ônibus que liga diversos pontos de Campinas – a avenida João Jorge. O templo ocupa um antigo galpão de ônibus, e toma praticamente um quarteirão da avenida.

protestantes históricos sofreram uma estagnação na sociedade por não estabelecerem mecanismos de renovação contínua no culto, ao contrário do que fizeram os pentecostais. A reprodução doutrinária se dá pela instrução, o que congelaria as emoções da conversão. O catálogo da ECC confirmaria essa tendência há quarenta anos, contendo títulos voltados para o ensino teológico; a LPC, há 25 anos, reforçaria a tendência, e nos últimos dez anos, a tendência se renova, estendendo-se para assuntos pouco abordados até então.

Outro aspecto da insistência em abordagens tão conservadoras à luz de que não é crente, é a própria imagem que as igrejas fazem da sociedade. Quando se menciona o conceito de representação, não se pressupõe que exista uma ficção contraposta a uma realidade – pelo menos no que se refere a relatos históricos. Por outro lado, não significa que, por ser uma representação, o discurso histórico seja sempre válido, legítimo ou aceitável – não aos “olhos” de toda sociedade ou grupo social em que o discurso se insere. Para o nosso trabalho, todo discurso, até a mentira (a negação de uma verdade), tem no mínimo *uma* razão de existir, intrínseca a um contexto histórico, a um grupo social, a uma cultura histórica.

Assim, quando um leigo considera “inútil” o esforço de os evangélicos atuarem contra as práticas sexuais correntes na sociedade, do outro lado da linha de batalha se posiciona um evangélico pronto para agir contra a decadência moral do mundo. Afirmamos que o mundo de fato está em decadência? Há quem acredite inclusive no apocalipse iminente, o que atualmente vem impulsionando a venda de livros sobre o assunto nos Estados Unidos ⁷², mas que faz parte da história do Cristianismo e do Judaísmo desde suas origens.

No entanto, se fatos concretos não são suficientes para convencer um ateu da fúria de Deus, algo nos diz que o discurso religioso, munido de uma compreensão milenar que separa as coisas imundas do mundo das coisas perfeitas de Deus, articula novas representações sobre velhos temas.

⁷² C.f. *Time Magazine – The Bible and the Apocalypse*, July 1st. 2002, Latin American Edition.

É como se o discurso religioso fosse uma base de jazz, enquanto as novas representações fossem o solo de saxofone, pois elas se renovariam sobre uma mesma base – “variações sobre o mesmo tema”. É importante para o discurso religioso manter-se o mesmo, ainda que ele tenha se transformado (Rivera 2001 : 42-52). Criar a “*ilusão da permanência*” confere um sentido fundamental para qualquer tradição religiosa, mesmo para as novas igrejas cristãs, que sempre se apresentarão como uma continuação do Cristianismo, ou um retorno às raízes.

Nesse sentido, os produtos de mídia protestante serviriam para repassar a lição de casa do crente fiel que teria saído da linha, ou que teria tido dúvidas sobre sua jornada. Serviriam também para lembrar aos crentes quem eles são – e quem eles não devem ser. Em um contexto religioso pluralista, em que os protestantes históricos não são os únicos evangélicos, é necessário reforçar a diferença – alguns são mais evangélicos do que outros; e eliminar práticas equivocadas, como a influência pentecostal em cultos protestantes.

CAPÍTULO 5

NADA NOVO SOB O SOL DE “CADA DIA”

Esse último capítulo é sobre o produto mais solicitado de *Luz Para O Caminho* – o livreto devocional *Cada Dia*, publicado ininterruptamente desde 1981. Sua origem veio do rádio – após quatro anos divulgando mensagens de otimismo e reflexão bíblica nos programas de rádio da LPC, o reverendo Wilson Castro reuniu o material divulgado no rádio em um livro de mensagens intitulado *Cada Dia*, distribuído gratuitamente para os ouvintes dos programas da LPC.

Tanto sucesso fez que logo em seguida foi lançado outro livro de meditações, *Outro Dia*. Com a procura por literatura devocional, a LPC decidiu lançar um livreto mensal, com meditações diárias – o *Cada Dia*, que se tornou há poucos anos o devocional oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Não foi o primeiro devocional a ser lançado no Brasil – o mais famoso devocional evangélico, o metodista *No Cenáculo*, é publicado desde 1908 nos Estados Unidos, vindo para o Brasil alguns anos depois⁷³.

Há poucos anos, com a expansão de livrarias e lojas de artigos evangélicos, pode-se encontrar diversos tipos de devocionais. A maioria são traduções de obras americanas, lançadas em formato de livro para serem lidos o ano inteiro. Já a LPC preferiu lançar um livreto que é entregue mensalmente mediante assinatura anual. Há inclusive a possibilidade de uma pessoa presentear outra com uma assinatura anual do livreto.

Pela *Internet*, encontram-se diversas editoras evangélicas que comercializam devocionais. Mas quem abre um livreto como o *Cada Dia* encontra semelhanças com outros tipos de literatura de meditação, como calendários católicos produzidos pela Editora Vozes, ou mesmo livretos e calendários da Seicho-No-Iê. De forma alguma, porém, pretendemos igualar essas publicações, pois a sua semelhança começa e termina no formato – as mensagens são bastante diferentes.

Para essa pesquisa, analisamos um ano de assinatura do *Cada Dia*, que compreendeu o período de outubro de 2001 e novembro de 2002 (o primeiro exemplar é gratuito). Durante esse período, a tiragem do livreto aumentou cerca de 30% em 11 meses. Em outubro de 2001, a tiragem do *Cada Dia* era de 13 mil exemplares; em janeiro de 2002 subiu para 15 mil, e em setembro, foi para 17 mil exemplares. Mas, em meses especiais, a tiragem é impressionante: o *Cada Dia* Especial de Natal, que pode ser encomendado com meses de antecedência, chegou a 300 mil exemplares, em dezembro de 2001. Já o *Cada Dia Família*, publicado em maio, mês da família, teve uma tiragem de 100 mil exemplares em 2001. Por isso, é o produto mais popular da LPC, perto da tiragem de livros⁷⁴ e do número de emissoras que divulgam seus programas de rádio e televisão.

O devocional da LPC, por sua vez, oferece um diferencial, segundo o reverendo Celsino Gama, diretor-executivo da LPC e editor do *Cada Dia*⁷⁵. Enquanto os outros devotionais trazem mensagens “avulsas”, sem correspondência entre si, o *Cada Dia* amarra suas mensagens em um eixo temático, que varia mensalmente. Os temas do período analisado compreenderam desde os livros Atos dos Apóstolos e Salmos, passando pela história de José, até a revelação de Deus por uma de suas criações – o céu e as estrelas. Cada qual escrito por um autor diferente, a maioria autores americanos. Somente três livretos foram escritos por brasileiros: *Deus!* (outubro de 2001), escrito por Celsino Gama, *Caminhos de Deus*, por Júlio Andrade Ferreira (janeiro de 2002), e *Tempo de Mudar* (novembro de 2002), por Augusto Pinheiro.

O formato do devocional é simples: na capa, sempre uma imagem que remete à natureza, seguido de uma introdução que fala sobre o tema principal, e uma meditação para cada dia do mês. A meditação compõe-se de cinco “janelas”: a mensagem principal no corpo de texto, no canto superior, logo abaixo da data, uma

⁷³ A organização responsável pelo *No Cenáculo* (www.editoracedro.com.br) nos Estados Unidos, *The Upper Room* (Nashville/TN), assemelha-se à LPC – ou melhor, a LPC assemelha-se a *Upper Room* (www.upperroom.com), pois esta oferece além de literatura, disk-aconselhamento e devotionais há mais de 60 anos.

⁷⁴ A tiragem média dos livros é de 3000 a 5000 exemplares.

⁷⁵ De acordo com entrevista concedida via e-mail, no dia 10.05.2002.

recomendação de trecho bíblico do qual parte a reflexão principal (*Leia*); logo abaixo, uma frase destacada desse mesmo trecho; em seguida uma oração curta (*Orø*). No rodapé da página, há um pensamento, como uma “moral da história” (*Pense*), que foi incorporada ao devocional em março de 2002. Tendo em vista que as cinco partes da meditação giram em torno do mesmo assunto, não há como dizer que o leitor tenha muita liberdade em construir seu próprio texto, sua própria leitura. O que pode ocorrer é que uma janela esclareça e direcione a leitura das demais, o que confere uma certa dinâmica à leitura.

As capas, por sua vez, trazem imagens da natureza, que variam de um campo repleto de flores (outubro de 2001 – *Deus!*), montanhas nevadas na aurora (março de 2002 – *Cristo, modelo de sofrimento e serviço*), detalhes de folhas iluminadas pelo sol de outono (abril de 2002, *Pensar como Cristo*), águas descendo pelas pedras de uma cachoeira (maio de 2002, *Visão e Missão*), a uma árvore de grande copa, carregada de flores brancas (outubro de 2002, *Esquecimento e Prosperidade*).

Muitos programas da Igreja Universal do Reino de Deus, assim como as orações na Santa Missa Em Seu Lar (Rede Globo), reservam o momento de oração para mostrar imagens da natureza, contendo apenas a narração em *off* ou uma música, com a letra escrita na parte inferior da tela. É um lugar comum da mídia religiosa, associado ao momento de reflexão aliado à oração e à devoção. São imagens que evocam a presença de Deus pelas criações da natureza. Representam o Deus nas alturas (céu), em todos os lugares (árvores, rios, cachoeiras), grandioso (montanhas, florestas de pinheiros e araucárias), simples e belo (folhas e flores), que se conheceria sem a mediação do homem, mas por meio dos sentidos e dos sentimentos⁷⁶.

Os devocionais escritos por autores americanos são traduções do devocional *Today*, da Igreja Cristã Reformada dos Estados Unidos e Canadá, mantenedora do *The*

⁷⁶ Mas se estabelece um paradoxo – essas imagens, sejam nas capas de devocionais e livros de reflexão, sejam em programas de televisão, estão em veículos mediados.

Back To God Hour, o ministério de comunicação mantenedor de *Luz Para O Caminho*, junto com a Igreja Presbiteriana do Brasil.

D. Jean Pemberton, secretária da LPC desde sua fundação, e braço-direito do reverendo Celsino Gama, justificou a presença maciça de autores estrangeiros no *Cada Dia* pela ausência de bons autores nacionais, que levassem a sério a mensagem cristã : “A única coisa que traduzimos [do *The Back To God Hour*] são meditações para o livreto *Cada Dia*, porque não é fácil achar gente que escreva bem, para um livreto, [gente] que tenha doutrina e seriedade (...)”⁷⁷.

Segundo Pemberton, é necessário muito preparo para se produzir um material evangélico de orientação calvinista. Por outro lado, muitos deixam se levar pelo que ela considera enganos ou modismos, o que praticamente obriga a empresa a manter um nível elevado de exigência de seus produtores. Quando perguntada sobre os critérios para que um produto seja considerado “qualidade LPC”, ela respondeu:

“Primeiro, qualidade teológica. A gente não fala “abobrinha”. O reverendo Celsino [Gama] é bastante qualificado, conhece a Bíblia. Você não imagina quanta bobagem que se passa pela internet [em relação a] uma questão bíblica, que acaba até pastor entrando no meio. Um exemplo: a gente deve ser dizimista, a Bíblia prega, que o cristão deve doar 10% do seu salário para igreja. Não é [por] lei, [mas] é por amor, por convicção própria. Aí surge alguém e diz: olha não é só dinheiro, é tempo, então todo mundo deve doar 2h40min na leitura da Bíblia, na oração, fazendo visitas (...). Celsino [Gama] tem muito cuidado de não falar besteira, mas de falar só aquilo que é bíblico. Seguimos a linha calvinista, [que] exige preparo, estudo, [e] não fazer qualquer coisa, de qualquer jeito”.

A comparação com outros grupos evangélicos que também fazem uso da mídia é inevitável. Como foi demonstrado no capítulo sobre a literatura voltada para a vida cristã, o discurso religioso procura interferir na realidade que ele julga existir; ele detecta problemas e oferece soluções, caminhos seguros e antídotos para as armadilhas do engano.

⁷⁷ Entrevista concedida na sede de Luz Para O Caminho, em Campinas, no dia 24.09.2001.

Assim, dentro de um campo religioso diversificado, a busca pela diferenciação é permanente. E dentro do ponto de vista presbiteriano, não basta produzir mídia para divulgar o evangelho – é necessário fazer uma mídia de qualidade, o que pressupõe não somente conhecimento de como utilizar os recursos tecnológicos, mas também fidelidade à Bíblia. Porém, todos os grupos evangélicos reivindicam fidelidade à Bíblia, senão, não seriam evangélicos – o que diferencia um grupo do outro seriam critérios teológicos (batismo do Espírito Santo, por exemplo, para os pentecostais) e escolhas estéticas, que não cabem ser analisadas nesse espaço.

Dessa forma, devemos entender as mensagens contidas no *Cada Dia* como pílulas diárias “antidescrença” e “anti-engano”, tanto para crentes quanto para não-crentes, no “espaço-tempo” do cotidiano - o campo de batalha por excelência de cada cristão, onde os seus princípios são testados a todo momento. E o papel da crítica cristã em relação os problemas do mundo e dos próprios cristãos é fundamental para se determinar em que direção apontar o caminho certo.

1. CRÍTICAS

As críticas contidas no devocional são dirigidas a dois temas principais: a sociedade em geral, seus valores e suas condutas; e a comunidade cristã, que por vezes se perde em práticas e valores que não são bíblicos. Tais críticas ajudam a definir não somente a forma como o cristão deve se comportar no mundo, mas também a forma como ele deve conduzir sua fé perante a comunidade de fiéis.

Em primeiro lugar, para se definir o que é a verdadeira religião e a verdadeira fé, muitas vezes se definem também o que são as falsas religiões e os falsos conceitos sobre a fé. Segundo vários autores do *Cada Dia*, quem não é cristão está sujeito a diversos enganadores, que apelam para o ocultismo, a magia e a “Nova Era”. É interessante notar que as caracterizações desses conceitos podem parecer ofensivas aos

ocultistas, ou aos adeptos e simpatizantes do esoterismo, mas servem justamente para mostrar o que é “errado”, a fim de se definir o que é “certo” – o cristianismo.

A imagem que se teria em relação a Deus estimularia uma religiosidade distorcida, segundo Celsino Gama – “a maioria quer um deus⁷⁸ segundo sua própria imagem e semelhança. Um deus que afaga e protege sem exigir nada em troca” (Gama 10.2001 : introdução⁷⁹). Porém, Deus existe independente do fato de se acreditar nele ou não.

Aliás, o fato de que Deus existe é tão óbvio que somente aqueles que se recolhem à própria ganância ou ignorância ainda insistiriam no ceticismo. Deus se revela pela sua criação – o ser humano e a natureza – e pelos seus desígnios para com a humanidade, expressos na Bíblia. “A Palavra de Deus é permanente, eterna. Não vamos nos envolver em dúvidas e questionamentos, vamos depender dela, e esperar” (Zeilstra : 29.06.2002). E que não se duvide do poder de Deus, pois “o mais impiedoso cético pode tornar-se, por meio do Espírito Santo, o mais fervoroso crente”, como ocorrera com o apóstolo Paulo (DeJong : 02.05.2002).

O anseio do homem pela continuidade da vida é um dos argumentos para provar a existência de Deus, o que explicaria as manifestações religiosas presentes em todas as culturas: “uma busca antiga e diversificada de um Deus que tem respostas para a vida e, em especial, uma solução para o drama da morte” (Sikkema : 05.02.2002). É interessante notar como um tema que leva uma vida inteira para se estudar – as manifestações religiosas em todas as culturas – é instrumentalizado em um espaço tão pequeno. O que nos interessa aqui não é saber se todas as culturas possuem manifestações religiosas que procuram respostas para a vida e a morte, mas observar que essa generalização é feita para demonstrar que todo o mundo, na verdade, comunga da mesma crença, ainda que não saiba (Silva & Karnal 2002 : 35-43). Como Deus existe independente dos crentes ou dos céticos, conforme Celsino Gama, sua revelação está

⁷⁸ Grafia original, a fim de ressaltar a autenticidade do Deus revelado na Bíblia, em comparação ao Deus criado pela imaginação humana.

⁷⁹ O devocional não possui numeração de páginas, por isso, preferimos fazer referência ao dia e ao mês em que a citação está presente. Todo livreto possui uma introdução curta, que também não possui numeração.

dada e cabe aos homens seguirem suas pistas. Muitos já o encontraram, mas muitos outros ainda *precisam* saber que ele existe *nos termos da Bíblia*.

Por que *nos termos da Bíblia*? Porque muitos fazem idéia de que Deus existe, mas adotam práticas erradas, à maneira de ver do protestantismo:

“Infelizmente, nossa cultura é bem parecida com a [do livro] de Juízes. As pessoas fazem o que têm vontade, sem culpa. Há religiões para todo tipo de gosto, e o emocional, miraculoso, sensacional, tangível, sobrepõem à fé e à obediência, fiel aos preceitos de Deus para a vida. Religião não é objeto de gosto, mas de verdade. Não se trata de algo que podemos conceber em nossas próprias mentes, mas de crença, humildade, oração, pureza do corpo e da alma, testemunho da fé. Acima de tudo, um compromisso de amor e lealdade a Deus, o que nos impede de fazer o que ‘dá na cabeça’, para fazer sua vontade” (Heerspink : 21.04.2002).

Para cada pessoa que diz “*todos os caminhos levam a Deus*”, um evangélico dirá – “*só existe um caminho para se chegar a Deus. Os ensinamentos que fogem das Escrituras levam ao inferno (...) ‘Eu sou o caminho...’ (João 14.6), disse Jesus. ‘Além de mim não há salvador algum’ (Isaías 43.11)” (Gama : 05.11.2001).*

“Jesus resiste à idéia de que todas as religiões são essencialmente as mesmas. Por quê? Porque o ensino do Cristianismo é coerente como nenhuma religião: ‘Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna’ (João 3.16)” (Heerspink : 09.04.2002).

Assim, malditos os enganadores: “*Deus irá desmascarar e destruir todos os enganadores*”, pois ele “*odeia fetichismo, magias e outras bobagens, tanto de homens quanto de mulheres*” (...) “*Estas coisas desonram a Deus e prejudicam as pessoas. A magia busca controlar um poder impessoal; a fé honra a Deus Todo-Poderoso. A magia é idéia de Satanás; a fé vem de Deus*” (Gama : 10.11.2001).

No devocional de abril de 2002, o autor afirma que, enquanto no século passado o Diabo era visto como metáfora do mal, e os anjos, como seres mitológicos, atualmente as pessoas anseiam por falar com anjos e acessar espíritos. “*Diariamente, as*

práticas ocultas neste mundo estão crescendo” (Heerspink : 12.04.2002). Entretanto, a Bíblia aconselha a não procurar o mundo dos espíritos, pois há muito engano, já que mesmo o Diabo pode se passar por anjo de Luz. Por isso, o único contato seguro com o mundo espiritual é Cristo.

Mesmo práticas que não mexem com “ocultismo” são condenadas, como o “*pensamento positivo*” (ou seria Confissão Positiva, já abordada no capítulo sobre produção televisiva?):

“O movimento Nova Era ensina que precisamos de uma visão de eu, da posse de uma nova consciência, que destaque nosso potencial ilimitado. Abaixo os sentimentos negativos! Abaixo os pensamentos negativos! Esta onda do pensamento positivo, acreditar em si mesmo, ser feliz a qualquer custo, move um mercado de bilhões em livros e objetos de auto-ajuda (...) O problema da idéia de uma consciência positiva é que ela se alimenta de um velho pecado, ainda eu disfarçado em potencial humano, o pecado do orgulho (...) Precisamos mesmo é de um novo coração” (Heerspink : 13.04.2002).

O que esse autor, Robert Heerspink, entende por magia, práticas ocultas, Nova Era? Essa é uma generalização que nivela assuntos tão diferentes – do ponto de vista da História Cultural das Religiões – em um mesmo patamar, inferior ao cristianismo, praticamente demonizado. Assim como a série de livros infantis *Harry Potter*⁸⁰ vem causando controvérsias entre muitos evangélicos nos Estados Unidos, por causa do seu suposto “estímulo à bruxaria”, assuntos ligados ao esoterismo são tratados de forma oblíqua por alguns setores do protestantismo. É uma discussão que, iniciada ou não nos Estados Unidos, irradia-se pelo mundo pelos meios de comunicação. Tal como a bruxaria foi criada pelo cristianismo medieval, sua associação com o Diabo vem sendo alimentada pelos cristãos até hoje. É por meio da homogeneização das “práticas ocultas” que se constrói a “coerência cristã”.

⁸⁰ A série de livros infantis *Harry Potter*, da escocesa J.K.Rowling, foi lançada no final da década de 1990 e tornou-se uma febre editorial no mundo inteiro, ao contar a história de Harry Potter, um menino-bruxo inglês que desenvolve seus poderes mágicos na Escola de Magia de Hogwarts. A seqüência de livros inspirou dois filmes de grande sucesso, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001) e *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002).

Seguindo esse mesmo raciocínio, o autor do devocional de janeiro de 2002, Rev. Júlio Andrade Ferreira, afirma que o Cristianismo tem uma especificidade que a distingue de todas as outras religiões do mundo, pois exalta o criador, e não, a criatura; ao invés de exigir ritos para satisfazer a Deus, prega a mensagem do Deus que perdoa. “*Em vez de ser, como qualquer outra religião uma flecha ascendente: homem-Deus, o Cristianismo é a revelação de uma flecha descendente: Deus-homem*” (Ferreira:10.01.2002).

É de se perguntar de quais outras religiões Ferreira fala. Menciona algumas que mantém culto a animais, à natureza e ao homem, sem especificar quais. Em seguida, ele define a Religião como contraposta à Ciência e à Magia. Segundo ele, a Religião é uma crença em realidades sobrenaturais, que se expressa por uma forma de dependência, enquanto a Magia é uma *pretensão* [grifo nosso] de domínio oculto.

Por outro lado, a História das Religiões registra a existência de correntes esotéricas cristãs desde o século XVI, com produção literária farta, e em atividade até os dias atuais (Silva 1999). Como se pode ignorar esse tipo de dado? O fato é que, ao se afirmar que o Cristianismo é único, também se afirma que ele é o único meio válido para se chegar à divindade. Por esta razão, tudo aquilo que não é considerado o “verdadeiro” Cristianismo, ou seja, a “verdadeira religião”, não é religião de verdade, é “Magia”, ou é um engano.

Não se espera que os evangélicos tenham conhecimento dos movimentos esotéricos e espiritualistas cristãos do passado – e mesmo quem os conhece dificilmente os aceitará, desqualificando sua legitimidade. Mas o judaísmo e o islamismo, que partilham de princípios éticos, morais e teológicos semelhantes – um único Deus Criador, uma criação decaída e pecadora, uma mensagem de redenção nas mãos de um Deus soberano – não reivindicariam a legitimidade e a exclusividade do seu discurso perante outras religiões? A única diferença é que para estas, Cristo realmente existiu, mas não foi o Messias.

A generalização continua na conclusão da seguinte reflexão: “*Isto tem levado alguns autores à afirmação de que o Cristianismo não é religião no sentido comum. É uma fê sui generis. E é*

mesmo!” (Ferreira : 11.01.2002). Mas que “*sentido comum*” seria esse? Mesmo que o autor quisesse explicar, não haveria como, devido ao veículo da mensagem – o que nos leva à pergunta: o meio determina a mensagem ou a mensagem é que determina o meio? Talvez, ambos: uma reflexão sobre o Cristianismo não seria tão generalizante se fosse publicada em um livro de proporções tradicionais (o que não nos livra de estudos superficiais, já que isso depende da competência do autor); por outro lado, escolhe-se um veículo simples para se publicar mensagens de consumo rápido (o que não exige o autor de demonstrar competência e conhecimento no assunto).

Vide esse exemplo, intitulado “*Ética da Nova Era*”, cujo autor faz uma crítica à afirmação de um “*seguidor da Nova Era*”, que condenou a ajuda a pessoas aflitas por ser uma interferência no seu “*carma*”: “*Não podemos criar uma ética em cima de uma crença reencarnacionista, deixando de socorrer pessoas que, sem nossa ajuda, morrerão em sua miséria, ou sucumbirão em seus problemas e angústias*” (Heerspink : 22.04.2002).

A reencarnação, princípio fundamental de doutrinas espíritas, espiritualistas, budistas e hinduístas, também é alvo de outra investida de Heerspink. Dessa vez, ele fala sobre um hindu, convertido ao cristianismo, que comentou sobre a popularização da idéia de reencarnação no Ocidente:

“Mas no Oriente, onde a doutrina de reencarnação tem raízes profundas, isto é compreendido por aquilo que realmente é – maldição. Hoje existe entre as pessoas um fascínio” cada vez maior, sobre o que significa a vida eterna, que para muitos seria o ciclo do nascimento, morte e renascimento. Mas o ex-hindu aprendeu que tal ciclo representa apenas miséria e não misericórdia” (Heerspink : 28.04.2002).

Por que, dentre todas as idéias contidas nas doutrinas espiritualistas, ocidentais e orientais, a crítica evangélica sempre recai sobre a reencarnação? Viu-se nos capítulos sobre televisão e sobre rádio que as breves menções feitas ao espiritismo são feitas em relação a esse tema, e a justificativa que o reverendo Celsino Gama deu em um de seus programas do *Coração Caboclo*, foi que o espiritismo acredita em algo que, aos olhos do cristianismo verdadeiro, nunca ocorrerá – de que todos reencarnam sucessivamente

como parte de uma evolução espiritual. Ainda que os espíritas se digam cristãos, os cristãos “verdadeiros” acreditam que Jesus Cristo voltará para o Juízo Final, e ressuscitará todos os que foram salvos.

Fora essas críticas a práticas religiosas “desviantes”, os autores do *Cada Dia* não deixam de apontar problemas dentro da comunidade cristã. Para isso, lançam mão de imagens muito familiares ao discurso cristão: a de que o cristão vive uma batalha entre o mundo e o Reino de Deus; e de que o mundo atual está em decadência. A comparação entre o “hoje” e o “ontem” faz parte desse tipo de imaginário, sendo que o passado é o tempo das coisas boas e das pessoas boas, enquanto o presente, é o retrato da degeneração.

“Nos dias de hoje, mais do que em qualquer época [grifo nosso], *é muito fácil encontrar desculpas para não obedecer a Deus. Podemos dizer que não estávamos muito bem para cumprir a tarefa. Ou que não entendemos o que nos foi pedido, etc*” (DeJong : 28.05.2002).

“*Gratidão parece ser um sentimento raro hoje em dia [grifo nosso]. Nossas horas são usadas em tarefas ‘urgentes’ e às vezes até mesmo impossíveis*” (DeJong : 29.05.2002).

“Hoje em dia [grifo nosso], *pouco se fala a respeito de confissão, pecado ou culpa*”, e para *disfarçar nossos erros, jogamos a culpa nos outros (...)* “Hoje, mais do que nunca [grifo nosso] *precisamos dar ouvidos ao ancião Davi, que nos alerta a evitar tais disfarces*” (Vanderwell : 11.07.2002).

Essa comparação entre passado e presente demonstra um sentido de urgência. Talvez a idéia sobre globalização mundial tenha corroborado para que o “mal” tenha se espalhado mais rápido pelos meios de comunicação e pela mudança nas relações de trabalhos. Segundo Heerspink, estaríamos passando de uma era industrial para uma era da informática, em que as pessoas recebem uma grande quantidade de informações, dados e fatos, cujo sentido é vazio. “*Quando atolado numa avalanche de dados, reportagens e informações, vamos buscar na Palavra de Deus a verdade (...)* A tecnologia e conhecimento humano são apenas pequenas descobertas dos mistérios de Deus” (Heerspink 06.04.2002).

Mesmo o avanço tecnológico não fará com que a humanidade se livre dos seus defeitos, pois persistem os mesmos pecados e as mesmas falhas. Por outro lado, o Evangelho sempre trará as mesmas Boas Novas (Heerspink : 07.04.2002). Esse senso de estabilidade e continuidade é fundamental para o discurso cristão. Porém, um dos autores do *Cada Dia* não deixa de observar que o “*cristianismo está em crise*”, assim como o mundo:

“O mundo mudou e o cristianismo entrou em crise. Crescemos numericamente, mas a qualidade de nossa influência não corresponde à realidade. O cenário global configurou, de forma acelerada, o avanço científico e tecnológico, a mentalidade econômica, o desdobramento na rede de comunicação, o intercâmbio entre culturas e a revolução sexual. Paralelo a estas questões (sic), surgiram a crise de valores, a ausência de referenciais, a fragmentação familiar, o estresse emocional, o aumento da violência e o crescimento do fanatismo religioso, acumulando tendências e conseqüências e grande poder de destruição no interior humano” (Augusto Pinheiro: Introdução/novembro de 2002).

Por isso, o cristão precisa estar sempre vigilante quanto às suas condutas e quanto aos seus pensamentos. Um dos pecados mais comentados nos devocionais foi a hipocrisia, citando o exemplo bíblico (contido no livro Atos dos Apóstolos) de Ananias e Safira, em contraposição à Barnabé. Enquanto Ananias e Safira venderam suas terras e fingiram que deram tudo para a igreja, retendo uma parte para eles; Barnabé fez o mesmo, mas doou tudo à igreja. Pessoas como Ananias e Safira existem em todas as igrejas, o que “*faz parte do arsenal do Diabo: se deixarmos ele destrói e aniquila todo mundo*”, ameaçando a comunidade cristã, “*pois os fundamentos da verdade e da confiança são lentamente minados*” (DeJong : 05.05.2002).

A presunção também é um sentimento que deve ser combatido entre os cristãos: “*Uma das interpretações mais erradas e mais comuns para se entender a fé cristã é a presunção de que nada nos atinge, se confiarmos em Jesus. É como dizer que se amamos a Deus, o sol estará sempre brilhando*” (Vanderwell 13.07.2002). Não obstante, todo cristão está sujeito

ao sofrimento e à depressão. O que acontecerá um dia é que Deus afastará de vez “*de nossas cabeças as nuvens que se formam a cada dia (...)*” (Vanderwell : 13.07.2002).

Outra crítica é feita quanto à negligência de outros irmãos cristãos dentro das próprias igrejas. No devocional de agosto de 2002, seu autor, Lawrence Veltkamp, aponta para a essência da atuação do cristão – “*Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus...*”

“Mas, que sentido há em olharmos para fora dos nossos muros e mostrarmos o que não praticamos dentro da igreja? Se o lema é fazer bem a todos, ‘especialmente aos da família de fé’, por que não nos fixarmos primeiro neles? Será que nossas igrejas não abrigam membros professos, ou mesmos não professos, que têm problemas, mágoas, frustrações, fraquezas que poderiam compartilhar com os mais fortes? É preciso estreitar e fortalecer o relacionamento entre irmãos na fé. Os pastores e oficiais da igreja não podem e não devem fazer isto sozinhos. Vamos ser solidários como a igreja apostólica de Jerusalém. Pense: Como pode a igreja atender às necessidades dos seus membros se eles sempre dizem ‘Está tudo bem?’” (Veltkamp:16.08.2002).

Há até uma confissão de consciência pesada por conta da negligência de pessoas necessitadas – confissão que se transforma em *mea-culpa*. O autor da devocional de maio de 2002, Bert DeJong, admite que se sente desconfortável quando um pedinte se aproxima dele:

“Vergonhosamente, devo admitir que é raro ver essa situação como uma oportunidade de serviço a Deus e ao próximo. Preciso ter meu olhar ajustado para que eu possa ver o mundo sob o governo de Jesus (...) Eu preciso desviar minha atenção do dinheiro e olhar para a missão que tenho em Cristo. ‘O que tenho, isto lhe dou’. E o que tenho? Dinheiro?! Dar esmolas apenas aumenta o problema social. O que tenho é uma relação de fé em Jesus. Esta é a mais preciosa possessão que devo repartir” (DeJong : 03.05.2002).

Além disso, práticas dentro da comunidade cristã são alvo de atenção redobrada, para que não se trivializem – como o próprio ato de ir à igreja. Na reflexão intitulada “*Para quem é a adoração?*”, o seu autor responde: “*Não nos reunimos na igreja para um programa agradável. Reunimo-nos como igreja para a adoração e serviço*” (Gunnink :

22.09.2002). Ele ainda critica a frustração que alguns fiéis têm quando o culto não lhes agrada, ao invés de satisfazer um gosto pessoal, o culto deve ser o espaço de crescimento espiritual mútuo por meio do amor e da adoração.

A vigilância deve ser constante inclusive em relação à “matéria-prima” da vida cristã - a fé. Isso porque é muito fácil deixar a verdadeira fé se desviar pelas paixões humanas e pelos enganadores: *“A fé sábia levará ao discernimento entre a razão, a emoção e a relação com Deus (...) Os excessos e sensacionalismos pseudo-espirituais dos dias de hoje, que exploram a ignorância e promovem a instabilidade emocional, tentam destruir uma fé equilibrada”* (Pinheiro : 18.11.2002).

Constatamos anteriormente que esses enganos espirituais são vistos como obra de Satanás – mas ele não age somente no campo espiritual, mas também mina a vida humana com más condutas e desregramentos:

“O estrago externo que presenciamos no mundo é o reflexo do interior humano influenciado pela maldade”, que resulta em más ações. “E essas más ações aparecem na rejeição em ser submisso; na proliferação comercial e profanação da fé; na destruição do interior humano; na utilização do conhecimento em favor do mal; na corrupção e perda da guarda dos valores sagrados; na exploração desvirtuada da beleza humana; na violação dos direitos com o crescimento da iniquidade e injustiça” (Pinheiro : 25.11.2002).

Atentemos para um dos itens “malignos” citados: a *“proliferação comercial e profanação da fé”*. Da mesma forma que o movimento do *“pensamento positivo”* foi acusado de fazer muito dinheiro com seus livros de auto-ajuda, uma forma de se desqualificar outras práticas religiosas é associá-las ao “vil metal”. Em nenhum momento se citou o nome de nenhuma denominação, contudo, não é preciso envolver nenhuma igreja para dizer que quem publica o devocional, no caso um dos representantes mais antigos do protestantismo histórico no Brasil, não está envolvido com o que denuncia. Esse raciocínio pode parecer bastante óbvio, mas com a popularização de igrejas que enfatizam a cobrança do dízimo para se sustentar, esse

argumento ganha força no sentido de diferenciar denominação no diversificado campo religioso nacional.

Em outras palavras, as igrejas podem ser conhecidas por diversas práticas, e a cobrança do dízimo é uma delas. A prática está na Bíblia, mas em um país predominantemente católico, em que a Igreja Católica foi por muito tempo financiada pelo Estado, a cobrança do dízimo para o sustento das congregações não é prática cultural comum (Freston 1993 : 108-109). Quando a Igreja Universal do Reino de Deus começou a aparecer na mídia, principalmente após a compra da Rede Record por Edir Macedo, a imprensa escrita e televisionada empreendeu uma campanha para desmascarar o suposto charlatanismo de Macedo, que “extorquiria” pobres fiéis desenganados em troca de milagres (Mariano 1995 : 42-72;182-189).

Assim, o argumento de que “nem todos os evangélicos são iguais” baseia-se, dentre outras coisas, na questão do dinheiro. E por isso, o devocional quer mostrar que o “verdadeiro cristianismo” não coaduna com a exploração comercial da fé.

Por outro lado, os devocionais criticam duramente o uso da mídia – secular e religiosa. A questão não é que o uso religioso da mídia seja de todo uma prática condenável, mas deve-se tomar cuidado com o que se veicula, já que a mídia seria uma vitrine para o “mundo” – no pior sentido. Além disso, quem deve se policiar é o fiel: “*A verdadeira santidade não está em isolar-se do mundo, mas em desfrutar dele sem ignorar Deus*” (Gunnink : 16.09.2202).

A pregação evangélica na TV é vista como um instrumento de acomodação para o fiel: “*a vida moderna banalizou este dia especial*” [o domingo – dia de estar em comunhão com Deus e com os irmãos, na igreja], transformando-o em dia de repouso após os exageros de sábado à noite. “*Então, para ficarem ‘em dia’ com Deus, ligam a televisão e assistem a uma pregação, talvez ainda na cama. Mas o lugar certo de estarmos é na igreja, ou no templo, em companhia dos irmãos*” (Veltkamp : 04.08.2002).

Pior que a preguiça que ela suscita, a televisão pode ser veículo de testemunhos pouco edificantes. É interessante que a reflexão intitulada “*Roupa Suja*”, não fez

menção alguma à mídia, mas é impossível ler o trecho abaixo sem pensar em programas de testemunhos veiculados no Brasil – e nos Estados Unidos também, já que o autor do devocional, Bert DeJong⁸¹, é americano:

“O que merece atenção é o perdão, vida nova e salvação concedidos por Ele. Quem se sente bem e abençoado ouvindo alguém falar de sua vida de pecados, com todos os detalhes para depois completar no final : ‘Então encontrei Jesus’?. Devemos ser sábios para cuidar de tais questões. Expor publicamente nossos pecados só traz resultado quando estes apontam para o poder e a propagação da Palavra de Deus. Senão for por isto é melhor esconder a roupa suja em algum canto. Mesmo porque ela já foi lavada no sangue de Cristo” (DeJong : 20.05.2002).

Por sua vez, a interferência da indústria musical nas práticas da igreja também é mal vista. O autor do devocional de agosto de 2002, Howard Vanderwell, afirma que “Igreja saudável é um lugar onde as pessoas cantam juntas”, pois o canto é um louvor coletivo, que une as pessoas à adoração. No entanto, o aparecimento de conjuntos e artistas que executam cânticos sem que a congregação participe quebra com esse compromisso de louvor:

“Cantar é uma das muitas atividades da Igreja verdadeira, fiel e cheia do Espírito Santo. Toda congregação se une para louvar e agradecer a Deus. Sendo assim, não há como existir uma igreja centrada em Deus, sem o cântico cheio do Espírito. Mas, hoje em dia, esse costume antigo de louvar a Deus, em conjunto tem passado por algumas modificações. É com frequência que ouvimos cânticos de louvor e adoração, mas não cantamos. Deixamos que outros, grupos ou pessoas, cantem em nosso lugar. Alguns fazem isto na igreja, outros em frente à tevê, e alguns outros para entretenimento” (Vanderwell : 28.07.2002).

E, aproveitando o assunto “música”, o autor dessa reflexão critica a música não cristã, comparando-a com os cânticos da Igreja:

⁸¹ Bert DeJong é pastor em Elmhurst Christian Reformed Church desde 1983. Ele também serviu em congregações em Gary (Indiana) e Sheboygan (Wisconsin) – fonte : <http://www.btgh.net/pdf/200105.pdf> - consulta em 20.12.2002.

“Pessoas que já experimentaram a salvação não cantam a respeito da raiva, do vazio, da decepção, da falta de esperança que se ouve em tantas músicas. Mas cantam a respeito da graça, da misericórdia, do amor, da salvação, da esperança e da vida eterna em um único e verdadeiro Deus, Senhor e Salvador. Uma música completamente nova!” (Vanderwell 28.07.2002).

Bem como pessoas comprometidas com Deus não se interessam (ou não deveriam se interessar) por músicas “profanas”, assim ocorre também em relação à programação comum da televisão:

“A mente depravada tem prazer nos maus pensamentos, não só consente fazer coisas erradas, como também encoraja, aprova e aplaude aqueles que as fazem (por exemplo, programas de rádio e televisão que expõem as pessoas)” (Gunnink : 18.09.2002).

“Lixo ou tesouros? Como vou alimentar minha mente? Programas vazios e imbecis da tevê ou bons livros? Maledicência ou evangelho? Informação ou inspiração? As escolhas são inúmeras e variadas. A vontade de Deus é que procuremos tudo o que inspira, o que é nobre, excelente ou digno de louvor e pensemos sobre isto. Aprender a apreciar a boa música, arte, literatura... Amar as histórias de coragem, sacrifício, honra e fé. Fazer desses livros nossos livros de cabeceira. Vamos pensar nisto!” (Gunnink : 30.09.2002).

Todas essas críticas, ao mesmo tempo em que se apóiam em conceitos correntes no discurso evangélico, constroem suas imagens de demonização em contraposição ao que é santo. Mas santo, segundo os evangélicos, somente Deus. O que significaria, então, ser santificado aos olhos dos autores do *Cada Dia*?

2. CRISTÃO – A LUZ DO MUNDO, O SAL DA TERRA

Apesar dessa expressão bíblica não ter sido citada em nenhum devocional analisado, ela descreve perfeitamente o papel atribuído aos cristãos nessas publicações. O cristão deve se preocupar com as pessoas ao seu redor, ajudando-as sem medir esforços. Além disso, deve estar sempre ao lado da justiça e da verdade. Deve também se envolver com sua igreja – que não é somente a denominação a que pertence, mas a toda comunidade de fiéis que aceitam a Cristo como Salvador. O cristão, ao encarnar

os princípios de Cristo, torna-se a luz do mundo – ilumina as pessoas à sua volta com seu exemplo de vida, de caráter e de devoção.

Frente às críticas analisadas acima, o cristão não é um ser perfeito, mas alguém que procura se aperfeiçoar a cada dia, que não se acostuma – ou não deveria se acostumar ao pecado, ao que é errado aos olhos de Deus.

“Jesus levou sobre si na cruz o pecado humano e ressuscitou para sua justificação. Quem, pela fé, foi assim justificado deve viver e defender a justiça, onde quer que for, em toda e qualquer circunstância (...) Somos as mãos de Deus para minorar as dores e procurar o direito e a justiça” (Gama : 26.10.2001).

“É fácil nos sentir em paz diante das fraquezas e pecados. Afinal, estamos na condição de frágeis pecadores decaídos. Então dizemos: ‘Sou um pobre pecador!’ ou ‘O diabo me induziu a errar!’. Quem usa esse tipo de desculpa não tem o conhecimento correto das coisas de Deus. Com sua morte, Cristo quebrou os elos legais que ligavam o pecado à morte, eliminando dessa maneira o poder que o pecado mantinha sobre nós. Agora somos instruídos a nos considerar como mortos para o pecado” (Gunnink : 21.09.2002).

Todo cristão deve proclamar a verdade de Deus. Assim como o pastor é responsável em orientar sua congregação, os pais são responsáveis em ensinar o caminho, os cristãos *“são vigias para os que são de fora”*. Ninguém é culpado pelo pecado dos outros, mas se não tomar partido para orientar quem está errado, o cristão será responsabilizado também (Feddes : 19.11.2001).

Já o devocional de janeiro de 2002, em homenagem ao reverendo presbiteriano Júlio Andrade Ferreira, morto em 11 de outubro de 2001, traz uma reflexão do próprio sobre a honestidade, utilizando uma frase do historiador Capistrano de Abreu sobre a Constituição: *“Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha. Revogam-se as disposições em contrário”*. Para Ferreira, o caminho para a paz e a prosperidade passa pela honestidade, pela idoneidade, pela seriedade e pela competência. Na oração ligada a essa reflexão, o autor escreve: *“Querido Deus, parece que a honestidade é qualidade rara nos dias de hoje e em nossa sociedade. Que nós, cristãos, possamos ser honestos e responsáveis sempre (...)”* (Ferreira :

15.01.2002). “*Os verdadeiros crentes jamais deverão assumir responsabilidades além de sua capacidade. Devem antes se distinguir por sua conduta, onde quer que estejam*” (Ferreira : 29.01.2002).

E o que fazer perante um mundo repleto de violência, com as armas dadas por Cristo – a paz, a bondade e o perdão? O que fazer diante de “*situações de intoleráveis penúrias para a população carente*”, sem apelar para “*revoluções, guerrilhas e seqüestros*” como formas de se restabelecer a justiça social (Ferreira : 19.01.2002) ?

“Até onde é verdadeira a acusação que diz serem os cristãos acomodados? Às vezes, surgem líderes capazes de fazer reformas sociais amplas e benéficas. Sem compromisso incondicional, e dentro da área de nossas habilidades, devemos apoiar e ajudar a promover a execução de tais reformas. É revolução sem sangue – uma Revolução Branca” (Ferreira : 19.01.2002).

Por sua vez, levar consigo a paz de Cristo significa ser pacífico, mas não passivo. O maior exemplo viria de Cristo, que “*focaliza o homem, entende sua dor, não escolhe dia para fazer o bem, valoriza a vida, indigna-se com o descaso, resiste à dureza de coração e reage com determinação ao que impede a realização do bem*” (Pinheiro : 22.11.2002), citando o episódio bíblico em que Jesus cura um homem com a mão atrofiada em frente a uma sinagoga, em pleno sábado⁸².

“A paz de Cristo não representa uma calma, uma quietude, em que outros podem nos pisar; se aproveitar de nós; colocar-nos num lugar de subserviência e injustiça; uma situação em que não podemos nunca resistir (...) A paz de Cristo é um estado positivo, ativo, quando cumprimos o propósito divino de relacionamentos mutuamente enriquecedores, cheios de amor e serviço” (Gunnink: 23.09.2002).

O cristão se transforma em luz do mundo quando seu exemplo se torna em ação transformadora. Conforme a reflexão intitulada “*Jesus e o Jubileu*”, Jesus anunciou o tempo do favor de Deus, atendendo aos injustiçados e aos famintos: “*O que nos*

⁸² Para os judeus, o sábado é um dia sagrado. No episódio bíblico (Marcos 3.1-6), Jesus foi criticado pelos fariseus – judeus legalistas – por não ter observado o costume judaico.

preocupa hoje? Estamos progredindo na causa de Cristo? Deus nos abençoa para que sejamos bênção para outros” (Sikkema : 20.02.2002).

“O Espírito Santo transforma os seres humanos que seguem modificando o mundo ao redor deles” (DeJong : 04.05.2002).

“Ao mantermos o coração aberto, podemos ser a resposta de Deus para a oração dos outros” (DeJong : 12.05.2002).

“A confiança que os crentes depositam em Deus brilha como estrelas numa geração deturpada e corrupta. Os cristãos deixam bons exemplos para que outros os vejam. Paulo chama os seguidores de Cristo para que brilhem como estrelas; para que tragam esperança e renovação às almas daqueles que vivem à sua volta. Para que depositem o seu dia-a-dia nas mãos daquele que esfria e aquece a terra, trazendo conforto e alegria” (Zeilstra : 19.06.2002).

Um outro atributo do cristão é o serviço. Se o que orienta a vida política é o exercício do poder, da autoridade, a conquista de prestígio e regalias, o que orienta a vida do cristão é o exercício da humildade, da submissão a Cristo e o serviço ao próximo. Cristo é o modelo, pois veio à Terra para servir e, não, para ser servido (Introdução – março 2002 – s/autor).

Contudo, não é qualquer cristão que pode agir em nome de Deus. Para que os cristãos sejam “*embaixadores de Deus*”, devem obter “*cidadania celestial*”, isto é, reconhecer que somente por Cristo o ser humano reata com Deus. Além disso, devem “*estar livres de censura*” para chamar aos outros para se reconciliarem com Deus. “*Neste mundo estamos de passagem, a morada é transitória. Somos apenas embaixadores de Deus*” (Cada Dia - s/autor : 17.03.2002).

Mas ser cristão não significa estar livre de possíveis retaliações por quem não é cristão: “*ser discípulo sincero de Cristo sempre provoca algum tipo de perseguição*” – seja sutil ou cruel, dependendo da sociedade em que se vive. Entretanto, “*não devemos ter vergonha quando somos perseguidos, ou discriminados, pois estamos vivendo a vida cristã com sinceridade*”. A doutrina de Cristo é “*incomparavelmente melhor do que qualquer filosofia ou ideologia humana*” (Cada Dia – s/autor : 16.03.2002) – o que vale o sacrifício, pois nem sempre é fácil

seguir a vontade de Deus. *“A vontade de Deus é feita por meio daqueles que se dispõem a enfrentar tempos difíceis, e andar por lugares perigosos e inseguros”* (DeJong : 22.05.2002).

O cristão deve ser estável como uma estrela, que possui brilho próprio. O autor do devocional de junho, Bill Zeistra, fez várias considerações entre o Reino de Deus, os cristãos, e o universo astronômico. Assim como Cristo é a *“Estrela da Manhã”*, porque é a que brilha primeiro e mais forte no início da noite, o cristão também possui luz própria, como uma estrela. Mas enquanto há estrelas-guia, que possuem brilho intenso, há também estrelas errantes (planetas), comparadas a pessoas que não possuem convicções próprias e *“por isso não são confiáveis como guias da vida correta que Deus requer de nós. Estas pessoas contrastam como cristãos estáveis que se guiam por Cristo, o Verbo de Deus”* (Zeilstra : 23.06.2003).

Essa estabilidade do cristão é conquistada a todo o momento por meio de uma espécie de “batalha interna” contra o mal. O cristão precisa vigiar os pensamentos e os sentimentos com a ajuda de Deus, para que maus sentimentos não se transformem em más ações. *“As lutas não podem, por si só, tirar a paz do coração dos homens, mas são os conflitos interiores que causam as guerras no mundo. Nossa paz começa com Deus.”* (Cada Dia – s/autor : 11.12.2001).

No devocional de outubro de 2001, seu autor, Celsino Gama, comenta sobre a oração *“Pai Nosso”*, contida na Bíblia, em que Cristo pede *“Venha a nós o teu Reino”*. Para Gama, isso significa pedir a Deus que ele estanque os sentimentos negativos de nossa vida, como egoísmo, cobiça, ódio, orgulho. Na verdade, o reino de Deus já existe em nosso mundo, pois há justiça, paz e pessoas boas, mas ainda há guerras interiores em que o mal ainda vence (Gama : 16.10.2001).

Por fim, Robert Heerspink, no devocional de abril de 2002, compara a vida do cristão a uma maratona, cujo desafio não é começar, mas persistir até o final, mantendo o equilíbrio e não cedendo à exaustão. A única maneira de se cruzar a reta final é *“manter os olhos em Cristo”* (Heerspink : 19.04.2002). Isso implica manter em mente a simbologia da cruz – o símbolo do sacrifício que Cristo fez pela humanidade a

fim de eliminar seus pecados: *“Pai de amor e de bondade, mantém as cruces em nossas mentes e corações a todo instante, para que crescamos em entendimento, amor e verdadeira alegria”* (Zeilstra : 26.06.2002).

“Os cristãos estão envolvidos numa guerra espiritual que inclui prender/capturar todo pensamento e transformá-lo em obediência a Cristo (...) Capturar um pensamento significa arrepender-se, ‘mudar a mente’. É a troca por pensamentos corretos a respeito de Deus, dos outros, de nós mesmos e do mundo” (Gunnink : 01.09.2002).

Grande é a responsabilidade do cristão! Além de ser exemplo de conduta, de caráter e de serviço, o cristão deve testemunhar sua fé para crentes e não-crentes. É a forma essencial de mostrar a quem não crê em Deus ou Cristo que ele existe e opera maravilhas na vida de quem o evoca. *“Todo cristão pode levar a Palavra de Deus aos outros, querendo eles ouvir ou não. Os pregadores de Deus não foram chamados para ter sucesso mas para obedecer”* (Feddes : 04.11.2001).

Nesse sentido, o testemunho é uma das incumbências fundamentais da Igreja de Cristo – tema do devocional de agosto de 2002, escrito por Lawrence Veltkamp. A Igreja de Cristo é um conceito teológico que implica toda a comunidade de fiéis salvos em Cristo, no presente, passado e no futuro, que irão para o Reino de Deus após o Juízo Final. Na Bíblia, não há uma definição clara sobre Igreja, mas na epístola de Paulo aos Efésios (Ef 1.23), Cristo é definido como Cabeça da Igreja, sendo que os fiéis formam o Corpo que se unirá a Jesus no Final dos Tempos.

Dessa forma, *“a Igreja [isto é, os cristãos] é a testemunha viva da presença de Cristo conosco, por meio do Espírito Santo”* (Veltkamp : 02.08.2002). A Igreja, portanto, tem origem divina, é celestial e eterna, e nunca poderá ser derrotada por Satanás. Mesmo que na Terra a Igreja seja imperfeita, por ser composta de pessoas imperfeitas, ela é depositária da mensagem da Salvação a todo mundo, caminhando para a perfeição em Cristo (Veltkamp : 05.08.2002).

“Em Cristo somos limpos e recebemos o crédito da sua santidade. A Igreja é uma raça nobre: seus membros são santos – não porque tenham alcançado este título por seu desempenho, mas

porque o receberam como um dom da graça de Cristo por meio da fé dele. Este é o caminho da santidade. É o nosso dever, como cristãos, viver de maneira santa, apoiados no Espírito Santo” (Veltkamp : 09.08.2002).

“Se a Igreja não testemunhar não haverá crescimento (...) Testemunhar não é dever exclusivo dos ministros, presbíteros e diáconos, mas de todos os crentes. Podemos ter todo tipo de desculpa para evitar de fazê-lo (sic), mas este deve ser o nosso dever – o de expressar, assim, nossa gratidão por termos sido salvos. À medida que desenvolvemos uma experiência mais profunda com Cristo, o testemunho vem naturalmente, de maneira espontânea. ‘A boca fala do que o coração está cheio” (Veltkamp : 11.08.2002).

A reflexão do dia 12.08.2002 explica as razões pelas quais a Igreja deve ter poder para testemunhar. Uma delas já foi mencionada no trecho acima: crescimento. Porém, o crescimento da Igreja é determinado por Deus:

“o Senhor diz que a Igreja é dele, e Ele determina o seu progresso e crescimento. Ninguém jamais se filiará realmente a uma Igreja sem que Cristo o coloque ali. Ele nos desperta e anima. Não temos de preocupar-nos com o crescimento. Deus faz isto!” (Veltkamp : 10.08.2002).

Seria um recado implícito à lógica de mercado que teria assolado a religião, atribuindo sucesso a crescimento numérico e financeiro? Não há como dizer. Contudo, essa idéia de que Deus controla tudo, determinando o movimento da história, será analisado adiante, no próximo item.

Voltando ao testemunho, as outras razões pelas quais a Igreja deve ter poder para testemunhar são: para enfrentar um mundo hostil e irônico, em que impera a descrença; para dotar o testemunho de graça, bondade, alegria, paz e amor, pois *“não podemos obrigar as pessoas a entrarem no Reino de Cristo”*; e finalmente, é necessário poder para obedecer, pois o testemunho é um dever de Deus para sua Igreja (Veltkamp:12.08.2002).

Por outro lado, pertencer à Igreja de Cristo significa cultivar uma vida em comunidade, isto é, servir *“uns aos outros”*, como na Igreja Primitiva. Todas as reflexões do devocional de agosto de 2002 trazem a Igreja Primitiva, fundada pelos apóstolos e

discípulos de Cristo, como o ideal de Igreja a ser imitado nos dias de hoje. Dentre os atributos da Igreja Primitiva, destacamos a prática da devoção e da adoração (função central da Igreja – “A Igreja não é um movimento em prol de causas: ela é a reunião de crentes para adorar a Deus” – Veltkamp : 06.08.2002), e a unidade entre os fiéis por meio do louvor, da oração e do compartilhamento (Veltkamp : 06-07-08.08.2002).

“Esta expressão [Corpo de Cristo] indica a interdependência estreita, as profundas relações íntimas, as quais Deus criou e designou para os membros da Igreja (...) Aparentemente, na Igreja ninguém consegue viver como uma ilha. Comunidade é a lei da Igreja. Somos ligados a todos os outros e eles estão ligados a nós (...) Este é o ideal para o qual todos os membros da Igreja devem contribuir para que se torne realidade” (Veltkamp : 15.08.2002).

Uma prova de que Deus criou a Igreja para viver em comunidade e comunhão é que ele teria dotado os membros de sua Igreja com dons espirituais para serem usados em um ministério, ou seja, para servir uns aos outros: “os dons espirituais são as ferramentas do Espírito Santo para promover a edificação da Igreja e seu crescimento” (Veltkamp : 17.08.2002). Quem não utiliza esses dons para esse propósito torna-se “exibicionista, orgulhoso, egoísta, mau e faminto de poder” (Veltkamp : 17.08.2002). “Deus quer que vivamos vidas úteis”, em comunhão com ele. Caso contrário, sentiremos o peso de sua justiça – “naqueles que não dão fruto, Deus usa de sua justiça e reafirma sua majestade e poder, separando-os para sempre” (Feddes : 11.11.2001).

Contudo, um dos maiores desafios da Igreja é manter a unidade entre os fiéis, seja por causa de suas diferenças sociais, políticas, econômicas, étnicas ou raciais, seja por que algumas pessoas se enganam quanto ao significado da vida em comunidade :

“Socialização não significa comunhão verdadeira, esta pressupõe amor e deve durar mais do que algumas horas (...) É triste constatar que existem em nossas igrejas pessoas isoladas e solitárias. Isto é constrangedor porque ao contrário ao que a Igreja deve ser: um corpo interligado pelos profundos laços de amor em Cristo” (Veltkamp : 14.08.2002).

Outro desafio é a própria imperfeição de seus membros – da mesma forma que o cristão deve dar seu exemplo como testemunho, ele deve se empenhar em combater

o pecado e corrigir o pecador, tomando cuidado para não afastá-lo da fé. Para isso, deve-se aplicar disciplina mútua, o que pode ser doloroso entre os “irmãos de fé”, contudo, os cristãos têm o dever de admoestar quem se desvia, senão o erro pode se alastrar. O admoestador não restaura – só o Espírito Santo tem esse poder – mas “temos o dever cristão de promover a predisposição do crente caído e colocá-lo sob o foco do Espírito” (Veltkamp : 29.08.2002).

A disciplina deve ser aplicada com “amor e paciência” (28.08.2002), cuidando da sua edificação – e, não, de sua “desedificação” (sic), isto é, “o desvio da crença religiosa ou moral” do irmão. Há várias maneiras de se destruir a estrutura espiritual de uma pessoa: pelo julgamento de coisas superficiais (“nós costumamos julgar as pessoas por suas tradições e costumes religiosos, que são obras humanas, ou por estilos de vida, que não são certos nem errados” – Veltkamp : 19.08.2002); e pelo mau exemplo (“nossa conduta pode ser uma pedra de tropeço para outrem e causar sua queda” – Veltkamp : 19.08.2002).

A vigilância deve ser constante, tanto por parte do fiel quanto por parte da comunidade. O conteúdo repetitivo das pregações sinaliza para a necessidade constante de o cristão lembrar-se de quem ele é:

“A Bíblia e Cristo; vida e salvação; pecado e morte; fé e arrependimento; conversão e santidade; obediência e obras; oração; são temas todos eles, sempre presentes nas pregações em nossos púlpitos. (...) Para instigar ao prazer, à glória, ao lucro, às futilidades, às superstições, à moda, ao sexo, ao partidarismo, às lamentações, ao racismo e outras preocupações deste caráter, há, no mundo, inúmeras agências. Compete a nós, como Igreja, prender-nos à pauta que o espírito de Deus estabelece. Por quê? Não só porque os crentes novos precisam ser instruídos, mas os veteranos, advertidos” (Ferreira : 11.01.2002).

Ao lado da comunhão com Deus por meio da Igreja, o fiel não pode negligenciar sua relação pessoal com ele, pois “em Cristo Jesus não há mais lugar, dia ou pessoa sagrada (...) Nós [os cristãos] somos a Igreja!” (Veltkamp : 01.08.2002). E o principal meio de comunhão com o divino é a oração, segundo os evangélicos.

Sendo que a Igreja não é dos cristãos, mas de Cristo, as orações dos crentes “são indispensáveis à medida que refletem a preocupação de que a Igreja deve seguir sua orientação [de Cristo] e atingir seus propósitos”. Cristo usa as pessoas sem poder para cumprir seus desígnios e, por isso, a oração lhes confere auxílio divino para fazer o que é devido. Por fim, a oração permite que o fiel combata Satanás: “A oração é a linguagem da Igreja que mostra sua dependência de Deus; e o resultado da nossa dependência a Ele é nossa independência das investidas do mal” (Veltkamp : 20.08.2002).

Por outro lado, se pelas orações os cristãos expõem seus medos e seus desejos a Deus, eles devem estar preparados para ouvir o que Deus tem a dizer para eles: “a oração não é um meio para realizarmos nossa vontade, mas um instrumento para conhecer a vontade de Deus” (12.11.2002). Para isso, é preciso que a pessoa se reconheça como pecador, confesse isso a Deus, e peça para que seja sempre feita a vontade dele em sua vida

Tal qual como no Pai Nosso, ensinado por Cristo aos seus discípulos na Bíblia. Segundo o autor do devocional de novembro de 2002, Augusto Pinheiro, Jesus Cristo ensinou uma oração modelo que atenta para “questões vitais, sociais, morais, emocionais, materiais e espirituais”, contendo dois princípios fundamentais – a fraternidade (somos todos irmãos) e a unidade (filhos de um mesmo pai). Deve-se tomar cuidado com o que se ora e com a forma como se ora, pois “Deus ouve nossas orações, mesmo as que repetimos de maneira vazia, mecânica e sem fé” – o importante é orar com fé e com o coração, sem perder a reverência e o temor a Deus (Pinheiro : 13.11.2002).

O temor e a obediência a Deus são temas bastante abordados em todos os devocionais.

“Temer a Deus não é ter medo de Deus, mas levar Deus a sério” (Cada Dia – s/autor : 11.03.2002).

“A verdadeira obediência é dizer sim à voz de Deus, mesmo quanto isto desagrade ou incomoda” (DeJong : 10.05.2002).

“Agradar a todos não deve ser o critério pelo qual nossas escolhas devem ser feitas (...) Nós te pedimos, Senhor Deus, que nas decisões importantes da nossa vida a tua vontade seja feita (...)” (DeJong : 15.05.2002).

“A fé de outras pessoas pode nos impressionar bastante. Podemos admirar alguém pelo seu exemplo de vida com Deus. Mas não podemos seguir a vida vivendo a fé de outros cristãos. Deus deve ser o nosso Deus, também, por isto precisamos amá-lo, confiar nele, e obedecer-lhe com todo coração” (Brenton : 24.10.2002).

“Ó Senhor, Deus e Pai, que nosso trabalho não seja pesado, sofrido e em demasia. Mas que sejamos como os passarinhos que confiam na tua graça e providência” (Ferreira: 05.01.2002).

Mas para que tipo de Deus o cristão ora?

3. DEUS É FIEL

Em primeiro lugar, o Deus retratado no *Cada Dia* possui diversos atributos: doador supremo, soberano, que tudo sabe, que tudo pode, que tudo vê. Mas o interessante é que em diversas passagens, os autores procuram mostrar que Deus existe de fato, e que, por isso, os céticos não passam de ignorantes e egoístas que se recusam em admitir o óbvio: Deus existe!

“Diante de um céu estrelado e dos mistérios do universo, é difícil dizer que tudo surgiu por acaso” (Zeilstra : 01.06.2002).

“Da mesma forma que os céus são governados por leis divinas, a vida humana também deve se mover por elas” (Zeilstra : 10.06.2002). Porém, como o homem tem vontade, ele se rebelou contra Deus e hoje vive uma “vida desequilibrada e miserável. Mas Deus se apiedou de nós (...) Não posso imaginar algo mais precioso que a Lei de Deus e o modo de vida que vivemos por meio dela. A Lei traz estabilidade, oferece proteção e concede lugar à confiança (...) A ordem, a previsibilidade do universo não podem ser obra do acaso. O Deus Eterno criou e governa sua criação” (Zeilstra : 10.06.2002).

O autor do devocional de junho de 2002, como já foi mencionado, alia o discurso religioso à astronomia, numa reapropriação do discurso científico a fim de mostrar que nem mesmo a ciência, isto é, os homens mais cultos, recusam a religião, ou seja, a existência de Deus. No trecho acima, pode-se questionar até que ponto o universo mapeado cientificamente é previsível. De certa maneira, o discurso religioso constrói seu discurso científico sobre o funcionamento do universo, conferindo-lhe uma ordem que somente Deus poderia justificar. Não que cientistas não tivessem se proclamado sobre o assunto – o próprio Albert Einstein afirmara que “*Deus não jogava dados com o universo*”. É a partir desse tipo de posicionamento que o discurso religioso tece considerações sobre as descobertas científicas que corroboram a presença de Deus em sua criação.

Por outro lado, nem toda explicação científica se conforma ao discurso religioso evangélico – para o autor do devocional de setembro de 2002, Henry Gunnink, quando as pessoas se afastam de Deus, o conhecimento sobre a sua criação fica distorcido:

“O poder de Deus e a natureza divina podem ser conhecidas por meio da Criação. Mas quando deixamos de glorificar, agradecer, adorar e nos submeter a Deus como Senhor soberano, algo acontece com o nosso pensar. Torna-se distorcido e obscuro. Damos todo tipo de explicações estranhas para a nossa existência, que vão desde mitos pagãos até o desenvolvimento casual por evolução⁸³. Os nossos pensamentos trocam a verdade e glória de Deus, manifestadas nas obras de suas mãos, pela mentira da sabedoria do homem decaído (...) Teorias e pensamentos que ignoram Deus têm apenas aparência de sabedoria, mas o cerne é a presunção” (Gunnink : 06.09.2002).

Não basta, porém, saber que Deus existe - na verdade, na tradição judaico-cristã, Deus é “aquele que é” - não tem início sem fim, somente atributos. O mais importante atributo, dentro da tradição reformada, é a soberania.

⁸³ Quase metade dos americanos (44%), em censo recente, admitiram que não acreditam na teoria evolucionista de Charles Darwin, creditando a origem do universo à explicação do Gênesis (Revista Veja – “O que Ele [Jesus Cristo] tem a dizer a você hoje” – 25.12.2002, p.118, ed.1783, ano 35, n.º51).

Deus é Soberano e Fiel

Gladir Cabral, responsável pela reflexão do dia 25.12.2001, comenta situações em que a realidade parece fugir do controle dos seres humanos – tanto o atentado às torres gêmeas de Nova York em 11 de setembro de 2001, como um pai de família desempregado que sente o peso do mundo sobre seus ombros após mais um dia à procura por trabalho. Mas o governo do mundo não está nas mãos de um ditador, de um milionário ou de um terrorista, e sim, está sobre os ombros de Cristo (Cabral : 25.11.2001).

“O Deus Eterno é o Deus da promessa, da presença e da esperança. É Deus do passado, do presente e do futuro (...) Deus não foi e não será. Ele é! Deus se revela como o ‘Eu sou’. Não existe nenhuma possibilidade de Deus mudar. Seu amor é eterno, seu poder absoluto, seu perdão infinito e sua vontade soberana. A convicção de que o Senhor é o Pastor indica sua presença constante e uma interferência diária. Contudo, entende-se também como uma natureza de caráter fiel, de existência auto-suficiente, não sujeita a alteração. Deus não muda em seu nome e com a presença no coração. Indo a Ele por meio de seu Filho Jesus” (Pinheiro : 03.11.2002).

Há uma frase bastante conhecida, popularizada em adesivos de carros e camisetas – “Deus é Fiel”. O uso dessa frase em diversos tipos de ocasiões e lugares confere-lhe significados diferentes, mas nos devocionais do *Cada Dia*, seu sentido está articulado a uma publicação feita para se ler todos os dias, no espaço-tempo das atribuições e tentações constantes ao fiel cristão. Dessa forma, frente à inconstância da vida, somente Deus parece ser fiel. Na reflexão do dia 22.07.2002, o autor, Howard Vanderwell, questiona sobre o problema do mal: como coisas ruins acontecem a pessoas boas, enquanto pessoas ruins prosperam e ficam ricas? Quando se louva a Deus se entende que ele é justo e correto, e que ele responsabilizará todas as pessoas pelo que fazem, punindo e varrendo o mal. “Podemos confiar nele, porque Ele mantém a sua palavra”. Quando se louva a Deus também se aprende que está seguro e protegido

nele. “Mas o mais importante é que estou em uma posição privilegiada, pois pertenço a Ele por meio de seu Filho, Jesus Cristo” (Vanderwell : 22.07.2002).

A soberania pressupõe que não adianta se esconder de Deus, pois ele sabe de todas as coisas: “se não posso me esconder dos olhos de Deus, por que fingir ser aquilo que não sou?” (Vanderwell : 06.07.2202). Por outro lado, o fato de Deus saber de tudo, o ser humano pode pedir-lhe para guiá-lo no caminho que Deus escolheu para ele – “Quando temos muitas oportunidades à nossa frente, escolhas certas podem ser difíceis de serem feitas. Então devemos pedir a Deus que feche as portas para escolhas que não devemos fazer” (DeJong : 17.05.2002).

E os pecadores que se cuidem, pois “Deus não usa meios-termos”: “Deus é o único que sabe perfeitamente o que faz, como faz e porque faz. Sua obra jamais ficará incompleta (...) Os métodos de Deus nem sempre são suaves, mas são efetivos (...) ele fere, nos despedaça e faz-nos voltar à estaca zero” (Cada Dia – s/autor : 09.03.2002).

E se Deus sabe de tudo, ele pode fazer qualquer coisa – com Deus, ou se preferir, com Cristo, *nada é impossível*. Se o cristão tem uma tarefa difícil, ele deve agradecer a Deus pelos recursos de que dispõe e depois, pedir-lhe para que os multiplique. Se a tarefa é impossível, ele deve confiá-la a Deus, pois “Ele sabe tudo! Ele pode todas as coisas!” (Gama : 27.10.2001) – conforme demonstrou Jesus no milagre da multiplicação de pães e peixes.

Além disso, nada é impossível com Cristo, pois ele venceu a morte com a própria ressurreição:

“Jamais devemos subestimar o poder do Senhor, que concede vida. Deus toma os ossos de uma nação morta e suscita um grande exército (...) No vale dos ossos secos, o Senhor mostra que nada é impossível. A ressurreição é sua especialidade. A morte não tem a última palavra, Deus Todo-Poderoso a tem” (26.11.2001).

Na reflexão intitulada “Posso ou Não Posso?”, Gunnink afirma que devemos aprender a confiar em Deus e deixar de nos influenciarmos pelas circunstâncias desfavoráveis, além de abandonar os pensamentos negativos, que decretam a nossa

derrota antes de a batalha começar. “*Tudo o que sei é que nada posso; e que Quem tudo pode, pode me ajudar*” (Gunnink : 20.09.2002).

Deus tem um plano para você

E Deus ajuda porque tem um *plano* para a vida de cada pessoa – mas é preciso que a pessoa se volte para Cristo para saber qual é: “*Deus Eterno, Senhor do Universo, quando me sinto sozinho e deslocado, e Tu pareces estar tão longe, mostra-me que Tu és real, que estás aqui, e que tens um propósito especial para mim(...)*” (Feddes : 01.11.2001). Quando os seres humanos consentem a cooperação de Deus, recebem dele sustento e provisão para realizar o que lhes é destinado – conforme demonstra o exemplo de Maria, mãe de Jesus, que consentiu que Deus a usasse para seus propósitos. “*Cada um de nós precisa submeter-se à vontade de Deus; precisa dispor-se para o seu serviço. Deus se chega a nós, não da forma sobrenatural como se chegou a Maria, mas Ele vem com a mesma graça, o mesmo amor que busca o ser humano perdido*” (Cada Dia – s/autor : 14.12.2001).

Bill Zeilstra, o autor fascinado pelas estrelas, compara a vastidão da Via Láctea ao “*grande amor de Deus por nós, e o seu plano para a nossa vida (...)* Ao receber a promessa de Deus, Abraão teve de olhar para cima. Há promessas de bênçãos também para nós, hoje. Vamos levantar nossas cabeças e ‘contar as estrelas’” (Zeilstra : 11.06.2202).

A devoção pessoal, portanto, tem o poder de permitir a realização desse plano. Mas para que a devoção seja eficaz, “*é essencial termos os pensamentos certos a respeito de Deus, senão será impossível relacionar-nos com Ele de modo correto*” (Gunnink : 03.09.2002). Os pensamentos de Deus para conosco são sempre bons, pois do início ao fim de nossa vida, ele planejou cada momento sem nos tirar a liberdade:

“Isto significa que o Deus Eterno tem planos para a nossa vida. Como Ele faz isto sem nos tirar a liberdade, continua um mistério. No entanto, Deus planejou cada momento de nossa vida, cada um dos nossos dias, começo e fim, nossas ações, nossas palavras, cada sucesso, cada insucesso (...)

Cada dia é uma nova e boa surpresa de Deus para nós. Não nos cabe saber quanto mais virão, mas desfrutá-los” (Gunnink : 03.09.2002).

Deus tem um plano para a vida de cada pessoa porque ele *se importa* com cada criação sua. Assim como Deus criou cada estrela, ele criou todos os seres humanos e conhece cada um: *“Ele chama cada um de nós pelo nome. O Senhor de tudo é nosso Pai Celestê”* (Zeilstra : 04.06.2002):

“Deus se importa com os grandes acontecimentos e com nossos problemas e dificuldades diárias, seja uma doença, uma compra a ser feita, uma viagem ou uma conta a pagar (...) Para Ele cada pessoa é um ser distinto e especial. Temos aos seus olhos um valor inestimável. Vamos falar com Ele!” (Gama : 02.10.2001).

“A cura de nossas doenças é expressão e extensão do Reino de Deus. A cura de nossas doenças é marca da compaixão de Deus e do seu cuidado para com seus filhos. Deus cuida do universo imenso, mas tem tempo para socorrer você em suas dores, dúvidas e preocupações (...) se fazemos parte do Reino de Cristo, todos os privilégios da graça e do amor de Deus estão ao nosso dispor hoje e sempre” (Gama : 18.10.2001).

Bill Zeilstra, ao criticar o interesse das pessoas pela astrologia a fim de conhecer o futuro, adverte que *“consultar os astros sobre nosso destino é como perguntar ao carro onde ele nos está levando. Pura tolice”* (Zeilstra : 12.06.2002). É necessário confiar em Deus porque é ele quem guia: *“ainda mais importante é saber que Deus se importa como cada ser humano”*. E na oração contida nessa reflexão, o autor pede: *“Querido Deus, diante do caos e incerteza do nosso dia-a-dia, permite que descansemos na boa notícia de que nossa vida está em tuas mãos todos os dias”* (Zeilstra : 12.06.2002).

Mesmo em horas difíceis, o ser humano não deve ter vergonha de levar seus problemas a Deus: *“Clamar em desespero ‘Por quê, ó Senhor?’ não é errado. O erro é pensar que Deus não se importa”*. O silêncio de Deus é uma prova à nossa fé, *“portanto, enquanto oramos com sinceridade, devemos também afirmar em fé a verdade daquilo que não conseguimos ver (Hebreus 11.1)”* (Vanderwell : 05.07.2002). *“Ó Senhor, olha para as lágrimas dos teus filhos.*

Alguns choram sozinhos; outros no ombro de parentes e amigos. Manda teu carinho e compaixão a eles” (Vanderwell : 16.07.2002).

Por fim, Deus se importa com as pessoas porque ele as testa. Tudo importa – cada ação, palavra e pensamento, pois eles têm efeito em nossas vidas e na vida dos outros. Se tomarmos cuidado com pequenas coisas, Deus nos confiará coisas maiores. E no dia do Julgamento Final, Deus julgará tudo o que fizemos, por isso, devemos mudar nosso pensamento sobre o que nos importa e o que não nos importa – pois tudo importa! (Gunnink : 27.09.2002).

Deus é Amigo

Tanto se importa Deus que ele enviou seu Filho para apagar nossos pecados, sem que merecêssemos (Vanderwell : 04.07.2002). Fato que expõe uma outra faceta, um outro atributo divino – Deus ou Cristo é o *melhor amigo* que uma pessoa pode ter. Já abordamos a *crisologia da amizade*, inspirados no estudo de Morgan (1998) sobre a iconografia do pintor americano Warner Sallman, nos Estados Unidos do século XX. O interessante desse conceito é que podemos analisá-lo à luz de nosso objeto, sem precisar adequar nossas constatações a um modelo fechado. Na verdade, a crisologia da amizade, por ser um fenômeno antigo, ligado ao desenvolvimento de uma devoção individual desde o século XII e XIII, faz parte da história do cristianismo, pois alimentou a produção artística cristã ao humanizar Jesus Cristo em sua agonia no calvário (Morgan 2000 : 59-73).

Mas, assim como Jesus Cristo adquiriu diversas representações iconográficas e literárias ao longo do cristianismo, o sentido de amizade também se modificou. Provavelmente, os diversos autores da Bíblia, ao retratarem um Deus pessoal, não tenham pensado na “crisologia da amizade” do Novo Testamento, mas com certeza, seus inúmeros leitores, ao longo desses 2000 anos, conferiram a Cristo sentidos que escapam à interpretação literalista dos fundamentalistas evangélicos do século XX.

No programa de rádio *Coração Caboclo*, cujas reflexões eram retiradas do devocional *Cada Dia*, enxergamos a face do sofrimento de Cristo. Porém, como era de se esperar, as imagens do Cristo sofredor estão concentradas no devocional de março de 2002, mês da Páscoa. “*O verdadeiro Messias nasceu numa manjedoura, usou uma coroa de espinhos, e deu sua vida por amor*” (*Cada Dia – s/autor : 02.03.2002*). “*É preciso agonizar e morrer com Cristo, para depois florescer em amor e serviço*” (*Cada Dia – s/autor : 03.03.2002*).

“*Quem já viveu uma noite de agonia? Pavor, medo, traição, hipocrisia, rejeição, mentiras, injustiças. Até que se é jogado num canto escuro sob os olhares zombeteiros e o escárnio do mundo, Jesus poderia ter convocado seus anjos e aniquilado seus algozes, mas permitiu ser preso. Era parte do plano*” (*Cada Dia – s/autor : 21.03.2002*).

“*Jesus bebeu o cálice de sofrimento, recusando-se a beber vinho com mirra, entorpecente para aliviar a dor. Ele podia ter descido da cruz, acabado com toda aquela agonia, mas não o fez. O preço de nossa redenção foi voluntariamente pago*” (*Cada Dia – s/autor : 25.03.2002*).

“*Quando olhamos para as mãos ensangüentadas e o lado ferido de Jesus, pela iluminação do Espírito Santo, sabemos que nossos pecados representam os cravos, os espinhos e a espada. Pedro chorou amargamente. Nós também choramos arrependidos de nossa iniquidade que o levou à cruz. Contemplamos o nosso pecado com repúdio, e nos entregamos nas mãos do nosso misericordioso e fiel Sumo Sacerdote, Jesus Cristo*” (*Cada Dia – s/autor : 27.03.2002*).

Apesar de passagens extremamente dramáticas – praticamente uma exceção no estilo sóbrio que marca a maioria dos devocionais –, a impressão que permanece ao leitor do *Cada Dia* é que Deus, na forma de Cristo, conheceu o sofrimento como nenhum ser humano, compreendendo o sofrimento dos outros – e, por isso, ele é *nosso amigo* – alguém com quem podemos contar sempre, pois “*Deus é Fiel*”. “*Com Cristo, todos os dias, vencemos o pecado do egoísmo e repartimos nossa vida com os outros. Jesus está ao nosso lado hoje. Sua companhia e motivação nos ajudam a vencer os momentos de solidão*” (Gama : 04.10.2001).

A história do Filho Pródigo, segundo Celsino Gama, mostra o lado amoroso de Deus, sempre disposto a nos perdoar. “*Deus espera, de braços abertos para conceder seu*

perdão. Ele reconcilia-se plenamente com pecadores arrependido. Ele espera comovido por um abraço e experimenta extrema alegria juntamente com seus anjos” (Gama : 29.10.2001).

“Os melhores abraços, no entanto, vêm de Deus! Deus não é uma entidade distante, que não pode ser tocada ou importunada com nossos sentimentos. Deus não está desinteressado e longe. O Senhor de toda a criação conhece nossas necessidades e se importa com elas. Deus desce para cuidar de nós, chega perto, coloca sua mão em nossos ombros, e nos circunda com seu cuidado e proteção” (Vanderwell : 24.07.2002).

Na reflexão intitulada “*Deus entende?*”, Henry Gunnink mostra que Deus é amigo que não falha, quando todos amigos fogem diante de uma dificuldade:

“Quem nunca esteve desempregado ou já foi rejeitado pela família, dificilmente poderá entender uma situação desesperadora (...) Como gostaríamos que alguém chegasse até nós e dissesse: ‘Sei o que você está passando; já passei por tudo isto, também. O que posso fazer para ajudar?’” (Gunnink : 15.09.2002). Mas poucas pessoas demonstram sensibilidade diante dos problemas dos outros, e por isso, quem passa por um momento difícil se sente abandonado.

“Podemos nos desvencilhar desse sentimento quando entendemos que Deus nos compreende. Ele nos sonda e nos conhece; de longe conhece nossos pensamentos e caminhos (...) Nosso pai celeste vive cada experiência conosco! E ainda que nossa crise e solidão sejam grandes, vamos sobreviver com as forças que Ele nos dá, e desfrutar a libertação que Ele prepara” (Gunnink : 15.09.2002).

Como se pôde observar, os atributos que separamos nesse item estão misturados em diferentes combinações ao longo dos devocionais. Poderíamos reuni-los todos em algumas passagens, no entanto, se assim o fizéssemos, não haveria quase análise nenhuma. O último atributo que assinalamos aqui é a renovação que ele opera na vida das pessoas por meio de Cristo, que transforma o mal em bem, porque, como mencionado acima, ele venceu a morte. A renovação vem por meio do arrependimento – trata-se tanto da “*renovação do coração*” operada pelo Espírito Santo,

como meio de se alcançar a Salvação, como também a renovação da vida, conseqüência da renovação do coração.

Deus Renova

No capítulo sobre a produção radiofônica discutiu-se a ênfase na mensagem salvífica e no convite ao arrependimento que isso implica. Nesse devocional, esse tema não deixa de ser abordado, contudo, a ênfase não é tanto na aceitação de Jesus como o Salvador, mas na persistência no Salvador para não se cair em tentações como a descrença, a dúvida, o desânimo. Por isso destacamos as passagens em que Deus renova ou regenera, seja pela dor e/ou pela graça: *“Em certos casos somente a dor, pela graça de Deus, provoca as mudanças necessárias para uma vida melhor”* (DeJong:08.05.2002). *“O Deus que sabe como criar e cuidar deste mundo certamente sabe trazer justiça e salvar aquele que está arruinado. O Deus que criou tudo tão belo, com tanto poder e complexa sabedoria, livrou Jó do mal e nos livrará também”* (Zeilstra : 07.06.2002). *“Em meio às adversidades, sofrimento e dúvidas, não podemos esquecer que Deus transforma o mal em bem”* (Gama : 22.10.2002), assim como fez com José, vendido como escravo pelos irmãos e transformado em braço-direito do faraó.

Por outro lado, numa sociedade em que todos buscam o ganho e o lucro sem risco não há como escapar de perdas inesperadas. A atitude que se tem perante a perda determina o futuro: aproveitar a oportunidade para enfrentar a crise e crescer com ela, ou fugir com medo do perigo. Jonas (Jonas 1.1-17), decidiu fugir, mas foi reconduzido por Deus, não sem antes aprender que de Deus não se foge sem conseqüências – *“A perda, muitas vezes, pode ser o caminho de volta a Deus”* (Pinheiro : 09.11.2002).

Nesse sentido, a renovação representa uma mudança positiva - *“graça é mudança de vida e dinamismo”*, que permite ao cristão enxergar uma parte da glória divina em sua vida. *“A restauração de um homem não consiste em Deus fazer grandes coisas por meio dele, mas*

nele” (Pinheiro : 07.11.2002). “Deus pode nos renovar e ajudar a vencer as mudanças na vida e os problemas da vida” (Gama : 25.10.2001)

“Cristo santifica a Igreja, e, pelo longo e persistente trabalho do Espírito Santo o ideal será alcançado no final dos tempos. Quando nos voltamos para Jesus Cristo, Ele remove o véu de nossos olhos, de modo que os cristãos em sua vida terrena já podem vislumbrar algo da glória do Senhor e experimentar a mudança de sua vida para se assemelhar cada vez mais a de Cristo” (Veltkamp : 30.08.2002).

Presente, Passado e Futuro em um só Tempo

Tanto já se falou do sentido de Salvação nessa pesquisa, que nos reservamos a comentar nesse capítulo somente a forma como a Salvação se articula com um sentimento bastante corrente nos devocionais analisados: a sensação reconfortante de que o mundo pode mudar, mas nada escapa ao controle divino. Em uma publicação voltada para o cotidiano, palco de enfrentamento entre os princípios cristãos e o caos da vida, a solidez do cristão é encorajada por um reforço positivo – Deus é fiel, imutável, amoroso, amigo. Estabilidade, confiança, continuidade, plano divino – presente, passado e futuro tornam-se um tempo só; o Velho Testamento anuncia o Novo Testamento, assim como ambos servem para ensinar ao crente que não há “*nada novo debaixo do sol*” (Eclesiastes 1.9 – Heerspink : 07.04.2002).

Até então, pouco mencionamos sobre a forma como as histórias bíblicas são instrumentalizadas para compor as reflexões. Dentre as formas encontradas, destacamos a dimensão atemporal como o plano divino e o cotidiano são articulados.

Deus “*está construindo uma nova Jerusalém que durará para sempre*”. Nela habitarão os que forem salvos, mas o que fazer para ser salvo? Quem será salvo? Aqueles que mostrarem compaixão pelo sofrimento alheio e que sentirem aversão ao pecado e à ofensa – e que buscarem a Cristo como Salvação. Os que fazem o que bem entendem permanecerão condenados (Feddes : 06.11.2001) – após o Juízo Final.

À parte de todas as histórias e livros bíblicos abordados em diversos devocionais – o livro de Ezequiel (novembro de 2001), Salmos (julho de 2002), a história de José (Gênesis 37-50 – outubro de 2002) e Atos dos Apóstolos (maio de 2002) – a referência mais constante é a do fim dos tempos, da nova Jerusalém que Deus estaria construindo para abrigar seu Reino após o Juízo Final, em que Cristo retornaria para juntar-se à sua Igreja definitivamente.

A tônica das mensagens que mencionam o Apocalipse é que não importa o quanto se sofra na Terra, uma grande vitória já está assegurada ao cristão. Como já visto, Deus comanda o que acontece a cada dia, mês e ano, sendo que a vinda de Jesus Cristo ocorrerá no tempo certo: “*Deus, agora, está dirigindo tudo para a plenitude dos tempos de sua Segunda Vinda. Isto com certeza vai acontecer*” (Cada Dia – s/autor : 18.12.2001).

Por outro lado, em inúmeros momentos, trechos do Antigo Testamento são combinados a trechos e histórias do Novo Testamento, reforçando o sentimento de continuidade, imbricado à idéia de plano divino. Na reflexão intitulada “*Sinais de Deus*”, é afirmado que, ao longo do Antigo Testamento, Deus forneceu pistas de que ele enviaria seu filho para ser o Messias, mas mesmo quando isso ocorreu, muitos se recusaram a acreditar que Cristo era esse Messias. O arco-íris é o símbolo do acordo que Deus havia feito com os judeus para lhes dar um Salvador: “*Sempre que virmos o arco-íris no céu, podemos nos lembrar da provisão de Deus e da indicação que Ele deixa de que um dia irá restaurar todas as coisas*” (Cada Dia – s/autor : 22.12.2001).

É de se perguntar por que, dentre tantas mensagens que Cristo deixou nos Evangelhos, de tantos ensinamentos contidos nos livros do Velho Testamento, justamente a idéia de fim dos tempos vem coroar as meditações do *Cada Dia*? No capítulo sobre literatura infantil, deparamo-nos com o devocional *Cada Dia Criança – Hora Tranqüila Com Deus* (Thomas 1998), que carregava as mesmas características. Teria um sentido diferente esse recurso para os adultos e jovens?

Obviamente, o sentido do Apocalipse não seria tão diferente entre uma situação e outra, mas como os públicos são distintos, há considerações a serem feitas. Primeiro, observemos como o Antigo Testamento é articulado ao Novo Testamento.

Salomão era considerado o mais sábio dos seres humanos, segundo Lambert J. Sikkema, autor do devocional de fevereiro de 2002. Isso por conta do pedido que Salomão teria feito a Deus – que lhe desse somente sabedoria para saber governar Israel. Entretanto, Salomão cometeu erros que mergulharam “a casa de Davi” em problemas por mil anos. E somente Jesus pôde consertar o que Salomão havia arruinado, encarnando a própria sabedoria (Sikkema : 17.02.2002).

Já o mesmo autor faz uma comparação entre Melquisedeque e Jesus – ambos foram sacerdotes de Deus. Tal como Melquisedeque era um sacerdote-rei que manteve a comunhão entre Abraão e Deus, Jesus é o Sumo-Sacerdote que mantém a comunhão entre os homens e Deus (Sikkema : 08.02.2002).

Continuando com as comparações, Sikkema afirma que Jacó foi um “*espertalhão*”, e talvez pela sua ousadia tenha sido abençoado por Deus, e tornado-se Israel – um dos primeiros da genealogia de Cristo. Jesus, por sua vez, tornou-se o Israel perfeito, que cumpriu o plano do Pai para tirar o pecado da humanidade. Na oração dessa meditação, o autor pede: “*Pai bendito, quando nos vemos no espelho, notamos que não temos a semelhança do perfeito Filho de Deus. Gratos por continuares insistindo para termos perfeição de Cristo*” (Sikkema : 10.02.2002).

Jesus também se tornou maior do que Moisés por ter cumprido o que Deus lhe ordenou. Moisés foi um grande líder, que mediu os judeus em relação a Deus, mas foi vulnerável e quebrou as tábuas da Lei (Sikkema : 12.02.2002). Outro grande líder que deixou coisas inacabadas foi Josué. Somente Jesus cumpriu a “*obra de salvar e estabelecer o povo de Deus*”: “*Graças te damos, bendito Pai, por dar-nos vitória em Cristo. Graças também pela força e coragem para resistirmos ao pecado e vivermos vitoriosamente dia após dia*” (Sikkema : 14.02.2002).

José não escapou às comparações, quando comprou os egípcios como seus escravos para livrá-los da fome e da seca:

“José me faz pensar em Jesus. Eu penso no alimento que Jesus tem dado a mim para salvar a minha vida (João 6.50-58). Quando eu percebo que o pão da vida custou tudo para o meu Salvador e nada para mim, eu tenho vergonha de não estar disposto a servi-lo todos os dias. Jesus é o tipo de Salvador que nos faz querer servir. E servir de coração” (Brenton : 26.10.2002).

No devocional de maio de 2002, o livro de *Atos dos Apóstolos*, por sua vez, é retratado como a história de uma missão iniciada por Cristo sob o ideal de um mundo governado por Deus. É uma história que ainda comove a muitos e que continua com os que foram chamados, como Paulo, a testemunhar por Cristo. *“Que a visão de um mundo sob o domínio de Jesus nos mova a obedecer a Deus e a viver em seu amor. E que a história do livro de Atos seja contada em todos os tempos pelos filhos de Deus, inspirados pelo Espírito Santo” (DeJong : 31.05.2202).*

Por estes trechos percebemos que há uma continuidade no tempo, que une centenas de anos em um só sentido, que confere uma coerência a fatos díspares. Em primeiro lugar, isso pode dar um alívio a quem leu passagens do Antigo Testamento e não entendeu nada, ou pode ser até que o fiel não tenha lido direito essas passagens e se sinta mais confortável para procurá-las – portanto, o livreto ganha uma função pedagógica, de instrução de crente, que não deve ser ignorada. São esses “pré-textos”, ou textos auxiliares à Bíblia que ajudam a conferir sentido à fé – principalmente se levarmos em conta que o *Cada Dia* é o devocional oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em segundo lugar, essa coerência é uma forma de convencer o fiel de que a obediência a Deus é plenamente justificada e necessária, se ele quiser ser feliz hoje e sempre. Uma coisa é dizer que você deve andar nos caminhos de Deus, senão você não entrará no Reino de Deus. Outra coisa é dizer que você deve andar nos caminhos de Deus, senão você não entrará no Reino de Deus que está por vir *com certeza*. O fim do mundo não é um assunto rotineiro que possa ser gravado na memória a ponto de

dirigir as ações de um ser humano comum – por isso, há livros como esse lembrando aquilo que comumente se esquece.

Apocalipse – a Salvação é o Conforto do Cristão

Assim, observemos as passagens referentes ao Apocalipse.

“Nossa vida aqui na terra chegará ao fim, mas se crermos em Jesus, viveremos eternamente. É bom recordarmo-nos destas coisas neste último dia do ano, e nos certificarmos de que, quando chegar o dia final; seremos transferidos para junto de Cristo. O Deus Eterno que estabelece tempos e estações, dias, anos e séculos, promete uma era futura, onde, aí sim, tudo será novo” (Cada Dia – s/autor : 31.12.2001).

“Após sua ressurreição, Jesus passou quarenta dias ensinando seus seguidores sobre o reino de Deus. Mas Ele não falou sobre a data do seu retorno prometido. O que devemos fazer enquanto isto? [Irmãos], estejam alertas e vigiem...[e] o Deus de toda glória...lhes dará forças...” (1 Pedro 5.8,10)” (Sikkema : 26.02.2002).

“Pai celestial, dá-nos um dia vitorioso hoje em teu reino. Lutamos com as tentações e transtornos. Alivia-nos com a certeza de uma vida nova em ti [grifo nosso], nosso Salvador e nosso Rei” (Sikkema : 27.02.2002).

Segundo a meditação “Vale a Espera”, a espera por algo que se deseja ou necessita é sempre difícil; mas além dessas esperas por coisas na Terra, os cristãos também esperam por Cristo. No entanto, antes que ele venha, a presença e o amor infalíveis de Deus já estão vivos em seus corações, pois a sua vinda e o seu reencontro são certos (Heerspink : 24.04.2002). “Viva como se Cristo fosse voltar daqui a mil anos, e esteja preparado como se Ele fosse voltar amanhã (...) Vigiem!” (Heerspink : 25.04.2002).

No devocional de novembro de 2002, Augusto Pinheiro afirma que após a morte as pessoas continuam a existir, mas sem matéria corpórea, pois estarão esperando pela segunda vinda de Cristo e a conseqüente ressurreição. Após o Juízo, na Cidade Santa, haverá um só controle – o de Cristo; e só haverá o bem, pois o mal foi

derrotado para sempre. Haverá também alívio e paz, sem dor, luto e perda, além de haver compromisso, pois Deus cumpre todas as suas promessas. “*A presença de Deus no coração do homem, hoje, é um prenúncio de uma vida perfeita no mundo*” (Pinheiro : 30.11.2002).

“Eis aqui o cenário final da Igreja: a consumação – a Igreja além da história. Ela foi escolhida antes da história, nasceu na história, viveu e lutou ao longo da história, sobreviveu à história e saiu da história. E aqui a vemos salva, além da história, a Igreja em repouso, gloriosa e triunfante (...) Assim, podemos os cristãos perder tudo – até sua própria vida – mas seu destino já definido, é depois da história. Com certeza, o melhor está por vir: a vida eterna é gloriosa! (...) Quem permanece firme durante as tribulações será o primeiro a ver brilhar o dia da vitória” (Veltkamp : 31.08.2202).

A promessa da Segunda Vinda de Cristo, seguida de um Juízo Final, não se torna, nas palavras dos escritores de *Cada Dia*, um discurso alarmista, e sim, uma forma de despertar a esperança e a confiança do cristão em meio aos problemas que desafiam a lógica de qualquer cristão. Não estamos dizendo que o mundo está “cada vez pior” e por isso, uma mensagem dessas se encaixa perfeitamente aos anseios dos cristãos. O mundo sempre teve problemas, mas as soluções são sempre variadas. Aliás, pela óptica cristã, o que não é problema para leigos ou pessoas de outras religiões, torna-se objeto de preocupação, como vimos no capítulo sobre literatura cristã.

Aliar presente (o espaço-tempo em que o fiel se encontra), passado (a Bíblia) e o futuro (Apocalipse) foi a resposta que os autores do *Cada Dia* encontraram para encorajar seus leitores a acreditar que o que é importante nunca muda – Deus e seu plano infalível para a Humanidade. É uma sensação de conforto enxergar uma lógica invisível guiando aquilo que não se pode controlar e é uma forma de se atingir a paz interior sabendo que “*o Senhor das circunstâncias*” (Gunnink : 28.09.2002) cuidará de tudo nos momentos de incertezas. “*Diante de certas perguntas sem respostas posso viver angustiado e infeliz ou resignado e feliz*” (Vanderwell : 08.07.2002).

“Paz interior é paz que vem de Deus; é paz com Deus. É a serenidade do coração que foi envolvido pelo cuidado, pelo amor e pela bondade de Deus. Com esta paz, nada falta àquele que

crê, nada o assusta, nada lhe causa ansiedade doentia, pois Deus é sua fonte de amor, alegria, regozijo e esperança” (Gama : 14.10.2001).

De acordo com a meditação *“Desgaste e Vida Eterna”*, no mundo há morte e desamparo, mas também há alegria e confiança. Em primeiro lugar, porque Deus nunca morrerá ou mudará e, por isso, *“o seu povo escolhido viverá para sempre em sua presença (...) Por mais que os astrônomos pressintam temores no futuro, os cristãos podem olhar para a mesma direção e ver coisas que os deixam contentes. Por mais que haja temores no mundo, os filhos de Deus poderão enfrentar os dias com segurança” (Zeilstra : 13.06.2002).* Ou como traz a reflexão *“Um Rei de Verdade”, “Se o pecado, a morte e o Satanás foram vencidos por Cristo, que outros inimigos precisamos temer?” (Vanderwell : 27.07.2002).*

“Nossas angústias e inquietações sobre Deus, o universo e nós mesmos, são as mesmas de outros seres humanos que nos anteciparam (...) Mas a misericórdia de Deus pode encher de paz um coração aflito, depois de um dia de cansaço, tristeza e dúvidas. Com a noite vem o silêncio, as estrelas, as brisas que acalmam os campos. E o silêncio na presença de Deus traz tranquilidade à nossa vida” (Zeilstra : 14.06.2002).

“O medo faz parte da condição humana (...) Deus ama os seus filhos, protege cada um deles, mas não os isenta de medo, angústias e dificuldades. Todas as causas de medo existiram e existirão, porém Deus manifesta seu amor e concede sua benção e proteção a todos os que confiam nele. E nos momentos difíceis é tão bom ouvir do Pai Celestial esta promessa de esperança e encorajamento: ‘[O] Senhor protege aqueles que o temem, aqueles que firmam a esperança no seu amor...’ (Salmo 33.18)” (Brenton : 28.10.2002).

“A Bíblia oferece esperança e conforto para quem se entristece por amigos e parentes que morreram. Tanto os que partiram como os que ainda vivem a vida terrena, estão rodeados e protegidos pela presença de Cristo. Mas um dia estes dois grupos se unirão. Todos verão o Salvador e verão uns aos outros” (DeJong : 21.05.2002).

“Deus acolhe os fracos e ajuda os exaustos. Em seu poder sem limite, Ele também nos direciona de maneira silenciosa e terna a fim de conhecê-lo” (Zeilstra : 05.06.2002).

Por fim, a estabilidade e a solidez que a fé em Deus confere às pessoas podem ser vislumbradas nos Salmos. Segundo a meditação “*Árvore sem Frutos*”, os Salmos são os suspiros de um povo que passa por agruras, mas que não perde a fé em Deus:

“Assim é vida de todos nós, sujeita ao frio, calor, intempéries. Mas como árvores plantadas perto de um rio, permanecerá sempre viva, sempre frutífera. Verdadeiros filhos de Deus. (...) O mundo pode ser hostil e até cruel. Estamos expostos ao perigo dia e noite, mas se as raízes são profundas e alcançam as águas de um rio, ou de um oásis, a água fresca trará a elas vida e vida frutífera”
(Vanderwell : 01.07.2002).

CONCLUSÃO

Procuramos destacar nesse capítulo que encerra nosso estudo duas idéias que permeiam todos os devocionais da série *Cada Dia*, produzidos por *Luz Para O Caminho*: primeiro, que o cristão deve lutar para manter sua integridade moral e espiritual todos os dias, o que inclui tanto uma batalha interna para dominar o mal no seu coração e na sua mente, como o cultivo de uma vida em comunidade, praticando o serviço e o amor para com as pessoas, sejam os membros da “Igreja de Cristo”, sejam descrentes ou leigos.

Segundo, que por meio do cultivo de uma devoção individual e coletiva e, principalmente por meio da oração, o crente pode sempre contar com um Deus –Pai, um Deus amigo, um Cristo que conhece o sofrimento e conforta nas horas difíceis, como nenhum amigo humano é capaz de fazer. O sentido de cristologia da amizade que usamos nesse estudo leva em conta a seguinte questão: o que significa amizade atualmente? É não ficar *sozinho*, é valorizar algo que não se enxerga na “sociedade”, nos “outros”. O senso comum costuma inclusive fazer uma distinção entre “amizade” e “verdadeira amizade” – enquanto uma envolve uma espécie de interesse, de troca de favores, a outra reflete o ideal de união desinteressada entre duas ou mais pessoas, que

não medem esforços para se ajudarem. De certa forma, esse ideal está ligado à noção de serviço cristão.

Até que ponto não seria a amizade e a solidão contemporâneas representações ligadas à condição humana? Que dizer então dos discursos sobre a “sociedade moderna”, “impessoal”, “fria”, “desumana”? Quantas pessoas não atribuem a crimes hediondos e à desigualdade social uma decorrência da “falta de Deus no coração das pessoas”? Em que medida nossas projeções e nossas expectativas em relação a nós mesmos e a outras pessoas não estão ligadas a representações do que deve ser o amor, a amizade, o respeito, a convivência?

O conceito de cristologia da amizade pode ser entendido não só no Brasil, mas também no mundo ocidental cristão, dentro dessa perspectiva. O longo e caloroso abraço de Deus pode significar uma grande esperança e um grande alento a quem perdeu o emprego e assiste ao desaparecimento de seus amigos; a quem passa por problemas familiares e não consegue obter um convívio pacífico; a quem não se sente realizado no emprego; a quem não tem dinheiro suficiente para manter uma vida tranqüila.

Hugo Assmann (1986 :154-167) criticou os programas evangélicos que prometiam milagres por serem alienantes da real causa dos problemas sócio-econômicos. Mas o fato é que ser humano algum consegue conviver com a dor e com o sofrimento, buscando de qualquer maneira uma forma de restabelecer o equilíbrio. Quem poderia atuar na vida de um ser humano sofredor senão aquele que sofreu pela humanidade inteira? Quem poderia entender os lamentos de uma pessoa senão o único *amigo* que nunca a abandonaria? O Cristo sofredor e amigo não teria sido mais bem compreendido pelas pessoas do que o Cristo revolucionário, líder dos pobres?

Ao projetar sobre “a sociedade” o signo do descartável, a religião oferece como alternativa aquilo que dura para sempre – a amizade entre o ser humano – ser frágil e volúvel - e Deus – aquele que é, sem fim nem começo e sem mácula.

Nesse sentido, intitulamos esse capítulo de “*Nada novo sob o sol de ‘Cada Dia’*” parafraseando o versículo de Eclesiastes (“*Não há nada novo debaixo do sol*” – Ecl. 1.9), contido na meditação do dia 07 de abril de 2002, pois não importam os autores, os livretos do *Cada Dia* enfatizam a continuidade dos tempos segundo um plano divino, que prevê o início e o fim do mundo, além de uma nova ordem, um novo reino, onde a justiça e a bondade prevalecerão.

Em oposição à imagem caótica conferida ao cotidiano, a via evangélica não traria um conforto por meio da certeza de que uma força superior controlaria tudo? O protestantismo brasileiro⁸⁴ não é tradicionalmente milenarista, mas as freqüentes referências ao Juízo Final e ao Reino de Cristo estão articuladas à lógica de que Deus sempre estará ao lado dos justos.

Pode parecer aos leigos algo muito trivial proclamar que Deus ama a todos e que ele tem um plano para cada um de nós; que não importando o que aconteça, Deus estará sempre vigiando e controlando a tudo e a todos, para o nosso bem. Não obstante, em um mundo onde as pessoas se enxergam cada vez mais desamparadas por mecanismos de bem-estar social; onde o fardo de se tocar a própria vida parece cada vez mais pesado, esse tipo de argumento não lhes traria um alívio e uma leveza?

Muitas vezes, os argumentos aparentemente mais “óbvios” nos trazem informações valiosas caso nos disponhamos a compreendê-los pela óptica das representações. Nenhum discurso e nenhuma ação são neutros – pelo contrário, eles são proferidos por alguém que deseja interferir em uma dada realidade que ela própria concebe. Por exemplo, ninguém toma remédio para uma doença que não existe – mesmo que o doente seja hipocondríaco.

Assim age o discurso religioso evangélico – ele se propõe a trazer soluções para os problemas que ele acredita existir – abstinência para a promiscuidade sexual; fé para a falta de esperança; testemunho para a descrença.

⁸⁴ Mesmo que a maior parte dos autores dos devocionais analisados seja americana, esses textos passaram pelo crivo de protestantes históricos brasileiros – Celsino e Elione Gama, editores do *Cada Dia*.

Contudo, talvez quem tenha uma vida sexual ativa não se enxergue promíscuo; quem não vê perspectiva para a vida pense que a culpa seja dos outros; quem não acredita na Salvação de Cristo seja um espírita, um umbandista, um rosa-cruz, um budista, não um descrente. E mesmo um ateu ou gnóstico não está muito preocupado com “o Reino que virá”.

Compreender a mídia evangélica em um sentido amplo é trabalhar com a construção do discurso e, na medida do possível, com os tipos de reapropriação que dão sentido a esse discurso religioso – que para muitos “descrentes” parece tão novo, por nunca o terem conhecido da forma como os evangélicos apresentam, mas que para muitos evangélicos é a razão que preenche suas vidas.

* * *

Finalmente, acreditamos ser importante dedicar um espaço para o significado da oração nessas publicações. Os leigos consideram estranha e por vezes até artificial a menção freqüente a orações no cotidiano dos evangélicos. Se a oração não é exclusividade de nenhuma religião – às vezes até ateus podem se pegar orando – por que os evangélicos fazem questão de expor uma ação tão íntima?

Se Deus é o guia dos evangélicos, a oração é a corda pela qual eles se prendem a ele. Se ser evangélico significa ter uma relação livre de intermediários com o sagrado, a oração é ponto de honra – é a marca da identidade do grupo, tal qual a Bíblia.

É interessante notar que todos os livros analisados no capítulo sobre literatura da vida cristã procuram mostrar que a vida devocional dos cristãos ocupa um lugar fundamental na sua existência. Mas não é uma vida devocional de qualquer tipo – é algo que se equilibra entre o estudo da Bíblia – feita geralmente em grupos – e as orações. A vida espiritual em constante cultivo alimenta o testemunho vivo de cada cristão nas relações pessoais em família, na Igreja e na sociedade como um todo – é o cristão como “Luz do mundo”.

Um leigo “descrente” ao ler depoimentos de crentes se surpreenderia com tantas intervenções divinas em fatos corriqueiros – diz o senso comum: “*mas esse povo*

só fala de Deus? Não conseguem fazer nada sem ele? Se querem que algo dê certo, por que não vão e fazem logo, ao invés de perder tempo rezando antes de se mexer?”. A prática da oração e o “incômodo” que muitas pessoas sem religião sentem quanto ao testemunho público revela um choque de visões de mundo diferentes, típico de uma sociedade pluralista.

De um lado, o evangélico que não tem vergonha de se declarar como tal. Teologicamente, os cristãos nunca deveriam se encabular com sua fé, mas num país predominantemente católico, o elemento diferente teve de encontrar formas diversas de se inserir na sociedade sem causar antipatias que viessem a prejudicá-lo. Nos últimos vinte anos, ser evangélico se tornou motivo de orgulho no Brasil pelo espaço social e cultural adquirido. A oração, tornamos a repetir, é marca da identidade evangélica que se afirma a cada discurso, a cada livro, a cada passo público de cada evangélico. Torna-se também marca institucional, denominacional, dentro do contexto da competitividade religiosa.

De outro lado, o leigo, que muitas vezes possui crenças religiosas sem querer se comprometer com nenhuma instituição, identifica a prática de oração como “coisa de fanático”. Muitas vezes, esse leigo “reza”, “pede”, “conversa” “medita”, “reflete”, “pensa”, mas sozinho, sem ninguém ver, sem “importunar” ninguém. Numa sociedade pluralista como a brasileira, em que as formas de se pedir a intercessão sobrenatural são variadas, a oração tornou-se uma “coisa de crente”, enquanto a reza, por exemplo, é mais identificada ao discurso católico. Assim como o evangélico vai ao culto e o católico vai à missa; o evangélico ora para não perder o contato com Deus em nenhuma circunstância, enquanto o católico pode rezar uma novena, um terço, fazer uma promessa, carregar imagens de Nossa Senhora ou santa Edwiges, quando as coisas não vão bem ou quando vão bem demais.

A imagem que se passa nessas publicações, sejam livros ou devocionais, é de que o crente verdadeiro o é até sob as piores tentações, com toda ajuda de Deus; tendo que reafirmar a sua fé a todo o momento. É uma representação retirada de uma cultura onde o protestantismo é religião majoritária, apesar de o setor fundamentalista

ser bastante marginalizado dentro da mídia secular. Mas se trata da religiosidade popular do americano médio.

Essa imagem, transportada para o Brasil, não é um carro importado que funciona da mesma forma em qualquer pista. É uma representação que ganha contornos diferentes, pois se aloja em um contexto diferente, em que o protestantismo não é majoritário. Assim, a figura do crente nos livros americanos torna-se a figura do crente que se contrapõe a práticas religiosas banalizadas, desprovidas de sentido espiritual, na visão dos muitos evangélicos brasileiros (sejam protestantes tradicionais ou pentecostais).

Nenhum livro nega o poder da realidade, do imprevisível, dos defeitos e erros humanos. Mas ser cristão é “passar a bola para frente”, ser flexível nas coisas cotidianas, mas ser inflexível moralmente. Em um contexto em que os evangélicos vêm se tornando cada vez mais visíveis publicamente, esse apelo para demonstrar uma coerência e uma retidão de caráter ganham uma força especial, visto que a cobrança sobre o crente que comete deslizos⁸⁵ torna-se superdimensionada aos olhos de uma sociedade em parte leiga em assuntos religiosos, em parte imersa numa cultura católica-afro-espírita, que enxerga “os crentes” com desconfiança – não importando quem sejam eles.

⁸⁵ Vide as denúncias feitas pela revista semanal *Época*, nas edições de 20.05.2002 (“Os caloteiros da Fé” - ed. nº 209) e 27.05.2002 (“Renascer: Onde está o dinheiro” -ed. nº 210), sobre a Igreja Renascer em Cristo, por uso indevido de dinheiro recolhido dos fiéis.

CONCLUSÃO

O leitor leigo deve estar assustado - e aliviado: chegamos ao final de quase 300 páginas dedicadas a uma mídia presbiteriana que provavelmente ele mal conhecia! Mas talvez seja esse o objetivo dos estudos históricos de mídia: deter-se sobre o efêmero, o cotidiano, o rotineiro como uma forma de não trivializar referências culturais que nos cercam sem que percebamos.

Nossa intenção na escolha do objeto não foi seguir índices de audiência nem listas de best-sellers, mas fazer um exercício de compreensão dos discursos evangélicos nas suas mais diversas formas. Para realizar isso, tomamos como pressuposto de que todo produto de mídia possui um sentido histórico. Além disso, todo produto de mídia foi produzido por alguém interessado em intervir em uma realidade.

Por outro lado, vimos que tal realidade é construída pelo produtor do discurso. E quando se trata de um discurso religioso cristão, essa realidade é composta por dois tipos de pessoas: as cristãs, supostamente no caminho certo, segundo a “verdade absoluta” da Bíblia; e as não-cristãs, a maioria que sucumbiu ao “pecado” e desviou-se do caminho certo. Mas a boa notícia é que os cristãos possuem a solução para os problemas da humanidade – apresentar a palavra de Deus para o maior número de não-cristãos possível.

É dentro dessa lógica missionária que a mídia evangélica nasceu nos Estados Unidos, no século XIX, e é com esse intuito que ela se espalha pelo mundo até os dias atuais. Mas isso não quer dizer que os evangélicos façam o mesmo discurso, pois os meios utilizados para divulgar sua mensagem interferem no seu conteúdo (sem contar as diferenças doutrinárias). E cada meio abriga diversas escolhas estéticas que influenciam na mensagem, não só porque os meios se dirigem a públicos diferentes, mas também porque eles possuem especificidades e limitações.

Levando-se em conta essas observações, retornamos à questão inicial que animou nossa pesquisa: Até que ponto a mídia religiosa, em especial a evangélica, não

é um meio de referência cultural que se junta ao coro difuso mas persistente de busca pelo sagrado nos limites imbricados de um mundo “profano” e “secular”?

O que entendemos por participar de um “coro difuso” é buscar legitimidade, demarcar um espaço dentro da sociedade e estabelecer um diálogo com diversos interlocutores. Dessa forma, não importa que a religião seja minoritária, como é o caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, pois a sua intervenção nos meios de comunicação adquire um ou vários sentidos, que podem repercutir pela sociedade, conforme a sua maneira de se expressar e conforme a atração que ela exerce sobre o público.

Como não pudemos trabalhar com dados de recepção dos produtos de mídia presbiteriana, procuramos analisar alguns sentidos que as mensagens de *Luz Para O Caminho* e da *Editora Cultura Cristã* poderiam adquirir, tendo em vista não somente o contexto em que eles se inserem, mas também o próprio universo simbólico protestante.

Dentro de um contexto de competitividade religiosa, em que diversas expressões religiosas buscam dar legitimidade à sua “verdade” para o mundo, os meios de comunicação se constituem um meio privilegiado de estabelecer um espaço para as religiões. Tanto *Luz Para O Caminho* quanto a *Editora Cultura Cristã*, apesar de se declararem não proselitistas, realizam um trabalho de evangelização que visa divulgar uma mensagem cristã protestante reformada, com ênfase na salvação. O argumento comum nos produtos da LPC – sejam os programas de TV/VHS, sejam os programas de rádio ou os livros infantis, é encorajar o arrependimento do interlocutor, para que ele peça perdão a Deus e tenha seus pecados eliminados por Cristo.

Mas diferentes formas de se veicular a mensagem implicam em diferentes mensagens. É o que podemos constatar nesse trabalho. Enquanto a série *Coração Caboclo* deu ênfase no sofrimento, a série *Nosso Almanaque do Ar* voltou-se para a tolerância religiosa e para o entretenimento, sendo que ambos apelaram para a reconstrução do universo caipira brasileiro.

Já a literatura infantil, por conter iconografia, forneceu rico material de análise. As representações de Cristo são variadas, ainda que obedecem a um tipo físico europeu – branco, esguio e de olhos claros. Nossa preocupação foi mostrar como as imagens de Jesus estão articuladas à narrativa e à intenção dos autores em construir uma identidade cristã para as crianças, para os cristãos adultos de amanhã, que supostamente terão a missão de levar adiante a mensagem cristã.

São livros produzidos nos Estados Unidos, Inglaterra e Dinamarca, mas que foram publicados no Brasil, o que denota uma identificação de uma parcela protestante histórica para com as idéias protestantes americanas e européias – que foram sua matriz, afinal. Conceitos considerados fundamentalistas circulam pelo Brasil por meio dessa literatura, e mesmo que a tiragem dos livros seja pequena, significa que há uma demanda por esse conteúdo, ainda que aparentemente “descolado” de nossa realidade.

O elemento agregador do fundamentalismo cristão americano é a sua reação ao que ele considera excessos da modernidade. Não seria esse o maior anseio que esse tipo de literatura estaria atendendo no Brasil? A desagregação do ideal da família nuclear “burguesa”, a violência epidêmica, a banalização da vida, a desvalorização do trabalho formal, não estariam alimentando o interesse das pessoas em reforçar valores que estariam sendo ameaçados em seus cotidianos?

Podemos inserir a literatura sobre vida cristã e o devocional *Cada Dia* na mesma lógica. É indicativo o saber que a demanda por livros relacionados à tríade casamento-família-sexualidade vem crescendo nos últimos anos – e que justamente o que há de mais conservador venha suprir essa carência.

Já a sensação de insegurança perante o cotidiano encontra conforto em meditações que garantem que tudo está sob controle nas mãos de Deus. O Apocalipse, o livro mais enigmático e mais denso da Bíblia, ao invés de ser usado para alarmar, é usado para tranquilizar o leitor cristão – justamente porque o cristão já possuiria a vitória garantida contra o mal.

Nesse sentido, ainda que o discurso presbiteriano seja estranho a não-protestantes, ele não está só – há toda uma “galáxia” de mídias evangélicas em plena expansão, que encontram múltiplas formas de manifestação. E elas também pregam a Salvação em Cristo, o celibato antes do casamento, o sexo monogâmico e heterossexual, a submissão da esposa ao marido e a disciplina dos filhos.

A *Luz Para O Caminho* e a *Editora Cultura Cristã* contribuem para que esse coro evangélico se fortaleça a cada dia e, ao mesmo tempo, ele procura se diferenciar de outros “irmãos em Cristo”, porque os presbiterianos, como bons cristãos, acreditam que possuem a sabedoria da verdade.

Referimo-nos a um “*coro difuso mas persistente de busca pelo sagrado nos limites imbricados de um mundo ‘profano’ e ‘secular’*”. “Sagrado” e “profano” são categorias religiosas, e nós poderíamos ter sucumbido ao discurso religioso ao nos expressarmos dessa forma.

Porém, nosso pressuposto é de que o mundo ocidental contemporâneo, há pelo menos 200 anos, banuiu as instituições religiosas e as teologias da esfera pública, relegando a prática e o pensamento religioso à esfera privada. Contudo, ainda que Igreja e Estado tenham se separado para o bem de todos, crenças, símbolos, práticas religiosas circulam no cotidiano de vários países – o que não dizer do Brasil?

Por isso, esse trabalho se encerra aqui, mas a pesquisa não se esgota. Uma enorme diversidade de artefatos religiosos é criada, recriada e ressuscitada todos os dias, em vários lugares. Passado e presente interseccionam-se em produtos de comunicação e propaganda religiosa, o que nos impele a continuar pesquisando as interfaces entre mídia, religião, cultura e história.

BIBLIOGRAFIA

- ANKERBERG, John & WELDON, John. **O Mito do Sexo Seguro**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1997.
- ANTONIAZZI, Alberto (et al.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo**, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras (vinte anos de história da IPB : 1954-1974)**, ISER, São Paulo, 1976.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus – fundamentalismo no judaísmo, cristianismo, e islamismo**, São Paulo, Cia. Das Letras, 2001.
- ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina**, Vozes, Petrópolis, 1986.
- BAXTER, Leon. **A História de Natal**, Coleção *Vamos Brincar*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2000.
- _____. **A Arca de Noé**, Coleção *Vamos Brincar*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2000.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. **Uma Igreja Invisível? Protestantes históricos e meios de comunicação no Brasil (anos 50 a 80)**, Monografia de conclusão de graduação, IFCH-UNICAMP, Campinas, 2000.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base?**, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**, Petrópolis, Vozes, 1982.
- BRENTON, Robert M. **Cada Dia - Esquecimento e Prosperidade**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 10, outubro de 2002.
- CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**, trad. Waldyr Carvalho Luz, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985, vol.1.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado**, Vozes, Petrópolis, 1997.
- CASTLEMAN, Robbie. **Amor de Verdade num Mundo de Falsidade**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1999.
- CHAPMAN, Gary. **Soluções do Amor : vencendo barreiras no seu casamento**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**, Difel, Lisboa, 1990.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. Disponível em www.textosdareforma.net, em consulta feita em 15 de julho de 2001.

CONWAY, Jim & Sally, **A Mulher na Crise da Meia-Idade : ajuda indispensável para mulheres que enfrentam uma difícil transição**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2000.

CUTRER, William & GLAHN, Sandra. **Intimidade Sexual no Casamento**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2001.

DALLAS, Joe. **A Operação do Erro : o Movimento “Gay Cristão”**, Editora Cultura Cristã. São Paulo, 1998.

DEJONG, Bert. **Cada Dia - Visão e Missão**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 05, maio de 2002.

DOWLEY, Tim. **O Camelo e a Estrela**, Coleção *Animais da Bíblia* ilustrações: Roma Bishop, Campinas, Luz para o Caminho, 1996.

_____. **O Grande Peixe**, Coleção *Animais da Bíblia*, ilustrações: Roma Bishop, Campinas, Luz para o Caminho, 1996.

DOWNS, Perry G. **Ensino e Crescimento - Introdução à Educação Cristã**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2001.

EVANS, Debra. **Guia da Sexualidade da Mulher Cristã : você foi criada com cuidado e perfeição**, Editora Cultura Cristã. São Paulo, 2001.

FEDDES, David. **Cada Dia - Visões de Deus**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.20, nº 11, novembro de 2001.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Cada Dia - Caminhos de Deus**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 01, janeiro de 2002.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Os Evangélicos e a Mídia**, dissertação de mestrado em Sociologia, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

_____. “Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o Crescimento dos Sem Religião” - trabalho apresentado no seminário temático “Nova Era e o complexo alternativo”, VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998. Disponível em www.textosdareforma.net em consulta feita em 07 de julho de 2001.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil : da Constituinte ao Impeachment**, tese de doutorado em Sociologia, UNICAMP, 1993.

GAMA, Celsino. **Cada Dia - Deus!**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.20, nº 10, outubro de 2001.

- GAMA, Celsino e Elione (eds.). **Cada Dia - Cristo, Modelo de Sofrimento e Serviço**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 3, março de 2002.
- _____. **Cada Dia - Natal, Dádiva de Amor!**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.20, nº 12, dezembro de 2001.
- GIESBRECHT, Érica. **Fiéis em Fuga? - A nova configuração da Igreja Presbiteriana do Brasil**, dissertação de Mestrado em Antropologia, Campinas-SP, IFCH-UNICAMP, 2002.
- GROOME, Thomas. **Educação Religiosa Cristã**, São Paulo, Paulinas, 1984.
- GRIGGS, Donald. **Manual do Professor Eficaz**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 4ª edição, 2001.
- GUNNINK, Henry. **Cada Dia - Penso, Logo Existo!**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 09, setembro de 2002.
- HEERSPINK, Robert. **Cada Dia - Pensar como Cristo**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 04, abril de 2002.
- HELLYER, Peter. **O Carro e a Bomba de Gasolina**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1996.
- _____. **O Portão e a Lata de Tinta**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, 1996.
- _____. **O Cortador de Grama e a Lata de Óleo**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1996.
- _____. **A Jarra e o tubo de Cola**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1996.
- _____. **O Lápis e a Borracha**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1996.
- _____. **O Barco e a Bússola**, Coleção *Parábolas para os pequeninos*, ilustrações: Suzanne Moffat Bredvig, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1996.
- (s/autor) **Jesus conta uma história** – Coleção *Mude a Figura*, Campinas, Luz Para O Caminho, 1995
- HOOVER, Stewart M. & LUNDBY, Knut. **Rethinking Media, Religion, and Culture**, SAGE Publications, California, 1997.
- _____. & CLARK, Lynn Schofield (eds.). **Practicing Religion in the Age of Media**, New York, Columbia University Press, 2002.
- HUNT, Lynn (org.) . **A Nova História Cultural**, Martins Fontes, São Paulo, 1992.

- LOPES, Augustus Nicodemus & LOPES, Minka Schalkwinjk. **A Bíblia e a sua Família : exposições bíblicas sobre o casamento, família e filhos**, Editora Cultura Cristã. São Paulo, 2001.
- MacARTHUR Jr., John. **Como educar os seus filhos Segundo a Bíblia – diretrizes bíblicas sólidas e não apenas psicologia infantil embalada em uma terminologia “cristã”**, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2001.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: os pentecostais estão mudando**, dissertação de Mestrado em Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo, 1995.
- MAZUR, Eric & McCARTHY, Kate (eds.). **God in the Details – American Religion in Popular Culture**, Routledge, New York, 2001.
- McLUHAN, Marshall. **The medium is the message : an inventory of effects**, Bantan Books, New York, 1967.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**, ASTE, São Paulo, 1995, 2ª edição;
- _____ & VELASQUES FILHO, Próscoro. **Introdução ao protestantismo**, Edições Loyola, São Paulo, 1990.
- MEYER,, Marlyse. **Do almanak aos almanaques**, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2001.
- MILLER, Ura. **101 Histórias favoritas da Bíblia**, ilustrações: Deborah Hoerner, tradução: Rubens Castilho, Campinas, Luz Para O Caminho, 1998.
- MORGAN, David and PROMEY, Sally. **Exhibiting the visual culture of American Religions**, Bruer Museum of Art, Valparaiso University, Indiana, 2000.
- _____. **Visual Culture in American Religions**, Los Angeles, University of California Press, 2001.
- MORGAN, David. **Protestants & Pictures: Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production**, Oxford University Press, 1998.
- _____. **Visual Piety – A History and Theory of Popular Religious Images**, University of California Press, Los Angeles, 2000.
- NOSSO ALMANAQUE**, Livraria Cultura Cristã, São Paulo, 1969.
- OLIVEIRA, Josué A. de. **A Mulher nos Planos de Deus**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1989, 2ª ed.
- PINHEIRO, Augusto. **Cada Dia - Tempo de Mudar**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 11, novembro de 2002.
- PLANEJAMENTO Estratégico da Igreja Presbiteriana do Brasil** – revisão sob os auspícios da Mesa do Supremo Concílio, Guarapari - ES, outubro de 1998 (documento datado de março de 1999). Disponível em <www.ipb.org.br> em consulta feita em 15 de julho de 2001.

- (s/autor). Folheto: **Publicidade, meio de evangelização**. C.1950-1960, s.l., [CAVE].
- REBOUL, Olivier. **A doutrinação** São Paulo, Companhia Editora Nacional-Edusp, 1980.
- RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa – sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina**, São Paulo, Olho D'Água, 2001.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**, Rio de Janeiro, Vozes, 1985.
- SANTOS, Leontino Farias dos. **Educação: libertação ou submissão- a ideologia da educação protestante na perspectiva da APEC**, São Paulo, Edições Simpósio, 1998.
- SATTGAST, L.J. **Minha Pequena Bíblia de Promessas**; tradução : Guilherme Gama, ilustrações: Nan Brooks, Campinas, Luz para o Caminho, 1996.
- SHAEFFER, Edith. **Celebração do Matrimônio**, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2000.
- SIKKEMA, Lambert J. **Cada Dia - As Escrituras Apontam Para Jesus**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 02, fevereiro de 2002.
- SILVA, Eliane Moura. **O Espiritualismo no Século XIX : reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade**, IFCH-UNICAMP, Col. Textos Didáticos, nº 27, Campinas, 1999.
- _____. & KARNAL, Leandro. **O Ensino Religioso na Escola Pública do Estado de São Paulo**, Secretaria de Estado da Educação-UNICAMP, São Paulo, 2002.
- SIMON, Mary Manz. **Um Passeio nas ondas (Jesus caminha sobre a água)**, Coleção *Já Sei Ler* – Nível 2 , ilustrações: Dennis Jones, tradução e adaptação: Arlinda Madalena Torres Marra, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998.
- SPROUL, R. C. **O Rei Sem Sombra**, ilustrações: Liz Bonham, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1996.
- STRECK, Danilo (org.). **Educação e igrejas no Brasil, um ensaio ecumênico**, São Leopoldo, CELADEC, IPEG, Sinodal, 1995.
- TAVARES NETO, José Querino. **Igreja Presbiteriana do Brasil – Poder, Manutenção e Continuismo**, dissertação de mestrado em Sociologia, UNICAMP, 1997.
- TAYLOR, Kenneth N. **Minha Primeira Bíblia Ilustrada**; tradução: Elione Gama, Campinas, Luz para o Caminho Publicações, 1992.
- THOMAS, Mack. **Cada Dia Criança – Hora Tranquila com Deus**, ilustrações: Terri Steiger; tradução : Elione Gama, Campinas, Luz para o Caminho, 1999.
- VANDERWELL, Howard. **Cada Dia - Salmos, Poesias & Canções**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 07, julho de 2002.

VASSÃO, Eleny. **O Desafio Continua: a Missão da Igreja frente à AIDS**, Editora Cultura Cristã. São Paulo, s/d.

VELTKAMP, Lawrence. **Cada Dia - A Igreja Que Cristo Ama**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 8, agosto de 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, São Paulo, Pioneiro, 4ª ed, 1988.

WINN, Alison (compilação). **Olá, Deus! – Um livro de orações para crianças**, ilustrações: Diane Matthes, tradução: Gladir Cabral, Campinas, Luz para o Caminho, 1993.

WOLF, Celso. **As Sementinhas que cresceram**. Roteiro escrito de diafilme produzido pelo CAVE (c. década de 60).

_____. **Mico e os urubus**. Roteiro escrito de diafilme produzido pelo CAVE (c. década de 60).

_____. **Nosso Doutor**. Roteiro escrito de diafilme produzido pelo CAVE (c. década de 60).

ZEILSTRA, Bill. **Cada Dia - Olhar Para Cima**, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, vol.21, nº 06, junho de 2002.

JORNAIS E REVISTAS

Time Magazine – The Bible and the Apocaplise, July 1st. 2002, Latin American Edition.

Revista *Veja* – 25.12.2002, ed.1783, ano 35, n.º51.

Revista *Época*, 20 de maio de 2002, ed. 209.

Revista *Época*, 27 de maio de 2002, ed. 210.

Caderno **Folhateen** (Folha de São Paulo), 28.10.2002.

Caderno **Folhateen** (Folha de São Paulo), 04.11.2002.

MATERIAIS ESPECIAIS:

Páginas na Internet Consultadas:

Bíblia World - www.uol.com.br/bibliaworld/

Bíblia – traduzida e corrigida – versão João Ferreira de Almeida -

<http://www.uol.com.br/bibliaworld/biblia/index.htm>

Dogma- The Movie – www.dogma-themovie.com

Editora Cultura Cristã – www.cep.org.br

Editora Cedro – www.editoracedro.com.br

Eu Creio - www.eucreio.com.br

Farol da Família - www.faroldafamilia.hpg.com.br/

Grace To You – www.gty.org

Igreja Presbiteriana do Brasil www.ipb.org.br

Luz Para O Caminho Comunicações: www.lpc.org.br

Revista eletrônica “*Família*”, da Igreja Nova Vida - <http://www.novavidanet.com.br/>

Symbolism, Media and Lifecourse: <http://www.colorado.edu/Journalism/MEDIA/YF/>

Sistema IBGE de Recuperação Automática SIDRA :
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?z=t&o=4>
Textos da Reforma : www.textosdareforma.net
The Upper Room – www.theupperroom.com
Universal Fellowship of Metropolitan Churches: www.ufmcc.com
Yahoo Brasil – www.yahoo.com.br

FILMES

Dogma. Direção, Produção e Roteiro: Kevin Smith. Elenco: Ben Affleck, Matt Damon, Linda Fiorentino, Alan Rickman, Salma Hayek. Estúdio: Lions Gate Movies. Ano: 1999. Duração: 120min., son., color., legendado.

O Punhal. Autor e Diretor: Ricardo Irwin. Produção: CAVE. Fotografia: Celso Wolf e George Glass. Ano: 1958, duração: 40 min., son., preto & branco.

Tonico e o Demônio. Produção e Direção: Ricardo Irwin. Desenho: Alcídio M. Quinta e José Gomes Ferreira. Vozes: Paulo Pereira, Elvira Sâmara, Ivete Jaime, Daniel Medeiros e outros. Fotografia: Celso Wolf. Efeitos sonoros e gravação: Oswaldo Barthmann. Música: Ruth Hamey e conjunto vocal Irmãos Chamorro. Estúdios: CAVE. Ano: 1961. Duração: 20 minutos, son., preto & branco.

VHS

- *SEU CASAMENTO pode ser melhor*. Apresentação de Celsino Gama, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, VHS, 1 fita de vídeo (60 min), VHS, son., color.
- *ASSIM É o amor do Pai*. Apresentação de Celsino Gama, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, VHS, 1 fita de vídeo (30 min), VHS, son., color.

TELEVISÃO

- *Cada Dia – “Minha doença é depressão”*, Apresentação de Celsino Gama, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 16.08.2000, 5 min, son., color.
- *Cada Dia – “Minha doença é depressão”*, Apresentação de Celsino Gama, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 16.08.2000, 15 min, son., color.
- *Cada Dia – “Minha doença é depressão”*, Apresentação de Celsino Gama, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 16.08.2000, 30 min, son., color.
- *La Vida Ahora – “Salvador Nacional”*, Apresentação de Guilherme Serrano, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 04.06.2001, 30 min, son., color.
- *La Vida Ahora – “Ejemplo de humildad”*, Apresentação de Guilherme Serrano, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 06.06.2001, 30 min, son., color.
- *La Vida Ahora – “Cristianismo vs. Budismo”*, Apresentação de Guilherme Serrano, Luz Para O Caminho, Campinas-SP, TV, 13.09.2001, 30 min, son., color.

RÁDIO

- *NOSSO ALMANAQUE DO AR*. Apresentação de Vidal Ramos. Produzido pelo CAVE, Campinas-SP. Formato: 4 CDs contendo 25 programas de 5 minutos cada - CD1 (01 a 06 de janeiro; 01 a 06 de fevereiro; 01 a 03 de março); CD2 (04 a 06 de março; 01 a 06 de abril; 01 a

06 de maio); CD3 (01 a 06 de junho; 01 a 06 de julho; 01 a 01 a 03 de agosto); CD4 (04 a 06 de agosto; 01 a 06 de setembro; 01 a 06 de outubro). Ano: 1969. Remasterizado por Barthmann's Studio (Campinas-SP) em janeiro de 2002.

- *CORAÇÃO CABOCLÓ*. Apresentação de Edgar Martins, Celsino Gama e Ellis Marina. Produzido por Luz Para O Caminho, Campinas-SP. Formato: 30 CDs com um programa de 60 minutos cada. Ano: 1999.

ENTREVISTAS

GAMA, Celsino. Depoimento [29.04.2002]. Entrevistadora: Karina Kosicki Bellotti. Entrevista concedida via e-mail pelo diretor-executivo de Luz Para O Caminho (Campinas-SP) para pesquisa de Mestrado.

IRWIN, Ricardo. Depoimento [15.10.1999]. Entrevistadora: Karina Kosicki Bellotti. Entrevista concedida pelo responsável pela produção de rádio do CAVE (Campinas-SP), para o pesquisa de Iniciação Científica *Uma Igreja Invisível?* (Bellotti 2000).

MARRA, Cláudio. Depoimento [21.10.2002]. Entrevistadora: Karina Kosicki Bellotti. Entrevista concedida via e-mail pelo editor-chefe da Editora Cultura Cristã (Casa Editora Presbiteriana – São Paulo-SP) para pesquisa de Mestrado.

PEMBERTON, Jean. Depoimento [24.09.2001]. Entrevistadora: Karina Kosicki Bellotti. Entrevista concedida pela secretária de Luz Para O Caminho (Campinas-SP) para pesquisa de Mestrado.

LOCAIS DE PESQUISA

Acervo particular do Reverendo Ricardo Irwin – Campinas-SP.

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP - Campinas-SP.

Seminário Presbiteriano do Sul – Campinas – SP.

Luz Para O Caminho Comunicações – Campinas-SP.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)